



*Aspectos da História  
Gramatical  
do Português.  
Interpolação,  
Negação e Mudança*

DOUTORAMENTO EM LINGUÍSTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
CAMPINAS, 2008



# Aspectos da História Gramatical do Português. Interpolação, Negação e Mudança.

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Tese orientada pela Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
CAMPINAS, 2008

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

N151a	<p>Namiuti, Cristiane. Aspectos da história gramatical do português. Interpolação, negação e mudança / Cristiane Namiuti Temponi. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Orientador : Charlotte Marie Chambelland Galves. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Língua portuguesa - Clíticos. 2. Língua portuguesa - Negação. 3. Língua portuguesa - Interpolação. 4. Português histórico. 5. Mudanças lingüísticas. I. Galves, Charlotte Marie Chambelland. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">oe/iel</p>
-------	---

Título em inglês: Aspects of Portuguese historical grammar. Interpolation, negation and change.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Portuguese language - Clitics; Portuguese language - Negation; Portuguese language - Interpolation; Historical Portuguese; Language Change.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves (orientadora), Profa. Dra. Ana Maria Martins, Profa. Dra. Ilza Ribeiro, Profa. Dra. Maria Aparecida Corrêa Ribeiro Torres Morais e Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa. Suplentes: Prof. Dr. Carlos Mioto, Profa. Dra. Marilza de Oliveira e Profa. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino.

Data da defesa: 25/02/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves - UNICAMP

Profa. Dra. Ana Maria Martins – UNIVERSIDADE DE LISBOA

Profa. Dra. Ilza Ribeiro – UEFS/UFBA

Profa. Dra. Maria Aparecida Corrêa Ribeiro Torres Morais - USP

Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa – USP

Profa. Dra. Marilza de Oliveira - USP

Profa. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino - UNICAMP

Prof. Dr. Carlos Miotto - UFSC

IEL/UNICAMP  
2008.



*Dedico este trabalho e a minha vida ao meu pequeno Rafael  
que nasceu e cresceu com esta pesquisa,  
que inúmeras vezes teve que esperar para ter atenção,  
que mesmo pequenino já admirava minha dedicação à pesquisa,  
e que teve nas suas primeiras brincadeiras a escrita de projetos...*





## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que foram essenciais para que eu pudesse completar esta fase da minha história.

Especialmente à minha família por estar presente nos momentos que precisei de ajuda. Ao meu marido, Luís Cláudio, pela cumplicidade e pelo apoio incondicional. E aos meus pais por me auxiliarem nas minhas tarefas de mãe todas as vezes que precisei me ausentar em nome da pesquisa.

À instituição UNICAMP por ter sido minha segunda casa desde minha graduação em lingüística, iniciada em 1998, e a toda sua comunidade.

Aos meus professores e amigos por contribuírem com meu crescimento intelectual e pessoal, me orientando na pesquisa e na vida.

Às pessoas que me acolheram, inúmeras vezes em Campinas, nos cinco anos da Pós-Graduação. Às professoras: Doutora Silvia Regina de Oliveira Cavalcante e Doutora Maria Clara Paixão de Sousa. À Dona Raquel e à minha amiga Flaviane com quem compartilhei minha história desde meu primeiro ano de graduação, e a tantos outros amigos de dentro e de fora deste instituto.

Devo o meu muito obrigada à professora Doutora Ana Maria Martins pela grande contribuição que nos deu com seus estudos sobre a sintaxe diacrônica do português, e também por ter me acolhido na ocasião do meu curto estágio na Universidade Clássica de Lisboa em 2006, contribuindo de maneira direta na finalização da pesquisa e construção desta dissertação. A professora Ana Maria acompanhou esta história desde o princípio, encontramos-nos em Lisboa em fevereiro de 2000, durante o *workshop - Statistical Physics, Pattern Identification and Language Change*, na ocasião em que foi aprovado pela FAPESP o meu projeto de iniciação científica sob o tema da *Interpolação no Português Clássico*. Depois em Bielefeld, em 2001, onde tive a oportunidade de mostrar os meus primeiros passos e receber valiosas orientações. A partir

daí, orientações por e-mail e outros encontros enriqueceram o percurso da pesquisa transformada em Doutorado Direto.

Agradeço também aos demais professores que participam desta banca pela contribuição que já deram a este trabalho nas ocasiões das bancas de qualificações.

Sou profundamente grata às professoras Sônia Cyrino, à Cida Torres, Ilza Ribeiro e Maria Clara Paixão de Sousa pelas orientações no meio do caminho...

E é claro que não posso deixar de agradecer à professora Doutora Charlotte Galves que, como orientadora, esteve presente em todos os momentos, de entusiasmo ou de desespero, incansável, sempre iluminando minha jornada, depositando sua completa confiança no meu trabalho, e a quem devo tudo. A professora Charlotte acolheu-me no projeto temático *Padrões Rítmicos Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística* em 1999, na ocasião em que adiantei, no segundo ano de graduação, uma disciplina que era oferecida no quarto ano – *Lingüística Românica*. Durante o curso, a professora recrutou três alunas para participar da edição eletrônica dos textos do *Corpus Tycho Brahe*, oferecendo uma bolsa FAPESP de *treinamento técnico nível 1*, e eu estava dentre estas três. O trabalho de edição e leitura dos textos foi importante para que eu me apaixonasse pelo caminho que trilhei depois, na Lingüística Histórica.

Agradeço aqueles que integraram o projeto temático, especialmente à equipe *Tycho Brahe*: À Professora Dra. Helena Britto, por seu papel fundamental na construção do corpus histórico do português, com a implementação e coordenação da primeira equipe de edição. Às amigas Patrícia Abdo, Thaís Menegatti, Vanessa Vinha, Lucianne Chociay, Gilcélia de Menezes e novamente a Maria Clara Paixão de Sousa, pela descontração e o prazer no trabalho conjunto de edição dos textos, e, pelas discussões produtivas sobre os assuntos das pesquisas que se desenvolveram a partir deste trabalho. Ao Professor Dr. Marcelo Finger com quem aprendi a escrever *expressões*

*regulares* e a fazer buscas automáticas utilizando a linguagem de programação *perl*. Ao Miguel Galves por me auxiliar na implementação das minhas buscas em *scripts*, quem, apesar de não fazer parte da equipe formalmente, esteve bastante presente no funcionamento do laboratório na primeira fase do projeto temático. Ao professor Anthony Kroch, a quem tive a honra de ouvir inúmeras vezes e de conversar sobre a minha pesquisa em 2004, na Unicamp, apresentando-lhe o texto que me deu passagem direta ao doutorado, oportunidade que devo ao projeto temático *Padrões Rítmicos Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística* no âmbito do qual me desenvolvi como pesquisadora.

Gostaria de salientar que o fato de participar de um projeto temático interdisciplinar, como o coordenado pela professora Charlotte, é extremamente enriquecedor para o aluno. Uma vez neste ambiente interdisciplinar, nosso olhar sobre os dados lingüísticos se amplia na medida em que integra a *sintaxe*, a *fonologia*, a *morfologia*, as *questões textuais e tecnológicas*, e muitas outras. Portanto, serei sempre profundamente grata a esta oportunidade.

Por fim, agradeço à *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo* (FAPESP) pelo financiamento do projeto.



## RESUMO

Esta tese tem como objetivo central a investigação do fenômeno da interpolação em textos de autores portugueses nascidos entre os séculos 15 e 19, que compõem o Corpus Anotado do Português Histórico – Tycho Brahe. As reflexões, bem como a metodologia de classificação e a análise de dados têm como pano de fundo o quadro teórico de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa (cf. Chomsky, 1995).

Na comparação com o mesmo fenômeno no português antigo, observei que a interpolação da negação se estende a novos contextos: encontrei o ‘*não*’ interpolado em orações raízes sem que algum operador proclisador introduzisse a oração e em orações infinitivas que não contextualizavam a próclise categórica. As primeiras ocorrências de interpolação da negação nestes novos contextos foram encontradas em textos do século 15, e são frequentes nos séculos 16 e 17 (português clássico, de acordo com a periodização tradicional).

Atestamos que a interpolação dos constituintes do VP desaparece dos textos no século 16, no mesmo período encontramos um padrão proclítico nas orações raízes ‘*XP-verbo*’ (remeto a Galves, Britto e Paixão de Sousa 2005). Também notamos que a não adjacência entre o complementizador e o pronome clítico se torna mais comum neste mesmo período.

Argumento que a preferência pela próclise verbal nas orações matrizes nos séculos 16 e 17 está relacionada com a perda da interpolação de XPs. E, proponho que os novos contextos de interpolação da negação são derivados deste padrão proclítico nas orações raízes. Mais tarde, quando a ênclise se torna a regra nas orações raízes ‘*XP-verbo*’ a interpolação da negação neste contexto desaparece.

Assim, os resultados evidenciam um estado gramatical intermediário entre o português antigo (séculos 13 e 14) e o português europeu moderno (a partir do século 18). Denominado de português médio por Galves (2004).

Adotamos a proposta de Martins (1994) da existência de um Sintagma funcional de polaridade na estrutura da oração –  $\Sigma P$  – situado entre CP e IP. E

propomos que a gramática do português antigo teria um pronome clítico capaz de se hospedar no núcleo mais alto da estrutura frasal ( $C^\circ$ ). A gramática intermediária terá resultado da perda da propriedade de subida do clítico para este núcleo, mantendo-se em  $\Sigma^\circ$ . Na gramática moderna o clítico não sobe além de  $I^\circ$ .

Quanto à variação na colocação pronominal átona encontrada nos domínios negativos, em todas as épocas, mas, sobretudo no português médio e no português europeu moderno, defendo a hipótese de que esta está relacionada com o caráter de núcleo funcional e de clítico do operador de negação ‘NÃO’. Sendo o operador de negação sentencial a instanciação negativa do núcleo  $\Sigma^\circ$  em português, a incorporação de  $\Sigma$ -Neg $^\circ$  ao verbo é obrigatória. E, como os clíticos pronominais obedecem a restrições de domínio morfo-fonológico, derivamos as três gramáticas no quadro teórico da Morfologia Distribuída por melhor capturar processos como a inversão prosódica, e a incorporação do ‘não’ ao verbo.

#### PALAVRAS-CHAVE

*Clíticos / Negação / Interpolação / Português Histórico / Mudança Lingüística.*

## ABSTRACT

In this Dissertation I present and discuss the phenomenon of interpolation in texts of Portuguese authors born from the 15<sup>th</sup> to the 19<sup>th</sup> Century, drawn from the Annotated Corpus of Historical Portuguese - Tycho Brahe. The theory *Principles and Parameters of Generative Grammar* is the analysis' background (cf. Chomsky, 1995).

In comparison with the same phenomenon in Old Portuguese, we can see that the interpolation of negation extends to new contexts: we find “*não*” interpolated in root clauses without any proclitic operator before the clitic as well as in non-finite contexts in which proclisis is not categorical. The first occurrences appearing in those new contexts are found in texts written at the end of the 15<sup>th</sup> Century and they are frequent in the texts of the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> Centuries (Classical Portuguese, according to traditional periodization).

I show that the interpolation of VP constituents disappeared from the texts from the 16th Century on. At the same time we find a strong proclitic pattern in root neutral clauses ‘*XP-verb*’ (see Galves, Britto and Paixão de Sousa 2005). We can also see that the non adjacency of the complementizer and the clitic became more common at the same period.

I argue that the proclitic pattern found in matrix clauses during the 16th and the 17th Century is correlated with the loss of XP's interpolation. The new contexts of neg-interpolation derive from this proclitic pattern in root clauses. Later, when enclisis becomes the rule, this kind of neg-interpolation is lost.

Therefore, these results evidence an intermediate state of grammar in the history of Portuguese, between Old Portuguese (13<sup>th</sup> and 14<sup>th</sup> Centuries) and Modern Portuguese (18<sup>th</sup> Century on). Galves (2004) called it Middle Portuguese.

Following Martins (1994), I assume the existence of a polarity functional category in clause' structure - called  $\Sigma P$  - located between CP and IP. And, I hypothesize that Old Portuguese grammar has a clitic that it can move to  $C^\circ$ , while Middle Portuguese grammar has a clitic that it can not move to  $C^\circ$  head,

it needs to stop in  $\Sigma^\circ$  head. In Modern European Portuguese, the clitic can't move above I<sup>o</sup>.

About the variation in the position of pronominal clitics in negative sentences on diachronical Portuguese texts, especially on Middle and Modern Portuguese, I defend the hypothesis that it can be explained by the clitic nature of the negative operator. Being the negative operator the realization of the negative polarity of  $\Sigma^\circ$ , the incorporation of  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> and verb is obligatory. And, since pronominal clitics obey morpho-phonological restrictions, I explain the three grammars into Distribute Morphology theory to get better the prosodic inversion processes and the incorporation.

#### KEY-WORDS

*Clitics / Negation / Interpolation / Historical Portuguese / Language Change.*



## LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS UTILIZADOS

SÍMBOLOS E ABREVIATURAS DA LITERATURA SINTÁTICA	SÍMBOLOS E ABREVIATURAS DA LITERATURA GRAMATICAL	OUTRAS CONVENÇÕES UTILIZADAS
<p><b>A:</b> Adjetivo  <b>Adv:</b> Advérbio  <b>Af:</b> afirmação  <b>Agr:</b> Concordância  <b>AgrP:</b> Sintagma de Concordância  <b>AgrSP:</b> Sintagma de Concordância do Sujeito  <b>AP:</b> Sintagma Adjetival  <b>C</b> ou <b>comp:</b> Complementizador  <b>CL</b> ou <b>cl :</b> pronome clítico  <b>conj:</b> conjunção  <b>CP:</b> Sintagma Complementizador  <b>D:</b> Determinante  <b>DP:</b> Sintagma Determinante  <b>e:</b> Categoria Vazia  <b>EPP:</b> Princípio da Projeção Estendida  <b>FocP, FocusP</b> ou <b>FP:</b> Sintagma de Foco  <b>+F</b> ou <b>[+F]:</b> Traço de foco  <b>I, INFL</b> ou <b>Infl:</b> Flexão  <b>IP:</b> Sintagma de Flexão  <b>N, Neg</b> ou <b>neg:</b> negação  <b>NegP:</b> Sintagma negativo  <b>NP:</b> Sintagma Nominal  <b>[+N]:</b> nominal  <b>O:</b> Objeto  <b>OD:</b> Objeto Direto  <b>OI:</b> Objeto Indireto  <b>PP:</b> Sintagma Preposicional  <b>QP:</b> Sintagma Quantificador  <b>S:</b> Sujeito  <b>Spec:</b> Especificador  <b>T:</b> Tempo  <b>t:</b> Vestígio  <b>TP:</b> Sintagma de Tempo  <b>V:</b> verbo  <b>VP:</b> Sintagma verbal  <b>wh:</b> Elemento 'qu'  <b>X:</b> qualquer constituinte  <b>XP:</b> qualquer sintagma  <math>\Sigma</math>P ou <b>PolP:</b> sintagma de polaridade  <math>\Sigma</math> ou <b>Pol:</b> núcleo de polaridade</p>	<p><b>AP:</b> Sistema Articulatório-Perceptual  <b>CI:</b> Sistema Conceptual-Intencional  <b>DS:</b> Estrutura Profunda  <b>GB:</b> Lectures on Government and Binding  <b>LF:</b> Forma Lógica  <b>GU:</b> Gramática Universal  <b>MD:</b> Morfologia Distribuída  <b>PF:</b> Forma Fonológica  <b>SS:</b> Estrutura Superficial  <b>spell-out:</b> <i>interpretação fonética</i></p> <p style="text-align: center;">SÍMBOLOS E ABREVIATURAS DA LITERATURA FONOLÓGICA</p> <p><math>\varnothing</math>: Palavra Prosódica  <b>IntP:</b> <i>Intonational Phrase</i> (Sintagma Entoacional)</p> <p style="text-align: center;">SÍMBOLOS E ABREVIATURAS DA LITERATURA SEMÂNTICA</p> <p><b>CN:</b> Harmonia negativa, do inglês <i>Concord Negation</i>  <b>DN:</b> Dupla negação  <b>NQs:</b> Quantificadores negativos  <b>n-words:</b> Palavras negativas</p>	<p><b>PA:</b> português arcaico  <b>PC:</b> português clássico  <b>PE:</b> português europeu moderno  <b>PB:</b> português Brasileiro  <b>PM:</b> português médio  <b>CTB:</b> Corpus Tycho Brahe</p>



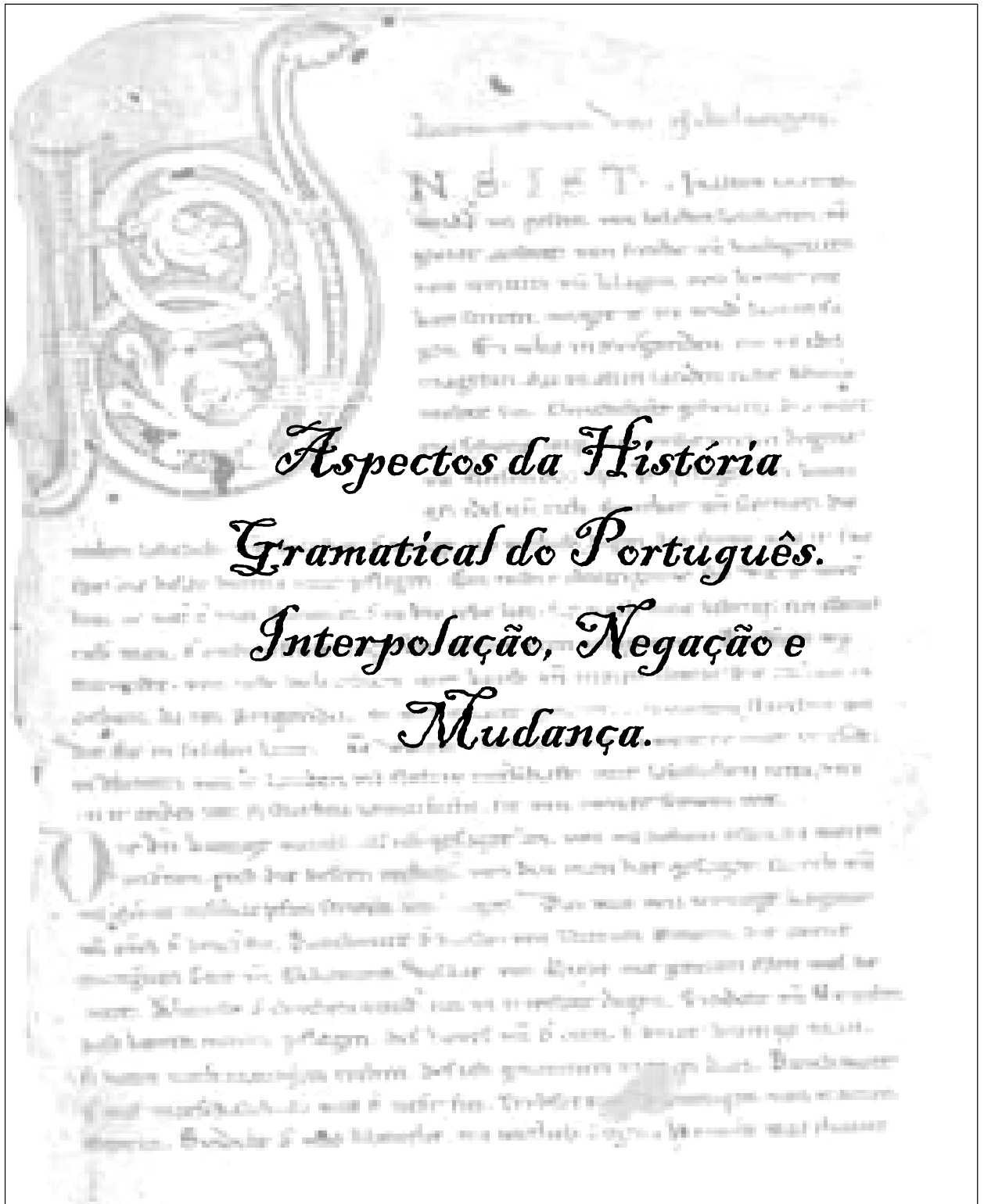
# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1. APRESENTAÇÃO.	5
2. PARA MODELAR A VARIAÇÃO: LAÇO TEÓRICO.	15
3. A PERIODIZAÇÃO SEGUNDO A TRADIÇÃO FILOLÓGICA VS A PERIODIZAÇÃO REVISITADA.	22
<i>Quadro 1: A periodização revisitada</i>	23
I. CAPÍTULO PRIMEIRO. RECONTANDO A HISTÓRIA.	29
I.1 - ASPECTOS HISTÓRICOS QUE MARCARAM A CONSTITUIÇÃO DA LÍNGUA E ESTADO PORTUGUÊS.	31
I.2 - ASPECTOS GRAMATICAIS QUE PONTUARAM NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS.	39
<i>Gráfico I.1: Interpolação da negação vs. adjacência 'clítico-verbo' nas orações não dependentes 'XV'.</i>	43
<i>Gráfico I.2: Interpolação generalizada no CTB</i>	44
<i>Gráfico I.3: Contigüidade vs não contigüidade entre complementador e clítico nas orações dependentes negativas com um constituinte pré-verbal além da negação.</i>	45
<i>Gráfico I.4: "C-cl-X-V" vs "C-X-cl-V" do século 13 ao século 20</i>	46
<i>Gráfico I.5: "C-cl-X-neg-V" vs "C-X-cl-neg-V" do século 13 ao século 20</i>	47
<i>Gráfico I.6: "cl-neg-V" vs. "neg-cl-V" nas orações dependentes do século 13 ao século 20</i>	49
<i>Gráfico I.7: "cl-neg-V" vs. "neg-cl-V" nas orações raízes XV do século 13 ao século 20</i>	51
<i>Gráfico I.8: Três conjuntos de dados e três padrões diferentes.</i>	52
<i>Gráfico I.9: Interpolação da negação vs. adjacência 'clV' nas orações não dependentes XV &amp; Ênclise vs Próclise em orações raízes XV CTB.</i>	53
I.3 A ORDENAÇÃO DOS CONSTITUINTES FRÁSICOS NO PORTUGUÊS HISTÓRICO	55
<i>Quadro I.1: Estruturas para investigar o fronteamto (Parcero, 1999).</i>	58
<i>Quadro I.2 Interpolação e fronteamto do sujeito (Parcero, 1999).</i>	59
<i>Quadro I.3 Interpolação e fronteamto de XPs (Parcero, 1999).</i>	59
<i>Quadro I.4 Fronteamto de XPs (Parcero, 1999)</i>	60
II. CAPÍTULO SEGUNDO. O FENÔMENO DA INTERPOLAÇÃO NOS TEXTOS PORTUGUESES DE AUTORES NASCIDOS ENTRE O SÉCULO 15 E O 19.	65
II.1 - INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO	67
<i>Quadro II.1 – Interpolação de elementos diferentes de não (Martins 1994)</i>	67
<i>Quadro II.2 – Interpolação de não (Martins 1994)</i>	68
<i>Quadro II.3: Interpolação de elementos diferentes de não (Parcero 1999)</i>	68
<i>Quadro II.4: Interpolação de não (Parcero 1999)</i>	69
<i>Quadro II.5: interpolação generalizada vs. adjacência 'clV' - CTB</i>	70
<i>Gráfico II.1: Queda de C-cl-X-neg-V e estabilização da ordem C-X-cl-neg-V</i>	71
<i>Quadro II.6: interpolação da negação vs. adjacência 'clV' em todos os contextos – CTB</i>	71
<i>Quadro II.7: interpolação da negação vs. adjacência 'clV' apenas em subordinadas finitas – CTB</i>	72
II.2 - A INTERPOLAÇÃO NOS TEXTOS DO CORPUS TYCHO BRAHE	73
II.2.1 A interpolação generalizada	87
II.2.1.1 A interpolação generalizada nos textos de Duarte Galvão (1435-1517) e Francisco de Holanda (1517-1584).	94
<i>Quadro II.8: Interpolação generalizada de acordo com o elemento interpolado no texto de D. Galvão (1435)</i>	94
<i>Quadro II.9: Interpolação generalizada de acordo com o elemento interpolado no texto de F. Holanda (1517)</i>	95
<i>Quadro II.10: Interpolação/adjacência 'clV' com mais de um constituinte pré-verbal diferentes de negação.</i>	96
<i>Quadro II.11: Interpolação/clV com mais de um constituinte pré-verbal incluindo a negação</i>	98
II.2.1.2 A interpolação generalizada no texto de Diogo do Couto (1542-1606):	99
<i>Quadro II.12: interpolação no texto de Diogo do Couto (1542)</i>	99
<i>Quadro II.13: Interpolação generalizada de acordo com o elemento interpolado</i>	100

Quadro II.14: Interpolação/adjacência com mais de um constituinte pré-verbal	100
Quadro II.15 – C-cl-S-N-V ~ C-S-N-cl-V ~ C-S-cl-N-V	102
Quadro II.16: <i>Interpolação/adjacência 'clV' com dois elementos pré verbais diferentes de 'sujeito+negação'.</i>	103
<b>II.2.1.3 A interpolação generalizada nos textos de Luís de Sousa (1556), F. Rodrigues Lobo (1574), F. Manuel de Melo (1608) e A. das Chagas (1631)</b>	104
Quadro II.17: Elementos interpolados	105
<b>II.2.1.4 A interpolação generalizada no texto de Almeida Garrett (1799)</b>	108
<b>II.2.2 A distinta interpolação da negação</b>	111
<b>II.2.2.1 A Interpolação da Negação em orações dependentes finitas.</b>	113
Quadro II.18 CLNV vs NCLV em orações dependentes finitas (completivas, relativas e conjuntivas)	114
Gráfico II.2 : CLNV vs NCLV em orações dependentes finitas (completivas, relativas e conjuntivas)	114
Quadro II.19	115
<b>II.2.2.1.1 Orações dependentes finitas com complementador expresso</b>	116
Gráfico II.3: Distribuição dos dados de acordo com a ordem C-cl-N-V / C-N-cl-V / C-cl-X-N-V / C-X-cl-N-V / C-X-N-clV	118
Gráfico II.4: Orações dependentes com um constituinte pré-verbal além da negação.	119
Gráfico II.5: Orações dependentes sem um constituinte pré-verbal além da negação	120
<b>II.2.2.1.2 Orações dependentes finitas com complementador nulo</b>	121
Quadro II.20: 'CLNV' em completivas com comp nulo	124
<b>II.2.2.1.3 Interpolação em coordenadas dependentes</b>	127
Quadro II. 21: CLNV vs NCLV introduzidas pelas conjunções <i>pois, porém, contudo e que</i> explicativo	128
Quadro II. 22: CLNV vs NCLV introduzidas pela conjunção <i>porque</i>	130
<b>II.2.2.2 A interpolação da negação em orações infinitivas</b>	132
Quadro II.23 Interpolação da negação em orações infinitivas	135
<b>II.2.2.3 A interpolação da negação em orações não dependentes</b>	139
Quadro II.24 - orações não dependentes introduzidas por operadores proclisadores	140
Gráfico II.6: Interpolação da negação nas orações não dependentes XV	142
Quadro II.25 - orações não dependentes NÃO introduzidas por operadores	143
<b>II.3. RESUMO E PERSPECTIVAS</b>	151
<b>III. CAPÍTULO TERCEIRO. COLOCAÇÃO DE CLÍTICOS E NEGAÇÃO.</b>	<b>155</b>
<b>III.1. INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO</b>	157
<b>III.2 A NEGAÇÃO SENTENCIAL VS. AFIRMAÇÃO: FATOS TEÓRICOS</b>	164
<b>III.2.1 Sobre o caráter clítico de Neg</b>	176
<b>III.2.2 A duplicidade de Neg</b>	180
<b>III.3 A NEGAÇÃO E O CONTEÚDO INFORMACIONAL: QUESTÕES DE ESCOPO E POLARIDADE.</b>	186
<b>III.3.1 Semelhanças no comportamento dos operadores e das operações de modificação da sentença.</b>	187
<b>III.3.2 O marcador de negação sentencial e as outras palavras negativas (n-words)</b>	193
<b>III.3.2.1 A sintaxe dos indefinidos nos domínios negativos na diacronia</b>	195
<b>III.4 A TIPOLOGIA DOS PRONOMES E AS DIFERENÇAS NA COLOCAÇÃO PRONOMINAL NOS DOMÍNIOS AFIRMATIVOS E NEGATIVOS: FATOS EMPÍRICOS.</b>	199
<b>III.4.1 A negação sentencial nos diferentes sistemas tipológicos de clíticos: O servo croata e o búlgaro</b>	204
<b>III.4.2 De volta ao português</b>	208
<b>III.5 RESUMO E PERSPECTIVAS</b>	212
<b>IV. CAPÍTULO QUARTO. ÚLTIMAS PEÇAS.</b>	<b>219</b>
<b>IV.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO</b>	221
<b>IV.2 MORFOLOGIA</b>	222
<i>Figural: Estrutura da gramática desenhada em Harley e Noyer (1999:2)</i>	225
<b>IV.3 LICENCIANDO Σ</b>	231
<b>V. CONCLUSÃO: RECONTANDO A HISTÓRIA.</b>	<b>237</b>
<b>V.1 RECONTANDO A HISTÓRIA.</b>	239
<b>V.2 HIPÓTESE.</b>	243
<b>V.2.1 A relação de hospedagem para o clítico nas três gramáticas.</b>	245

V.2.2 O português antigo (ou arcaico)	245
V.2.3 O português médio	250
V.2.4 O português europeu moderno	256
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>259</b>
<b>ANEXO</b>	<b>265</b>
<b>ÍNDICE</b>	<b>267</b>
<b>I. CORPUS</b>	<b>269</b>
<b>II RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS</b>	<b>273</b>
<b>ii.i Números Gerais</b>	<b>273</b>
Tabela 1: Todos os dados	273
Tabela 2: Próclises com adjacência clV provenientes de www.ime.usp.br/corpus/database	274
Tabela 3: Próclise com adjacência 'clV' e interpolação	275
<b>ii.ii. Interpolação vs. adjacência 'clV' nos autores do Corpus Tycho Brahe</b>	<b>276</b>
<b>ii.ii.i. Interpolação generalizada no CTB</b>	<b>276</b>
Tabela 1: C-cl-X-V vs. C-X-clV	276
<b>ii.ii.ii. C-cl-X-N-V ~ C-X-cl-N-V ~ C-X-N-clV</b>	<b>277</b>
Tabela 2: C-cl-X-N-V ~ C-X-cl-N-V ~ C-X-N-clV	277
<b>ii.ii.iii. Interpolação da negação no CTB</b>	<b>278</b>
Tabela 3: Interpolação da negação vs. próclise com adjacência 'n-cl-V' (todos os contextos)	278
<b>ii.ii.iii.i Interpolação da negação no CTB: de acordo com o ambiente sintático</b>	<b>279</b>
Tabela 4: Interpolação da negação vs adjacência 'clV' em subordinadas finitas	279
Tabela 5: Interpolação da negação vs adjacência 'clV' em subordinadas finitas: ordens lineares C-cl-N-V/ C-X-cl-N-V/ C-X-N-cl-V e complementadores nulos	280
Tabela 6: Interpolação da negação vs adjacência 'clV' em orações finitas introduzidas por "porque": ordens lineares 'porque-cl-N-V' / 'porque-X-cl-N-V' / 'porque-X-N-cl-V'	281
Tabela 7: Interpolação da negação vs adjacência 'clV' em orações finitas introduzidas pelas conjunções coordenativas <i>que, pois, e porém</i> : ordens lineares 'conj-cl-N-V' / 'conj-X-cl-N-V' / 'conj-X-N-cl-V'	282
Tabela 8: Interpolação da negação vs adjacência 'clV' em orações infinitivas de acordo com a presença e ausência da preposição, o tipo de preposição e a contigüidade <i>prep-cl</i> .	283
Tabela 9: Interpolação da negação vs adjacência 'clV' em orações não dependentes finitas introduzidas por <i>operadores proclisadores</i>	284
Tabela 10: Interpolação da negação vs adjacência 'clV' em ambientes de variação 'clV'/'Vcl' (de acordo com o elemento que introduz a oração e não condiciona obrigatoriamente a próclise)	285
Tabela 11: Interpolação da negação vs adjacência 'clV' com imperativo negativo e sujeito passivo.	286
Tabela 12: Interpolação vs adjacência 'clV' e os casos com complementadores nulos nas orações subordinadas finitas negativas.	287
<b>ii.ii.iv Gráficos</b>	<b>288</b>
Gráfico 1: interpolação generalizada - CTB	288
Gráfico 2: interpolação da negação - CTB	288
Gráfico 3: interpolação da negação em subordinadas finitas - CTB	289
Gráfico 4: interpolação da negação em não dependentes 'XV' (contextos de variação clV/Vcl) – CTB	289
Gráfico 5: interpolação da negação em não dependentes 'XV' (contextos de variação clV/Vcl) vs clV/Vcl	290
Gráfico 6: interpolação da negação vs próclise com adjacência 'NclV' em não dependentes de acordo com o elemento que introduz a oração	290
Gráfico 7: Interpolação vs. próclise com adjacência nas orações subordinadas negativas com um X pré-verbal diferente da negação: C-cl-X-N-V / C-X-cl-N-V / C-X-N-V	291
Gráfico 8: Interpolação vs próclise com adjacência quando temos apenas a negação como elemento pré-verbal nas orações encaixadas C-cl-N-V / C-N-cl-V	291
Gráfico 9: Mais uma visão das ordens com mais de um constituinte pré-verbal além da negação	292
Gráfico 10: A distribuição das ordens nas orações subordinadas finitas negativas	292
<b>ii.iii. Interpolação versus adjacência 'clV' de 1200 a 1900 vários corpora</b>	<b>293</b>
Tabela ii.iii.1 – Ordens C-cl-X-N-V / C-X-cl-N-V / C-cl-N-V / C-cl-X-V / C-X-cl-V (Martins 1994)	294
Tabela ii.iii.2 – Interpolação vs próclise com adjacência 'clV' em três corpora	295
Tabela ii.iii.3 – Interpolação da negação em orações não dependentes 'XV'	296
Tabela ii.iii.4 – Ênclises vs próclises em orações não dependentes 'XV' - três corpora	296
Tabela ii.iii.5 – Distribuição dos dados de interpolação 'cl X V' e 'cl neg V' em três corpora	297
Gráfico ii.iii.1 – Perda da interpolação de elementos diferentes da negação	298
Gráfico ii.iii.2 C-cl-X-N-V vs C-X-cl-N-V	299

Gráfico ii.iii.3: C-cl-X-N-V vs C-X-cl-N-V	300
Gráfico ii.iii.4: Ênclises vs próclises	301
Gráfico ii.iii.5: Três corpora, três conjunto de dados e três padrões	302
<b>III. METODOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS.</b>	303
<b>IV. BANCO DE DADOS.</b>	309
<i><a href="http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/namiuti/index.html">http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/namiuti/index.html</a></i>	309



*Encontrando-se limitado às evidências lingüísticas que puderam sobreviver aos homens que as produziram e aos acidentes históricos, o diacronista é um arqueólogo que trabalha com indícios, identificando e interpretando factos do passado apoiado no conhecimento (empírico e formal) progressivamente construído pelas teorias lingüísticas contemporâneas.*

*(Martins, 2002:259)*



---

# INTRODUÇÃO

*Uma Língua não é um objecto estático e fechado, como as descrições lingüísticas sincrónicas, por conveniência prática, muitas vezes deixam supor; antes parece um corpo vivo que se acha em mutação constante, nem sempre avançando de forma linear para um objectivo determinado: também pode reverter sobre seus passos ou pode oscilar entre avanços em várias direcções, naquilo a que se chamaria variação.*

(CASTRO, 2006:7)

---



## 1. Apresentação.

A interpolação de constituintes entre o *clítico* e o *verbo* é um fenômeno freqüente no *português antigo* (doravante PA) e torna-se obsoleto no português europeu moderno:

(01) que **as** *ao dicto Monsteiro* **deuiã** Alg~uas pessoas. (Lx, 1357 - Martins, 1994:175)<sup>1</sup>

Este fenômeno da não adjacência entre o clítico e o verbo foi um dos assuntos tratados por Ana Maria Martins 1994, em sua tese de doutoramento *Clíticos na História do português*, com base num corpus de documentos notariais do PA (séculos 13 ao 16) editados pela própria autora. Os dados de Martins atestam uma preferência à interpolação do advérbio de negação "*não*", pois ocorre em número mais elevado do que os outros casos. No entanto, no PA, há um grande leque de elementos que podem ocorrer interpolados.

(02) **O advérbio de negação:** "que *me nom n-eb*ram (NO, 1268)" (vide Martins, 1994:162)

(03) **O sujeito:** "Isto que *lh*es *eu m*ãdo (NO, 1275)" (vide Martins, 1994:171)

(04) **Um sintagma preposicional:** "asi como *a at*á *áqui d*erõ (NO, 1295)" (vide Martins, 1994:167)

(05) **Um sintagma adverbial:** "quando *uos ora f*ez merçee (NO, 1342)" (vide Martins, 1994:165)

(06) **O objeto direto:** "que diga *lhj eu alg*uma *cousa d*iuia (NO, 1275)" (vide Martins, 1994:174)

(07) **Objeto indireto:** "que **as** *ao dicto Monsteiro* **deuiã** Alg~uas pessoas (Lx, 1357)" (vide Martins, 1994:175)

---

<sup>1</sup> Os exemplos terão destaques em **negrito** (para os clíticos e os verbos) e *itálico* e/ou sublinhado (para outro constituinte que quisermos destacar na oração). Quanto às informações sobre o dado temos: 1) A citação do estudo onde foi utilizado o dado, esta é a última referência após o dado. 2) Quando é possível, indicamos logo após a sentença (antes da citação do trabalho de referência) a origem e a data em que foi atestado o dado, ou o autor e sua data de nascimento, a depender do corpus. Os dados do Corpus Tycho Brahe (CTB), utilizado na presente investigação, possuem indicações sobre o autor e sua data de nascimento, já o corpus de documentos notariais (dados de Martins, 1994) possui informações sobre a região e a data do documento.

- (08) **Um núcleo predicativo de natureza adjetival:** "de todollos adubys que **lh**es *compridoiros e neçesareos forem* (Lx, 1476)" (vide Martins, 1994:175)
- (09) **Um particípio passado:** "que **lh**ys *Assi escambhados Auyã* (Lx, 1383)" (vide Martins, 1994:175)
- (010) **O infinitivo:** "e sse **os dar nã quysser** (Lx, 1292)" (vide Martins, 1994:177)
- (011) **Mais de um constituinte:** "quanto **as eu mays pudj u-ender** (NO, 1277)" (vide Martins, 1994:179)
- (012) **Um constituinte de redobro do clítico:** "asi como **les a elles semellaua**" (vide Martins, 1994:178)
- (013) **Um quantificador:** "E prometo a m-y tabaliam (...) de **lho todo comprir** e manther (LX, 1532)" (vide Martins, 1994:178)
- (014) **Um vocativo:** "pois **vo-l' eu, senhor, non mereci.**" (vide Martins, 1994:178)
- (015) **Uma oração reduzida:** "dos sobredictos autos que **se presente m-j tabaliam pasarã** (Lx, 1472)" (vide Martins, 1994:178)

Martins (1994) atesta que no português antigo existia uma variação no uso da interpolação e da próclise com adjacência ao verbo ('cl-X-V' vs. 'X-cl-V') nos contextos de próclise obrigatória, sendo a estrutura com interpolação preferida. Identifica os constituintes interpoláveis e observa em que tipo de orações a interpolação era possível. Em seu corpus qualquer elemento que pudesse ocupar na oração uma posição pré-verbal poderia ocorrer interpolado.

No corpus deste estudo – *Corpus Histórico do Português Anotado: Tycho Brahe*<sup>2</sup> – com autores nascidos entre 1435 e 1836, o advérbio de negação "nã" é frequentemente interpolado, porém, a interpolação de outros constituintes muito raramente se atesta, e limita-se aos autores nascidos até o início do século 17. São estes elementos: sujeitos principalmente pronominais, QPs (Quantificational Phrase), PPs (Prepositional Phrase) e alguns advérbios.

- (016) Porque não ponha aqui os nomes de tantas pessoas, **lhe** digo que de minha parte dê encomendas a todas as que **lhe** parecer que é razão que **as eu mande**. (CTB: Sousa, 1556)
- (017) Se **me eu contento** com uma pobre pensão, razão é que me entristeça não ouvindo o fruto do meu poupar. (CTB: Sousa, 1556)
- (018) Entre os pobres, sobre todos, tenha cuidado dos doentes, que não podem andar pedindo, como **lhe muitas vezes disse**. (CTB: Sousa, 1556)

---

<sup>2</sup> <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus>

(019) - Não é Solino tão descuidado do que **lhe eu mereço** (tornou Dom Júlio) que se esqueça de mim e de quanto sentirei perder horas suas; e polo interêsse das da conversação do Doutor o tivera em menos conta se as não desejara; e, além disso, posso afirmar que está pago da lembrança que teve com a diligência que fizemos polo trazer connosco, que voltámos pola sua porta e eu tirei uma pedra à janela, donde me disseram que ceava com Píndaro; e cada um dos dous me fêz inveja. (CTB: Lobo, 1574)

(020) *¿* Que mais estranho que o de Temístocles Ateniense, famoso capitão da Grécia, que, namorado de uma dama que cativou na guerra de Épiro, usava em uma doença, que sua amada teve, dos mesmos remédios que **lhe a ela faziam**, tomando as purgas e sangrias com a mesma dama, e lavando o rosto por regalo e gentileza com o seu sangue dela? (CTB: Lobo, 1574)

(021) Não é menos o que **me lá anda** neste infelíssimo jôgo. (CTB: Melo, 1608)

(022) Achando-se Vossa Mercê com novas do ausente, para Vossa Mercê das que souber comigo; que só o frade ( e não o clérigo, e menos o amigo professo ) não dá do que **lhe bem sabe**. (CTB: Melo, 1608)

Chamaremos a interpolação destes elementos, freqüente no PA e já obsoleta no século 16, de *interpolação generalizada*, para diferenciá-la da *interpolação da negação* que mostraremos ser especial.

A abrangente interpolação da negação que encontramos no CTB nos levou a observar atenciosamente as sentenças negativas nos textos. Nesta empreita notamos algumas valiosas pistas sobre a história gramatical da língua.

De acordo com Martins (1994) o fenômeno da interpolação entre o clítico e o verbo, comum no PA, só ocorre nos domínios de próclise categórica. Porém, o marcador de negação sentencial ‘*não*’, apesar de condicionar invariavelmente a próclise verbal obrigatória nos domínios finitos, exhibe um comportamento bastante diferente dos demais advérbios que desencadeiam a próclise obrigatória (ex: já, também, ainda, nunca) no sentido de sempre ter estado contíguo ao verbo. Ou seja, ‘*não*’, apesar de sempre ter sido um elemento proclisador, jamais foi capaz de desencadear a interpolação de um constituinte entre o clítico e o verbo como os demais advérbios proclisadores (a ordem ‘neg-cl-X-V’ nunca ocorre). E ainda, a interpolação da negação entre o clítico e o verbo (‘cl-neg-V’) no PA era preferida à ordem da próclise na qual o clítico está linearmente adjacente ao verbo (‘neg-clV’) em todos os ambientes de próclise categórica. Diferentemente da interpolação de outros constituintes, a interpolação do ‘*não*’ entre o clítico e o verbo pode ocorrer em contextos não-categóricos da próclise, em orações raízes introduzidas por *sujeito*, *sintagmas*

*preposicionais, oração anteposta, conjunção coordenativa*, e em infinitivas introduzidas pela preposição *em*. Chamo a atenção para o fato de que a interpolação nestes ambientes ocorre exatamente no mesmo período em que a próclise é dominante também nas orações raízes (segunda metade do século 15, séculos 16 e 17).

Um segundo fato que mostra a diferença entre o 'não' e os demais advérbios é que nenhum outro elemento, a não ser um clítico pode se colocar entre a negação e o verbo. Como atestam Muidine (2000) e Martins (2003a, 2003b e 2005) 'não' não influencia a colocação dos pronomes fracos '*hy*' e '*en(de)*'. Apesar de estes pronomes terem colocação pré-verbal nas orações raízes introduzidas por advérbios proclisadores, nunca ocorreram entre a negação e o verbo.

Argumentaremos que a variação histórica encontrada nos domínios negativos comprova a existência de uma negação '*clítica*' nas gramáticas do português. Entretanto, veremos que duas são as maneiras de construir o clítico negativo. A maneira tradicional é via movimento da negação para I<sup>o3</sup>, vide propostas de Pollock (1989), Belletti (1990), Martins (1994). Para tanto a estrutura deve prever que NEGP (Negative Phrase) esteja abaixo de IP (Inflectional Phrase). No entanto esta não deverá ser a ordem da estrutura da frase em português. Como argumenta Miotto (1992), a estrutura que melhor dá conta dos processos que envolvem a negação nessa língua é a em que NegP domina IP, ou seja, com NegP acima de IP. Sendo assim, a segunda maneira de pensar o clítico negativo foi proposta por Miotto (1992) e consiste em dizer

---

<sup>3</sup> A teoria da gramática gerativa, adotando a representação X', além das projeções lexicais propõe que o 'dicionário mental' contém também projeções funcionais. Os núcleos funcionais têm função eminentemente gramatical. A flexão verbal constitui uma categoria funcional que a teoria convencionou chamar de IP (sigla vinda do inglês para 'sintagma flexional' - inflectional phrase). INFL<sup>o</sup> ou I<sup>o</sup> é o núcleo do sintagma da flexão verbal, IP. As análises dentro da perspectiva atual da teoria optaram por dividir o nóculo da flexão verbal – IP – em tempo e concordância – respectivamente TP (tense phrase) e AgrP (agreement phrase). A relação de dominância entre estas categorias foi bastante discutida (ex: Chomsky 1989, Pollock 1989, Laka 1990, Ouhalla 1990, Iatridou 1990, Belletti 1990, Zanutti 1991, entre muitos outros trabalhos). Não são raras as análises que propõem duas projeções de Agr<sup>o</sup>: uma para o sujeito (AgrSP), outra para o objeto (AgrOP). Além da flexão verbal, outra projeção funcional essencial na teoria é a projeção que traduz a subordinação – CP (complementizer phrase). Estas questões teóricas estão elucidadas no *capítulo terceiro*.

que, neste caso, a cliticização não é feita via movimento do clítico, mas dos núcleos verbais para o clítico negativo, exatamente como acontece com a flexão verbal.

Portanto, para explicar a relação necessária e dependente entre o ‘não’ e o verbo, diversas análises consideram que esta inseparabilidade decorre do caráter clítico da negação.

Adotamos aqui a idéia do *clítico negativo*, mas acrescentamos que este elemento tem também um caráter “flexional” e é a realização dos traços do núcleo funcional de polaridade -  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup>.<sup>4</sup>

Para reforçar a proposta do clítico negativo, re-invocamos a idéia de Mioto (1992) de que a incorporação do ‘não’ ao verbo é obrigatória, e isto deriva do caráter clítico do operador de negação. Na sua proposta, ao contrário do que acontece com os clíticos pronominais, seria o complexo verbal que subiria para o clítico-negativo, pelo fato de Neg<sup>o</sup> situar-se acima de IP. Porém esta derivação esbarra na questão do sujeito pré-verbal em *português europeu moderno* (doravante PE). De acordo com Costa (1996) (cf. também Galves, 1996, entre outros) o sujeito pré-verbal no PE ocupa Spec/IP, e, estando a negação acima de IP a ordem linear resultante não seria compatível com a ordenação encontrada na língua – “*sujeito-negação-verbo*”<sup>5</sup>.

Propusemos uma alternativa no quadro *minimalista* da *morfologia distribuída* assumindo as reflexões de Martins (a partir de 1994) sobre a natureza e força dos traços de  $\Sigma$ P. Dado que núcleos funcionais fortes precisam ser visíveis em PF (segundo a teoria dos traços), sendo  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> v-relacionado e com traços verbais fortes, a incorporação de I<sup>o</sup> à  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> é obrigatória. Como o operador de negação em PE é uma espécie de clítico,  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> pode se afixar a I<sup>o</sup> pela operação de abaixamento do núcleo  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> para a esquerda de I<sup>o</sup>. Este

<sup>4</sup> Veremos no *capítulo terceiro* que as operações de negação e afirmação têm comportamentos paralelos, e que a sintaxe deriva estas operações por meio de uma categoria funcional, presente na estrutura da oração, e que faz interface com o conteúdo informacional. Esta categoria foi designada “ $\Sigma$ P” por Laka (1990) e Martins (1994).

<sup>5</sup> Costa e Martins (2004), para capturar a ordem linear “*sujeito-negação-verbo*”, propõem que nas sentenças negativas IP não projeta Spec ( $\Sigma$ P e IP se fundem na sintaxe).

processo deve ocorrer no componente morfológico antes da inserção vocabular e linearização.

Quanto aos clíticos pronominais, eles obedecem a restrições de domínio morfo-fonológico e podem ser alinhados por deslocamento local após a inserção vocabular.

De acordo com nossa análise a gramática do português antigo teria um pronome clítico capaz de se hospedar no núcleo mais alto da estrutura frasal ( $C^\circ$ ). A estrutura com interpolação, mantendo o complementizador e o clítico adjacentes, nas orações encaixadas (*asy como **ho** ele na dita procuração **há*** (Lx, 1306; Martins, 1994)), e a ênclise nas orações raízes (*E eu outrossi semelhauilmente **obligome** ...* (Lx: 1291; Martins, 1994)) estariam relacionadas com a obrigatoriedade da inversão prosódica do clítico a este núcleo. Entretanto, a subida do clítico para  $C^\circ$  nas orações dependentes e do verbo para este núcleo nas orações raízes não parece ser obrigatória, podendo o clítico e/ou o verbo manterem-se num núcleo mais baixo derivando a próclise com adjacência ao verbo (*e outrossj **lhj fica** h~uu herdam~eto* (Lx, 1311; Martins 1994)), e ainda prevendo casos com interpolação e não adjacência ao complementizador<sup>6</sup> (*e que sempre **a** os mosteyros de Anssedj e de Arnoya usarõ e possoyrã* (NO, 1285; Martins 1884)<sup>7</sup>). Interpretamos que a não obrigatoriedade do fenômeno sugere seu caráter prosódico.

Já a gramática intermediária se caracteriza pela perda da propriedade de subida do clítico e do verbo a  $C^\circ$  (o pronome clítico não sobe além de  $\Sigma^\circ$  nesta fase), perdendo assim a possibilidade de interpolar elementos diferentes da negação. Assumimos que o preenchimento do Spec de  $\Sigma P$  é incompatível com a ênclise sendo a próclise a ordem das orações raízes XV, abrindo espaço para a possibilidade da interpolação da negação neste contexto. A ênclise só será licenciada em sentenças estruturalmente V1, como propõem Galves Britto e Paixão de Sousa (2005). Nesta gramática verbo e clítico se movem para  $\Sigma^\circ$  em

---

<sup>6</sup> Para esta estrutura ser derivada nas orações dependentes o verbo deve se manter em  $I^\circ$ .

<sup>7</sup> No entanto, tal estrutura apresenta-se rara e em textos tardios (séculos 14 e 15, sendo este dado de Martins (1994) o único encontrado no século 13), podendo ser considerada pistas da mudança em curso nesta época.



todos os domínios (orações raízes e encaixadas). A possibilidade do verbo também se mover para  $\Sigma^{\circ}$  nas orações encaixadas pode estar relacionada com a perda de alguma propriedade de  $C^{\circ}$  em  $\Sigma^{\circ}$ .

A mudança para o português europeu moderno terá lugar na reanálise da posição do verbo e dos constituintes pré-verbais. O verbo em PE não se moverá além de  $I^{\circ}$ , também o clítico ficará neste domínio junto com o verbo. Spec de  $\Sigma P$  se restringirá a constituintes afetivos e o sujeito pré-verbal ocupará Spec de IP.

Na literatura sobre a diacronia do português, encontramos importantes análises sobre os textos portugueses do final do *período medieval* e início do *período clássico* (em torno de 1500) que o consideram como um “*sistema V2*”. Notadamente, Ilza Ribeiro (1995) caracteriza o PA como um sistema V2 a princípio não rígido, e rígido em sua fase final (a partir de meados do século 15). Para a autora, a propriedade fundamental do sistema arcaico do português é a obrigatoriedade do movimento do verbo flexionado para um núcleo mais elevado que IP –  $C^{\circ}$ . Para Ribeiro (1995), a diferença paramétrica entre os sistemas V2 e os não V2 relaciona-se ao valor positivo ou negativo do traço I em  $C^{\circ}$ . Nas línguas V2,  $C^{\circ}$  teria traço +I, atraindo o verbo flexionado; nas demais,  $C^{\circ}$  teria traço –I e não haveria o movimento do verbo. No PA,  $C^{\circ}$  apresentaria sempre o traço +I.

Martins (1997), entretanto, defende uma idéia contrária a de Ribeiro (1995), baseada nos dados empíricos que revelam uma grande produtividade de ordens V3 em todas as fases da língua. Veremos que apesar da produtividade da ordem V3 e SV é possível ainda defender ter havido um sistema V2 na história da língua portuguesa.

Eide (2002) presumindo restrições V2 no português do século 16 explica que a posição pós-verbal de sujeitos é derivada pelo fato de a posição pré-verbal já estar ocupada por outro *XP*. Os *XPs* que ocupam a posição pré-verbal no corpus da autora são, sobretudo, expressões adverbiais que se referem a um lugar ou a um tempo já mencionado. A autora argumenta que parece existir uma restrição onde o *XP* mais discursivamente topicalizado (isto é, o mais

«anafórico») fica em posição pré-verbal, enquanto o resto dos argumentos fica em posição pós-verbal. A língua de seu corpus do século 16 parece evitar estruturas do tipo 'XP-S-V' em contextos onde, segundo a autora, fatores discursivos permitiriam ou exigiriam esta ordem na língua moderna. O português moderno, por seu lado, tem restrições sobre a ordem 'VS' que, para Eide (2002) indica que a posição pré-verbal fica cada vez mais reservada ao sujeito.

Também Paixão de Sousa (2004) traz evidências para um sistema V2 na língua dos textos de autores nascidos entre o século 16 e o 17, as quais apresentaremos com mais vagar ao final do **capítulo primeiro**.

Argumentaremos em favor da proposta de que a *gramática arcaica*, que gera a interpolação generalizada nas orações dependentes e a ênclise nas orações matrizes, estaria em competição com uma *gramática intermediária* entre a *gramática arcaica* e a *gramática moderna* nos textos dos autores nascidos no século 15 e início do século 16. Esta *gramática média* teria como a única ordem para o pronome clítico não inicial a próclise com adjacência ao verbo – 'clV'. Assumimos ser esta a ordem obtida no componente sintático, seguindo Kayne (1991, 1993) que defende que os clíticos são núcleos que se movem de sua posição de base para uma posição de adjunção à esquerda de um núcleo de tipo flexional disponível.

Para defender esta proposta trazemos uma questão central: nas orações dependentes finitas os constituintes fronteados parecem estar deixando de aparecer linearmente entre o *clítico* e o *verbo* para aparecerem entre o *conectivo* e a seqüência linear *clítico-verbo* entre os séculos 15 e 16. Contudo, será importante notar que os dados apresentados refletem não uma mudança de posição dos constituintes fronteados, uma vez que o fronteamento, inclusive de complementos verbais, continua a ser produtivo até o século 18<sup>8</sup>, mas uma mudança na posição do pronome clítico, uma vez que a ordem 'conectivo-XP-cl-V' parece estabilizar-se no século 16. Veremos que o fenômeno da interpolação dos diversos elementos diferentes da negação já é obsoleto no

---

<sup>8</sup> Cf. Paixão de Sousa (2004) e Gibrail (em andamento)

século 16. Tal mudança estaria relacionada ao domínio de hospedagem do clítico (mas não necessariamente à sua tipologia ou ao seu estatuto de clítico, como veremos nos capítulos *terceiro e quarto*).

A gramática mais antiga teria um clítico capaz de se hospedar ao núcleo mais alto da estrutura da frase ( $C^\circ$ ). Nas orações dependentes o pronome poderia mover-se para  $C^\circ$  deixando o verbo para traz e ocasionando a interpolação de XPs entre o clítico e o verbo. Em certo momento o pronome clítico deixa de poder se mover para  $C^\circ$  restringindo sua relação nuclear à  $\Sigma^\circ$  (talvez através de uma escolha entre dois dialetos), assim permanecendo no núcleo que também hospedaria o verbo nesta fase, estreitando sua relação com a morfologia verbal. Propomos que esta única mudança aliada ao caráter *clítico* da negação explicaria todas as mudanças na colocação destes pronomes na *gramática média*: a perda da interpolação, o aumento da próclise sobre a ênclise, o aumento de *C-X-clnegV* e o aparecimento de interpolação da negação em orações não dependentes em contextos tradicionalmente considerados de variação ‘*clV’/’Vcl’*. Pois, uma vez que o fenômeno do frontamento continua produtivo neste sistema, o preenchimento ou ativação da posição de frontamento, como já vem sendo proposto (cf. Galves e Paixão de Sousa, 2005, entre outros trabalhos), deriva categoricamente a próclise no português dos anos de 1500 e 1600, e conseqüentemente deve derivar a ordem “*clnegV*” nas orações raízes.

As mudanças para o PE moderno, por sua vez, terão resultado da reanálise da posição pré-verbal, que se restringirá ao *sujeito*, e da posição do verbo que deixará de subir até  $\Sigma^\circ$ , permanecendo em  $I^\circ$ .

Portanto, a variação histórica na colocação dos clíticos pronominais nos domínios negativos deve derivar de três constantes:

1. Do compartilhamento dos traços de **núcleo** e de **clítico** da negação e do pronome quando estão ambos em um mesmo domínio (motivo pelo qual a ordem ‘\*neg-V-cl’, com ênclise, não pode ser derivada).

2. Da altura em que o pronome pode alcançar na estrutura da frase a depender da gramática que subjaz as ordenações: *Gramática arcaica* - o pronome átono pode se hospedar no núcleo C° derivando ‘C-cl-(X)<sup>9</sup>-negV’; *gramática média* - o clítico não sobe além de  $\Sigma^{\circ}$ , resultando a possibilidade de interpolação somente da negação, porém abrangendo as orações raízes ‘XP-verbo’ – ‘(C)-X-clnegV’; ou *gramática moderna* (o pronome permanece em I°) – ‘(C)-(X)-negclV’.
3. Da posição do verbo e da natureza da posição que antecede o *complexo verbal* a depender das gramáticas.

Assim a tese se divide em:

- (i) *Introdução* - com uma apresentação do laço teórico que sustenta o nosso olhar sobre os dados e a mudança gramatical.
- (ii) Quatro *capítulos* que apresentam a descrição/discussão dos dados, bem como o material para análise: **I. Capítulo primeiro** – *Recontando a História* – traz as questões tradicionais casando a história de Portugal com a história da língua portuguesa. Neste primeiro capítulo, adiantaremos os resultados da pesquisa que nos levarão a sustentar a hipótese delineada por Galves (1996) de ter havido dois estágios gramaticais anteriores ao *português europeu moderno*: a *gramática antiga* (dos primeiros documentos até finais do século 14 ou início do século 15), e a *gramática média* (já apontada no século 15 e representada pelos autores nascidos até o início do século 18). **II. Capítulo segundo** – *O fenômeno da interpolação nos textos portugueses de autores nascidos entre os séculos 15 e 19* – Neste capítulo, descreveremos os dados da variação *interpolação x próclise com adjacência ‘clV’* no *Corpus do Português Histórico Tycho Brahe* comparando com a descrição do fenômeno em outros corpora que contemplam outras épocas (Martins, 1994, Parceros, 1999, Fiéis, 2001, e Magro, 2007). Contamos com uma base empírica de **22589** sentenças,

---

<sup>9</sup> Parênteses indicam opcionalidade

com clíticos pré-verbais, distribuídas em vinte textos do *Corpus Tycho Brahe* (CTB). Das **22589** sentenças analisadas foram selecionadas **8686** dados de variação ‘*interpolação/adjacência clítico-verbo*’, sendo **1667** com interpolação e **7019** com adjacência *cl-V*. **III. Capítulo terceiro** – *Colocação de clíticos e negação* – Montado o alicerce com descrição dos dados no **capítulo segundo**, iniciaremos a construção da análise com a comparação dos padrões de colocação pronominal nos domínios afirmativos e negativos e com a reflexão teórica sobre a negação sentencial. **IV. Capítulo quarto** – *Últimas peças* – Enquadraremos nossa análise no quadro teórico da **morfologia distribuída**.

(iii) *Conclusão: Recontando a História* – voltaremos às gramáticas do português para concluir nossa proposta e finalizar a tese.

(iv) *Anexo* - apresentação das informações sobre o *corpus* utilizado na pesquisa, da quantificação com as tabelas e gráficos relevantes para nossa reflexão, bem como da metodologia de classificação, organização e armazenamento de dados. Nosso banco de dados encontra-se em <http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/namiuti/index.html>

A seguir, ainda nesta introdução, coloco em linhas gerais os aspectos teóricos e metodológicos mais relevantes para sustentar a minha abordagem frente às variações de frequência dos fenômenos considerados na pesquisa.

## **2. Para modelar a variação: laço teórico.**

A questão central presente nas pesquisas diacrônicas no quadro teórico da *gramática gerativa*, e que também consideraremos aqui, é: *De que forma os dados de língua refletem alterações no plano das gramáticas?*

A interpretação dos dados, bem como dos processos de mudança, depende diretamente da teoria adotada para se chegar às gramáticas que atuaram na história da língua.

Na perspectiva gerativista, o conceito de Gramática remete à possibilidade de se gerarem as estruturas, e não ao inventário de estruturas.

Essas possibilidades são limitadas pela “Gramática Universal”, que faz parte das faculdades inatas do ser humano. A Gramática Universal oferece “princípios” imutáveis e “parâmetros” que podem ser especificados (ou “fixados”) diferentemente em gramáticas particulares – determinando, assim, os limites de variação entre as gramáticas (Chomsky, 1979, 1981; Chomsky e Lasnik 1993; entre outros trabalhos). Cada gramática, neste sentido, representa uma determinada parametrização dos princípios da Gramática Universal. Portanto, a *gramática* na teoria gerativa, será uma entidade individual. As gramáticas individuais emergem nos falantes a partir da interação entre os princípios da Gramática Universal (ou seja, inatos) e a experiência lingüística de cada falante (ou seja, os dados a que está exposto na fase de aquisição, produzidos pela geração anterior).

Neste quadro teórico, a *mudança gramatical* é uma função da relação entre a capacidade inata e a experiência lingüística vivenciada pelas sucessivas gerações de falantes.

Portanto, as diferenças sintáticas entre dois ou mais estágios de uma língua, assim como as diferenças entre as línguas, são analisadas no quadro da teoria gerativa em termos de fixação diferente de valores paramétricos. Deste modo a mudança sintática é vista como mudança de parâmetro, e fortemente vinculada à aquisição.

De acordo com Lighthfoot (1991) a mudança lingüística pode oferecer informações cruciais sobre a aquisição da linguagem pelas crianças, aprendendo-se mais sobre a natureza de sua experiência desencadeadora e sobre como os parâmetros são marcados. Uma vez que a ordenação linear dos constituintes dos enunciados de uma língua pode ser compatível com mais de uma gramática e que a criança não conhece a priori qual das análises representa a gramática do adulto (G1), ela pode tanto optar pela G1, como levantar uma hipótese “incorreta” sobre esta gramática. Assim a mudança

gramatical ocorre quando as crianças são levadas pelas propriedades dos dados lingüísticos primários a escolher uma gramática diferente da dos adultos. Isto significa dizer que, num estudo diacrônico, estamos preocupados em descobrir propriedades nos dados lingüísticos que induzem as crianças a uma análise destes dados diferente da dos adultos, ocasionando a mudança lingüística.

Sendo assim, ao levantar a hipótese de uma etapa gramatical, os estudos gerativistas buscam compreender a que padrão de marcação paramétrica corresponde um determinado conjunto de dados.

Reconhecendo a distância existente entre a produção escrita e a *gramática*, os estudos de mudança no quadro gerativista enfrentam alguns desafios metodológicos, uma vez que a *gramática* é um objeto teórico e os *dados* um objeto empírico a ser interpretado. A este respeito cito uma passagem de Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006):

*“Os dados documentados relativos a mudanças apresentam-se, tipicamente, como dados de variação entre formas antigas e formas novas nos textos. Note-se, entretanto, que quando se admite que a mudança de uma gramática para outra envolve a fixação (ou “marcação”) diferente dos parâmetros via aquisição da linguagem pela criança, esta mudança deverá ser conceituada, por necessidade teórica, como um evento abrupto...*

*Temos então um aparente paradoxo: a mudança gramatical, em tese um evento abrupto, manifesta-se nos dados como um evento de variação gradual. Assim, a interpretação dos dados históricos num estudo de mudança gramatical precisa contar com um quadro metodológico que permita abordar o problema da variação diacrônica.”* (Galves, Paixão de Sousa e Namiuti, 2006:49)

Portanto, ao levantar hipóteses sobre gramáticas, os estudos gerativistas buscam interpretar teoricamente os dados da língua.

Em nosso estudo, partimos do quadro delineado a partir de Kroch (1989), que salienta que a variação nos textos não se deve confundir com variação nas gramáticas. Ou seja: as mudanças nas línguas, instanciadas nos documentos históricos como variação gradual, são reflexos de mudanças gramaticais que devem ocorrer de modo abrupto. Nos casos de mudança gramatical, poderemos observar que a variação entre a forma antiga e a forma nova nos textos resulta

no estabelecimento da nova forma na língua. Esta variação entre formas antigas e novas na linha do tempo, em alguns casos, não pode ser conceituada como uma “oscilação” produzida por uma única gramática particular. Ao contrário, cada forma parece corresponder a diferentes fixações de um parâmetro. Nestes casos, a variação nos textos pode ser compreendida como fruto da convivência, no plano do uso, de formas geradas por diferentes gramáticas. É o que Kroch (1994) chama de “Competição de Gramáticas”, processo no qual as formas antigas são gradualmente expulsas do uso pelas formas inovadoras.

Com relação à maneira com que a mudança paramétrica ocorre, Kroch (1989) (cf. também Kroch 2003) conclui que a mudança real na fixação do parâmetro deve ser abrupta, ocorrer no vernáculo sem ser observada, e somente a competição da gramática nova com a antiga, ou o uso escolarizado conservador, é acessível para ser estudado nos textos. Por isto a mudança sintática, uma vez implementada, produz uma lenta mudança no sentido das frequências de uso das formas nova e velha. As diferenças nas frequências podem refletir, segundo Kroch (1989, 2003), preferências estilísticas ou efeito de processamento psicolinguístico. Então, apesar da mudança sintática ocorrer instantaneamente no vernáculo, a substituição de uma forma por outra se dá gradualmente.

Kroch (1989, 2003) propõe que quando a evidência para a fixação de um dado parâmetro se torna fraca, alguns aprendizes não vão ser expostos a dados suficientes para fixar o parâmetro corretamente. O resultado será uma população mista na qual alguns falantes têm a fixação paramétrica antiga e outros a nova. Nessa população mista, a próxima geração provavelmente será menos exposta aos dados necessários para fixar o parâmetro do jeito antigo.

Assim, a variação no uso que reflete diferentes fixações paramétricas é encontrada nos textos escritos. Para modelar essa variação, Kroch (2003) também propõe ser necessário permitir a diglossia sintática como uma situação normal durante o período de mudança. E uma vez que uma comunidade se torna diglósica com relação a uma dada fixação paramétrica, os falantes poderiam aprender ambos os parâmetros, e a escolha de qual critério de boa



formação que deva ser aplicado na produção de uma dada instância de fala recairia no domínio da performance. As formas em competição em diglossia sintática representariam, segundo Kroch (2003), uma oposição entre um vernáculo inovador e uma língua conservadora. E, já que a primeira teria vantagem tanto psicolingüística quanto numérica, ela deverá vencer ao longo do tempo, até mesmo em textos escritos. Desta maneira, a gradação encontrada nos textos não deve refletir qualquer mecanismo básico de mudança lingüística, mas sim o bilingüismo psico e/ou sociolingüístico.

A gradação da mudança, por não ter lugar na teoria gramatical, ficou fora do interesse das primeiras discussões gerativistas. Mas, recentemente, reconheceu-se que a questão da gradação apresenta algum desafio para a teoria gramatical, pois, de acordo com Kroch (1989, 2003), ela caracteriza não somente mudanças nas preferências estilísticas, como também a difusão de mudanças na fixação de parâmetros sintáticos. Pois, observa-se que as opções paramétricas da sintaxe que passam de um padrão para outro mostram sempre um mesmo tipo de comportamento variável durante um período de transição mais ou menos longo. Segundo Kroch (1989) (cf. também Kroch, 2003) a substituição de uma forma pela outra em um gráfico segue uma curva em S no tempo, sendo o eixo das abscissas (eixo-x) o eixo do tempo. Isto significa dizer que a forma nova aparece timidamente no início e então aumenta gradualmente ao longo do tempo.

Quanto à mudança de um parâmetro em uma dada língua, Kroch (2003) chama a atenção para o fato de que uma mudança paramétrica afeta a gramática como um todo, não apenas uma determinada construção. Algumas mudanças superficiais que ocorrem em diferentes contextos, mas em um mesmo período, podem ser o resultado de uma única mudança paramétrica. Para checar se as mudanças nos diferentes contextos são o resultado de apenas uma mudança profunda Kroch (2003) utiliza métodos estatísticos que levam em consideração a razão (proporção) em que as mudanças ocorrem. Se esta razão for constante, ou seja, a mesma para várias das mudanças superficiais, concluí-se que apenas um parâmetro está envolvido na mudança.

Kroch (2003) ilustra o efeito da razão (ou taxa) constante no caso do surgimento do auxiliar do em inglês, entre o início do século 15 e meados do 16, e a substituição da ordem *verbo-advérbio* por *advérbio-verbo*. A razão com que a ordem *advérbio-verbo* substitui a ordem *verbo-advérbio* é a mesma razão do aumento do auxiliar *do*, o que sustenta a idéia que uma única mudança paramétrica está em jogo, e que sua progressão é observável no modo como as frequências de uso mudam ao longo do tempo.

No que concerne especificamente o problema da identificação de etapas gramaticais, ou a periodização, a contribuição central do conceito de Competição de Gramáticas é a idéia de que a emergência de uma nova gramática será identificada pelo surgimento de formas novas nos dados. (Cf. Galves, Paixão de Sousa e Namiuti, 2006).

Com este espírito, o levantamento dos dados dos diversos trabalhos trazidos por Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006), que inclui dados desta pesquisa, oferece evidências para a identificação de dois momentos principais de mudança nos padrões sintáticos dos textos portugueses, que interpretamos como reflexos de mudanças de gramáticas, corroborando a hipótese de Galves (1996).

Os fatos relativos à interpolação são importantes para compreendermos a mudança cuja inflexão é a fronteira entre os séculos 14 e 15. Antes disso, a interpolação de constituintes generalizados do sintagma verbal é própria das orações dependentes com contigüidade (C-cl). Nesta fronteira entre os séculos 14 e 15, novos contextos de interpolação da negação, bem como novos padrões de ordenação e contigüidade nas sentenças negativas com *cl-neg-V* começam a ser atestados. Logo em seguida na linha do tempo identifica-se o desaparecimento do fenômeno da interpolação generalizada nos textos. Estes fatos são interpretados como indícios da emergência de uma nova gramática que foi intitulada de Português Médio por Galves (2004). A interpolação dos diversos constituintes do sintagma verbal ainda atestada nos textos a partir desse período é interpretada como variação no uso de formas em competição,

---

uma vez que novos padrões de ordenação já foram iniciados nesta época.<sup>10</sup>

De outro lado, os fatos relativos à variação ênclises versus próclises são importantes para compreendermos a mudança cuja inflexão é o início do século 18. A análise quantitativa das alterações nos padrões de frequência atestados no Corpus Tycho Brahe, aliada a uma análise qualitativa dos dados, mostraram que a variação empírica entre ênclises e próclises deve ser compreendida diferentemente para os textos dos séculos 16 e 17, de um lado, e os textos do século 18 e 19, de outro. Nos textos representativos dos anos 1500 e 1600, trata-se de uma alternância possibilitada por uma mesma gramática (a gramática do Português Médio). Nos textos representativos dos anos 1700 e 1800, a variação é o efeito de uma competição de gramáticas (no sentido de Kroch 1994, 2003), que por sua vez evidencia a emergência da gramática do Português Moderno. (Cf. Galves Britto e Paixão de Sousa 2005, Paixão de Sousa, 2004, também Galves, Paixão de Sousa e Namiuti, 2006).

Observamos, ainda, uma coincidência entre o declínio dos padrões de interpolação peculiares da negação e a elevação da frequência de ênclises – ambas as inflexões se dão na primeira metade dos 1700. Este fato também corrobora fortemente a hipótese do estado gramatical intermediário – a *gramática média*.

Sobre a emergência do Português Brasileiro, repito as palavras de Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006: 68, 69):

*“Resta observar, por fim, que nosso corpus principal (formado por textos escritos por autores portugueses) não possibilita que cheguemos a qualquer conclusão sobre a emergência da gramática do Português Brasileiro. Entretanto, para futuras reflexões sobre a diacronia do português do Brasil, nossa periodização deixa a seguinte contribuição: a gramática do Português Brasileiro deve emergir a partir da gramática do Português Médio – não do Português Europeu Moderno, nem do Português Arcaico.”*

---

<sup>10</sup> A idéia central da competição de gramáticas, delineada por Kroch (1989, 2003) é fundamental aqui.

Esta visão sobre os dados nos leva a repensar a periodização da língua de acordo com as gramáticas que subjaz aos períodos. A seguir entraremos nesta reflexão.

### **3. A periodização segundo a tradição filológica vs a periodização revisitada.**

Embora as periodizações sugeridas pela tradição dos estudos históricos se apresentem variadas a depender dos autores, é possível reconhecer algumas delimitações amplas.

O primeiro período histórico que se costuma reconhecer é o *português arcaico*, a língua que se registra desde os primeiros documentos até fins da Idade Média. Seria, portanto, a língua representada nos manuscritos medievais de todo gênero (poéticos, notariais, históricos). Será no século 16 que a tradição historiográfica do português localizará o divisor de águas principal na história da língua, separando a língua antiga da moderna. Grande parte da tradição reconhecerá, entretanto, que a língua representada nos textos clássicos portugueses não é ainda a língua portuguesa contemporânea. Este período intermediário entre o medieval e o contemporâneo foi denominado de *português clássico*, e incluiria textos quinhentistas tardios, textos seiscentistas e textos setecentistas.

Todavia, já na segunda metade do século 14 e no século 15 se revelavam as formas do PC coexistindo com as formas do período arcaico. Fato que levou alguns estudiosos a designar este período de transição da língua medieval para a clássica de *português médio* (cf. Cardeira 2005, Castro 1991, entre outros). Portanto, tomando como alicerce de nossa reflexão a concepção de mudança gramatical delineada por Kroch (1989), é possível considerar que a *fase gramatical* intermediária entre o PA e o PE compreende um período maior que o *clássico*. Galves (2004) chamou de *português médio* (doravante PM) este período gramatical que abarca a fase denominada de *português médio* por

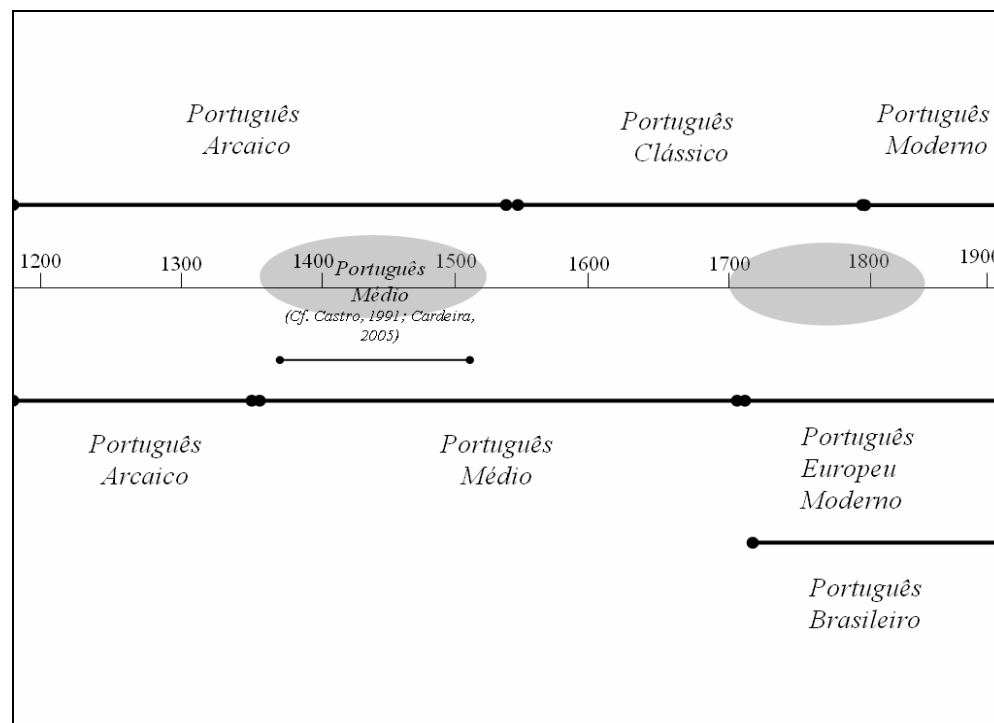
Cardeira (2005) e Castro (1991) e a fase denominada de *português clássico* pela tradição.

Depois desta fase intermediária, costuma-se identificar no século 19 o momento em que a língua portuguesa contemporânea se estabelece nos textos: a escrita oitocentista já não registra os padrões característicos da fase clássica, e é próxima do português da Europa hoje.

No entanto, é no século 18 que Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) identificam a emergência da gramática do Português Europeu Moderno.

O esquema abaixo retrata a periodização revisitada por Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006). O quadro ilustra a intersecção entre as gramáticas no início e final de cada período.

Quadro 1: A periodização revisitada



Os textos representativos dos anos de 1400 e de 1700 apresentam variações que foram interpretadas como o efeito de competição de gramáticas (no sentido de

Kroch 1989, 1994, 2003), que por sua vez evidenciam a emergência da gramática do Português Médio de um lado e do Português Moderno do outro. (Cf. Galves Britto e Paixão de Sousa 2005, Paixão de Sousa, 2004, também Galves, Paixão de Sousa e Namiuti, 2006).

Os estudos pioneiros sobre a diacronia do português no quadro gerativista (cf. Cyrino 1994, Martins 1994, Torres Morais, 1995; Ribeiro, 1995 entre outros), apesar de levarem em conta a periodização delineada pela tradição, que, de forma geral, divide a história da língua em três grandes ciclos – o *português arcaico* (período compreendido entre o século 13, com os primeiros documentos escritos, até o século 16), o *português clássico* (entre o século 16 e final do século 18/início do 19), e o *português Europeu moderno* (a partir do século 19), costumam considerar para a divisão gramatical apenas duas gramáticas, uma antiga e outra moderna, seguindo, de certa forma, impressões como a descrita por Teyssier (1982):

*Na leitura de um texto de fins do século XVI, a penosa impressão de arcaísmo dos textos antigos cede lugar a um agradável sentimento de modernidade. Se necessidade houvesse de fixar uma data ou um acontecimento para marcar esta mudança, uma ou outra coincidiriam com a publicação, em 1572, de Os Lusíadas, de Luís de Camões. ... // Para chegar a essa fase, o português sofreu do século XIV ao XVI, uma série de transformações que tiveram como efeito fixar a morfologia e a sintaxe de tal maneira que daí por diante pouco variarão. (Teyssier, 1982 – tradução de Celso Cunha, 2001).*

A pesquisa de Martins (1994, 1997) sobre a evolução da colocação pronominal na história do português europeu aponta o século 17 como início do PE. Quanto às etapas *gramaticais*, Martins (1994, 1997) considera que a perda da possibilidade de interpolação nos domínios encaixados está diretamente relacionada com a perda da possibilidade da próclise nas *orações*

raízes neutras<sup>11</sup>. A principal mudança gramatical na história do português Europeu conectaria diretamente a gramática que gera o fenômeno da interpolação (ex.: “... como *se* nesta carta contem...” NO, 1538. Martins 1994), característico do PA, à gramática do PE que exibe um padrão enclítico nas orações raízes neutras (ex. “O Paulo falou-*me*”). Esta mudança teria ocorrido no início do século 17, e estaria representada nos *Sermões* do Padre António Vieira. A gramática antiga teria um clítico capaz de receber ênfase e alçar-se para fora dos domínios de IP produzindo a próclise e a interpolação. O aumento no uso da próclise, segundo esta hipótese, teria sido o gatilho para a marcação negativa da ênfase para o clítico, uma vez que se esperaria que sentenças enfáticas fossem universalmente menos frequentes que sentenças neutras. Então teríamos a mudança de uma gramática que permitiria próclise (marcando ênfase) x ênclise (neutra) nas orações raízes, e interpolação (marcando ênfase) x próclise (neutra) nas orações encaixadas, para uma gramática em que não seria mais possível marcar ênfase pela posição do clítico, resultando em apenas ênclise nas orações raízes não marcadas e próclise nas orações dependentes. Isto significaria dizer que uma geração de crianças que ouve quase sistematicamente os pais pronunciarem: “e o asno lhe deu dous coices” (Martins, 1997:146); constroem gramáticas que geram necessariamente: “e o asno deu-lhe dous coices” (Martins, 1997:146).

“À medida em que a construção com a ordem 'clítico verbo' ia deixando de ser interpretada como enfática (por conta do aumento no uso desta construção)<sup>12</sup>, a evidência de que os clíticos podiam conter um traço de ênfase ia-se perdendo. Estavam então criadas as condições para que comesçassem a surgir gramáticas com uma fixação negativa do parâmetro relevante. Era o princípio do fim da relação entre os clíticos e  $\Sigma$  em português. (Martins 1997:144)”

<sup>11</sup> Termo utilizado por Martins (1994) para designar as orações não dependentes introduzidas por: sujeito, oração anteposta, cópula, sintagmas preposicionais e adverbiais que não condicionassem próclise obrigatória.

<sup>12</sup> Comentário dentro dos parênteses não faz parte do texto de Martins.

“A hipótese de que há duas posições para os clíticos no português antigo, AgrS e  $\Sigma$ , mas só uma no português moderno, AgrS, permite-nos assim dar conta uniformemente das duas grandes diferenças entre o português antigo e o português moderno no que diz respeito à colocação dos clíticos: 'potencial interpolação' versus 'adjacência obrigatória' em certos contextos; alternância entre próclise e ênclise versus ênclise obrigatória, em outros contextos. (Martins 1997:140)”.

Esta hipótese (de duas fases gramaticais) é em parte o resultado do fato de que a história do português carecia de estudos aprofundados que focalizassem os períodos posteriores ao século 16, uma vez que esse século é considerado como o marco inicial das línguas modernas (cf. Mattos e Silva 1992 para uma síntese dos estudos sobre periodização do português). No caso da língua portuguesa, essa concepção mostrou-se particularmente inadequada, porque, como argumenta Galves (2004), *além do surgimento posterior do português brasileiro, o próprio português europeu sofre mudanças notáveis depois do séc. 16.*

Avançamos na questão gramatical trazendo fatos importantes que corroboram a hipótese de Galves (1996, 1998, 2001, 2004) de ter havido um estágio gramatical intermediário entre o PA e o PE.

De posse dos resultados obtidos nesta pesquisa, sobre a interpolação, somados aos resultados de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), sobre a variação ênclise e próclise, e os de Paixão de Sousa (2004), sobre a variação ênclise e próclise e a posição do sujeito, sustenta-se a hipótese de uma gramática intermediária entre o português antigo e o moderno. Atestamos que a interpolação dos constituintes do VP, bastante produtiva nas orações dependentes do PA, desaparece da produção literária no século 16, e a não adjacência entre o complementador e o clítico se torna mais comum: a ordem ‘C-cl-X-(neg)V’ abre espaço para a ordem ‘C-X-cl-(neg)V’.

(01) “e certo que se lhe ElRei não mandára sucessor” (CTB: Couto-1548)<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Apesar de Diogo do Couto ter nascido em 1548 atestamos algumas interpolações do tipo Arcaico (C-cl-X-negV) no seu texto, porém são marginais em relação à estrutura sem a interpolação de elementos diferentes de ‘não’ (C-X-cl-negV).



(02) “que até o Prior dos Agostinhos, seu Confessor, o não pôde sofrer” (CTB: Couto-1548)

Neste mesmo século encontramos um padrão proclítico nas orações não dependentes afirmativas, e ainda, a interpolação da negação ganha novos contextos (‘*não*’ passa a ser interpolado em ambientes de variação ‘*clV*’/‘*Vcl*’).

(03) “E , pelo ElRei Dom João o III querer casar, e êle não querer, **lhe não deram** satisfação de seus serviços ...” (CTB: Couto-1548)

Interpretamos estes fatos como o reflexo da mudança no domínio de hospedagem do clítico, que deixa de se relacionar com o núcleo mais alto da estrutura da frase e passa a se relacionar intensamente com o núcleo que contém o complexo verbal ( **$\Sigma^\circ$  nesta fase**).

Considerando os novos resultados da ‘escavação’ do *português clássico* (doravante PC) (empreita lançada a partir de Galves et alii, 1998), Martins (2003a, 2003b e 2005) considera a possibilidade de ter havido três estágios gramaticais na história do português, e defende que os clíticos são núcleos em todas essas fases (Martins, 2002b, 2003a, **cf. capítulo terceiro**). Desta forma as mudanças não estariam relacionadas à tipologia do clítico (XP vs X<sup>o</sup>), como supõem algumas análises (remeto a Cardinaletti e Roberts 1991, entre outros), mas sim às posições pré-verbais e, conseqüentemente, ao fenômeno do fronteamto de constituintes do sintagma verbal (*IP scrambling*).

Martins (2000, 2003a e b, 2005) lança a hipótese de que o PA teria várias posições pré-verbais disponíveis no domínio de IP (Specs múltiplos), já o PC teria uma, enquanto que o PE nenhuma (**cf. capítulo primeiro**).

Concordo com Martins (2002b) no fato de que os clíticos são núcleos em todas as fases do português, mas proponho que a diferença principal, sobretudo entre o PA e o PM, está na “*altura*” que CL pode alcançar na estrutura sintática da frase. Para o PE, existe também uma diferença na altura do clítico, que pode também estar relacionada com a altura do verbo, ambos, clítico e verbo, deixam de subir para além de IP. Além das questões sintáticas e morfológicas, veremos que as questões informacionais e prosódicas também

podem direcionar as preferências no posicionamento dos clíticos. (**Cf. capítulos terceiro e quarto**).

Para começar nossa argumentação, voltemos às condições que levam às mudanças. Uma vez que a *mudança gramatical* está em função da relação entre a capacidade inata e a experiência lingüística vivenciada pelas sucessivas gerações de falantes, trago no **capítulo primeiro** algumas questões que vão além das gramáticas.

---

# I. CAPÍTULO PRIMEIRO. RECONTANDO A HISTÓRIA.

*“o que não se altera não tem continuidade mas permanência, e  
carece de historicidade”  
(Coseriu 1979: 94)*

---



## **I.1 - Aspectos históricos que marcaram a constituição da língua e estado português.**

Para entender os estágios Gramaticais e as mudanças atestadas na língua portuguesa desde que se têm notícias começarei por contar brevemente sua história, pois, recontar é essencial no exercício de reconhecer, no já conhecido, algo novo. Portanto, voltemos para antes do começo com a chegada dos romanos ao território Ibérico por volta do ano 200 a.C..

A Hispânia, assim denominada pelos romanos, fez parte do imenso território que constituiu o Império de Roma por cerca de seis séculos (200 a.C. a 400 d.C.). Antes dos romanos os dominadores da península haviam sido principalmente os cartagineses, celtas e populações denominadas Iberos. Costuma-se assumir que a língua dos conquistadores romanos sufocou totalmente as línguas (celtas) faladas anteriormente neste território<sup>14</sup> excluindo definitivamente a hipótese de um substrato<sup>15</sup> ativo na evolução do latim trazido e implementado na península.

Porém, em uma situação como a do Império Romano e suas conquistas, não é factível sustentar que a língua imposta e levada às regiões conquistadas não tenha se transformado seguindo a provável influência das línguas dos povos dominados. Cada um dos povos da Península aprendeu o Latim consoante os seus hábitos lingüísticos anteriores.

Os romanos chegaram à península no ano de 218 a.C. (cf. Castro, 1991, Teyssier, 1997, entre muitos outros), um dos episódios que constituiu a

---

<sup>14</sup> Com exceção do basco (denominado Euskaldunak pelo povo basco), que permaneceu com sua língua e costume originários do período pré-romano. O basco é uma das poucas línguas vivas não indo-europeias em solo europeu.

<sup>15</sup> Segundo Hirt (1894), os grandes grupos de dialetos (ramos) do indo-europeu se explicam principalmente com a passagem da língua dos conquistadores indo-europeus para os povos de língua estrangeira dominados. A tese, impossível de ser confirmada, também não se difundiu muito sob esta forma generalizante, mas em compensação deu pretexto para frutíferas discussões. Como exemplo, Strörig (2002) cita a hipótese de influência de línguas pré-gregas (pelágicas) no grego, e também a possibilidade de haver uma camada de substrato hamítico no Irlandês.

Segunda Guerra Púnica, dão cabo dos cartagineses em 209 a.C. e empreendem a conquista. Todos os povos da península, com exceção do basco, adotam o latim como língua e mais tarde abraçam o cristianismo.

A península é inicialmente dividida em duas províncias: Hispânia Citerior (a região nordeste) e Hispânia Ulterior (ao sudoeste). No ano de 27 a.C. Augusto divide a Hispânia Ulterior em outras duas províncias, a Lusitânia (ao norte do Guadiana) e a Bética (ao Sul), entre os anos 7 a.C. - 2 a.C. a Lusitânia ao norte do Douro, conhecida como Gallaecia, é anexada à província Tarraconense (antiga Hispânia Citerior).

A área lingüística do que viria ser o galego e o português mais tarde estava delineada desde a época romana (cf. Castro, 1991 e Teyssier, 1997). As variantes dialetais então seguiam seu curso, rumo às atuais línguas românicas da península.

De acordo com Störig (2002), o “latim” da Hispânia teve um processo de desenvolvimento particular diferente das línguas faladas nas demais antigas províncias romanas. Talvez por influência das línguas pré-romanas, talvez pela peculiaridade dos soldados e colonizadores romanos que vieram para a região, mas certamente pelo longo período de dominação Islâmica e com ele a dos árabes, que chegaram a Gibraltar no século 8 (711 d.C.) e só foram novamente expulsos entre o século 11 e 15 pelos exércitos cristãos (com a reconquista). Nos sete séculos de dominação árabe, núcleos esparsos de resistência cristã mantiveram sua língua e costumes. A longa luta pela reconquista da Ibéria, motivada pela religião e língua, semeou reinos ao norte da península - Castela, Galiza e Lião. É durante a reconquista que no século 12 nascerá o reino de Portugal.

Entretanto, o período que vai desde a queda do império romano no século 5 d.C., com as invasões bárbaras até o século 8 d.C., e depois com a invasão mulçumana, permanece bastante obscuro. Levando em conta este pedaço que nos falta da história podíamos nos perguntar: Quais rumos podem ter tomado o dialeto ou os dialetos romanos que só depois do século 10 d.C. voltam a nos

dar pistas e testemunhos? As línguas românicas da península Ibérica serão realmente todas filhas diretas do latim implementado nos últimos dois séculos a.C.? Não poderiam ser todas elas netas ou bisnetas da língua originária dos romanos? Estas perguntas provavelmente permanecerão sem respostas. O que não invalida esta reflexão, pois, será a consciência histórica de estar em território parcialmente desconhecido, apesar de serem muitos os livros que contam a história do latim e das línguas românicas, que me fará olhar para a história da língua portuguesa de um lugar diferente, ignorante do latim e dos métodos de reconstrução comparada ou interna. Enfim, das convenções previamente estabelecidas que enquadram a história anterior e posterior desta língua. Porém um fato não se pode negar: O português e as demais línguas da península têm uma base românica e provavelmente tiveram origem em uma ou mais línguas de base românica, ou seja, entroncadas no latim, que sobreviveu ou sobreviveram a duas invasões e a um longo período de dominação (século 5 d.C. ao século 11 d.C. quando se inicia a Reconquista).

A invasão mulçumana e a Reconquista são, sem dúvida, acontecimentos determinantes na formação das três línguas faladas na península outrora (Galego-português a oeste, Castelhana ao centro e Catalão a leste). A Espanha mulçumana domina os inimigos Cristãos até por volta do ano 1000 (época áurea do califado de Córdoba, em 997 Al-Mansur destrói Compostela). No início do século 11 os reinos cristãos, partindo do norte, iniciam um movimento ostensivo, expulsando os Mouros para o sul. Coimbra é reconquistada em 1064, Santarém e Lisboa em 1147, Évora em 1165, Faro em 1249. Com a tomada de Faro no século 13 o território português está completamente formado.<sup>16</sup> É a partir deste momento que o português se afirma como língua de cultura, com os primeiros documentos escritos, tornando possível o estudo da língua galaico-portuguesa. Alguns estudiosos sustentam,

---

<sup>16</sup> O restante da península só foi, porém, definitivamente reconquistado em 1492, quando os Reis Católicos se apoderaram do reino de Granada.

porém, a possibilidade de constatar características galaico-portuguesas na língua do século 9. Tais estudos se baseiam em pistas encontradas nos textos escritos em um *pseudolatim*, como menciona Saraiva (1970).

Ao sul do Tejo, além do árabe, falava-se também um *romance* que foi denominado de *moçárabe*. No entanto, esta língua oferecia certas características comuns ao galego-português, por isso, a colonização lingüística resultante da ocupação galaico-portuguesa não teve um caráter de imposição violenta, a não ser para os núcleos árabes que, de acordo com Saraiva (1970), pouco a pouco se foram assimilando.

O motivo que me levou a trazer este breve relato da longa *vida* da Língua Portuguesa - foi o fato de acreditar que esta história se relaciona e pode explicar, se não muitos, alguns dos aspectos gramaticais que assinalaram a história da língua e também as mudanças que ocorreram.

Saraiva (1970) menciona que durante a época da reconquista já existia uma diferença entre os falares cristãos do Noroeste – a Galiza e a região entre o Mondego e o Douro, que viria a ser no futuro Portugal – e os das Astúrias e Castela. Na região ao sul do Mondego, ou talvez ao sul do Tejo (territórios ocupados pelos árabes por um longo período) a população cristã falava uma língua “*latina*” fortemente penetrada de *arabismos* (o *moçárabe*), porém mais conservadora que as línguas do Norte, em virtude do seu isolamento.

É neste território expandido e nesta população mista que encontramos nos primeiros documentos escritos em português (a partir do século 13) as características gramaticais do português designado de arcaico pela tradição (*cf.*, entre outros, Said Ali, 1921; Cuesta e Luz, 1971; Teyssier, 1982; Huber, 1986; Castro, 1991; e Mattos e Silva, 1992 para um panorama).

A par desta história, é possível considerar que as mudanças no plano da gramática estejam associadas à marcha do reino do norte para o sul.

O governo português desloca-se para o sul em meados do século 13 (território Lisboa-Coimbra), em 1255 no reinado de D. Afonso III. Forma-se, então, o centro de domínio da língua portuguesa na região antes moçárabe. Obviamente ritmos de falares diferentes se encontram neste trajeto.



De acordo com Saraiva (1970:11), o ritmo *galego-português* possuía o acento tônico coexistindo com um acento secundário que recaía na sílaba pré-tônica, o que dava às palavras um ritmo diferente do *português europeu atual*, mas que deveria assemelhar-se ao *português do Brasil* (doravante PB). O PB diferiria do *galego-português* quanto ao ritmo do acento frasal, mas assemelhar-se-ia a este com relação à sílaba (ritmo silábico). Somemos esta proposta ao fato, também mencionado por Saraiva (1970:10), de que o padrão acentual característico do PE seria mais forte ao sul do Tejo, para então refletirmos sobre as recentes explorações sobre a origem do PE e a do PB.<sup>17</sup>

Galves (1996), entre outros, argumenta que a pronúncia do PB se assemelharia à do PC, enquanto o PE teria sofrido uma mudança fonológica que está na base da pronúncia moderna do PE (cf. Abaurre e Galves, 1998). Tal mudança consistiria na redução das sílabas pretônicas, e teria afetado drasticamente o ritmo da língua. Como demonstrou Gonçalves Viana (1892, apud: Abaurre e Galves, 1998) a leitura dos versos decassílabos camonianos por um cidadão português do século 19 não atinge a métrica proposta na obra quinhentista - *Os Lusíadas*. Isto porque a redução vocálica do PE teria como efeito apagar parte das batidas que definem a métrica do verso. Por outro lado, o ritmo do PB encaixar-se-ia bem na leitura dos versos quinhentistas justamente por não permitir tais reduções.

---

<sup>17</sup> Apesar de não concordarmos com a periodização de Saraiva (1970), que considera o período que vai desde o século 13 ao 16 *galego-português*, as considerações que faz sobre o ritmo são coerentes com nossa hipótese da relação da colocação dos clíticos e o acento nos três períodos gramaticais: *Português Antigo*, *Português Médio* e *Português Europeu Contemporâneo*. Propomos que a próclise verbal é sintaticamente motivada e que o PA deverá ter uma proeminência principal à esquerda da frase que é compatível com a inversão prosódica  $X^{\circ}$ -cl, prevendo que esta gramática segue à restrição de Tobler-Mussafia (restrição à primeira posição) para o clítico. Com relação ao PM, propomos que a diferença para com o PA estaria no fato do ‘clítico’ ter estreitado sua relação com o núcleo  $\Sigma^{\circ}$  (núcleo entre CP e IP para onde o ‘verbo’ também se move no PM), mas que as ordenações encontradas ainda otimizariam um ritmo de acento inicial (a esquerda do sintagma entoacional – IntP, cf. Galves e Sândalo, 2004), porém já enfraquecido, uma vez que alguns casos da ordem ‘cl(n)V’ são encontrados em sentenças estruturalmente VI (orações precedidas por conjunção coordenativa e oração anteposta). Quanto ao PE, as ordens encontradas não serão motivadas por um acento inicial de frase, mas de palavra, a estabilização da ordem ‘neg-clV’ refletiria a otimização deste ritmo.

A hipótese central de Galves et alii (1998) consiste no fato da mudança na sintaxe do PE, completada no século 19, ter sido desencadeada por uma mudança prosódica prévia, ocorrida no século 18, que alterou o padrão rítmico da língua falada<sup>18</sup>. E considera que a prosódia do português clássico é idêntica à prosódia do português Brasileiro. E ainda, que os textos escritos refletem o padrão rítmico de seus autores, através de escolhas lexicais e sintáticas ditadas por considerações prosódicas que escapam à censura da norma.

Cabe agora a seguinte questão: *De que forma o estudo da interpolação pode contribuir nesta empreita?*

Sabemos que a interpolação generalizada é uma característica da *gramática arcaica*. Atestamos, nos textos dos autores do Corpus Tycho Brahe, que a negação é especialmente interpolada, neste corpus de autores nascidos entre o século 15 e 19, enquanto que a interpolação de outros constituintes já é obsoleta no século 16. Também constatamos que a negação ocorre interpolada em ambientes não categóricos da próclise a partir do século 15 e deixa de ocorrer interpolada nestes ambientes no século 18. Entretanto a interpolação da negação continua a ser uma opção freqüente nos domínios dependentes no século 18 e 19. É somente no século 20 que a ordem “*C-(X)<sup>19</sup>-neg-cl-V*” supera a ordem “*C-(X)-cl-neg-V*”.

Consideramos a hipótese de Guasti e Nespor (1999, cf. também Frota e Vigário 1996, 2001 e Fernandes, 2007) de que a escolha da ordem dos constituintes pode ser feita para otimizar o ritmo da língua. No entanto os fenômenos relacionados à prosódia seriam opcionais (remeto a Guasti & Nespor, 1999). Este fato poderá capturar a opcionalidade das ordens relacionadas exclusivamente com a otimização do ritmo, propomos que este será o caso da variação ‘*clnegV*’ e ‘*negclV*’ nas orações dependentes finitas em nosso corpus (cf. capítulos segundo e quarto).

---

<sup>18</sup> Adams (1987) também traz uma proposta que relaciona mudanças fonológicas e mudanças sintáticas na história do Francês. A autora relacionou a perda de V2 com a perda do acento inicial (Adams, 1987).

<sup>19</sup> Como já explicamos na nota 9, página 14: Parênteses indicam opcionalidade.

Desta forma as ordens preferenciais atestadas nos diferentes períodos da história da língua portuguesa podem estar relacionadas com a otimização do ritmo. Assim, a colocação dos pronomes átonos também dependerá ou estará associada à prosódia.

Assumindo a hipótese de que o PA tem um acento frasal à esquerda do sintagma entoacional (*Intonational Phrase* - IntP), característico das línguas V2<sup>20</sup>, a escolha da ordem com interpolação nas orações dependentes e da ênclise nas orações raízes otimizaria o ritmo da língua.

Em nossa análise (cf. **capítulo 4**) veremos que na *gramática arcaica* o pronome clítico pode se alinhar à esquerda do núcleo mais alto na estrutura da oração (C°), independentemente do verbo, e que sofre inversão prosódica (“C°-cl”) obrigatória com este núcleo. Isto prevê a preferência pela ordem da interpolação (C-cl-X-neg-V) e a ênclise (V-cl) nas orações raízes (VI e XV), seguindo às restrições morfossintáticas do pronome e otimizando o ritmo da língua arcaica.

A diferença para com a *gramática média* estará no fato do clítico estar obrigatoriamente hospedado em  $\Sigma^\circ$ , núcleo que também contém o verbo nesta segunda fase. Ou seja, neste sentido, o clítico e o verbo estreitam sua relação. No entanto, o pronome ainda segue a restrição prosódica, já presente no PA, que impede o clítico de se colocar em primeira posição em um IntP (cf. Galves e Sândalo, 2004).

<sup>20</sup> Línguas V2 possuem um sistema em que o verbo ocupa a segunda posição nas orações raízes sendo que a posição pré-verbal interna à oração está disponível para qualquer constituinte do sintagma verbal seja focalizado ou não. Assim, diferentemente das línguas SV, a posição pré-verbal é uma posição de “tópico V2” e não uma posição apenas para afetivos. Desta forma SV é um subconjunto de XV. (Cf. Cardinaletti e Roberts 1991, Rivero 1994, Ribeiro 1995, Galves 1996, 2001, Paixão de Sousa 2004, entre outros). No exemplo seguinte do Norueguês o tópico, *han*, só pode vir depois do verbo, uma vez que *I går* é prosodicamente topicalizado:

1. Johan er lærer. I går var han i Bodø  
João é professor. Ontem estava ele em Bodø
2. \*I går han var i Bodø  
Ontem ele estava em Bodø

Retirado do texto de Kristine Eide, (2002): “A noção de tópico e a ordem de palavras no português do século XVI”, em: *Romansk Fórum Nr. 16 – 2002/2. XV Skandinaviske romanistkongress*. Oslo 12.-17. August 2002.) Sobre o sistema acentual das línguas V2, costuma-se associar a estas gramáticas a existência de uma proeminência principal, um acento forte, na periferia esquerda da frase (remeto à Adams, 1987).

Propomos que esta restrição à posição inicial absoluta estaria relacionada com o fato do pronome clítico não suportar a proeminência principal à esquerda do IntP que caracterizaria a prosódia da língua nesta fase. Mais uma vez as ordens encontradas otimizariam este padrão acentual. As orações não dependentes com ‘clnegV’ e ‘clV’ antecedidas por oração anteposta e conjunção copulativa, encontradas somente nesta fase, podem ser explicadas pelo fato de nesta gramática ser suficiente existir material fonético para suportar este acento inicial e manter a ordem proclítica, derivada naturalmente pela sintaxe. Este ritmo captura a preferência pela próclise nesta gramática, tendo a ênclise como um fenômeno relacionado apenas à restrição do clítico à primeira posição absoluta (cf. Galves Britto e Paixão de Sousa, 2005; Galves e Paixão de Sousa, 2005; Galves e Sândalo, 2004, entre outros).

Já a *gramática do português europeu contemporâneo*, diferentemente da *gramática média* que possui o acento principal à esquerda do IntP, tem o acento inicial de palavra fonológica como o mais proeminente (cf. Vigário 2003). Portanto, devemos prever uma ordenação preferencial que otimize esta acentuação inicial de palavra fonológica. De acordo com Frota, Galves e Vigário (2007), esta mudança rítmica seria posterior ao surgimento das reduções das vogais pré-tônicas (já atestada no século 17 por Marquilhas 1998, entre outros trabalhos da autora), e à mudança sintática que veda a próclise (“clV” e “clnegV”) nas orações raízes, e as propriedades V2 da gramática média como a ordem VS e o fenômeno do fronteamto. Tal fato explicaria porque a estabilização da ordem “C-(X)-neg-clV” é bastante tardia nas **orações dependentes**, posterior à mudança sintática que veda a possibilidade de “cl-neg-V” nas **orações não dependentes**. Será somente no século 20 que a ordem “C-(X)-neg-cl-V” vai superar a ordem “C-(X)-cl-neg-V”, justamente, segundo propomos, pelo fato do clítico não suportar este acento inicial de palavra fonológica. Sendo assim a ordem “cl-neg-V” não suporta o ritmo adequado para palavra fonológica do PE e torna-se obsoleta também nos ambientes de próclise categórica.

Recentemente delineou-se uma metodologia para identificar evidências experimentais que identificou nos textos do corpus Tycho Brahe algumas características rítmicas que corroboram as hipóteses delineadas acima. Frota, Galves e Vigário (2007)<sup>21</sup>, utilizando a ferramenta de codificação fonológica do texto escrito (FreP), constataram três momentos de combinação de parâmetros independentes, indicando uma mudança progressiva.

1º momento precede a mudança sintática (c.1600)

2º momento coincidente (c.1700)

3º momento posterior (c.1800) > Mudança em curso

Desta forma as autoras trazem evidência empírica para sua hipótese de que a mudança rítmica consiste na integração das propriedades rítmicas acentuais que distinguem o PE do português do século 16.

A seguir traremos um panorama mais detalhado dos aspectos gramaticais que caracterizam os diferentes períodos da história da língua.<sup>22</sup>

## **I.2 - Aspectos gramaticais que pontuaram na história do português.**

Dois aspectos da sintaxe dos clíticos pronominais se destacam pelas alterações de padrão na diacronia do português: as ordens relativas *clítico-verbo* ~ *verbo-clítico* e a *interpolação*.

---

<sup>21</sup> Frota, Galves e Vigário (2007) - “Ler a Fonologia: do português clássico ao português moderno” Trabalho realizado no âmbito da parceria Laboratório de Fonética (Onset-CEL, FLUL), Núcleo de Modelagem Estocástica e Complexidade (NUMEC, USP) & Projeto Tycho Brahe (IEL, Unicamp). Apoios: POCTI-SFA-17-745 (FCT, Portugal) / PTDC/LIN/70367/2006 (FCT, Portugal) / Fapesp, Brasil / CNPq, Brasil.

<sup>22</sup> Trataremos apenas dos aspectos gramaticais relevantes para a pesquisa, ou seja, a variação diacrônica na colocação pronominal átona.

No português e espanhol dos séculos 13 a 16, em orações principais afirmativas não introduzidas por operadores proclisadores<sup>23</sup> os clíticos podem ocorrer quer em posição pré-verbal, quer em posição pós-verbal. Esta variação acontece quando o verbo não está em posição inicial e é precedido ou do sujeito, ou, de um sintagma preposicional, um sintagma adverbial, uma oração anteposta, ou ainda da conjunção copulativa *e*. Em todos os casos o clítico apresenta-se necessariamente adjacente ao verbo.

(01) E a donzela foi-se e deo agoa à rainha (Pr. Livro de Linhagens. Piel & Mattoso 1980:23. Apud Martins 2002a: 263)

(02) E a donzela lhe disse entom que achara um mouro doente (Pr. Livro de Linhagens. Piel & Mattoso 1980:28. Apud Martins 2002a: 263)

(03) O espírito é como vento, com o mesmo com que uns vão para cima , vão outros para baixo; eu acho-me bem em caminhos chãos , ainda que me seja preciso vadear serras e meter debaixo dos pés os montes (Chagas, 1631, em Paixão de Sousa, 2004).

(04) Ele me disse que pasmava como lhe abastava o que tinha (Sousa, 1554, em Paixão de Sousa, 2004)

(05) Se alegais o nome que tendes de cristãos, digo-vos que nada vos deve Deus por isso, porque que ídolos ou heresias deixastes vós, por seguir a Cristo? (Bernardes-1644 em Paixão de Sousa, 2004)

(06) Jà que vio todas redusidas à sua obrigação, e vistidas às suas leys, lhes deu à sua custa hum jantar muy regalado, querendo ter mimosas aquellas, a quem se confessava obrigada; ... (Céu-1658 em Paixão de Sousa, 2004)

Nesses contextos, a ênclise é categórica no PE. A próclise predomina nos textos anteriores ao PE, ou seja, no PM (1400-1700); nos textos mais antigos (escritos entre 1200-1400), ou seja, no PA, a ênclise era a opção predominante (cf. Ribeiro 1996, Martins 1994). Este fato é curioso, uma vez que as demais línguas românicas (com exceção do Galego) eram enclíticas, passaram a proclíticas e assim permaneceram (cf. Galves, 1996).

Um outro fato que distingue o português das outras línguas românicas é a conservação por mais tempo de traços característicos das línguas arcaicas da România, como a interpolação. Em orações subordinadas, finitas, e em orações principais introduzidas por operadores, os clíticos são sempre pré-verbais no

---

23 Remeto a Raposo (1994, e em muitos outros trabalhos). Raposo denomina certos advérbios, palavras interrogativas, alguns quantificadores e partículas de foco (exs: só, até) de *operadores afectivos*, estes elementos seriam ‘atratores’ do clítico, e por isto condicionariam a próclise quando em posição pré-verbal.

português. Vimos, no entanto, que também nestas configurações a posição do clítico apresenta-se variável nos textos dos séculos 13 a 16. Neste caso há variação entre a adjacência *clítico-verbo* e a *interpolação*. Idênticos constituintes frásicos podem ocorrer ora à esquerda da seqüência *clítico-verbo*, ora interpolados entre o clítico e o verbo.

(07) como se nesta carta **contem** (NO, 1538. Martins 1994).

(08) como nesta carta **se contem** (Lx, 1532. Martins 1994).

A interpolação é, portanto, a construção na qual o clítico pronominal não se apresenta contíguo ao verbo – ou noutros termos, na qual um outro constituinte sintático se *interpola* entre o pronome e o verbo. Trata-se de uma construção característica dos textos mais antigos do português (bem como do romance ibérico em geral, cf. Rivero, 1994, 1997, Martins 1994, 1997, 2002, entre outros) e que se torna obsoleta nos textos dos autores nascidos no século 16 do corpus Tycho Brahe.

A interpolação da negação, porém, continuou a ser registrada nos textos do corpus e ainda é atestada no português europeu moderno (cf. entre outros, Mira Mateus et alii, 2003)<sup>24</sup>.

Os estudos sobre a colocação pronominal na diacronia do português (cf. entre outros, Martins 1994, Parceró, 1999 e Fiéis, 2001) demonstraram que a interpolação dos diversos elementos do sintagma verbal era freqüente até o século 16 e restrita aos contextos de próclise obrigatória.

Acredito que os fatos relativos à interpolação são particularmente importantes para compreendermos a mudança cuja inflexão será a fronteira entre os séculos 14/15, considerando a afirmação de Cardeira (2005), sobre as

---

<sup>24</sup> Apesar da interpolação da negação nas orações dependentes existir no PE, não é uma construção para todos os dialetos de Portugal. Na região de Lisboa, por exemplo, não se houve sentenças com a negação interpolada entre o clítico e o verbo, mas em compensação é bastante produtiva em outros dialetos, como os do norte do país, por exemplo, (cf. Martins, 1994, Barbosa, 1996). Recentemente a pesquisa de Catarina Magro (2006, 2007) revelou a existência do fenômeno da interpolação da negação, do sujeito e de certos advérbios em 12 localidades espalhadas de norte a sul no território português. Magro (2006, 2007) argumenta que a interpolação presente no *português europeu regional* não é a mesma interpolação do PA.

formas clássicas já anunciadas na segunda metade do século 14<sup>25</sup>, somada à questão teórica da aquisição e mudança delineada a partir de Kroch 1989. Antes disso, a interpolação de constituintes generalizados do sintagma verbal é própria das orações dependentes com contigüidade (C-cl). Este fenômeno reflete a preferência do clítico por uma posição adjacente à conjunção subordinativa e é característico da gramática arcaica (cf. Matos e Silva 1998, entre outros).

Nesta fronteira, quando a próclise passa a ser predominante também nas orações não dependentes, constatei o surgimento de novos contextos de interpolação da negação que passa a ocorrer interpolada também nos domínios de variação ‘clV’/‘Vcl’ (orações raízes e infinitivas introduzidas por preposições que não condicionavam a próclise categórica, como a preposição ‘em’).

(09) “E, pelo ElRei Dom João o III querer casar, e êle não querer, **lhe não deram** satisfação de seus serviços ...” (Couto-1548)

(010) “E sintido do mal, que o fizera com ele a infirmitade em o não **enterrar**,” (Sousa – 1556)

As primeiras ocorrências de interpolação da negação encontradas em contextos de variação clV/Vcl foram atestadas por Martins (1994) no final do século 15. Esta diferente possibilidade de interpolar a negação mostrou-se sistemática<sup>26</sup> nos textos do corpus Tycho Brahe e identificou-se como um grupo coeso.

---

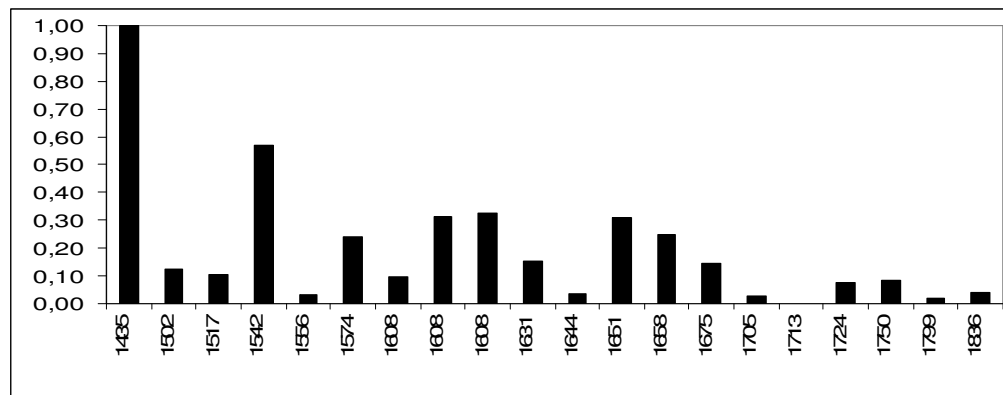
<sup>25</sup> Entretanto, Cardeira não considera, para sua periodização, os fenômenos sintáticos. No que diz respeito a trabalhos direcionados para a periodização da história da língua portuguesa, Martins (2002a:252) comenta que a mudança sintática é frequentemente secundarizada, deixando assim sem continuidade trabalhos como o de Rosa Virgínia Mattos e Silva (1994), entre outros, onde se aponta limites cronológicos com base em traços sintáticos. Traremos neste trabalho algumas evidências sintáticas que nos permitirão considerar o século 15 como um período instável.

<sup>26</sup> Apesar de não atestarmos muitos dados de orações não dependentes negativas e infinitivas introduzidas pela preposição ‘em’ (69 dados de interpolação da negação em 551 casos de orações não dependentes e 12 casos de infinitivas introduzidas pela preposição ‘em’, todos os casos com interpolação da negação), a interpolação da negação nestes ambientes é encontrada na maioria dos textos em um intervalo contínuo de tempo (cf. Anexo, seção ii.ii, tabela 10 e tabela 8). Fato que revela a sistematicidade da interpolação da negação nestes contextos, sobretudo nos textos quinhentistas e seiscentistas.



Como podemos constatar no gráfico **I.1** abaixo, a interpolação da negação em orações não dependentes ‘XV’ (cf. exemplo 09 acima) aparece na maioria dos textos do corpus, mantendo uma frequência acima de 10% na maioria dos textos dos autores nascidos até a segunda metade do século 17.<sup>27</sup>

Gráfico I.1: *Interpolação da negação vs. adjacência ‘clítico-verbo’ nas orações não dependentes ‘XV’.*



Já nas orações dependentes, identifiquei, no século 16, que a queda na frequência da interpolação generalizada (**de elementos diferentes da negação**) segue o aumento da não-contigüidade ‘C-cl’ nas sentenças negativas. “C-cl-X-V” dá lugar à “C-X-cl-V”:

(011) “e jãa nom tinham modo de defençaõ, fê nom defemparar ho palanque, e acolherfê àcerqua; mas ho Senhor Deos, que he poderofõ em totalas coufas, quando fe hos homens em ellas nom fabem, nem podem valer ...” (Galvão, 1435)

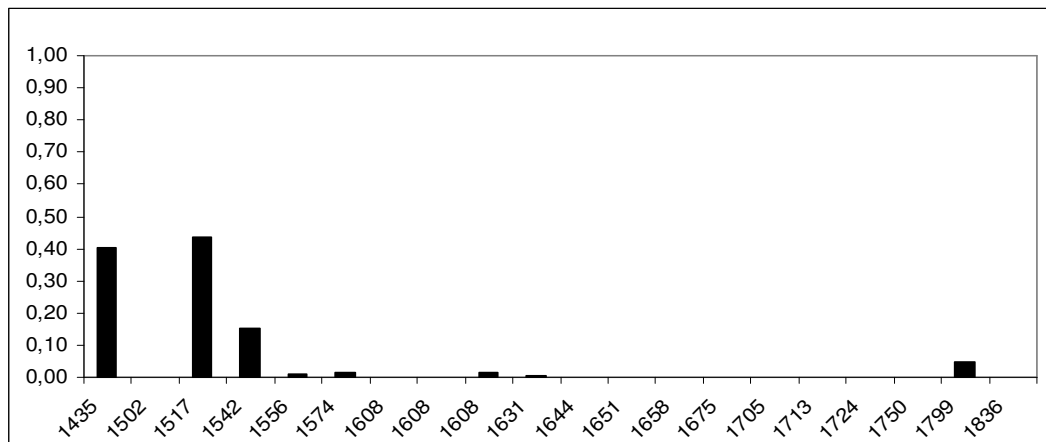
(012) “Lêde todo o Vergilio , que outra cousa lhe não achareis senão o officio de um Micael Angelo!” (Holanda, 1517)

Vemos no gráfico **I.2** abaixo que não há interpolação de elementos diferentes da negação na maioria dos textos, e nos dois autores em que o fenômeno parece representativo (nascidos um em 1435 e outro em 1517) a interpolação

<sup>27</sup> Apesar do texto de Duarte Galvão (1435) apresentar 100% de interpolação da negação em orações XV, não considero este texto diferente dos outros por se tratar de apenas 2 dados. O texto continha apenas 2 sentenças ‘XV’ negativas com clítico e em ambas a interpolação da negação foi registrada.

não chega a 50%. Por outro lado, o gráfico I.3 mostra que a ordem ‘C-X-cl-N-V’ (cf. exemplo 12 acima) é bastante produtiva nos textos.

Gráfico I.2: Interpolação generalizada no CTB



Contrapomos no gráfico acima a produção da interpolação generalizada em sentenças afirmativas vs. a próclise com adjacência do clítico ao verbo nas orações dependentes com constituintes interpoláveis em posição pré-verbal:

(013) e mandando hi cavar achou aquella Igreja, e Imagem po-edo em obra todas has coufas que lhe N. Senhora man-dàra. (Galvão, 1435)

(014) E voltando logo com muito animo , e esforço , vendo que o Capitão dos Turcos se tornava a alevantar , pondo-lhe outra vez a lança , deo com êle no chão morto . (Couto, 1542)

Vemos que a estrutura com adjacência *clítico-verbo* não só é predominante como é a única estrutura encontrada na grande maioria dos textos do corpus.

No gráfico I.3 abaixo contrapomos as ordens dos elementos pré-verbais com relação à posição do clítico nas orações dependentes negativas.

Seqüência C-cl-X-negV:

(015) certo que ouvindo-vos, ho que ouço, fe vos ha todos nom conhecera, podera mal cuidar, fêrdes hos que comiguo vencestes muitos mais, que estes imiguos no campo Dourique (Galvão,1435)

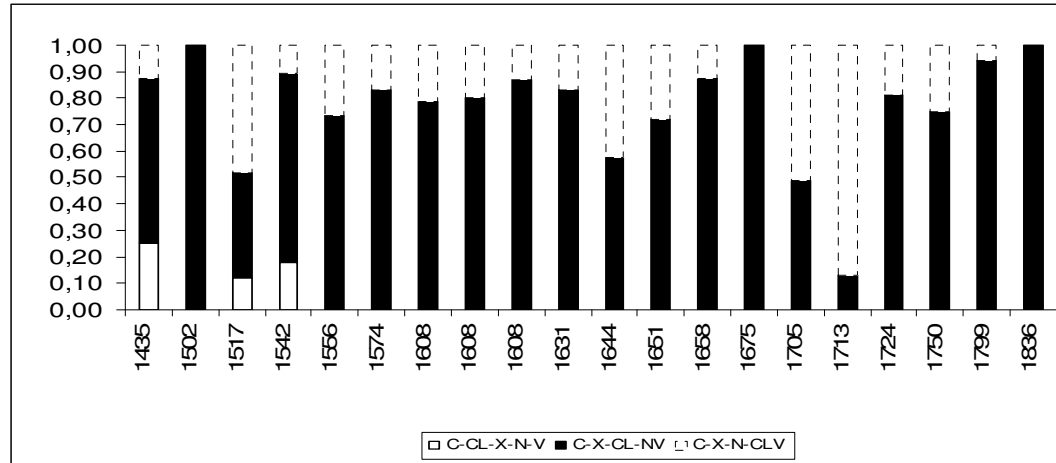
Seqüência C- X-cl-neg-V:

(016) Asi pola morte de seus Gloriosos Filhos e Irmãos , como polas inquietações da guerra o não **desuiassem** . (Holanda, 1517)

Seqüência C- X- neg-cl-V:

(017) ... temendo que *aquelles passos que hauia dado a virtude, não os fuisse desandar* a vangloria; tinha-a por huma, e fazia crer a desestimava por outra. (Céu, 1658)

Gráfico I.3: *Contigüidade vs não contigüidade entre complementador e clítico nas orações dependentes negativas com um constituinte pré-verbal além da negação.*



O Gráfico acima mostra o completo desaparecimento da ordem com interpolação de elementos diferentes da negação nas orações negativas ('C-cl-X-N-V) nos textos do corpus Tycho Brahe.

Interpretei estes fatos como evidência da emergência de uma nova gramática em textos anteriores ao século 16, em conformidade ao que Galves (2004) afirma sobre o PM.

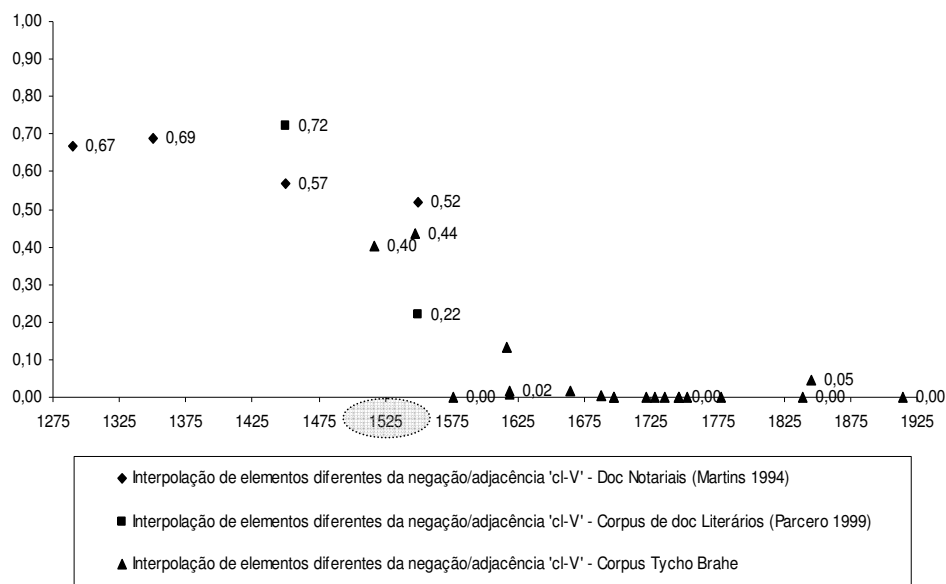
Seguindo a proposta delineada por Kroch (1994, 2003), a interpolação de elementos diferentes da negação ainda atestada nos textos quinhentistas deve ser interpretada como variação no uso de formas em competição, uma vez que novos padrões de ordenação já foram indiciados nesta época. No entanto, somente ao compararmos os dados do CTB aos dados levantados para o período anterior ao século 16 é que este quadro se tornará claro.

Para tanto, temos uma questão importante a tratar quanto às datas utilizadas, no agrupamento dos dados, quando comparamos nossos resultados com os de outros corpora.

Utilizamos o critério de datação proposto pelo ‘*Corpus Tycho Brahe*’ que considera a data de nascimento do autor e não da produção do texto. Para a teoria gerativa este critério faria mais sentido uma vez que a mudança é, por hipótese, um evento instanciado na aquisição da linguagem pela criança. Porém, para a caracterização do período arcaico (cf. Martins 1994, Ribeiro, 1995, Parcero, 1999), a distribuição do agrupamento dos dados considera as datas de produção dos textos, pois, para a documentação notarial, esta é muitas vezes a única data que se tem acesso. Por isto, ao compararmos nossos dados com os dados de outras pesquisas em um gráfico utilizamos as datas de publicação dos textos. Desta forma temos um atraso com relação às datas de nascimento dos autores e onde as inflexões são percebidas na linha do tempo.

Os gráficos **I.4** e **I.5** abaixo (considerando as datas de publicação dos textos) revelam o desaparecimento da interpolação de elementos diferentes da negação no século 16.

Gráfico I.4: “C-cl-X-V” vs “C-X-cl-V” do século 13 ao século 20

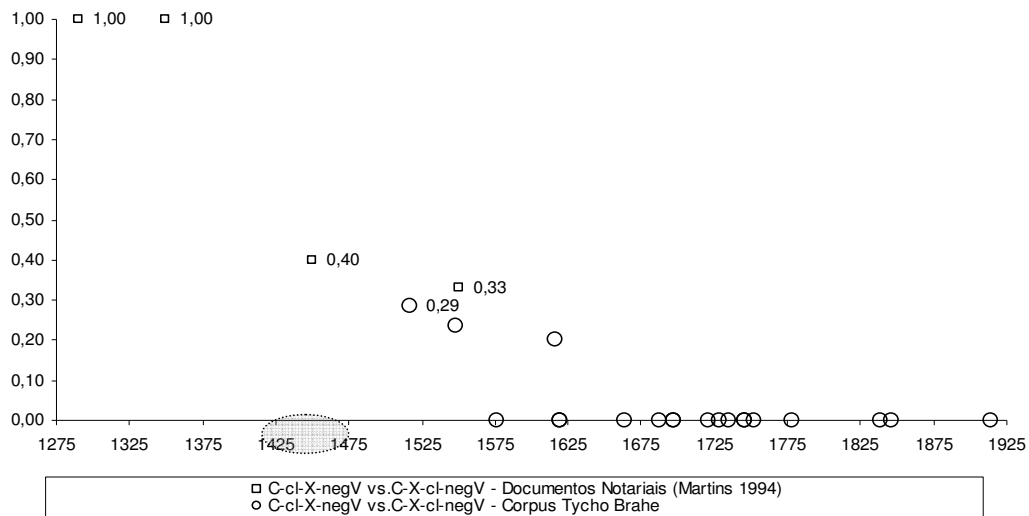


Note que o texto de Pero Magalhães de Gandâvo (nascido em torno de 1502) está representado em 1575 no gráfico I.4, segundo a data de publicação dos textos. Este texto, de um autor nascido no início do século 16, já não apresenta casos de interpolação de elementos diferentes da negação. Fato que nos leva a concluir que este fenômeno já não faz parte da gramática deste autor. No entanto, seguindo as datas de publicação dos textos, vemos isto mais tardiamente. Ainda assim, comparando nossos dados com os de outras pesquisas no gráfico acima, vemos uma grande queda nas frequências entre a segunda metade do século 15 e início do século 16 (conforme a data de publicação dos textos).

Concluimos então que, de acordo com a data de produção/publicação dos textos, a inflexão parece se dar no século 15 e é mais claramente notada nas sentenças com negação. No gráfico **I.5** abaixo contrapomos as ordenações *C-cl-X-neg-V* vs. *C-X-cl-neg-V* (sentenças como as exemplificadas em 15 e 16 acima).

Note que *C-cl-X-neg-V* dá lugar a *C-X-cl-neg-V* já na primeira metade do século 15. Passamos de 100% de *C-cl-X-neg-V* no século 14 para 40% no século 15 até chegar a 0% na segunda metade do século 16.

Gráfico I.5: “*C-cl-X-neg-V*” vs “*C-X-cl-neg-V*” do século 13 ao século 20



Para a caracterização do PM é interessante notar também que os padrões de ordenação na colocação dos clíticos nas orações negativas, ou seja, as ordens “*cl-neg-V*” vs. “*neg-cl-V*”, nos domínios dependentes (ambientes de próclise categórica) e nos não-dependentes (ambientes de variação ‘clV’/‘Vcl’) diferem do PA.

Notamos que a interpolação da negação, apesar de continuar sendo preferencial nas orações dependentes, diminui sua frequência (cf. **gráfico I.6**). O **gráfico 1.6** (na página seguinte) contrapõe as ordens ‘*cl-neg-V*’ versus ‘*neg-cl-V*’ nas sentenças dependentes.

### **Cl-neg-V:**

(018) Porém, se a não pudesse o calor do vinho converter em si antes da consagração, ainda assim querem gravíssimos Autores que, sobrevindo a consagração, fica transubstanciada imediatamente no sangue de Cristo e que nada está naquele cálice que os fieis não devam adorar. (Bernardes, 1644)

(019) Há porém na vaidade a diferença, que tudo o que se faz por vaidade, queremos que se veja, que se diga, e que se saiba; então é fortuna a publicidade, se é que nos não parece, que o mundo inteiro não basta para testemunha; daqui vem que um furor heróico até chega a invocar o Céu, e a terra, para estarem atentos a uma acção; como tudo se faz pelo estímulo da vaidade, por isso se julga perdida uma façanha, que não tem quem a divulgue; como se um acto generoso consistisse mais em se saber, do que em se obrar. (Aires, 1705)

(020) E quando eu via que os Arcades desejavam que se não demorassem as sessões, que se não negasse ao público o gosto de ler os nossos escritos; quando via crescer o número dos pastores do Ménalo; quando achava de cada vez maiores e mais extraordinárias belezas poéticas em vossos versos; quando ouvia orar com eloquência, com força e com energia, como me atreveria a proferir que a Arcádia estava exposta à menor decadência? (Garção, 1724)

(021) Enfim, senhor, para que o tempo se não passasse, e se acudisse a esta necessidade de alguma maneira, resolveu o senhor Embaixador comigo que André Henriques se não fôsse para Lisboa, senão para Hamburgo, com cartas que lhe démos mui encarecidas para Duarte Nunes, pedindo-lhe quisesse assistir com seu crédito a compra de até seis navios, e segurando-lhe em nome de Sua Majestade a prontidão do pagamento, sôbre o que será bem que Vossa Excelência escreva. (Vieira\_cartas, 1608)

### **Neg-cl-V:**

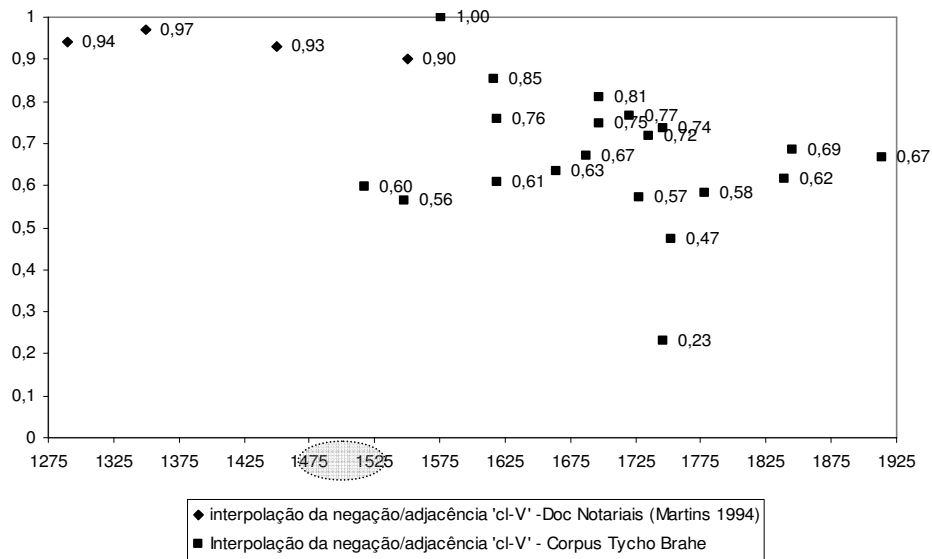
(022) E, se os próximos recebem pena, eles a buscam, e não estás obrigada a tirar-lha, com dano teu; que, se hoje dizem isto, amanhã se edificarão nisso mesmo, e mais dano lhes fará aos próximos (ainda que dizem outra coisa) o ver que há, todavia, ressábios da má vida passada que a pena de ver os meus estranhar-se de todas as coisas desta vida, e isto será de muito proveito para o próximo; e, se não se quiserem aproveitar, seu será o dano, e não teu". (Bernardes, 1644)

(023) Esta figura representa o caminho da injustiça, caminho, que não se sabe sem estudo, porque todo se compõe de circuitos, rodeios, e desvios. (Aires, 1705)

(024) Basta que eu mostre o desejo que tenho de instruir-me, e que vos proteste sinceramente que não me dedico aos trabalhos acadêmicos com outra esperança mais de que com a ideia que tenho concebido de que, correndo por vossa conta a direcção dos meus estudos, algum dia saberei imitar-vos; e que então poderei sem pejo falar na vossa presença e concorrer para a utilidade pública, para o crédito do reino e para glória da Arcádia. (Garção, 1724)

(025) Contudo, eu não seria de parecer que por aqui se começasse a guerra ou conquista das Índias: porque é a viagem compridíssima, que se não pode fazer em menos de sete ou oito meses, havendo de passar os navios pelo estreito de Magalhães, ou por outros novamente descobertos de que ainda não há certos roteiros, nem bastante conhecimento dos mares e costas, em que se considera muito maior perigo que proveito, como experimentaram os holandeses, na viagem que lá fizeram desde Pernambuco, no ano de 642; além de que, por esta via, ao menos nos princípios, não se podem divertir nem enfraquecer consideravelmente as forças de Castela, que deve ser um dos primeiros e principais intentos desta guerra. (Vieira\_cartas, 1608)

Gráfico I.6: “cl-neg-V” vs. “neg-cl-V” nas orações dependentes do século 13 ao século 20



Há uma mudança no patamar das freqüências de uso da interpolação da negação nas orações dependentes entre os séculos 15 e 16, de acordo com a data de produção/edição dos textos. Enquanto nos textos anteriores ao século 15 o uso da interpolação da negação nas orações dependentes é próximo de 100%, a partir deste século há uma grande oscilação nas freqüências na faixa de 90% a 50%.

Vemos surgir, também na fronteira dos séculos 15 e 16 (seguindo a data de edição dos textos), a ordem ‘*cl-neg-V*’ nos ambientes de variação *ênclise* e *próclise* (cf. gráfico 1.7). O **gráfico 1.7** (a seguir na próxima página) contrapõe o uso de interpolação da negação *versus* ‘*negclV*’, com o *clítico* adjacente ao *verbo* nas orações raízes ‘*XV*’.

### Cl-neg-V:

(026) E daí por diante se não pode passar por respeito de uma cachoeira muito grande que há neste passo, onde cai o peso da água de muito alto. (Gandâvo, 1502)

(027) E porque os próprios papeis, que sôbre isto se fizeram, ou são levados pera o Reino, ou perdidos, ficou isto fazendo confusão, e o não podemos averiguar, senão pelo Regimento daquela fortaleza, que mandava arrecadar êstes cem mil pardãos daquele Rei, sem fazer mais alguma declaração, que só dizer, que eram de pareas. (Couto, 1542)

(028) E, pelo ElRei Dom João o III querer casar, e êle não querer, lhe não deram satisfação de seus serviços, que foi causa de se êle ir viver a Veneza com sua licença, onde esteve anos, muito respeitado do Senado, até o Imperador Carlos V o persuadir com largas promessas de mercês, que lhe ElRei faria, a se vir a Portugal, que lhe não cumpriram. (Couto, 1542)

(029) E, chegando a alguma que com menos apêto faça sua relação, me não pareceu enjeitar a que Marcelo escreveu ao Senado Romano, dando-lhe novas da derrota de Fúlvio, que dizia: " Bem sei que a nova, que vos mando, é de sentimento. (Lobo, 1574)

(030) E dos que falam pela têmpera velha, eu o não consentira senão em homens de barba larga, penteada sôbre os peitos, com carapuça redonda e pelote de abas pregadas, que vos conte histórias de El-Rei Dom Manuel e dos Infantes em Almeirim, e de quando Dom Rodrigo de Almeida tomou por compadre a Vila de Condeixa, do filho que ali lhe nasceu em tempo do bispo Dom Jorge. (Lobo, 1574)

### Neg-cl-V:

(031) Os antigos pintores não me parece que foram d'estas vossas pagas e avaliações spanholas contentes; nem eu certo cuido que o são, pois que vemos aver alguns tão manificos e liberaes que, sabendo que em sua patria não havia dinheiro que bastasse a pagar suas cousas, as davam liberalmente de graça, tendo despendido na tal obra tempo, e trabalho do sprito, e fazenda. (Holanda, 1517)

(032) E isto que digo, eu não lh'o alevanto, que cada um d'elles mesmo confessa que pinta, e chamam á pintura poesia muda". (Holanda, 1517)

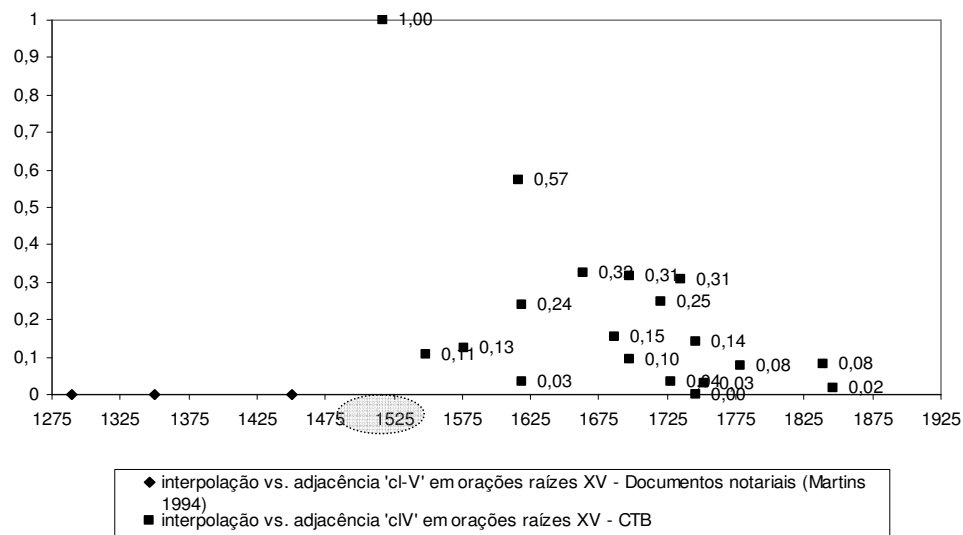
(033) O emperador ou capitão que stava no cavallo, inda que fosse belicoso e homem de armas, não lhe punhão nada na cabeça, mas sómente a sua crespá trosquia, e vestido n'uma couraça de maravilhosa obra, com sua toga por cima. (Holanda, 1517)

(034) E fechados em uma camara ambos, o que passaram não se sabe, sómente dizer Dom Manoel, que se havia de ir pera o Reino; ao que lhe disse o Governador: "Ora já que assim é, cumpre ao serviço d'ElRei que vos não embarqueis". (Couto, 1542)

(035) Para o efeito do Concílio não se podia escolher lugar mais a propósito, porque fica como em centro com Itália e Alemanha e não longe de França, e, pera segurança daqueles que, com capa de medo de jurdições poderosas coravam o pouco gosto que tinham de se acharem nesta santa junta, tinha por si não ser sojeito a nenhum rei ... (Sousa, 1556)



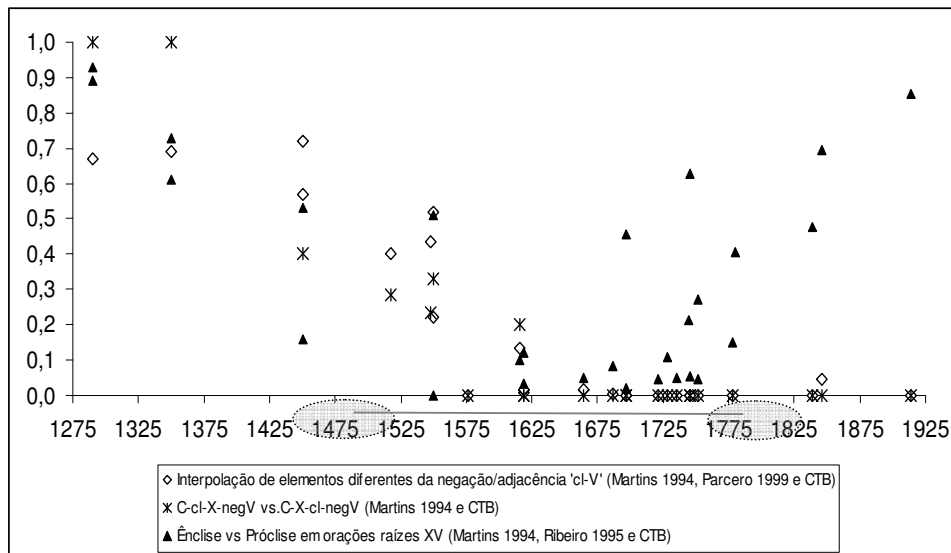
Gráfico I.7: “cl-neg-V” vs. “neg-cl-V” nas orações raízes XV do século 13 ao século 20



Também os fatos relativos à variação *ênclises versus próclises* são importantes para compreendermos a *gramática média*.

No **gráfico I.8** (logo a seguir, na próxima página) reunimos algumas opções de ordenação relevantes para entendermos e localizarmos as gramáticas e sua evolução no tempo: 1) a interpolação generalizada (exemplos 13 e 14); 2) a adjacência entre o ‘Complementizador’ e o ‘clítico’ nas sentenças com interpolação da negação (C-cl-X-negV vs. C-X-clnegV: exemplos 15 e 16); e ainda, 3) a frequência de ênclise sobre próclise nas orações matrizes (exemplos de 01 a 06).

Gráfico I.8: Três conjuntos de dados e três padrões diferentes.



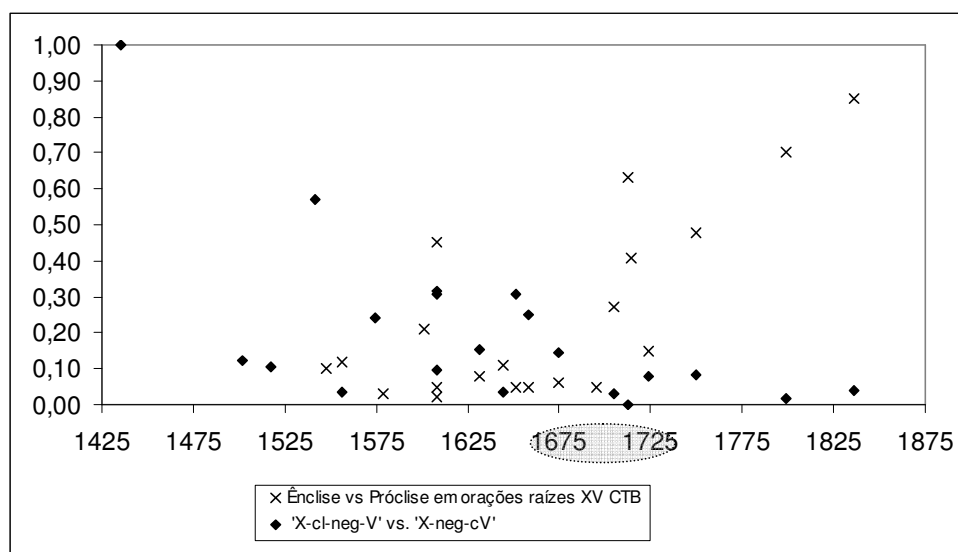
O gráfico I.8 acima sugere que a ênclise dá lugar à próclise nas orações raízes e a seqüência ‘C-cl-X-negV’ dá lugar à ‘C-X-cl-negV’ nas orações encaixadas exatamente na mesma época (queda da ênclise e de ‘C-cl-X-neg-V’ nos textos produzidos no século 15). E ainda, atesta-se a emergência de um novo padrão, nos textos editados no final do século 18, com uma progressiva subida de freqüência da ênclise nas orações matrizes, porém sem correlação com o fenômeno da interpolação de elementos diferentes da negação, pois este desaparece por completo muito antes.

Paixão de Sousa (2004), bem como Galves e Paixão de Sousa (2005), considerando as datas de nascimento dos autores, interpretam que a alternância *Vcl vs. clV* nos textos representativos dos anos 1500 e 1600, corresponde a uma alternância possibilitada por uma mesma gramática (a gramática do PM). Já nos textos representativos dos anos 1700 e 1800, a variação é, para Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006), o efeito de uma competição de gramáticas (no sentido de Kroch 1994, 2003), que por sua vez evidencia a emergência da gramática do PE. As inflexões do declínio dos padrões de interpolação peculiares da negação e a elevação da freqüência de ênclises se dão na primeira

metade dos 1700. Fato que também corrobora fortemente a hipótese do estado gramatical intermediário.

O **gráfico I.9** abaixo sobrepõe a variação encontrada nas orações não dependentes ‘*XP-verbo*’ nos domínios afirmativos – ‘*X-cl-V*’ vs ‘*X-V-cl*’ (exemplos 01 a 06 desta seção) – e nos domínios negativos – ‘*X-cl-neg-V*’ vs ‘*X-neg-cl-V*’ (exemplos 26 a 35) – nos textos do corpus Tycho Brahe. Neste gráfico, por se tratar apenas de dados do CTB, utilizamos as datas de nascimento dos autores.

Gráfico I.9: Interpolação da negação vs. adjacência ‘*clV*’ nas orações não dependentes XV & Ênclise vs Próclise em orações raízes XV CTB.



Vemos que *X-cl-neg-V* é produtivo na época em que a próclise é dominante na língua.

Justamente nos primeiros anos dos 1700 notamos o início da generalização da ênclise com *X-V* e a concomitante queda (e desaparecimento) da interpolação da negação no mesmo tipo de contexto.

Quanto às datas relevantes para as mudanças, Galves Paixão de Sousa e Namiuti (2006), consideram a data de nascimento do autor e não da produção do texto. Vimos que para a teoria gerativa este critério faz mais sentido já que a mudança é, por hipótese, um evento abrupto instanciado na aquisição da

linguagem pela criança. Além disso, Paixão de Sousa (2004) ao comparar as tendências das frequências agrupadas por nascimento e produção, notou que “*A questão geral a se observar antes de tudo é que pelas datas de nascimento, os padrões mudam na fronteira do séculos 17 e 18; pela data de produção, mudam entre a primeira e a segunda metade do 18*” (Paixão de Sousa 2004:207). A autora ainda observa que: “*Mais interessante, entretanto, será notarmos que os padrões lingüísticos nos textos apresentam uma dinâmica mais clara se agrupamos os textos conforme as datas de nascimento dos autores, que se os agrupamos conforme a data em que são escritos*” (Paixão de Sousa 2004:207).

Uma vez que os critérios de datação são diferentes nos corpora considerados para o PA, para uma possível comparação com o CTB temos que considerar uma defasagem na linha do tempo, e conseqüentemente, nas datas em que as mudanças são percebidas nos textos. Sendo assim, interpretamos que os dados indicam que o padrão proclítico encontrado nas orações matrizes ‘X V’ durante o século 16 e 17 é conseqüência da perda da possibilidade de interpolação, uma vez que a queda de uma segue a subida da outra, acrescida de um novo padrão da interpolação de ‘não’.

Mais tarde, quando a ênclise volta a ser a regra nas orações não dependentes, então perdemos a possibilidade de interpolação da negação nos contextos não dependentes ‘X V’, agora contexto de ênclise.

Desta forma corroboramos a hipótese de Galves (1996, 1998, 2001, 2004) de ter havido um estágio gramatical intermediário entre o português arcaico e o português europeu contemporâneo. Encontramos nos textos do Corpus Tycho Brahe pistas da gramática média, configurando um estado de diglossia e/ou competição de gramáticas no início e no final do período.

Propomos que os padrões encontrados na gramática média são o reflexo da mudança no domínio de hospedagem do clítico, que deixa de se relacionar com o núcleo mais alto da estrutura da frase e passa a se relacionar exclusivamente com o complexo verbal em  $\Sigma^{\circ}$ .

Algumas propostas de estabilização da ordem em português relacionam a perda do fenômeno da interpolação com a perda do fronteamto dos constituintes do Sintagma Verbal para a esquerda do verbo (cf. Martins 1997, 2005, e Parcero 1999). No entanto, acreditamos que a perda da possibilidade do fronteamto não é a razão para o desaparecimento do fenômeno da interpolação, uma vez que constatamos que este último já é obsoleto no século 16, enquanto o primeiro parece ser ainda bastante produtivo até o 18 (cf. Paixão de Sousa 2004).

A seguir, na seção I.3, argumentaremos mais em favor da hipótese do *português médio* trazendo algumas questões sobre ordem dos constituintes na diacronia do português.

### I.3 A ordenação dos constituintes frásicos no português histórico

Observa-se, no português antigo, a possibilidade de várias ordenações, sobretudo em sentenças encaixadas. Com relação ao fenômeno do fronteamto de constituintes no *português antigo e clássico*, encontramos na literatura a associação da perda do fronteamto com a perda da interpolação generalizada. A segunda mudança teria consequência na primeira. No entanto, o fronteamto dos vários constituintes verbais permanece durante toda a época clássica, ao passo que a interpolação generalizada já é obsoleta no século 16.

Martins (1997, 2005) demonstra que a ordem OV é bastante derivada no PA, podendo ser o reflexo do deslocamento à esquerda (*left deslocation*), do foco identificacional, ou ainda, do scrambling dentro do domínio de IP. Este terceiro tipo de movimento não é permitido em PE moderno<sup>28</sup>, e é

---

<sup>28</sup> No português Europeu contemporâneo, a ordenação de constituintes é, normalmente, estruturada obedecendo a um padrão SVO, em que o verbo é seguido de seus complementos. Algumas exceções a esse padrão são encontradas no PE, entretanto, como aponta Martins (2005), os deslocamentos atuais estão mais diretamente relacionados a questões de focalização ou topicalização dos elementos fronteados, refletindo apenas recursos de ordem discursiva. No PA, como sabemos, e em outras línguas românicas

opcional no PA, como nos mostram os exemplos abaixo atestados por Martins (2005:182).

(036) Sse pela u~etura uos algu~e **a dita v~ya** ENBARGAR (Documento notarial, século 13)

(037) Sse pela u~etura uos algu~e ENBARGAR **a dita v~ya** (Documento notarial, século 13)

A autora propõe que o *scrambling* de objeto no PA é o movimento para Spec AgrS, e afeta DPs, PPs, AdvPs (respectivamente: sintagmas determinantes, sintagmas preposicionais, e adverbiais) e orações reduzidas de infinitivo ou participio. E ainda ressalta que tal fenômeno não é restrito a apenas um constituinte por oração, mas vários constituintes podem ser movidos, e que também é encontrado tanto em orações com sujeito nulo, quanto com sujeito lexical (como nos exemplos acima). Segundo Martins (2005), no PA, AgrS teria uma seleção de traços ininterpretáveis (um traço EPP) com uma propriedade de atrair todo – F (*attract-all-F*), ou seja, todo sintagma com um *traço forte*. Em sua análise AgrS permitiria múltiplos Specs e os constituintes movidos por *scrambling* ocupariam os Specs de AgrS. A ordem ‘OV’ deverá, portanto, ser própria das orações encaixadas, já que, de acordo com a proposta de Martins, o verbo se move para um núcleo mais alto que AgrS<sup>o</sup> nas orações não dependentes do PA. Assim, uma vez que os constituintes movidos por *scrambling* são os mesmos que podiam ser interpolados entre o clítico e o verbo, e ainda nos mesmos contextos (orações dependentes), Martins (2005) correlaciona o desaparecimento da interpolação com a perda desta propriedade de AgrS selecionar múltiplos Specs.

A anteposição de constituintes do VP ao verbo nos séculos 15, 16 e 17 é também o objeto de investigação de Parceró (1999). A autora convencionou chamar de **fronteamento** qualquer deslocamento de constituintes do VP para uma posição pré-verbal, como nos exemplos a seguir, tirados de sua dissertação:

---

arcaicas e germânicas modernas, a anteposição de constituintes do VP ao verbo é muito frequente, e tem sido objeto de investigação de diversos autores em suas dissertações (como exemplos cito Rivero, 1993; Ribeiro, 1995 e Parceró 1999).

- (038) mostrava que **muy espantada** VIERA a sua alma das penas (VDS 24-38)<sup>29</sup> (Parcero, 1999: 2)
- (039) dinheiros aos que **carregar** QUIRIAM (DFR 85-6) (Parcero, 1999: 2)
- (040) Rogue a Deos por my que **apostolo** HE de Deos (VDS 338-28) (Parcero, 1999: 2)

No que diz respeito às estruturas com **interpolação**, Parcero (1999) entende este fenômeno como um *tipo específico de fronteamento*.

O trabalho de Parcero (1999) foi pioneiro em investigar o fronteamento e a interpolação de constituintes concomitantemente e ainda tratar a interpolação como um tipo específico de fronteamento. De acordo com a autora, os resultados da sua análise do fronteamento e da interpolação, sob a luz da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981), apontam para construções em processo de mudança estrutural. “*A perda da interpolação é, de acordo com esta análise, uma consequência da perda do fronteamento.*” (Parcero, 1999:75).

Os fenômenos do fronteamento e da interpolação envolvem os constituintes complementos e adjuntos. A princípio, Parcero (1999) verifica que parece não haver restrições sintáticas sobre o tipo de constituinte que pode ser fronteado: (Parcero 1999:17).

- (041) e pode enquerer ... que **honrra e estado** TINHA (DFR 11-279).
- (042) Porque **por todos** DARAS conta e rrazom a Deos (VDS 21-16).
- (043) Sabede que **natural cousa** HE de cada hua cousa demendar (VDS 9-30).
- (044) Parecia que **em seu coraçam nam** JAZIA o contrário (GRS 1817)
- (045) Tudo o que **agora** TOMASSE (PRG 30-214).
- (046) depois que **adubado** FOSSE (DFR 60-321).
- (047) Nos bees d’aquelles que **paguar** nom QUISESSEM (DFR 49-321)

---

<sup>29</sup> Parcero (1999) utiliza as iniciais dos textos que constituem o *corpus* seguidas do número da página ou da carta (quando se tratar de cartas) e/ou do número da linha em que se encontra o dado diante de cada caso para os identificar.

DFR –Crônica de D. Fernando  
VDS – Vida de Santos  
GRS - Livro das Obras de Garcia Resende  
DCP – Ásia Década Primeira  
PRG – Peregrinação  
CTS – Cartas Espirituais/Cartas Familiares

Um objeto direto, como em (41); um complemento oblíquo, em (42); um predicativo, em (43); um adjunto adverbial de lugar, em (44); um adjunto adverbial de tempo, em (45); o particípio passado em (46) e o infinitivo em (47).

A autora constatou que não há uma diminuição na percentagem de elementos fronteados do século 15 ao 17. Porém, nota que os constituintes complementos deixam de ser fronteados no século 17 enquanto os adjuntos permanecem sendo fronteados.

Quanto às construções com clíticos, fundamentais para uma análise completa, Parceró (1999) atestou o fenômeno da interpolação nos mesmos contextos atestados por Martins (1994), contextos de próclise categórica, preferencialmente em orações encaixadas. Então computou todas as ocorrências de clíticos em sentenças encaixadas, encontrando três tipos principais de construções: ‘cl-X-V’, que corresponde ao contexto de interpolação, ‘cl-V-X’ e ‘X-cl-V’, que se referem às estruturas de clíticos adjacentes ao verbo. Estas ordens se alternam livremente nos textos.

Parceró (1999) argumenta, com os dados apresentados no quadro abaixo (quadro I.1), que as estruturas com o clítico adjacente ao verbo são, no geral, mais comuns que a interpolação dos constituintes e ainda aumentam sua frequência no século 16 e 17. A autora também aponta nesse quadro que as construções ‘cl-X-V’ e ‘cl-suj-V’ desaparecem no século 17, enquanto as construções ‘X-cl-V’ e ‘suj-cl-V’ aumentam e as construções ‘cl-V-(X)’ e ‘cl-neg-V’ permanecem estáveis.

Quadro I.1: Estruturas para investigar o fronteamto (Parceró, 1999).

Século		15		16			17	TOTAL
Data aproximada		1434	1450	1533	1550	1570	1670	DOS
Texto		DFR	VDS	GRS	DCP	PRG	CTS	DADOS
Com interpolação	cl X V	29/27%	6/6%	4/4%	14/14%	2/1%	0	55/8%
	cl neg V	9/8%	14/14%	14/12%	8/8%	29/18%	24/15%	98/13%
	cl suj V	9/8%	7/7%	1/1%	9/10%	1/1%	0	27/4%
Sub-total		47/43%	27/27%	19/17%	31/32%	32/20%	24/15%	180/25%
Sem interpolação	cl V (X)	46/43%	66/67%	49/42%	45/48%	80/51%	64/40%	350/48%
	X cl V	6/6%	4/4%	43/37%	9/10%	27/18%	51/32%	140/19%
	Suj cl V	8/8%	2/2%	4/4%	9/10%	17/11%	21/13%	61/8%
Sub-total		60/57%	72/73%	96/83%	63/68%	124/80%	136/85%	551/75%
TOTAL		107	99	115	94	156	160	731



Entretanto faltam estruturas que deviam ser consideradas no quadro acima, para uma interpretação mais exata da situação. Uma vez que Parcerro (1999) considera *'cl-neg-V'* e as construções *'Sujeito-V'*, deveria também considerar *'neg-cl-V'* e *'Verbo-Sujeito'*, do contrário podemos ter um leque de variação incompleto para extração de frequências, o que pode comprometer a interpretação dos resultados obtidos.

Separamos os dados do quadro I.1 por contexto para entender melhor as opções de ordem de cada texto.

Quadro I.2 Interpolação e fronteamto do sujeito (Parcerro, 1999).

Século	15		16			17
Data	1434	1450	1533	1550	1570	1670
Texto	DFR	VDS	GRS	DCP	PRG	CTS
cl sui V	9/52%	7/77%	1/20%	9/50%	1/5%	0
Suj cl V	8/48%	2/23%	4/80%	9/50%	17/95%	21/100%
TOTAL	17	9	5	18	18	21

Quadro I.3 Interpolação e fronteamto de XPs (Parcerro, 1999).

Século	15		16			17
Data	1434	1450	1533	1550	1570	1670
Texto	DFR	VDS	GRS	DCP	PRG	CTS
cl X V	29/83%	6/60%	4/9%	14/61%	2/7%	0
X cl V	6/17%	4/40%	43/91%	9/39%	27/93%	51/100%
TOTAL	35	10	47	23	29	51

Os quadros acima sugerem uma instabilidade no uso da interpolação no século 16 revelada pela grande diferença encontrada nos textos representativos deste século (enquanto a interpolação generalizada é marginal em PRG, em DCP é bastante freqüente – 50%). Note que esta relação nada nos diz sobre a preferência do fronteamto nos textos, uma vez que não medimos *'cl-V-X'*, e *'cl-V-Suj'*. Aqui só medimos a freqüência em que os constituintes em posição pré-verbal ocorre interpolado entre o clítico e o verbo.

Quanto ao fronteamto, somemos as estruturas *'X-cl-V'* e *'cl-X-V'*, por hipótese estruturas de fronteamto, e vamos contrapor com a estrutura *'cl-V-X'*, sem o fronteamto, para sabermos o quão freqüente é o fronteamto no corpus de Parcerro (1999).

Quadro I.4 Fronteamento de XPs (Parcero, 1999)

Século	15		16			17
Data	1434	1450	1533	1550	1570	1670
Texto	DFR	VDS	GRS	DCP	PRG	CTS
X cl V + cl X V	35/43%	10/13%	47/49%	23/34%	29/26%	51/44%
Cl V (X)	46/57%	66/87%	49/51%	45/66%	80/74%	64/56%
TOTAL	81	76	96	68	109	115

Comparando os quadros de I.2 a I.4, vemos que apesar de o fronteamento nas construções com clítico se manter até o século 17, a construção de fronteamento mais freqüente no primeiro texto do século 15 é *clXV*, enquanto que no século 17 é *XclV*. Este fato vai ao encontro de nossa proposta de que a perda do fenômeno da interpolação não está relacionada com a perda do fronteamento. Perde-se a interpolação, mas o fronteamento permanece na língua clássica.

Concordamos com Parcero (1999) em que o fronteamento de constituintes e a interpolação são fenômenos relacionados: uma vez que a interpolação é opcional, o clítico pode se colocar ora antes dos constituintes movidos (fronteados) ora depois (*'cl-X-V'* / *'X-cl-V'*). Mas não parece ter sido a perda da possibilidade do fronteamento a causa do desaparecimento da interpolação. Como adiantamos, nossos dados revelam que a perda do fenômeno da interpolação é anterior ao século 17. A possibilidade do fronteamento teria persistido durante a época clássica, o que explicaria uma série de propriedades da língua nesta época.

Paixão de Sousa (2004) traz evidências, baseadas em vinte textos do corpus anotado do português Histórico Tycho Brahe, de que o fronteamento é ainda uma construção importante no *português clássico*, e que a possibilidade de tal construção é fundamental para entender e explicar os padrões da colocação de clíticos nesta fase.

Corroborando a hipótese de Galves (1996, 1998), Paixão de Sousa (2004:163) argumenta que a passagem do *sistema médio* para o *moderno* seria a passagem de um sistema de *'XVS'* para um sistema de *'SVX'*.

A autora constatou que de fato em todos os períodos há construções ‘SVO’, assim como há construções ‘VS’ com ênclises e próclises, porém observou diferenças importantes para a passagem do *sistema médio* para o PE moderno no século 18:

*“as ordens com XV e com próclises tornam-se menos freqüentes; a ordem X-XcI VS desaparece dos textos já na primeira metade do século 18; e as ordens VSX caem de 0,07 para 0,01 nos textos entre a segunda metade do século 17 e o texto do século 19. Isto permite afirmar que a queda do patamar de cerca de 20% para o patamar de cerca de 10% de ordens VS é explicável fundamentalmente como uma queda na freqüência de construções que instanciam o fronteamto de constituintes para uma posição acima da posição de sujeitos.*

*Tomo assim os fatos referentes à inversão como relevantes para compreender o sistema dos textos médios, e sua diferença com os modernos. A despeito de não se ter disponível uma análise mais sistemática da natureza da posição de fronteamto em termos discursivos, estes fatos todos tomados em conjunto indicam ser razoável propor que nos textos clássicos, está ativa uma posição pré-verbal para fronteamto de constituintes regida por propriedades do tipo “V2” (Paixão de Sousa, 2004:162)*

Paixão de Sousa (2004:157) demonstra que as ordens ‘VS’ com ênclises na *gramática média* são, em sua maioria, casos de V1 absolutos – ou seja, ‘#VcIS’. Apenas no texto de Ortigão (1836) a proporção de ‘#VcIS’ será superada pela proporção de ‘X-VcIS’. Além disso, não se registra, em nenhum período, casos de inversão com ênclises em ordens V3 (‘X-X-VcIS’).<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Cabe salientar que existe na história do português 2 tipos de inversão ‘verbo-sujeito’: as inversões românicas e as germânicas.

*As inversões românicas se instanciam preferencialmente como #VS, ou mais caracteristicamente, #VXS, e correspondem a uma focalização do sujeito, que ocupa uma posição pós-verbal mais baixa, ou seja, pode estar depois dos complementos do verbo. Nestes casos, a inversão é de fato uma propriedade dos sujeitos, que permanecem em VP – ou são extrapostos à direita, a depender da análise; de qualquer modo, o que está em jogo neste caso é a natureza do sujeito. Este tipo de construção pode ser identificada nas ordens VXS, ou seja, em que entre o verbo e o sujeito há um outro constituinte de VP (...)*

*Já a inversão germânica – #XVS, ou mais caracteristicamente #XVSX – não é, a rigor, uma inversão. Pois o que está em jogo nestes casos não é o sujeito, que está em sua posição “regular” – mas sim o movimento de um outro constituinte de VP para uma posição mais elevada que a posição regular do sujeito. Este movimento envolve a subida do constituinte em questão para ocupar o especificador de determinada categoria funcional para cujo núcleo o verbo por sua vez se move – explicando a ordem linear XVS. O sujeito, assim, é “deixado para trás” – e isto pode acontecer mesmo com sujeitos que não são focos. Na verdade, nestas configurações o constituinte X pré-verbal será o elemento mais saliente da sentença. As ordens VS deste tipo se configuram tipicamente como XVSX (...)*

A autora também chama a atenção para o fato da ordem ‘XcIVS’, que seria a configuração mais característica do fronteamento, ser o tipo de inversão mais freqüentemente atestada nos textos do séculos 16 e 17. (Cf. Paixão de Sousa, 2004:161).

Sendo assim, para Paixão de Sousa 2004, no *português clássico*, a ordem ‘SV’ é fruto ora do fronteamento do *sujeito*, ora de sua topicalização. Segundo a autora:

*“... observando as tendências de freqüência de diferentes classes de construções XV com próclises, veremos que o comportamento dos sujeitos pré-verbais referenciais com próclises é comparável ao de elementos necessariamente fronteados.” (Paixão de Sousa 2004: 85)*

*“.... constituintes que não podem participar da operação de adjunção nunca aparecem com ênclises. Podemos portanto considerar que no sistema médio, a ênclise é uma característica indicadora de adjunção. Em vista disso defenderei que os sujeitos em SVcl podem ser classificados como adjuntos nos textos até o século 18, período em que apresentam um comportamento comparável aos demais adjuntos (mas como veremos, isso diferencia os textos mais modernos dos textos médios, uma vez que a freqüência de ocorrência de SVcl neles é mais elevada que a freqüência de outros XVcl).” (Paixão de Sousa 2004: 85)*

Os resultados apresentados por Gibrail<sup>31</sup> (2007, tese em andamento) corroboram fortemente a hipótese de Paixão de Sousa (2004) e nossa análise para as três gramáticas que pontuaram na história da língua portuguesa. A autora mostra que nos autores nascidos nos séculos 16 e 17 há a atuação de uma gramática **V2** no licenciamento das várias formas de manifestação de estruturas de tópico.

---

*Para poder verificar a freqüência de cada tipo de inversão, é preciso separar do total de ordens VS o sub-conjunto dos dados em que a posição do sujeito em relação aos demais constituintes pós-verbais possa ser bem documentada (ou seja, separar apenas (X)VXS e (X)VSX). (Paixão de Sousa 2004: 160, 161)*

<sup>31</sup> GIBRAIL, Alba Verôna Brito. (tese em andamento). Formas de Manifestações de Estruturas de Tópico do português clássico: Mudança de Comportamento Sintático na Diacronia. Apresentação no workshop do projeto temático Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística - IEL/UNICAMP. Agosto, 2007. O levantamento de dados de Gibrail considera as construções com topicalização nos domínios dependentes e não-dependentes e marca o estatuto (lexical ou nulo) e a posição (SV, VS) do sujeito em textos do corpus Tycho Brahe.

Os dados de Gibrail (Corpus Tycho Brahe) apresentam uma grande tendência para o licenciamento de objetos em posição de tópico em estruturas **V2**, ou seja, *XV*, com e/ou sem clítico (96,5% de ordem *XV*, contra 2,5% de *XXV* e 1% de *XXXV*, no século 16; e 94,7% de ordem *XV*, contra 5,1% de *XXV* e 0,2% de *XXXV*, no século 17). Nas sentenças com clíticos, o uso da próclise é superior ao da ênclise (98,1% de próclise no século 16 e 94,8% no século 17). Quanto ao sujeito, temos o uso maior de sujeito lexical em posição pós verbal (**SV**: 1,8% no século 16 e 1,3% no século 17; **VS**: 33,6% e 37%; **Sujeito nulo**: 64,6% e 61,7%). Este quadro começará a mudar a partir do século 18, com a presença concomitante de estruturas de tópico com propriedades **V2** e estruturas de tópico com propriedades não **V2**, nos dados dos autores nascidos entre 1702-1845, em decorrência da participação de gramáticas em competição. Gibrail atesta a diminuição da frequência de uso de estruturas de Topicalização, paralelamente à evolução da frequência de uso de estruturas de CLLD (*clitic left deslocation*) em função da restrição de licenciamento de sintagmas topicalizados na categoria de elementos fronteados.

Consideramos que a perda do fenômeno da interpolação ocorre antes da perda do fronteamento, sendo a *gramática média*, caracterizada pela adjacência entre ‘clítico’ e ‘verbo’, mas com propriedades **V2**, como o fronteamento dos constituintes do **IP/VP**. Evidenciamos este estado intermediário entre **PA-PE** através da constatação da ordem ‘*C-X-clnV*’, que toma o lugar da ordem ‘*C-cl-X-nV*’ nas orações dependentes, ao passo que surge a ordem ‘*X-clnV*’ nas orações não dependentes neutras, justamente num momento em que a próclise é dominante nos domínios não dependentes.

A seguir, no capítulo segundo, trataremos a descrição detalhada e comentada dos dados de *interpolação vs adjacência clítico-verbo* no CTB que sustentarão esta hipótese.



---

**II. CAPÍTULO SEGUNDO.  
O FENÔMENO DA  
INTERPOLAÇÃO NOS  
TEXTOS PORTUGUESES DE  
AUTORES NASCIDOS  
ENTRE O SÉCULO 15 E O 19.**

*“dos quinhentistas herdamos a melhor parte da nossa sintaxe de hoje, e grande parte do nosso vocabulário corrente; mas muitas formas lá ficaram, que ninguém hoje procura gavanizar, e que não teriam agora com nosso falar comum” (Cândido de Figueiredo, 1994:71, 1ª edição: 1909)*

---





## II.1 - Introdução ao capítulo

Neste Capítulo, descreveremos em detalhes a interpolação encontrada nos *vinte* textos do Corpus Tycho Brahe que constituem a base empírica desta pesquisa (autores nascidos entre 1435 e 1836 – cf. corpus da pesquisa no Anexo).

Com a finalidade de retomar e completar o panorama que sustentará a discussão presente na descrição dos dados nas seções seguintes, esta seção introdutória será dedicada à comparação dos resultados da variação *interpolação vs. adjacência 'clítico-verbo'* no CTB com as descrições do fenômeno para PA, e para o PE.

Os elementos interpolados e os contextos em que são interpolados não são os mesmos nos diferentes períodos da história da língua podendo sugerir uma mudança sintática que afeta a colocação de clíticos, em especial o fenômeno da interpolação.

O quadro II.1 abaixo, reproduzido de Martins (1994:193), já indica para a interpolação de elementos diferentes de *não* o início de um processo de mudança a partir do século 15: a frequência de interpolação de elementos diferentes da negação começa a diminuir. Esta tendência fica mais clara nos textos literários (confirmada também pelos resultados de Parcerro, 1999 e Fiéis, 1997, 2001).

Já a frequência de interpolação da negação é sempre muito superior à dos demais constituintes interpoláveis (valores próximos a 100%, cf. quadro II.2 na página seguinte) e isto, para Martins (1994), indica que a interpolação de *'não'* tem uma história própria.

Quadro II.1 – Interpolação de elementos diferentes de *não* (Martins 1994)

	Século 13	Século 14	Século 15	Século 16
Interpolação atualizada	26/39 (66,6%)	78/113 (69,1%)	70/123 (57%)	62/120 (51,7%)
Clítico adjacente ao verbo em estruturas de potencial interpolação	13/39 (33,3%)	35/113 (30,9%)	53/123 (43%)	58/120 (48,3%)

Quadro II.2 – Interpolação de *não* (Martins 1994)

	Século 13	Século 14	Século 15	Século 16
Interpolação atualizada	16/17 (94,1%)	30/31 (96,8%)	13/14 (90,7%)	18/20 (90%)
Clítico adjacente ao verbo em estruturas de potencial interpolação	1/17 (5,9%)	1/31 (3,2%)	1/14 (9,3%)	2/20 (10%)

O quadro II.3 abaixo reflete a presença *versus* a ausência de interpolação de elementos diferentes da negação no corpus de documentos literários de Parcerro (1999) e indica uma situação de mudança gramatical entre os séculos 15 e 16.

Quadro II.3: Interpolação de elementos diferentes de *não* (Parcerro 1999)

	Século 15	Século 16	Século 17	TOTAL
CI XP V	51/72%	31/22%	-	82/29%
XP cl V	20/28%	109/78%	72/100%	201/71%
Total	71	140	72	283

É possível, segundo Parcerro (1999), que a diferença de resultados entre os corpora para o século 16 (quadro II.1 e II.3) possa ser justificada pelo fato do *corpus* de Martins (1994) ser constituído de documentos notariais, e documentos dessa natureza serem mais conservadores, e ainda acrescento: geralmente formulaicos.

No Corpus de Parcerro (1999) o elemento mais frequentemente interpolado foi a negação. Dos *cento e oitenta* casos de interpolação atestados, em *noventa e oito* o elemento interpolado foi o *não*, o que equivale a **54%**. Esta preferência pela interpolação da negação também foi atestada por Martins (1994) em seu corpus (século 13 a 16). Outrossim, o clítico raramente aparece adjacente ao verbo em sentenças negativas em ambos os corpora, tanto no corpus de Parcerro (1999), quadro II.4 na próxima página, como no de Martins (1994), quadro II.2 acima, a estrutura preferida das construções negativas foi a interpolação do *não* entre o clítico e o verbo.

Quadro II.4: Interpolação de *não* (Parcero 1999)

Século	15		16			17	TOTAL
Data aproximada	1434	1450	1533	1550	1570	1670	
Texto	DFR	VDS	GRS	DCP	PRG	CTS	
Cl neg V	9/90%	14/82%	14/100%	8/100%	29/94%	24/96%	98/93%
Neg cl V	1/10%	3/18%	0	0	2/6%	¼/4%	7/7%
TOTAL	10	17	14	8	31	25	105

O fato de a negação ter uma grande probabilidade de ocorrer interpolada, e continuar sendo interpolada para além do século 16 também no corpus de Parcero (1999), fortalece a hipótese da interpolação do “não” ser estruturalmente diferente da interpolação de outros constituintes.

Os dados de interpolação de elementos *diferentes da negação* nos textos do CTB limitaram-se aos textos de autores nascidos até a primeira metade do século 17. Diogo do Couto (1542-1606), Frei Luís de Sousa (1556-1632), Francisco Rodrigues Lobo (1574-1621), Francisco Manuel de Melo (1608-1666) e António das Chagas (1631-1682) são os autores dos últimos textos que registraram a interpolação de elementos diferentes de ‘*não*’. Depois, temos um vasto período em que nada, a não ser a negação, é interpolado, o que está de acordo com outras pesquisas que observaram este fenômeno (Martins, a partir de 1994, Parcero, 1999, Fiéis, 2001).

Constatamos que a interpolação de elementos diferentes da negação já não é preferencial no texto de Duarte Galvão (1435-1517) (40%), é obsoleta em Diogo do Couto (1542-1606) (15%). E o mais surpreendente, o fenômeno não foi atestado no texto de Pero Magalhães de Gandâvo (1502- ??) (0%). Os textos tardios – Luís de Sousa, Francisco Rodrigues Lobo, Francisco Manuel de Melo e António das Chagas apresentaram uma frequência abaixo de 2% (mais exatamente 1%, 2%, 2% e 0,4%) de interpolação de elementos diferentes da negação ao compararmos com os casos de adjacência ‘*clV*’ com potencialidade para a interpolação. Também seus contemporâneos não atestaram o fenômeno nos seus inúmeros casos de próclise, como podemos constatar no quadro II.5 a seguir, referente à *interpolação generalizada*<sup>32</sup> vs. *adjacência ‘cl-V’* (versão reduzida da Tabela 1, ANEXO - seção II.ii.1).

<sup>32</sup> Lembremos que *interpolação generalizada* remete à interpolação de elementos diferentes da negação.

Quadro II.5: interpolação generalizada vs. adjacência 'clV' - CTB

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1606	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
C-CLX(x)V	73	0	76	37	3	7	0	0	9	2	0	0	0	0	0	0	0	0	12	0
	0,40	0,00	0,44	0,15	0,01	0,02	0,00	0,00	0,02	0,004	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,05	0,00
CX(x)CLV	109	17	98	207	308	416	387	430	586	472	346	234	264	295	641	446	159	385	247	168
	0,60	1,00	0,56	0,85	0,99	0,98	1,00	1,00	0,98	0,996	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	0,95	1,00
TOTAL de dados (CxXV e CxclV)	182	17	174	244	311	423	387	430	595	474	346	234	264	295	641	446	159	385	259	168

No entanto, apesar de ainda encontrarmos alguns casos de interpolação nos textos de autores nascidos no início do século 17, a mudança que veda a possibilidade de gerar a interpolação generalizada pode ser bastante anterior.

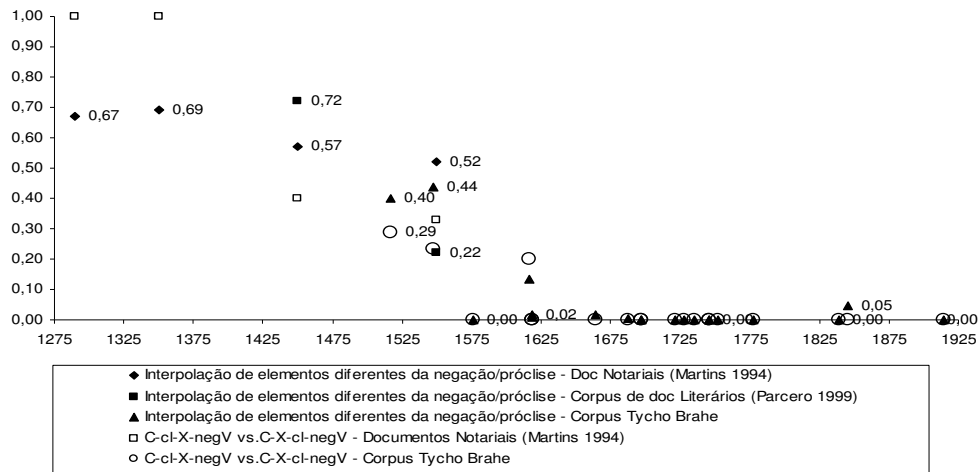
Ao compararmos os dados das pesquisas que contemplaram corpora de textos *arcaicos* aos dados do CTB, notamos uma diminuição das sentenças 'C-cl-X-neg-V' em relação às sentenças em que temos um 'X' pré-verbal entre o *complementador* ('C') e 'cl-neg-V' paralelamente à queda da interpolação generalizada.<sup>33</sup>

- (01) Que edeficios perpetuos e statuas pesadas tem inda esta cidade, que lhe eu já não tenha roubado e leve , sem carretas nem navios , em leves folhas ? (Holanda, 1517: IH001\_1517||00045)<sup>34</sup>
- (02) A qual permitirá Deus , que ainda em nossos dias se descubra toda, para que com ela se aumente muito a coroa destes Reinos : aos quais desta maneira esperamos (mediante o favor divino ) ver muito cedo postos em tão feliz e próspero estado , que mais se não possa desejar. (Gandávo, 1502: |G008-1502||0181|[g\_008\_s\_608])
- (03) Isto digo, enquanto Vossa Reverência lhe não der os ditos mil cruzados que disse. (Sousa, 1556: [sou\_clnV-00020])

<sup>33</sup> Todos os dados se encontram classificados em: <http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/namiuti/index.html> - e são facilmente localizados pela codificação e numeração entre 'l l' ou '[ ]'. A diferença encontrada na codificação dos dados de alguns textos se explica pelo fato de termos tido duas propostas de codificação durante a pesquisa. Remeto ao Anexo: seção III.

<sup>34</sup> Os exemplos dos dados do CTB apresentados neste capítulo serão identificados pelo nome do autor e ano de nascimento seguido pelo código e numeração de identificação do dado entre | l e/ou [ ].

Gráfico II.1: Queda de *C-cl-X-neg-V* e estabilização da ordem *C-X-cl-neg-V*



Ou seja, a ordem '*C-X-cl-neg-V*' parece estabilizar-se nos textos produzidos a partir do século 15. (Cf. gráfico II.1 acima).

Este resultado nos leva a concluir que a interpolação de elementos diferentes da negação entre o clítico e o verbo está no seu estado decadente, em vias de desaparecer por completo dos textos, e provavelmente já competindo com uma nova gramática que vemos surgir nos textos de autores nascidos na segunda metade do século 15 e início do 16.

Quanto à negação, ela continua a ser frequentemente interpolada para muito além do século 17 (cf. tabelas do anexo: Tabela 3 e Tabela 4 da seção II.ii.3, reproduzidas aqui, em versão reduzida, nos quadros II.6 e II.7).

Quadro II.6: *interpolação da negação vs. adjacência 'clV' em todos os contextos – CTB*

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
CLNV	40	6	61	93	54	98	106	162	146	135	66	43	57	28	97	36	33	65	80	38
	0,95	0,67	0,46	0,88	0,73	0,69	0,60	0,73	0,78	0,62	0,57	0,72	0,81	0,70	0,43	0,23	0,56	0,58	0,57	0,56
NCLV	2	3	71	13	20	45	71	60	40	82	49	17	13	12	129	124	26	47	61	30
	0,05	0,33	0,54	0,12	0,27	0,31	0,40	0,27	0,22	0,38	0,43	0,28	0,19	0,30	0,57	0,78	0,44	0,42	0,43	0,44
SOMA	42	9	132	106	74	143	177	222	186	217	115	60	70	40	226	160	59	112	141	68

Quadro II.7: interpolação da negação vs. adjacência 'clV' apenas em subordinadas finitas – CTB

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	Q_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
CLNV	30	3	45	47	42	63	71	113	97	95	45	32	40	21	72	28	22	52	50	29
	0,94	1,00	0,63	0,72	0,81	0,89	0,84	0,85	0,93	0,90	0,78	0,84	0,93	0,88	0,84	0,36	0,73	0,84	0,98	0,91
NCLV	2	0	27	5	10	8	14	20	7	11	13	6	3	3	14	50	8	10	1	3
	0,06	0,00	0,38	0,08	0,19	0,11	0,16	0,15	0,07	0,10	0,22	0,16	0,07	0,13	0,16	0,64	0,27	0,16	0,02	0,09
SOMA	32	3	72	65	52	71	85	133	104	106	58	38	43	24	86	78	30	62	51	32

Todavia deparamo-nos com algo curioso: No século 19 voltamos a atestar a interpolação de *sujeitos pronominais* no texto de Almeida Garrett (1799-1854).

- (04) Agora, do frade é que me eu queria rir, mas não sei como. (Garrett, 1799: IG005II0004I)
- (05) E foi por esta, foi por amor desta que me eu deixei descair na digressão dramático-literária do princípio deste capítulo ; pegou-se-me à pena porque se me tinha pregado na cabeça; e ou o capítulo não saía, ou ela havia de sair primeiro . (Garrett, 1799: IG005II0003I)
- (06) O que me eu parece é que nós temos cedo muita pancada rija (Garrett, 1799: IG005II0008I)
- (07) O que lhe ela fora , assaz to tenho explicado , leitor amigo e benévolo: o que lhe ela será ... (Garrett, 1799: IG005II0010I)
- (08) Nunca duvidei do que me elas diziam: não se mente assim, tu não mentias então . (Garrett, 1799: IG005II0013I)
- (09) Mas um rochedo em que me eu sente ao pôr do Sol na gandra erma e selvagem, vestida apenas de pastio bravo, baixo, e tosqueado rente pela só boca do gado - diz-me coisas da terra e do céu que nenhum outro espectáculo me diz na natureza. (Garrett, 1799: IG005II0002I)
- (10) Joanhinha não lhe tinha medo , mas o respeito que lhe ele inspirava era misturado de uma aversão instintiva , que , por contradição inaudita e inexplicável , a deixava simpatizar com tudo quanto ele dizia e professava : doutrinas , opiniões , sentimentos , tudo lhe agradava no frade , menos a pessoa . (Garrett, 1799: IG005II0005I)
- (11) !O que lhe ela fora , assaz to tenho explicado , leitor amigo e benévolo : o que lhe ela será ... (Garrett, 1799: G005II0009I)
- (12) - " Nem te eu quero para frade " . (Garrett, 1799: IG005II0006I)
- (13) Em lhe eu dizendo quem tu és e a que cá vens , ele sabe o estado de minha avó , e tem-lhe muita amizade , dá-nos decerto licença para tu vires em toda a segurança . (Garrett, 1799: IG005II0011I)
- (14) - respondeu o frade aproximando-se , e chegando o braço a alcance de lho ela beijar : - " Ora aqui estou , minha irmã ; que me quer ? (Garrett, 1799: IG005II0001I)
- (15) Vem e vem muito: vem para mostrar que a história , lida ou contada nos próprios sítios em que se passou , tem outra graça e outra força ; vem para te eu dar o motivo por que nestas minhas viagens , leitor amigo , me fiquei parado naquele vale a ouvir do meu companheiro de jornada , e a escrever para teu proveitamento , a interessante história da menina dos rouxinóis , da menina dos olhos verdes , da nossa boa Joanhinha . (Garrett, 1799: IG005II0012I)

Magro (2006, 2007)<sup>35</sup> mostra que a interpolação de certos elementos diferentes da negação volta a existir no século 19 e 20 no PE como um fenômeno dialetal. Porém, a interpolação existente em alguns dialetos no PE moderno não é a mesma interpolação do PA (em que o clítico está claramente longe da morfologia verbal). Além da negação, apenas elementos *dêiticos* (alguns advérbios, ex: *lá, cá*; PPs locativos, ex: *para lá*), e *pronomes sujeito* podem ocorrer entre o ‘clítico’ e o ‘verbo’ nos dialetos do PE, fato que sugere estar em jogo uma outra configuração para o fenômeno. Magro (2007), levando em conta o vasto período de tempo em que não encontramos a interpolação de elementos diferentes da negação, nem mesmo nos textos mais populares (como é o caso do Corpus “Mãos Inábeis” de Rita Marquilhas<sup>36</sup>), propõe que o fenômeno no PE emerge recentemente na gramática por influência da interpolação da *negação*. Para a autora o mecanismo que gera a interpolação dialetal contemporânea é derivado de uma operação de metátese, tal operação atua na componente morfológica em PF. Para a autora, a interpolação, a ênclise opcional e a duplicação de clítico são diferentes instâncias de um mesmo mecanismo gramatical.

A seguir, na seção II.2, veremos em detalhes o fenômeno da interpolação nos textos do corpus Tycho Brahe.

## II.2 - A interpolação nos textos do Corpus Tycho Brahe

Uma vez que a interpolação está em variação com a próclise com adjacência ‘*clítico-verbo*’, para medirmos o quanto o autor interpola os elementos diferentes da negação faz-se necessário definir o conjunto dos elementos em variação.

---

<sup>35</sup> Magro (2006, 2007) toma como base empírica os dados reunidos no *CORDIAL-SIN – Corpus Dialectal com Anotação Sintática* ([www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin](http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin)).

<sup>36</sup> O Corpus *Mãos Inábeis* é composto de documentos inquisicionais (cartas de denúncias) e foi editado por Marquilhas, M. R. B. na ocasião de seu doutorado *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no século XVII*. Universidade de Lisboa, 1996.

Nem todos os dados de próclise com adjacência ‘clV’ estão em variação com a interpolação, pois, para que a opção da interpolação seja válida é preciso que no contexto exista um elemento pré-verbal interpolável. A análise quantitativa deverá, portanto, adotar alguns critérios para a seleção dos dados a serem comparados.

Ao examinarmos os dados de próclise com adjacência ‘cl-V’ do texto consideramos os contextos potenciais de interpolação. Por exemplo: no texto de Diogo do Couto foram registrados *oitocentos e cinqüenta e um* dados de próclise com adjacência ‘cl-V’. No entanto *seiscentos e trinta e um* casos foram desconsiderados por não terem um constituinte pré-verbal interpolável ou não serem contextos categóricos de próclise.

Foram desconsiderados também dados como os abaixo, pois interpretei que elementos como ‘*cuja força*’, ‘*cuja indústria*’ são na verdade o ‘subordinador’, não havendo elemento interpolável nestas sentenças.

- (016) ... cuja fôrça **lhes** **apagava** a vista, ficando-lhes os bugalhos claros... (Couto, 1542: IC007\_1542||0005l)
- (017) ... por cuja industria **a faziam**, lhes mandou ElRei dar a cada um dez caxas por dia... (Couto, 1542: IC007\_1542||0006l)

Desta forma, dos *oitocentos e cinqüenta e um* dados de ‘clV’ encontrados no texto de Diogo do Couto restaram *duzentos e vinte* casos em que a interpolação poderia ter sido realizada e não foi.

São exemplos de próclise com possibilidade de interpolação os seguintes casos:

Advérbio em oração infinitiva introduzida pela preposição “de”:

- (018) Ambos êstes começou logo a pôr em efeito, mandando todos seus tesouros (que se afirmava serem mais de dez milhões de ouro) pera o rio de Sanguicer, que também era de sua jurisdição, por ser porto de mar, e dali **o embarcar** cada vez que quizesse (Couto, 1542: IC007\_1542||0010l).



Advérbio em oração dependente finita:

- (019) E tornando à nossa ordem, nestas náos que vieram de Ormuz em Março, teve o Governador recado de como era falecido ElRei Xargol, e cartas do Guazil, e povo em que lhe pediam Torunxá seu filho pera Rei, que seria de idade de doze anos; pelo que logo o alevantou por Rei com a mór solemnidade, e aparato que pode ser, dando êle depois de alevantado a menagem nas mãos do Governador, dizendo: “Que recebia aquele Reino para o ter, e governar, em quanto ElRei de Portugal o houvesse por bem” . (Couto, 1542: IC007\_1542||0011)
- (020) António da Silveira, o de Terena, ia no galeão São João, que era de João de Sepulveda, que também lho largou, e se foi pera Cochim pera se embarcar pera o Reino, agravado de lhe ElRei não escrever, e em Cochim achou cartas suas na náos do Calataud, pelo que se deixou ficar. (Couto, 1542: IC007\_1542||0014)
- (021) É tal êste tempo, que as aves do ceo, por um distincto natural, o conhecem oito dias antes, porque logo lhes vem descer os ninhos de cima das árvores, e os vam esconder em algumas lapas. (Couto, 1542: IC007\_1542||0015)
- (022) Era no mesmo tempo Senhor do Magostan; e tudo aquilo que jaz no certão de Ormuz, até o Cabo de Jasques, um Mouro chamado Groduxá, que tinha seu assento em uma Cidade chamada Armuz, que é a de que Ptolomeu faz menção em suas Taboas, de que ainda hoje se vem algumas ruínas, junto de uma fortaleza, que se chama Cruxtac, ainda que outros dizem, que mais o parecem outras, que se vem em um lugar chamado Menao, que jaz sôbre um rio, que atravessa pelo Magostan. (Couto, 1542: IC007\_1542||0038)

Mais de um constituinte em orações dependentes finitas:

- (023) E estando já suficiente pera receber o santo Sacramento do Bautismo, ordenou o Governador pera aquele dia as mores festas que podiam ser, mandando-lhe muitos ricos trajos à Portugueza; e êle pediu ao Governador de mercê: “Que fôsse seu Padrinho, e que houvesse por bem, que Jordão de Freitas também o fôsse, porque a êle devia aquela mercê, que lhe Deos fazia”. (Couto, 1542: IC007\_1542||0040)

Uma oração:

- (024) E assim ficaram as cousas por então, porque o que mais succedeo se conta na sexta Decada no governo de Dom João de Castro, de cujo tempo são. (Couto, 1542: IC007\_1542||0041)
- (025) E como teve êstes de sua parte, despedio Embaixadores a Dom Garcia de Castro, Capitão de Goa, pera tratarem com êle, mandar buscar Mealecan a Cambaia, e entregar-lho pera o fazer Rei, favarecendo-o pera isso, e que depois de ser Rei lhe daria todo o Concan pera ElRei de Portugal, que rendia então perto de um milhão de ouro. (Couto, 1542: IC007\_1542||0049)

Um sintagma preposicionado:

- (026) E prouvera a Deos que ali acabara eu, pois perdi um Rei tão conhecido de meus serviços, e merecimentos, que por êles me fez honrado, rico, e grande em seu Reino. (Couto, 1542: IC007\_1542||0072)

- (027) CAPÍTULO IV Das cousas, que acontecêram na Abasia: e como o Imperador com o favor dos Portuguezes deo batalha a ElRei de Zeilá, em que o desbaratou de todo Estando a Rainha recolhida naquela serra em que a deixámos, muito triste pela morte de Dom Christovão da Gama, esperando cada dia por novas do Imperador seu filho, que lhe não tardáram muito, afimando-lhe que já vinha perto: e tomando conselho com os Portuguezes, que com ela estavam sôbre o que faria assentáram que se passasse pera a serra do Judeo, (que por outro nome se chamava de Caloa), por onde êle forçado havia de passar. (Couto, 1542: IC007\_1542||0079I)
- (028) Pareceu aquilo bem a ElRei, e ao Capitão de Malaca, e mais Fidalgos, e Capitães, que ali havia, que pera isso se chamaram. (Couto, 1542: IC007\_1542||0098I)

O sujeito (simples, complexo, pronominal).

- (029) E muito bem sabia êle que Dom Manoel de Lima o havia de fazer, e assim o afirmaram a ElRei; mas êle o atalhou pela maneira que adiante se verá no Capítulo VII do Livro III da sexta Decada. (Couto, 1542: IC007\_1542||0128I)
- (030) E dali por diante se disse, Oxar Martim Affonso; e assim em qualquer parte da costa da India , em que depois os Portuguezes desembarcavam , diziam pelos quebrantar: Oxar Martim Affonso; e assim ficaram naquela costa tão respeitados, e temidos de todos, que só sua memória, ou lembrança os atormentava. (Couto, 1542: IC007\_1542| 0129I)
- (031) Dali tratou com ElRei de se verem, êle, e Coge Cemaçadim, e assentou-se, que fôsse em casa do mesmo Coge Cemaçadim, onde ElRei o esperaria. (Couto, 1542: IC007\_1542||0145I)
- (032) <P\_60> CAPÍTULO II Do sitio da Cidade de Batecalá; e de como o Governador Martim Affonso de Sousa desembarcou nela, e a destruiu: e de como Dom Estevão da Gama se embarcou pera o Reino: e das partes, e qualidades de sua pessoa Esta Cidade de Batecalá está na costa do Canará em altura de grãos do Norte; foi sempre sujeita aos Reis de Bisnagá; está situada quasi uma légua por um muito fresco rio acima, e estendida em um plano com muitos palmares, hortas, e fazendas ao derredor, com muitos, e grandes campos, e varzeas, em que semeam muito arroz, e uma laia dele, a que chamam Giracal, o melhor de tôda a costa da India, de que se provê a mór parte dela. (Couto, 1542: IC007\_1542||0166I)
- (033) Os Turcos tornaram a carregar sôbre êle com grande ímpeto; mas Dom Christovão lhes tornou a fazer rosto, pera se poder recolher mais á sua vontade; mas como os Mouros vinham crescendo, nesta parte se tornou a travar uma muito cruel batalha, em que Dom Christovão, e todos os seus, como leões famintos, se metiam em meio dos inimigos sem recearem a morte, fazendo neles tamanho estrago, que não parecia o damno feito por tão poucos, e tão cansados homens, senão por muitos, e muito folgados. (Couto, 1542: IC007\_1542||0209I)

Para uma primeira análise foi contado todo X interpolável no PA (segundo a descrição de Martins 1994), não apenas os que ocorreram interpolados no texto. Também constituintes complexos, ou pesados estão inclusos nos dados de próclise com adjacência ‘cl-V’ (como o exemplo 30 acima), pois, apesar destes constituintes serem raramente interpolados entre o clítico e o verbo em nosso corpus, o fenômeno no PA não possuía restrição quanto ao tamanho ou complexidade do sintagma a ser interpolado.

- (034) de quem quer que lhe sobre elle e parte dele e sobre as ditas casas e qualquer cousa delas alg~uu embargo ou empedymento puser (Lx, 1540) (cf. Martins, 1994:181)

Entretanto a marcação dos dados<sup>37</sup> foi feita de maneira a recuperar e separar facilmente os diferentes tipos de constituintes para uma análise mais refinada, como por exemplo: a variação de acordo com o constituinte e/ou conforme o contexto sintático (cf. II.2.1 e II.2.2).

Notamos padrões diferentes para os textos produzidos pelos autores nascidos até a primeira metade do século 16 (ou seja, até Diogo do Couto, 1542), dos textos produzidos por autores nascidos a partir da segunda metade do século 16 (ou seja, a partir de Frei Luís de Souza, 1556).

Um leque bastante grande de elementos ainda pode ser interpolado até Diogo do Couto (1542), porém, parece haver aí uma restrição de ‘*peso*’ que se acentua nos textos tardios. Os constituintes normalmente não são muito longos e quando mais de um constituinte é interpolado, ao menos um deles é a negação ou um outro advérbio curto, ou ainda o sujeito curto (geralmente pronominal). Tal restrição não se encontra nos textos arcaicos, o que pode indicar uma mudança com relação ao fenômeno da interpolação.

Localizamos algumas pistas que podem refletir uma situação de mudança gramatical, como a competição de duas gramáticas nestes textos mais antigos do CTB.

Os enunciados subordinados do PA, além da próclise constante, são caracterizados pela contigüidade do pronome complemento ao elemento subordinante. Esta seria a razão para a preferência à interpolação no PA (cf. Matos e Silva 1998). Quando ocorrem outros elementos, em geral, eles se intercalam entre o pronome e o verbo a fim de manter a contigüidade do operador com o clítico.

No entanto, nos textos de Galvão e Holanda, encontramos o fenômeno da interpolação generalizada sem a contigüidade entre o subordinante e o clítico, ou seja, *C-X-cl-X-V* (três casos nos *setenta e três* dados de interpolação generalizada no primeiro texto, ou seja, menos de meio por cento, 0,4%, e *quatro* casos em *setenta e seis* dados no segundo, 0,5%).

---

<sup>37</sup> Sobre a metodologia de classificação dos dados ver Anexo: seção iii.

- (035) DEque D.Eguas Moniz **fe afi** **partio** delRey de Castella quite, e livre de sua menagem, e com sua graça veyo caminho de Guimarães, e ante que ahi chegasse, ho Príncipe D.Affonso Anriques sabendo sua vinda ho fahio ha receber com toda sua Corte muy alegre como quem parecia que aquella ora cobrava de novo. (Galvão, 1435: |G009\_1435||0240| [g009\_p45])
- (036) Como quer que hos Mouros, **fe muy bem defendefem**, (Galvão, 1435: |G009\_1435||0822| [g009\_p185]).
- (037) e Deos que sempre ho ajudava em todos hos seus feytos, lhe deu tam boa esqwença, que por força ha tornou ha tomar, posto que hos Mouros **há muy bem defendefem**. (Galvão, 1435: |G009\_1435||0463| [g009\_p97])
- (038) Sómente as obras que se fazem em Italia podemos chamar quasi verdadeira pintura, e por isso a boa chamamos italiana, que , quando noutra terra se assim fezesse, d'aquella terra ou provincia lhe dariamos o nome. (Holanda, 1517: |H001\_1517| |00057|)
- (039) - “Confesso, dixeu eu, senhora, que m'a tem largado, mas ella não se quer ir comigo, de maneira que lhe torna a ficar em casa: nem eu, inda que tanto valesse, não a quereria vêr em minha patria inda agora, porque, como poucos a lá sabem stimar, e o meu serenissimo rei, se não é num tempo muito desocupado, tambem não a favoreceria, principalmente havendo alguma inquietação de guerra, onde ella não serve: e enfadar-se-hia, e porventura se iria um dia de enfadada lançar no mar oceano, que é lá perto, e far-me-hia muitas vezes cantar aquelle verso de: Se ella servisse em o tempo da guerra, logo a eu desejaria”. (Holanda, 1517: |H001\_1517| |00071|)
- (040) - “Ora senhor Micael (dixeu foão Çapata, Spanhol) de uma duvida me tirai, que não posso bem entender em a arte da pintura: porque se costuma ás vezes pintar, como se vê em muitas partes d'essa cidade, mil monstros e alimarias, d'ellas com rosto de molheres e com pernas e com rabos de peixes, e outras com braços de tigres e azas, outras com rostos de homens, pintando finalmente aquilo de que se mais deleita o pintor e que nunca se no mundo viu”? (Holanda, 1517: |H001\_1517| |00085|)
- (041) E assi como do que stava quedo fezerão prematica que nunca o mais movessem, assi a fezerão do que se movia ou andava, ou corria, ou pelejava; porque nunca maes stevessem quedos. (Holanda, 1517: |H001\_1517| |00021|)

No corpus de Martins (1994), na quase totalidade dos casos de interpolação, o clítico é imediatamente adjacente ao elemento que introduz a oração e que condiciona a próclise, quer se trate de uma conjunção subordinativa ou um pronome relativo (em orações subordinadas finitas) ou de uma preposição (em orações infinitivas). No entanto, de acordo com Martins (1994) o clítico pode ocorrer separado quer do verbo quer do elemento que determina a próclise, indicando que a contigüidade entre o operador e o clítico não é obrigatória, podendo ocorrer um sintagma nominal (sujeito ou objeto), preposicional ou adverbial. Isto, porém, acontece raramente e somente em orações subordinadas finitas. Dos *trezentos e nove* casos de interpolação generalizada de Martins (1994) apenas *doze* apresentaram elementos entre o clítico e o complementador (ou seja, 4%), o que mostra a preferência à contigüidade entre subordinante e clítico nos dados que representam o PA (corpus de documentos notariais - Martins, 1994). Os *doze* casos em que a autora atesta a falta de contigüidade estão listados a seguir:

- (042) que pera esto **lhe** *nõ* **ualhã** (Lx, 1440) (Martins, 1994: ex.:42)
- (043) e de rreuora que cousa alg~ua **lhe** *nom* **ficaua** (Lx, 1483) (Martins, 1994: ex.:44)
- (044) E durante o tempo das dictas tres pessoas que eles emprezadores nem a pessoa depos elles **o nõ** **possam** engeitar (NO, 1509) (Martins, 1994: ex.:47)
- (045) que pera ysto **lhes** *nõ* **valhão** (Lx 1440) (Martins, 1994: ex.:61)
- (046) E com todas as pertenças que aos dictos casaaes **lhes** *dereitam~ente* **pert~eçe** (NO, 1522) (Martins, 1994: ex.:88)
- (047) os quaaes Casaaes com todas suas pertenças **lhes** *asi* **emprazavam** (NO, 1522) (Martins, 1994: ex.:89)
- (048) E sse pela u~etura **uos** *algu~e* **enbargar** (Lx, 1294) (Martins, 1994: ex.:170)
- (049) E sse pela u~etujra **uos** *algu~e* **enbargar** (Lx, 1296) (Martins, 1994: ex.:172)
- (050) e que sempre a os Moesteyros de Anssedj e de Arnoya **usarõ** e possoyrã (NO, 1285) (Martins, 1994: ex.:191)
- (051) E sse pela u~etujra **uos** *algu~e a dicta v~ya* **enbargar** (Lx, 1296) (Martins, 1994: ex.:224)
- (052) E sse pela u~etura **a uos** *assi nõ* **adubardes** (Lx, 1305) (Martins, 1994: ex.:272)
- (053) E sse pela uentura **a uos** *assi nõ* **adubardes** (Lx, 1305) (Martins, 1994: ex.:273)

Dos exemplos de não contigüidade levantados por Martins (1994) metade são tardios (século 15/16), e dos 6 casos mais antigos (século 13/14) 5 repetem a mesma estrutura: "*sse pela u~entura*". Deste fato podemos supor que a não contigüidade C-cl nas estruturas com interpolação generalizada podem refletir uma instabilidade do sistema já no século 15 e os casos de não contigüidade em sentenças com interpolação generalizada nos textos de Duarte Galvão e Francisco de Holanda entrariam neste quadro (dados apresentados em 35, 36, 37, 38, 39, 40 e 41).

Parcero (1999) também encontrou casos de falta de contigüidade entre o clítico e o elemento que condiciona sua anteposição em estruturas com a interpolação em seu corpus, porém o elemento interpolado foi sempre a negação: **C-X-cl-neg-V**:

- (054) porque pera yssso **o nam** **convidara** (GRS 1758)

Rivero (1993) também atestou construções semelhantes às mencionadas acima, no *espanhol antigo*, com as ordens lineares: *C-S-cl-neg-V*, *C-X-cl-neg-V* e *C-X-cl-S-V*:

- (055) Que ellos te nom digam em que puede finir (Alex 2482c (0)) (Rivero, 1993: 110)  
(056) Se de nos te nom partes (Alex 133d (0)) (Rivero, 1993:111)  
(057) Se cierto que tan buen entendimiento vos Dios dió ... (Est 16) (Rivero, 1993:111)

Nos textos do CTB a contigüidade entre o operador e o clítico não é preferencial nas estruturas com interpolação da negação, e abrange os contextos não finitos e também os contextos não subordinados (orações coordenadas introduzidas pelas conjunções do tipo *que, pois e porque*). Fato que podemos relacionar com a perda da interpolação generalizada: *C-cl-X-(neg)-V* dá lugar a *C-X-cl-(neg)-V*.

De acordo com Martins, os constituintes que podiam estar intercalados entre o *elemento causador da próclise* e o *clítico* no PA são: um sintagma nominal, preposicional ou adverbial, somente em subordinadas finitas, desde que estes constituintes sejam: tópico ou outro adjunto frásico ou sintagmas focalizados.

Entretanto, novos elementos passam a ocorrer entre o *conectivo* e o *clítico* nas estruturas com interpolação da negação, sobretudo elementos interpoláveis no PA. E ainda esta ordem passa a abranger também orações infinitivas. Seguem abaixo alguns exemplos:

Em orações dependentes finitas:

C-S-cl-N-V:

- (058) Isto digo , enquanto Vossa Reverência **lhe não der** os ditos mil cruzados que disse . (Sousa, 1556: IS001\_1556[sou\_clnV-00020])  
(059) - Boa está a derivação (tornou o Fidalgo), porém vamos à brevidade, que eu me não atrevera a culpar se agora vos não ouvira. (Lobo, 1574: IL001\_1574[lob-clnv-0029])  
(060) Vossa Excelência a ampare com sua humanidade , lembrando-se que , como não pode haver Côrte sem Príncipe , que esta o não podia parecer sem que tivesse por si a Vossa Excelência , e que , como em noites de Inverno , ficara muito às escuras êste livro sem a luz e graça que espera comunicar de sua clareza . (Lobo, 1574: IL001\_1574[lob-clnv-0067])

C-ADV-cl-N-V:

- (061) A qual permitirá Deus , que ainda em nossos dias se descubra toda, para que com ela se aumente muito a coroa destes Reinos : aos quais desta maneira esperamos (mediante o favor divino) ver muito cedo postos em tão feliz e próspero estado , que mais se não possa desejar . (Gandavo, 1502: IG008-1502||0181|[g\_008\_s\_608])  
(062) E o tempo descobriu logo que não somente se não enganara, mas que fora um antever de alto entendimento . (Sousa, 1556: IS001\_1556[sou\_clnV-00035])

C-PP-cl-N-V:

- (063) Asi pola morte de seus Gloriosos Filhos e Irmãos, como polas inquietações da guerra o não desuiassem. (Holanda, 1517: |H001\_1517| |00095|)
- (064) Asi que pola nobreza da pintura e polo que eu em Roma aprendi, com o que mais vou descobrindo e conhecendo de sua excelencia, por não o deixar perder, e enterrar de todo a cousa tão dina de ser conhecida de todos os ilustres engenhos de minha patria, em quanto com a mesma obra se não pode demonstrar, determinei de escrever este liuro Da Pintura Antigua (qualquer que elle é, segundo a pouquidade do meu saber), em o qual se achará alguma sombra de excelente pintura, e assi mesmo alguns preceitos e avisos della, porque eu mais não prometo. (Holanda, 1517: |H001\_1517| |00096|)
- (065) Aceitou finalmente, à pura força de obediência, que é um dos três votos essenciaes e solenes de todo religioso que, sem pecado, se não podem quebrar. (Sousa, 1556: |S001\_1556| |sou\_clnV-00052|)
- (066) Que, na verdade, me não maravilha pouco que, sendo o principal instituto dela o exercício das Letras e prudentíssimo o instituidor, não haja cousa, na regra que nos deixou, que ao parecer de muitos não encontre e desfavoreça o mesmo exercício: o coro contínuo - e coro cantado - e repartido polas horas do dia e noite que mais quebrantam a humanidade: o jejum de sete meses; o peixe de todo o ano. (Sousa, 1556: |S001\_1556| |sou\_clnV-00009|)
- (067) Entrando depois em casa de seu pai, nem a ela, nem a êle conhecia polo diferente estado em que a deixara; e, como nesta mudança se lhe não aquietava o coração, foi-se com muita pressa aonde o tinha pôsto. (Lobo, 1574: |L001\_1574| |lob-clnv-0051|)
- (068) Há-de ser animoso e liberal; o primeiro, por que nas matérias que tocarem a guerra, trégua e liga, ou confederação com o seu Príncipe, se não mostre por sua parte acanhado, tímido, nem pusilânimo; antes obrigue com seu exemplo a que o respeitem e temam, e também por que, na ocasião em que se oferecer ao senhor a quem assiste, acredite com o conselho e com as obras às armas de seus ascendentes e naturais. (Lobo, 1574: |L001\_1574| |lob-clnv-0070|)
- (069) Pois, ainda que eu sou Bacharel em linguagem, me atrevo a contradizer essa opinião adquerida em Latim: porque para recreação, polícia e bom estilo se não deve menor lugar a êstes que aos vossos de trapaças e opiniões, e outros a que chamais conselhos, que o dão às vezes bem ruim a quem se fia de sua leitura. (Lobo, 1574: |L001\_1574| |lob-clnv-0023|)

C-oração-cl-N-V:

- (070) Juntamente assentámos dar-vos êste aviso, por que, se alguma cousa acontecer, se não presume que saú do nosso conselho; e, não sendo o intento dêle pelejar por preço, prêmio ou engano, vós, à falta de cautela, percais a vida. (Lobo, 1574: |L001\_1574| |lob-clnv-0072|)
- (071) O meu voto (tornou Feliciano) é de pouca importância e o lugar, devido a outrem; mas com tôda a humildade aceitarei o que me derem; e se com a minha razão ficar corrido, barato é o saber que se compra com primeiro errar; e assim digo que os encarecimentos nacidos de amor não devem parecer estranhos (por desiguais que sejam) a nenhum júzo afeiçoado; porque o amante, para pintar a fermosura de uma dama que satisfaz a seus olhos e pensamentos, dificulosamente achará nas cousas criadas a que a compare que lhe fique parecendo que a encarece; porque, ainda que sejam fermosas as estrêlas, lhe não agradam tanto como os seus olhos; e sendo o Sol tão belo, se alegre menos com a claridade de sua luz que com ver o rosto de quem ama;... (Lobo, 1574: |L001\_1574| |lob-clnv-0024|)
- (072) Dai-me razão de vós, que já passais de sete anos: já podeis ter uso dela, salvo se, do muito que a usastes, a não tendes já. (Melo, 1608: [M003-0045])
- (073) Mas posso certificar a Vossa Mercê que já antes tive assaz de sentimento, porque havendo-me Ene cometido o historiar a vida do senhor Ene seu pai, me não deixou liberdade para que eu pudesse escrevê-la em nossa língua. (Melo, 1608: [M003-0135])

C-X-cl-N-V: (ODs fronteados ou topicalizados, mais de um constituinte: 'Sujeito-X', e outros elementos)

- (074) e Deos nom fervido, fe ha Cidade fe nom tomafe, e ali com este fervor, e muy animofa determinaçã, poendo em fim ho que hos feus devotos corações tanto defejavão, entrãrão ha Cidade por força. (Galvão, 1435: |G009\_1435||0656| [g009\_p147])
- (075) A esta cortesia respondeu Píndaro, e o Estudante com as suas, té que o Doutor os despartiu, e disse a Leonardo: - Bem gastado era o tempo em cumprimentos tão cortesãos, e tão devidos, se o desejo que temos de continuar a matéria da noite passada o não quisera poupar todo para ela; e assim vos peço que me façais mercê, e a todos, de ir por diante. (Lobo, 1574: |L001\_1574|[lob-clnv-0046])
- (076) - A mi me parece bem (disse Solino) a razão do Licenciado, que o Doutor tinha jeito de meter os louvores de uma dama em exemplos caseiros, chamando-lhe fresca como o seu pomar, linda como o seu jardim, clara como a sua fonte e alta como as suas faias; e como os amantes, para encarecer, se não contentam com pouco, todos chegam ao que pode ser: todo o branco é cristal e diamantes; o côrado, rosas e rubis; o verde, esmeraldas; o azul, safiras, e o amarelo, ouro e jacintos; e até as mãos dos mininos, a que naturalmente têm excessiva amor, não lhes sabem chamar pouco: quando os tomam nos braços, logo os intitulam de meu duque, meu marquês, meu conde; nas pedras, meu diamante, e, nas flôres, meu cravo e minha rosa; quanto mais louvando mulheres, a quem todo o encarecimento fica curto e envergonhado pola fôrça com que têm cativos os sentidos e as potências dos que hão-de falar nelas. (Lobo, 1574: |L001\_1574| [lob-clnv-0052])
- (077) nada disto será perfeito, se Vossa Senhoria, sendo-lhe possível, se não puser a coroar com seu valor esta obra, procurando-me algumas cartas do Príncipe de Oranje e dos Estados, que em favor meu recomendem minha causa; cousa que não julgo impossível; e mais sendo Vossa Senhoria o instrumento, havendo-se já feito para apadrinhar sujeitos de mui diferentes qualidades. (Melo, 1608: [M003-0044])
- (078) Do sentir fazemos nosso ofício aquele que nos compete; porque se, como sensitivos, nos não desobrigamos de sentir, como racionais somos obrigados a temperar o sentimento com a paciência, a paixão com o valor, a pena com a esperança. (Melo, 1608: [M003-0052])
- (079) Hontem escreveu Lopo Ramires ao senhor Embaixador que, a causa disto, se não achava em Amsterdam quem quisesse passar um vintém para Lisboa. (Vieira-cartas, 1608: [V002-0100])

Em orações infinitivas:

Perposição-ADV-cl-N-V

- (080) Feito isto , poz ali Capitão novo , e o mesmo fez em tôdas as fortalezas , e tanadarias de Concan , reduzindo-o outra vez à Coroa do Reino , porque o tinha dado ao Accedecan , determinando de mais o não dar a pessoa particular , por se não fazer poderoso , arrendando suas terras , aldéas , e pondo outras cousas em ordem . (Couto, 1542: |C007\_1542|[cou-clnV-0127])

Perposição-S-cl-N-V

- (081) O padre Pontilier beija a mão a Vossa Excelência muitas vezes , sentido de Vossa Excelência lhe não mandar aquelas novas de Lisboa : não escreve , porque prègou hontem , e prèga dia de Natal e a primeira e segunda oitava , e todas as mais vezes que o quizerem ouvir , e creia-me Vossa Excelência que é grande prègador . (Vieira-cartas, 1608: [V002-0154])



- (082) De maneira que , quando França cuidou que a paz de Portugal com Holanda podia ser causa de Holanda se não unir com Castela , quis alcançar esta desunião a preço de uma praça nossa , tão importante como a Baía ; e agora que Holanda se uniu com Castela , querem que fique também em guerra connosco , para que nós ajudemos a lhe quebrantar as fôrças , e gaste Holanda contra Portugal o com que podia socorrer aos castelhanos. (Vieira-cartas, 1608: [V002-0153])
- (083) Dá agora conta de tantas inspirações interiores minhas, de tantos conselhos dos professores e amigos, de tantas vozes e ameaças dos prégadores, que ou não querias ouvir, ou ouvias por curiosidade e cerimonia; e tambem t'a podera pedir, de eu mesmo te não chamar efficazmente na hora da morte, porque o desmereceste na vida. (Vieira-sermões, 1608: [V004-0103])

#### Perposição-PP-cl-N-V

- (084) Para em Calais me não impedirem a saída, nem nas outras cidades até Paris me negarem a entrada por ir de lugar infecto, levo passaporte e recomendação do embaixador de França que está neste reino, o qual também me remeteu os maços das embaixadas debaixo dos seus, que foi maior segurança com que se podiam enviar; e a tudo o mais do serviço de Sua Majestade se ofereceu com boa vontade. (Vieira-cartas, 1608: [V002-0158])

A questão da contigüidade *C-cl* é importante, pois as ordens *C-cl-X-V* e *C-X-cl-V* podem ser reveladoras da estrutura gramatical. A ordem *C-cl-X-V*, seria derivada pela possibilidade do pronome clítico se hospedar em um núcleo acima das projeções do verbo; já a ordem *C-X-cl-V* seria derivada com clítico e verbo formando um complexo. Interpretamos que os casos de '*C-X-cl-X-V*', registrados nos textos de Duarte Galvão e Francisco de Holanda (dados apresentados em 35, 36, 37, 38, 39, 40 e 41, mais acima, na página 78), têm o clítico no núcleo intermediário entre CP e IP, ou seja,  $\Sigma^{\circ}$ , e o verbo em  $I^{\circ}$ . Acreditamos que no PA  $\Sigma^{\circ}$  e  $I^{\circ}$ , além de  $C^{\circ}$ , são núcleos para onde o verbo pode se mover e onde o clítico pode se fixar, a depender das circunstâncias, do contrário não encontraríamos variação, tais núcleos teriam traços comuns que poderiam em alguns momentos competir na questão do movimento e checagem dos traços ( $I^{\circ}$  teria traços verbais para serem checados em  $\Sigma^{\circ}$ , que por sua vez teria traços a checar em  $C^{\circ}$ ). De acordo com nossa hipótese, nas sentenças subordinadas esperaríamos apenas duas opções de derivação na posição do clítico: 1) A interpolação – com o movimento de  $\Sigma^{\circ}$  para  $C^{\circ}$  para a checagem de 'traços-c' carregando o pronome e deixando o verbo em  $I^{\circ}$ ; 2) Adjacência '*cIV*' – ocasionada pela ausência do movimento de  $\Sigma^{\circ}$  para  $C^{\circ}$  decorrente da subida do verbo para  $\Sigma^{\circ}$ . (Cf. capítulos terceiro e quarto, e conclusão)

Assim as sentenças com interpolação de elementos diferentes da negação e sem contigüidade ‘C-cl’ poderiam ser “lapsos” produzidos pela competição na checagem de traços, que por sua vez poderia refletir um estado de diglossia e competição da gramática (PA vs. PM, em que o clítico não sobe para além de  $\Sigma^o$ ).

Também encontramos no texto de Diogo do Couto uma sentença com duplicação do clítico – o pronome se encontra antes e depois do constituinte pré-verbal. Tal dado foi desconsiderado por apresentar adjacência ‘cl-V’ e interpolação simultaneamente.

(085) E em quanto se estas se negoção, e solicitação... (Couto, 1542)<sup>38</sup>

Esta construção, somada aos casos de interpolação sem contigüidade entre o *subordinador* e o *clítico* – ‘C-X-cl-X-V’, de Duarte Galvão e Francisco de Holanda, poderia constituir mais uma pista da existência de competição de gramáticas nestes primeiros textos.

Martins (1997) atesta outro caso como este em um texto do século 14, com o pronome “lhe”, e atribui ao fato do clítico poder ocupar duas posições sintáticas no PA. Repito o dado de Martins:

(086) “e esto Aím pela minha quintáa de ualuerde por tal preyto e cõdiçom que ssi lhis os meus filhos lhos der~e por outro logar bem parados que os per hj o Aiam (Martins 1997:141, apud Martins 1994 - doc. de 1328)”

Também o texto do século 19, de Almeida Garrett (1799), atestou outro caso de duplicação do clítico antes e depois do constituinte pré-verbal. Trata-se de uma oração infinitiva introduzida pela preposição ‘sem’.

---

<sup>38</sup> Outras supostas duplicações de clíticos foram encontradas no texto de Diogo do Couto (1542).

1. Andavam as cousas tão baralhadas, que meteram em cabeça ao Rei de Tidore, que **o Villa-Lobos o queria entregar** aos Portugueses, sôbre o que se foi ver com êle, e lhe deo satisfações com que o quietou.

2. E, **pelo ElRei Dom João o querer casar**, e êle não querer, lhe não deram satisfação de seus serviços, que foi causa de se êle ir viver a Veneza com sua licença, onde esteve anos, muito respeitado do Senado, até o Imperador Carlos V o persuadir com largas promessas de mercês, que lhe ElRei faria, a se vir a Portugal, que lhe não cumpriram.

A interpretação que demos ao “o” foi de determinante. Mas, tendo em conta que esta é uma língua em que o uso de determinantes diante de nomes próprios não é tão freqüente, podemos ousar a dizer que este “o” pode ser ambíguo.

- (087) este cadáver que já morreu, que já apodreceu em tudo o mais, que já o comem, sem o ele o sentir, os bichos todos da destruição, este cadáver tem um único ponto vivo no coração, e o dedo do teu egoísmo aí foi tocar, oh mulher!

Distante da gramática que gera o fenômeno da interpolação arcaica, aqui parece estar em causa um outro fator. A duplicação do clítico não deverá refletir aqui a competição entre duas posições sintáticas (dois hospedeiros) para o pronome clítico, mas talvez possa ser explicada por fatores morfológicos característico desta fase, uma vez que a interpolação de sujeitos pronominais ressurge como um fenômeno dialetal no PE (cf. Magro, 2006, 2007). Ou ainda, por fatores extra-gramaticais, naturais da escrita. A busca por certo rebuscamento, na imitação dos antigos misturada ao vernáculo e às leituras acumuladas podem gerar estruturas agramaticais na escrita. No entanto, como o português europeu contemporâneo regional produz a interpolação de sujeitos pronominais e a duplicação do clítico, é bastante provável que os dados no texto de Almeida Garrett reflitam esta gramática moderna, investigada em detalhes por Magro (2007).

Por outro lado, dois casos com interpolação do *sujeito* em textos tardios – fogem dos padrões de interpolação encontrados tanto nos textos arcaicos quanto nos modernos. Nos textos de Francisco Manuel de Melo (1608) e Almeida Garrett (1799) o sujeito aparece interpolado em contextos tradicionalmente tradados como contextos de variação cIV/Vcl:

No texto de Francisco Manuel de Melo o *sujeito*: “**Vossa Merce**”, é interpolado em uma oração não dependente introduzida por uma oração anteposta.

- (088) Se em tudo isto tenho que pedir a Vossa Mercê seu favor, o Vossa Mercê sabe; se o devo esperar, eu o sei. (Melo, 1608: [M003-0005])

Apesar de encontrarmos a interpolação da negação nos ambientes de variação *ênclise/próclise* nos textos dos autores do corpus (especialmente nas obras dos autores nascidos nos séculos 15, 16 e 17), a interpolação de outros elementos nestes ambientes não deveria ser gramaticalmente possível uma vez que, por hipótese, o fenômeno da interpolação é uma propriedade característica dos

contextos de próclise categórica. Propomos que a interpolação da negação nos ambientes de variação ‘clV’/’Vcl’ está relacionada com a natureza morfológica do operador de negação e com a superficialidade da variação ‘clV/Vcl’ no PM.

Entretanto, com relação ao dado do texto de Francisco Manuel de Melo, é interessante notar, que na segunda oração raiz presente na frase - “eu o sei” - a interpolação do pronome sujeito não ocorreu. Aqui parece haver uma relação de contraste: ‘X, o Vossa Mercê sabe’ vs ‘Y, eu o sei’ .

Quase dois séculos depois de Francisco Manuel de Melo atestar aquele dado de interpolação do *sujeito*, encontramos no texto de Almeida Garrett (1799) um caso de interpolação do pronome sujeito em uma oração gerundiva introduzida pela preposição ‘em’:

- (089) Em lhe eu dizendo quem tu és e a que cá vens, ele sabe o estado de minha avó, e tem-lhe muita amizade, dá-nos decerto licença para tu vires em toda a segurança. (Garrett, 1799: IG005\_1799\00111)

No entanto, orações gerundivas não constituíam um contexto para a interpolação generalizada no PA, cf. Martins (1994), e também não encontramos interpolação da negação em gerundivas nos textos do CTB.

Interpretei estes raros casos como possíveis evidências para corroborar a hipótese de que estes dados de interpolação não são derivados do mesmo mecanismo que gera a interpolação no PA, não se trata do mesmo fenômeno nem no século 17, tão pouco no século 19.

Considerando os fatores apresentados aqui, optamos por organizar a descrição detalhada do fenômeno da interpolação nos textos do CTB em dois grupos: O primeiro grupo, na seção II.2.1, reunirá os textos dos autores que nasceram antes da segunda metade do século 16, tomando Diogo do Couto como um *divisor de águas*, por este ser o último autor que apresenta casos representativos da interpolação de elementos diferentes da negação. O segundo grupo, na seção II.2.2, reunirá os textos dos autores que nasceram a partir da segunda metade do século 16, por estes apresentarem um padrão semelhante com relação à colocação pronominal átona que revela um estado de estabilidade.

Entretanto, será a sintaxe da colocação pronominal nas orações negativas que nos dará evidências mais robustas do estado gramatical intermediário entre PA e o PE (denominado de português médio por Galves 2004). Sendo a interpolação de “não” um fenômeno particular, a descrição da *interpolação da negação* terá uma seção especial em II.2.3. Já adiantamos que, no PM, a negação passa a poder ser interpolada também em contextos de variação *clV/Vcl*, e se chega à estabilização da ordem ‘*conectivo-XP-clítico-não-verbo*’ nas orações dependentes finitas.

Conferimos uma instabilidade no início e no final do período representativo do *português médio* que poderá ser explicada pela competição das três gramáticas que compõe a diacronia do *português Europeu*.

### II.2.1 A interpolação generalizada

A interpolação de elementos diferentes da negação não foi atestada na grande maioria dos textos do CTB como pudemos constatar no quadro II.5 (página 70), reproduzido abaixo.

Quadro II.5: *interpolação generalizada vs. adjacência ‘clV’ - CTB*

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	Y_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
C-CLX(x)V	73	0	76	37	3	7	0	0	9	2	0	0	0	0	0	0	0	0	12	0
	0,40	0,00	0,44	0,15	0,01	0,02	0,00	0,00	0,02	0,004	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,05	0,00
CX(x)CLV	109	17	98	207	308	416	387	430	586	472	346	234	264	295	641	446	159	385	247	168
	0,60	1,00	0,56	0,85	0,99	0,98	1,00	1,00	0,98	0,996	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	0,95	1,00
TOTAL de dados (CxV e CxV)	182	17	174	244	311	423	387	430	595	474	346	234	264	295	641	446	159	385	259	168

O fenômeno é claramente obsoleto nos textos dos autores nascidos a partir da segunda metade do século 16. Entretanto, curiosa é a situação dos autores nascidos na primeira metade do século 16 e no século 15. Pois alguns parecem trazer o PA no texto cheio de interpolações. Mas que se olharmos cuidadosamente veremos os indícios de uma nova gramática já nestes textos.

O período em que se situa o nascimento dos quatro autores considerados aqui, século 15 e início do 16 é considerado como um período de transição da língua medieval para a clássica. Transição durante a qual coexistem formas próprias da etapa anterior com formas que já anunciam o português do período clássico (cf. Castro 1991, Maia 1995, Brechara 1991 apud Esperança Cardeira 2005: 34). Um período de transição deverá, portanto, caracterizar-se pela instabilidade resultante da conjugação dos sinais de renovação que se cruzam com a permanência da gramática antiga.

No caso dos quatro textos aqui apresentados – de Duarte Galvão (1435-1517), Pero Magalhães de Gandâvo (~1502 - ??), Francisco de Holanda (1517-1584) e Diogo do Couto (1542-1606) de fato encontramos esta situação de instabilidade com relação à colocação de clíticos, mais especificamente quanto ao fenômeno da interpolação. No texto de Pero Magalhães de Gandâvo não há interpolação generalizada e encontramos um caso de interpolação da negação em uma coordenada raiz ‘e-X-V’ (contexto de variação cIV/Vcl).

- (090) E daí por diante se não pode passar por respeito de uma cachoeira muito grande que há neste passo, onde cai o peso da água de muito alto. (Gandâvo, 1502: l0178l [g\_008\_s\_104])

Nos outros três textos, apesar da grande quantidade de dados de interpolação generalizada, também encontramos a negação interpolada em ambientes de variação *ênclise/próclise*.

#### X-cl-neg-V

- (091) Depois da batalha vencida esteve ElRey D.Affonfo tres dias no campo, como hee de coftume fazerem os Reys fe forçados, necefidade lhes nom vem, (Galvão, 1435: l0399l [g009\_p82])
- (092) avendo jáa fete annos que fora levantado por Rey, e fazendo finquoenta, e dous annos de fua idade, e por fe nom achar escrito nada das coufas, que fe neste cazamento fizeraõ, nem como foram, fe nom poz aqui mais, que foomente cazar ElRey, e ho tempo em que cazou, pelo qual pañando por elto, falaremos, como fe ElRey moveo depois para tomar ha Villa de Santarem. (Galvão, 1435: l0477l [g009\_p100])

#### e-cl-neg-V

- (093) Não sómente ao outro domingo seguinte não nos pudemos ajuntar com a senhora Marquesa e com Micael Angelo, mas inda ao outro, d'ali a oito dias fomos quasi empedidos e nos não queremos congregar. (Holanda, 1517: lH001\_1517l l00147l)

mas-S-cl-neg-V

- (094) E já era vinda em perfeição a pintura até em Italia, e ainda no seu tempo afirma Plinio verem-se em Italia na cidade de Ardea em templos pinturas mais antigas que Roma e que de nenhuma pintura se mais spantava que d'aquellas, consirando terem viuido tanto tempo n'um templo que não tinha já telhado de antigo, e que inda novas pareçião, e semelhantemente diz que em Lenuvio stauão pintados Atalanta e Helena despidas, da mão d'aquelle mesmo mestre, de fôrma excelente, nem se danarão pola ruina do templo em que stauão; e que Pontio, legado de Caio Cesar, aceso de libide, as quis arrancar da parede, mas a natureza d'ella o não consintio, e que assi mesmo outras tauoas maes antigas tinham durado em que confessará qualquer que considere com diligencia, que nenhuma das artes veio assi em breve tempo á perfeição como esta, como que na guerra de Troia se não tinha inda achado; mas parece em Poncio Pilato já costume dos francezes querer el rei de França em Milão levar huma parede a França onde staua pintada a çea de nosso Salvador de mão de Lionardo de Vince; mas em Lacedemonia cortarão os romãos a huma pintura da parede de tigiolo ao redor, e a trouxeram a Roma em caxas feitas de madeira. (Holanda, 1517: IH001\_1517|100099)

A interpolação de elementos diferentes da negação é bastante atestada em Duarte Galvão (1435) e Francisco de Holanda (1527), apesar de não ser tão freqüente como nos documentos anteriores (cf. corpora de Martins 1994 e Parcero 1999), não é marginal. Ao compararmos com as próclises com adjacência 'cl-V' o texto de Francisco de Holanda contou com 43% de interpolação contra 57% de 'cl-V', e o texto de Duarte Galvão - 40% contra 60%.

Já Diogo do Couto (1542) apresenta apenas 15% de interpolação de elementos diferentes da negação contra 85% de próclise com adjacência, o que, somado ao fato de Pero Magalhães de Gandâvo (1502) não registrar interpolação de elementos diferentes da negação em seu texto, pode indicar que estamos diante da mudança que tornará a *interpolação generalizada* obsoleta ainda no século 16.

Os contextos em que a interpolação generalizada aparece nos textos de Duarte Galvão, Francisco de Holanda e Diogo do Couto são os mesmos contextos em que a interpolação era possível nos corpora de Martins (1994) para o período anterior (orações subordinadas finitas e infinitivas introduzidas por preposição, e em orações raízes introduzidas por proclisadores). Seguem abaixo alguns exemplos (a totalidade dos dados se encontra em <http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/namiuti/index.html>).

Interpolação de *advérbios, quantificadores, PPs, sujeitos e complementos frontados* em orações dependentes finitas – ‘C-cl-X-V’:

- (095) diguaõ-no hos que fe ally acharaõ, porque nom he em my dizelo (Galvão, 1435: IG009\_1435|0625| [g009\_p138])
- (096) Finado D.Eguas, e mandado aõ enterrar como dito he, ho Princepe D.Affonõ Anriques como quer que lhe muyto pezafe do falecimento de tam honrado Cavalleyro, (Galvão, 1435: IG009\_1435|0279| [g009\_p56])
- (097) Hos de cavallo chegando aho porto deram aguoa de feu vaguar, ElRey carregoufe mais de sua prognostiqua,e cheguãdo Auzary, contoulhe como fe tomára ha Villa, e da grande mortindade que fe nella fizera de que ElRey de Sevilha, e todos hos Mouros ouveram grande pezar, nom fõo pela perda desta Villa, mas de outras ha que ha perda desta dava cauza forçada. (Galvão, 1435: IG009\_1435|0614| [g009\_p136])
- (098) e foy prezo delRey D.Fernando de Liaõ, como fe aho diante dirãa onde elles tiveram feu arrayal de ante fentado, no qual acharaõ prezas grandes, e ouro, e prata, e muitas joyas, e cavallos, e outras coufas, has quaes repartio por efes Grandes... (Galvão, 1435: IG009\_1435|0139| [g009\_p29])
- (099) Estas Egrejas estaõ aguora dentro dos muros da Cidade, desque ha cerquou ElRey D.Fernando ho noveno Rey de Portugual, como fe adiante dirã, porque quando Lisboa esta vez foy tomada ha Mouros, nom era sua cerqua mayor, que quanto fe ora vee, e chama cerqua velha. (Galvão, 1435: IG009\_1435|0654| [g009\_p146])
- (0100) Assi que, deixando as longarias, que eu não sei tão bem screver, como fazer com a mão, das triplices prespectivas, e assi todo o mais:: encomendo ao pintor que saiba muito naturalmente da arte de prespectiva para a razão da diminuição em vista de olho em suas linhas, em que faça muito entendidamente a feçura que mostrar vista por cima e o edeficio e o campo, sem passar nunca acima do horizonte, ou ponto do seu olho, e que faça mui entendidamente a feçura que mostrar vista por baxo, e o edeficio, e o campo porque consiste toda esta arte na pintura, para saber quanto lhe a cousa diminue ao longe, e quanto ao perto crece; e como aquele edeficio a que mais chegados stamos, mais encobre e se esconde, e quanto mais nos d'elle apartamos, mais descobre e se mostra e porém mais deminue por vertude das linhas pyramidaes , que saem do nosso olho. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00031|)
- (0101) As quaes quanto lá mais vão, tanto se mais alargam e mais comprehendem, e todavia quanto se lhe mais aparta um homem e o dominio, mais crece. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00033|)
- (0102) vae a casa de Michel Angelo, e dize-lhe que eu e Messer Lactancio stamos aqui; com esta capella agoada e a igreja fechada e graciosa; se quer vir perder um pouco do dia comnosco, para que o nós ganhemos com elle. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00051|)
- (0103) Convem a saber: terlarã pintura polo natural, que Deus e a natureza com grande prudencia e invenção criarão; assi o homem como as alimarias, como as aves, como as terras e rios e plantas, e como todas as outras cousas animantes e inanimantes que vemos n'esta grande maquina do mundo e isto prontissimamente á memoria encomendarã, com tanta confiança n'aquilo, e com tão pouca em si, nem nas outras obras que se faz, que o que fará sem ser esaminado pola verdade do natural, ainda que lhe bem pareça a elle nem a todos, este não crerã nem terá por bom. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00016|)
- (0104) Mas pois que m'o nisso lembrou, quero-lhe fazer hum queixume contra muitos, por mi e por alguns pintores da minha condição, e tambem por M Francisco , que aqui stã. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00002|)
- (0105) Dizem que a de linias ou traços achou Philocte egitio ou ueramente Cleanthe coryntho; e os primeiros que a exercitãram forã Ardice coryntho, e Thelefano sicionio, sem alguma color, e comtudo lançauã por dentro as linhas. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00007|)



- (0106) E o que só me era sempre presente era o em que poderia servir com a minha arte a El-Rei nosso senhor, **que me lá mandara**, cuidando sempre comigo, como poderia roubar e trazer a Portugal roubados os primores e gentilezas de Italia, do contentamento de El-Rei e dos Infantes, e do serenissimo senhor o Infante Dom Luis. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00044|)
- (0107) As imagens inveseveis, posto **que as nunca vejam**, muitas vezes as devemos de buscar e querer ver com a vertude da pintura, assi para lhes pedir e rogar , como para naellas contemplar; e com seu alto desejo e lembrança desejaremos mais de vê-las e ser em sua companhia n'aquella eternidade em que stão. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00027|)
- (0108) Onde o mundo (e principalmente Italia, como aquella que mais tinha perdido) resentindo-se das perdas e feridas que tinha do tempo recebido, começou há um pouco oulhar por si e a ver as reliquias da antiguidade e os muimentos amirabeis onde as mortas sciencias enterradas jazião que, já **que lhas os annos tinhão** roubadas, não poderão tanto danar que algumas pedras e iaspes das sepulturas preciosas não ficassem por sinal e memoria sobre a terra. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00001|)
- (0109) Deixo já seus vãos favores e carezas, **de que me ás vezes corro**. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00081|)
- (0110) - “Mór pergunta, todavia foi essa, (lhe respondi eu), senhor Micael, que a **que vos eu preguntei**. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00091|)
- (0111) Com sua chegada correram recados antre êle, e ElRei de Xirás, **com quem se logo concertou**,... (Couto, 1542: [cou-clxV-0001|])
- (0112) ... **como se logo** fez . (Couto, 1542: [cou-clxV-0002|])
- (0113) ... **que lhe melhor parecessem** ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0003|])
- (0114) ... **que o mais inquietava** que todas . (Couto, 1542: [cou-clxV-0004|])
- (0115) Em um extraordinário curso da natureza , **que se neste tempo nota** ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0005|])
- (0116) ... e entregando-lhe aquele Rei o dia **que se dele despedio** ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0006|])
- (0117) ... protesto **que lhe o outro mandava** fazer ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0008|])
- (0118) Garcia de Sá sobre os navios, e gente, **que lhe o Governador mandou** dar, andou em dilações muito. (Couto, 1542: [cou-clxV-0009|])
- (0119) ... porque a êle devia aquela mercê , **que lhe Deos fazia**”. (Couto, 1542: [cou-clxV-0010|])
- (0120) ... e aqui em Goa , onde êle correo com mais continuação , se lhe veio a entregar de feição , que não fazia senão **o que lhe êle aconselhava** , ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0011|])
- (0121) Contava dele muitas cousas , antre elas dizia : “Que estando um dia praticando com êle , lhe pedio , que lhe mostrasse o livro por onde rezava , **que lhe êle mandou** vir , ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0012|])
- (0122) ..., que faltáram homens neste Estado pera vo-la fazerem com a liberdade com **que o eu faço** ; ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0013|])
- (0123) O Rei de Geilolo mandou logo buscar sua filha , **que lhe êle entregou** , ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0014|])
- (0124) ... **que lhes êle concedeo** ; e outros trabalharam por fugir de noite . (Couto, 1542: [cou-clxV-0015|])
- (0125) E nós achámos homens em Goa , que se lembravam ainda de dous dêstes cegos , **de que se alguns Governadores descuidaram** tanto, que chegaram a pedir esmola ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0016|])
- (0126) Vindo a monção pera Dom Jorge se embarcar , teve algumas diferenças com Jordão de Freitas , sobre lhe não querer deixar embarcar os homens de sua obrigação , pelo que lhe emprestou duzentos bares de cravo , e depois de os recolher , lhe pedio mais cento , **de que se Dom Jorge agravou** dele , e andava atufado . (Couto, 1542: [cou-clxV-0017|])

- (0127) que lhe o Governador deo ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0018])
- (0128) O Coge Cemaçadim , com o que lhe êstes disseram ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0019])
- (0129) ... porque êle estava prestes pera cumprir o que lhe ElRei mandava ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0020])
- (0130) ... porque trazia peças , e brincos , que lhe êles deram . (Couto, 1542: [cou-clxV-0021])
- (0131) ... que lhe ElRei faria , a se vir a Portugal , que lhe não cumpriram . (Couto, 1542: [cou-clxV-0022])
- (0132) E sôbre isto , como o Governador , estava afeiçoado ao grande interesse , que se lhe prometia , e oferecia , resumio-se em aceitar os partidos do Accedecan , e favorecer Mealecan , pois lhe êle certificava ter direito no Reino . (Couto, 1542: [cou-clxV-0024])

Interpolação de *sujeito* em orações infinitivas introduzidas pelas preposições “de” e “sem”:

- (0133) E , pelo ElRei Dom João o III querer casar , e êle não querer , lhe não deram satisfação de seus serviços , que foi causa de se êle ir viver a Veneza com sua licença ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0025])
- (0134) Os Capitães Fidalgos , e todos os mais ficaram embaraçados com tão subita mudança , sem lhes o Governador dar conta do que passava . (Couto, 1542: [cou-clxV-0026])
- (0135) ... sem lhe ninguém ir à mão . (Couto, 1542: [cou-clxV-0027])

Interpolação de *sujeito, complemento frontado* em orações não dependentes finitas introduzidas por operadores proclisadores.

- (0136) - “Confesso , dixeu eu , senhora , que m'a tem largado , mas ella não se quer ir comigo , de maneira que lhe torna a ficar em casa: nem eu , inda que tanto valesse , não a quereria vêr em minha patria inda agora , porque , como poucos a lá sabem stimar , e o meu serenissimo rei , se não é num tempo muito desocupado , tambem não a favoreceria , principalmente havendo alguma inquietação de guerra , onde ella não serve: e enfadar-se-hia , e porventura se iria um dia de enfadada lançar no mar oceano , que é lá perto , e far-me-hia muitas vezes cantar aquelle verso de: Se ella servisse em o tempo da guerra , logo a eu desejaria”. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00072|)
- (0137) E os bons poetas a cousa por que se mais cansam e que têm por mór fineza é com palavras (porventura demasiadas e longas) vos mostrar como pintada uma tormenta do mar , ou um incendio de uma cidade , que se elles podessem , antes o pintariam; a qual tormenta quando acabaes com trabalho de lêr , já vos o começo esquece , e sómente tendes presente o curto verso em que levae os olhos. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00067|)
- (0138) Mas a altura do seu rosto , da barba até o começo do nariz , é a terça parte; do começo do nariz até o fim que stá entre as sobrancelhas outro tanto; d'ali até á raiz dos cabellos , onde se o rosto acaba , é outra terça parte. (Holanda, 1517: IH001\_1517|00018|)
- (0139) ... e onde o nós conversámos (como em outra parte dissemos) ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0007])

Interpolação de *mais de um constituinte* em orações dependentes finitas ('C-cl-X-X-V') e infinitivas (envolvendo *sujeitos, advérbios e negação*):

- (0140) Como ella me mandou assentar , e se acabou a lição e os seus louvores , olhando pera mi e pera Messer Lactancio , se me eu não engano , começou a dizer: - “Logo Francisco de Hollanda tomara de mais boa vontade ouvir prégar da pintura Michael Angelo , que não frate Ambrosio esta lição”? (Holanda, 1517: |H001\_1517| |00050|)
- (0141) (dixemos nós) mas parece-nos que inda nos este afago não consola , nem basta de tamanha perda como é não termos aqui quanto nos falta. (Holanda, 1517: |H001\_1517| |00074| )
- (0142) Até aqui temos , em parte , mostrado , como em memoria , o que nos inda não esquece da nobre pintura antiga , e isto muito brevemente para o muito que poderamos fallar d'esta materia. (Holanda, 1517: |H001\_1517| |00040|)
- (0143) Que edeficios perpetuos e statuas pesadas tem inda esta cidade , que lhe eu já não tenha roubado e leve , sem carretas nem navios , em leves folhas ? (Holanda, 1517: |H001\_1517| |00045|)
- (0144) ... “A cousa , de que me hoje mais glorio “... (Couto, 1542: [cou-clxV-0028])
- (0145) ... que lhe ElRei depois estranhou tanto ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0029])
- (0146) ... e é a cousa de que se os Grandes mais honrão, que tôdas . (Couto, 1542: [cou-clxV-0030])
- (0147) ... que lhe êle logo mandou em navios . (Couto, 1542: [cou-clxV-0031])
- (0148) ... porque assim determinava eu de fazer , se me Deos lá levará ... (Couto, 1542: [cou-clxV-0032])
- (0149) que lhe êle não quiz dar , com bem ruins escusas... (Couto, 1542: [cou-clxV-0033])
- (0150) Isto lhe disse de todo seu ânimo; e certo que se lhe ElRei não mandára successor , que o houvera de fazer , porque era um Fidalgo muito determinado . (Couto, 1542: [cou-clxV-0034])
- (0151) ... e que quando lhe ElRei não desse de comer , que viveria com o que seu pai viveo . (Couto, 1542: [cou-clxV-0036])
- (0152) que também lho largou , e se foi pera Cochim pera se embarcar pera o Reino , agravado de lhe ElRei não escrever , e em Cochim achou cartas suas na náó do Calataud... (Couto, 1542: [cou-clxV-0037])

Vimos que, considerando todas as possibilidades de interpolação de elementos diferentes da negação nos textos de Duarte Galvão, Francisco de Holanda e Diogo do Couto, se tem, respectivamente, 40%, 44% e 15% de atualização do fenômeno (cf. Quadro II.5: *interpolação generalizada vs. próclise com adjacência 'clV' - CTB - versão reduzida da Tabela 1, ANEXO - seção II.ii.1*).

A seguir veremos a frequência da interpolação de acordo com o elemento interpolado nestes três textos mais antigos do nosso corpus que registraram o fenômeno.

Na subseção II.2.1.1 descreveremos em detalhes variação: *interpolação vs próclise com adjacência 'clV'*, nos textos de Duarte Galvão e Francisco de Holanda, por ambos se comportarem de maneira semelhante com relação ao fenômeno em questão.

Em seguida, na seção II.2.1.2, descreveremos com mais detalhes o fenômeno da interpolação no texto de Diogo do Couto, já marginal, porém significativo se comparado aos textos posteriores.

### II.2.1.1 A interpolação generalizada nos textos de Duarte Galvão (1435-1517) e Francisco de Holanda (1517-1584).

Vimos no quadro II.5 que Duarte Galvão e Francisco de Holanda têm respectivamente 40% e 44% de interpolação generalizada, considerando todos os casos de próclise com adjacência 'clV' e um constituinte pré-verbal interpolável.

Ao separarmos a interpolação de acordo com o elemento interpolado, considerando apenas os constituintes que de fato ocorreram interpolados em cada texto, temos os seguintes quadros:

Quadro II.8: Interpolação generalizada de acordo com o elemento interpolado no texto de D. Galvão (1435)

Autor: G_009	Sujeito (nominais, pronominais, imprecativos, demonstrativos)	Advérbios	PP (simples, adverbiais, locativos e OI fronteados)	QPs	Outros constituintes	mais de um constituinte (todos diferentes de negação)	TOTAL
Interpolação	22	26	8	4	2	11	73
	0,46	0,63	0,22	0,44	0,28	0,32	0,47
Adjacência clV	26	15	29	5	5	23	83
	0,54	0,37	0,78	0,56	0,72	0,68	0,53
TOTAL	48	41	37	9	7	34	156

Quadro II.9: Interpolação generalizada de acordo com o elemento interpolado no texto de F. Holanda (1517)

<b>Autor: H_001</b>	Sujeito (nominais, pronominais, imprecativos, demonstrativos)	Advérbios	PP (simples, adverbiais, locativos e OI fronteados)	QPs	Outros constituintes	mais de um constituente	TOTAL
Interpolação	24	20	14	2	1	15	76
	0,57	0,39	0,58	0,25	0,11	0,45	0,45
Adjacência clV	18	31	10	6	8	18	91
	0,43	0,61	0,42	0,75	0,89	0,55	0,55
TOTAL	42	51	24	8	9	33	167

Notamos que a diferença para o resultado anterior, apresentado no quadro II.5, quanto ao total geral, é mínima na maioria dos contextos. Apesar de haver uma variação nas frequências de acordo com o constituinte interpolado, os quadros acima confirmam que a interpolação generalizada é bastante produtiva em ambos os textos, mesmo quando está em jogo mais de um constituinte.

Parcero (1999) também atestou construções com mais de um elemento interpolado. A interpolação de mais de um elemento também foi atestada no corpus de Martins (1994) e desaparece juntamente com a interpolação de XPs no século 16 em ambos os corpora.

Seguem abaixo alguns exemplos de construções de mais de um elemento interpolado dos dezesseis casos atestados por Parcero (1999). ‘CL-X-neg-V’, ‘CL-X-X-V’ e ‘CL-S-X-V’ são as diferentes possibilidades de interpolação de dois constituintes.

(0153) ...salvo a aqueles que **o** *gaanhar nom* **podem** (DFR 82-314) (Parcero 1999:49)

(0154) que *sse de Castella per'eelle* **veherom** (DFR 2-93) (Parcero 1999:49)

(0155) assim ... como os *eu d'ante* **avia** (DFR 60 – 281) (Parcero 1999:50)

Veremos, no quadro II.10 a seguir, que dos tipos de constituintes interpolados nos textos de D. Galvão e F. de Holanda, nas sentenças com mais de um constituinte, sendo todos diferentes da negação, o *sujeito* é frequentemente um dos elementos antepostos ou interpolados.

Quadro II.10: Interpolação/adjacência ‘clV’ com mais de um constituinte pré-verbal diferentes de negação.

Autor	G009	H001
C-cl-S-X-V	6/15 (0,40)	4/7 (0,57)
	6/34 (0,17)	4/30 (0,13)
C-S-X-clV	9/15 (0,60)	3/7 (0,43)
	9/34 (0,26)	3/30 (0,10)
<b>Total S-X</b>	<b>15/34 (0,44)</b>	<b>7/30 (0,23)</b>
C-cl-X-S-V	1/6 (0,16)	2/5 (0,40)
	1/34 (0,03)	2/30 (0,06)
C-X-S-clV	5/6 (0,84)	3/5 (0,60)
	5/34 (0,15)	3/30
<b>Total X-SUJ</b>	<b>6/34 (0,17)</b>	<b>5/30 (0,16)</b>
C-cl-X-X-V	4/13 (0,31)	6/18 (0,33)
	4/34 (0,12)	6/30 (0,20)
C-X-X-clV	9/13 (0,69)	12/18 (0,67)
	9/34 (0,26)	12/30 (0,40)
<b>Total X-X</b>	<b>13/34 (0,38)</b>	<b>18/30 (0,60)</b>
<b>TOTAL DE DADOS</b>	<b>34</b>	<b>30</b>

Entretanto, um fator interessante a ser observado é que, no texto de Duarte Galvão (quadro II.10), a interpolação de mais de um constituinte, sendo um deles o *sujeito*, é mais freqüente quando temos o *sujeito* como o elemento mais externo do grupo de constituintes interpolados (S-X – 40% de interpolação).

- (0156) Quando ho Prior de Santa Cruz ha que chamavam Theotonio homem ante ElRey muito eftimado,vio tomada Leyria , que lhe ElRey D.Affonso com muita devaçãõ, e von tade tinha dado , tomou em fy grande pezar , (Galvão, 1435: l0456l [g009\_p97])
- (0157) nem manteuda cõ ElRey de por meyo em fua terra , que abaftava para elles leyxarem-na em poder de Chriftãos como fora feü dezejo , e ali fe foraõ ha ElRey , e lho diceraõ muy francamente, ho que lhes elle muito agradeceo , offerecen-do-fe, que fe alguns delles, e de fuas gentes quizefem fiquar em fua terra, elle lhe daria luguares ... (Galvão,1435: l0671l [g009\_p152])
- (0158) ho medo, em , que os Deos jaa poz para nós ma-yormente fe dermos nelles de fobre-falto (Galvão, 1435: l0788l [g009\_p180])
- (0159) Entaõ ElRey movido ha devaçãõ pelas couzas que lhe feu irmão afi contava, dice: (Galvão, 1435: l0534l [g009\_p113])
- (0160) E sorrindo-se Micael, dixeu: - “Porque elle sabe , senhora , que o eu já tenho feito , e lha tenho toda largado já a elle; por me não achar com as forças que pedem tamanhos amores , tem elle dito o que tem dito , como de cousa sua”. (Holanda, 1517: l00070l)
- (0161) E meu pai foi o primeiro que a fez em Portugal em perfeição e fora de rustiquidade , e com muita suavidade; mas quer-se esta maneira de pintura feita toda de uns certos pontos sotilissimos a que eu chamo átamõs ou nevoa , os quaes pontos cóbrem toda a obra de huma maneira de veõ e de fumo muito suave e encarecido , cheo de grande perfeição e graça; e é mui deficel de fazer o tal fazer , e parece a alguns que o podem fazer , ou que o fazem , mas não n'o fazem , e estão mui longe de o fazerem , porque a quem o a speriencia depois de muito trabalho mostrou , este sabe e sente quão deficel cousa é esta invenção de pintura de preto e branco , cuberta do rócio ou nevoa ou veos , que digo. (Holanda, 1517: l00042l)

Já quando temos a ordem contrária (*X-Suj*) a opção pela adjacência ‘clV’ é preferencial (84% de adjacência contra 16% de interpolação).

(0162) pelo qual eu tomei tanto nojo, que me fez leixar ho modo de meu viver ordenado,e tomar vida da andar em guerra , no que me ainda Deos ajudou tanto que tomei ha Villa da Arronches,e ora Senhor fomos aqui ante vòs,eu, e meus amiguos, ho feyto de Arronches , e Leyria todo pomos em voças mãos. (Galvão, 1435: l0472l [g009\_p100])

Não se pode saber, desta forma generalizante, se esta diferença é relevante, mas é curioso o fato, uma vez que se estipula que o sujeito pré-verbal poderia ocupar posições diferentes na estrutura da oração, e que este também pode ser um lugar para se investigar a mudança.

Ao medirmos a frequência de ‘S-X’, ‘X-S’ e ‘X-X’ dos dados de *interpolação versus próclise* apresentados no quadro II.10 acima constatamos que o texto de Duarte Galvão apresenta a frequência de **0,44** de ‘S-X’ (ou seja, 44%), **0,17** de ‘X-S’ (17%) e **0,38** de ‘X-X’ (38%); enquanto o texto de Francisco de Holanda apresenta **0,23** de ‘S-X’ (23%), **0,16** de ‘X-S’ (16%) e **0,60** de ‘X-X’ (60%).

Não será possível entrar nesta questão aqui, no entanto, o *sujeito* parece se comportar como qualquer constituinte frontado nas orações subordinadas.

Quanto à negação, a interpolação de ‘não’ é quase categórica no texto de Duarte Galvão 95%. Porém, no texto de Francisco de Holanda notamos uma diferença de quase 50% da interpolação do operador de negação (46% de ‘cl-neg-V’). (Cf. Quadro II.7 mais acima, na seção II.1, e, Anexo, ii.ii.3, Tabela 3). Este fato poderia ser interpretado como uma revelação de uma diferença gramatical, porém não deverá ser este o caso visto que o texto de F. de Holanda destoa também de todos os outros textos com relação à preferência pela ordem ‘NclV’. Voltaremos a esta questão na seção II.2.2, sobre a interpolação da negação, mas já adianto que a preferência pela ordem da próclise com adjacência ‘clV’ nas orações dependentes negativas, neste texto, pode ser explicada pela grande quantidade de casos com elementos pré-verbais além da negação que parece favorecer a ordem ‘NclV’, apesar de não impedir a interpolação de ‘não’.

Entretanto, é possível encontrar em ambos os textos pistas da mudança ao observar, com mais detalhamento, as orações negativas com um elemento pré-verbal além da negação, sobretudo na questão da contigüidade entre o subordinador e o clítico: as estruturas  $C-cl-X-N-V \sim C-X-cl-N-V \sim C-X-N-cl-V$ .

Quadro II.11: Interpolação/clV com mais de um constituinte pré-verbal incluindo a negação

Autor	G009	H001
C-cl-X-neg-V	4	4
	0,23	0,11
C-X-neg-cl-V	2	20
	0,12	0,54
C-X-cl-neg-V	11	13
	0,65	0,35
TOTAL	17	37

Nas sentenças com mais de um elemento pré-verbal sendo um deles a negação, a interpolação de X não ultrapassa os 23%. Vemos no quadro II.11 acima que a ordem  $C-X-cl-N-V$  é preferencial no texto de Duarte Galvão, enquanto no texto de Francisco de Holanda a ordem mais atestada foi  $C-X-N-cl-V$ , porém também com uma frequência bastante elevada de  $C-X-cl-N-V$ . Ou seja, a ordem com interpolação do X pré-verbal nas orações negativas é marginal em ambos os textos. Fato que pode indicar que a mudança gramatical que veda a subida do clítico para além de  $\Sigma$  já foi iniciada nesta época. E pode ser constatada já no texto de Duarte Galvão (1435).

A semelhança encontrada nos textos de D. Galvão (1435) e F. Holanda (1517) sugere que ambos ‘compartilham’ da mesma gramática, apesar de não serem contemporâneos. Ambos já instanciarão a gramática do *português médio*. Hipótese corroborada pelo texto de P. M. de Gandâvo (1502) que já não apresenta a interpolação de elementos diferentes da negação.

Também o texto de Diogo do Couto (1542) revela um quadro de mudança nas sentenças *não-negativas*. Como vimos no quadro II.5, a frequência de *interpolação vs próclise com adjacência V-cl* de elementos diferentes da negação no texto deste autor é bastante inferior à atestada por D. Galvão e por F. de Holanda.



A seguir em II.2.1.2 veremos a situação do fenômeno da interpolação no texto de Diogo do Couto.

### II.2.1.2 A interpolação generalizada no texto de Diogo do Couto (1542-1606):

Os elementos encontrados interpolados em Diogo do Couto foram: Em primeiro lugar a *negação*, depois *os sujeitos*, *advérbios*<sup>39</sup>, *adjetivos*, *sintagmas preposicionais fronteados (PP)*, e alguns casos com *mais de um constituinte* entre o clítico e o verbo - sendo geralmente: *'sujeito + 'negação'*, *'sujeito + advérbio'* e *'advérbio + advérbio'*.

Quadro II.12: interpolação no texto de Diogo do Couto (1542)

Tab1 : elementos interpolados	C_007_1542 N° de dados	C_007_1542 porcentagem
Sujeito	21	0,16
advérbio (A)	2	0,02
pp complemento	2	0,02
adjetivos	2	0,02
mais de 1 elemento	10	0,08
negação	92	0,71
<b>Total de interpolações</b>	<b>129</b>	<b>1</b>

Primeiramente focalizaremos a frequência do fenômeno da interpolação de elementos diferentes da negação.

Ao considerarmos as possibilidades de interpolação do PA, o texto de Diogo do Couto possui apenas 15% de interpolação de elementos diferentes da negação, como pudemos constatar no quadro II.5 (na página 70 e reproduzido na página 87).

---

<sup>39</sup> Adv (A) e Adv (a) são respectivamente advérbios neutros e advérbios tipo operador - "atrator do clítico".

Este quadro muda pouco quando separamos os elementos que foram efetivamente interpolados no texto. Como podemos constatar no quadro II.13 abaixo, a preferência continua ser a próclise sem interpolação<sup>40</sup>.

Quadro II.13: Interpolação generalizada de acordo com o elemento interpolado

Autor: C_007	Sujeito (nominais, pronominais, imprecativos, demonstrativos)	Advérbios	PP (simples, adverbiais, locativos e OI fronteados)	Adjetivos	mais de um constituente
Interpolação	21	2	2	2	10
	0,21	0,06	0,04	0,50	0,32
Adjacência cIV	77	30	44	2	21
	0,79	0,94	0,96	0,50	0,68
TOTAL	98	32	46	4	31

Quanto à interpolação de mais de um constituinte, apesar de termos a preferência pela próclise no quadro acima, ainda temos uma quantidade surpreendente de interpolação de mais de um elemento neste texto. Resta-nos entender o porquê.

Dos *vinte e um* casos de próclise com *dois* elementos antecedendo ‘cIV’ apenas *seis* apresentaram a mesma combinação de constituintes pré-verbais distribuídos da seguinte forma:

Quadro II.14: Interpolação/adjacência com mais de um constituinte pré-verbal

Autor: C_007	Sujeito +neg	Advérbio + Adv (A)	Sujeito + adv (a)
Interpolação	5	1	4
	0,56	0,50	0,80
Adjacência cIV	4	1	1
	0,44	0,50	0,20
TOTAL	9	2	5

A tabela acima nos traz um paradoxo. Como um texto que usa tão pouco a interpolação generalizada quando está em causa um constituinte pode preferir a estrutura com interpolação quando estão em causa dois constituintes? A este respeito temos mais a observar.

<sup>40</sup> Há a exceção dos adjetivos (50% de interpolação), porém como esta categoria é rara no texto como um todo e como não é um elemento particularmente interpolado nem mesmo nos corpora de textos Arcaicos (remeto aos corpora de Martins, 1994 e Parceró, 1999), acredito que o fato de termos dois casos de interpolação contra dois de próclise com adjetivos não é significativo.

Dos *dez* dados de interpolação de mais de um constituinte *cinco* são de ‘Sujeito+negação’, ou seja, o operador de negação sentencial é um elemento freqüente nestes dados, e pode nos ajudar a enxergar uma coerência maior na distribuição dos dados de interpolação.

A ordem ‘-cl-XnegV’ é portanto produtiva neste texto (*cinco* casos de ‘-cl-XnegV’ para *seis* de ‘-X-neg-cl-V’). Porém, ao olhar para a natureza dos elementos interpolados nas sentenças ‘-cl-XnegV’, constatamos que ‘X’ é sempre o ‘*sujeito*’ das orações. Assim, restringimos nosso conjunto de dados de próclise com adjacência ‘clV’ para apenas -S-N-clV’ e obtivemos *cinco* casos de interpolação de ‘*sujeito + negação*’ (56%) para *quatro* casos de próclise com adjacência ‘clV’ antecedida de ‘*sujeito + negação*’ (44%).

#### cl-S-N-V:

- (0163) E temendo-se que os Castelhanos fôssem ao Moro , determinou de mandar lá uma Armada ; e porque não tinha mais que duas fustas , pediu a ElRei algumas corocoras, que lhe êle não quiz dar, com bem ruins escusas, porque não quiz anojar o Rei de Geilolo, e o de Tidore, que favoreciam os Castelhanos, por pertender seu favor, se o quizessem tirar do Reino, porque esperava todos os anos que tornasse de Gôa o irmão Tabarija. (Couto, 1542: [cou-clxV-0033])
- (0164) Isto lhe disse de todo seu ânimo; e certo que se lhe ElRei não mandára sucessor, que o houvera de fazer, porque era um Fidalgo muito determinado. (Couto, 1542: [cou-clxV-0034])
- (0165) Êste Embaixador não foi bem recebido, e ouvindo as razões do Governador, parecendo-lhe tudo cumprimentos, e invenções, mandou prender o Embaixador, e todos os Portugueses, que estavam naquela Cidade, e recolher suas fazendas, pondo-os a muito bom recado, com tenção de os não largar até lhe entregarem Mealecan: aconselhando-lhe seus Capitães, que não sofresse tanto, e que mandasse logo um exército a cobrar as terras de Salsete, e Bardés; o que êle por então não quiz fazer , porque como sua tenção era haver às mãos Mealecan, ou o fazer lançar pera parte onde se êle não receasse, houve que lhe bastavam pera isso os penhores que tinha . (Couto, 1542: [cou-clxV-0035])
- (0166) <P\_161> Dom Manoel de Lima o não quiz ouvir naquele negócio, dizendo-lhe, que era filho mais velho de seu pai, que se queria ir pera o Reino, e que quando lhe ElRei não desse de comer, que viveria com o que seu pai viveo. (Couto, 1542: [cou-clxV-0036])
- (0167) António da Silveira, o de Terena, ia no galeão São João, que era de João de Sepulveda, que também lho largou, e se foi pera Cochim pera se embarcar pera o Reino, agravado de lhe ElRei não escrever, e em Cochim achou cartas suas na náó do Calataud, pelo que se deixou ficar. (Couto, 1542: [cou-clxV-0037])

#### S-N-cl-V:

- (0168) ElRei recebeu êste homem bem , e por êle lhe respondeo : " Que sempre fôra maltratado dos Portugueses por recolher Castelhanos ; mas que se fôsse êle pera aquela Ilha , porque êle não o havia de lançar fora da terra ; e que vissem êles se eram poderosos pera se sustentarem nele , e lançarem os Portugueses fóra daquelas Ilhas " . (Couto, 1542: IC007\_1542II0215)

Todavia, as sentenças negativas apresentam ainda uma terceira ordenação que é a que contém o operador de negação interpolado e o outro constituinte ‘interpolável’ antecedendo a seqüência ‘cl-neg-V’.

- (0169) Dom Manoel lhe disse: " Que fizesse seu ofício; mas que se o Governador o mandava prender por lhe não fazer recebimento, nem lhe entregar as chaves da fortaleza, **que êle o não fizera**, senão pelo pouco caso que lhe vira fazer da fortaleza d'ElRei, tendo obrigação de se ir aposentar nela, e ver o de que tinha necessidade. (Couto, 1542: [cou-clnV-0070])
- (0170) E sucedendo outros, **a quem êles as não queriam dar**, lhas tomavam por força, alegando a posse; e outros usando de mais suavidade, lhas tomavam por mania, até que ElRei de Portugal provêo nisso e mandou que se lhe não bulisse nas suas rendas, como em seu lugar diremos. (Couto, 1542: [cou-clnV-0078])
- (0171) E quem nos pode também segurar, **que Mealecan , depois de Rei, nos não seja** peior vizinho, que êste Abrahemo, que corre com êste Estado tão pontual; e que êstes Capitães, que hoje se mostram tanto vossos servidores, depois de saneados com êle, não sejam os que o aconselhem a vos fazer guerra, e desafrontar-se? (Couto, 1542: [cou-clnV-0074])
- (0172) Êste conselho houvera Dom Christovão de tomar em princípio, tanto que se ajuntou com a Rainha, e segurar-se em parte, **que os inimigos o não pudessem cercar**, até se ajuntar com o Imperador, e da serra pudera sair a dar todos os assaltos que quizera. (Couto, 1542: [cou-clnV-0090])
- (0173) Disto se escusou o Villa-Lobos, o que logo soube o Rei de Geilolo, e foi visitar o Villa-Lobos a Tidore, induzindo-o a fazer guerra aos nossos, sôbre **o que êle o não ouvio**. (Couto, 1542: [cou-clnV-0091])
- (0174) E estava o Villa-Lobos tão mal quisto com todos, **que até o Prior dos Agostinhos, seu Confessor, o não pôde sofrer**, e se passou à nossa fortaleza, onde foi bem agazalhado, e dali escreveu ao Villa-Lobos, que tomasse conclusão com os Portugueses, primeiro que viesse a Armada da India; e depois disto tornou-se a ver com êle em Tidore, afirmando-lhe que estava excomungado êle, e todos, se se não fossem pera os Portugueses; e vendo que o não podia mover, tornou-se pera a nossa fortaleza com todos os seus Frades, deixando os Castelhanos muito divisos. (Couto, 1542: [cou-clnV-0068])

Portanto ao juntarmos as sentenças ‘C-S-cl-neg-V’ na quantificação teremos um quadro diferente. A opção em que o *sujeito* não é interpolado aumenta significativamente, como podemos constatar no quadro II.15 abaixo (78% contra 22% de interpolação do sujeito).

Quadro II.15 – C-cl-S-N-V ~ C-S-N-cl-V ~ C-S-cl-N-V

Autor: C_007	Sujeito +neg
C-cl-S-neg-V	5
	0,22
C-S-neg-cl-V	4
	0,17
C-S-cl-neg-V	14
	0,61
TOTAL	23

Agora temos um quadro semelhante ao da interpolação/adjacência 'cIV' apenas tendo o sujeito como constituinte pré-verbal (cf. quadro II.13).

Resta-nos a curiosa elevada porcentagem de interpolação de 'Sujeito+adv' e 'adv+adv'. Talvez a causalidade destas combinações possa desviar o nosso olhar sobre os dados. Voltemos a considerar estas combinações como 'X-X-clV', somando as outras combinações de elementos pré-verbais. Assim, temos *cinco* casos de interpolação contra *dezoito* casos de 'cIV':

Quadro II.16: *Interpolação/adjacência 'cIV' com dois elementos pré verbais diferentes de 'sujeito+negação'.*

Interpolação	5
	0,23
Adjacência cIV	17
	0,77
TOTAL	22

De novo a porcentagem de interpolação fica próxima a do 'sujeito' o que pode ser explicado por termos o sujeito como um dos elementos interpolados ou interpoláveis na maioria dos dados com mais de um constituinte pré-verbal.

Voltemos ao que podemos dizer sobre a mudança gramatical que veda a possibilidade da interpolação generalizada.

Sabemos que depois de Diogo do Couto a interpolação de 'X' fica ainda mais rara e, como veremos na seção **II.2.1.3** a seguir, o fenômeno restringe ainda mais os constituintes interpolados.

No entanto é surpreendente o que acontece para trás, nos autores mais velhos que Couto. Uma vez que Couto (1542) ainda atesta, mesmo que com baixa produtividade, casos de interpolação semelhantes aos do PA, esperaríamos que os autores mais antigos produzissem mais desta interpolação. Vimos que isto acontece no texto de Francisco de Holanda, autor nascido em 1517, que tem uma porcentagem bastante elevada da interpolação generalizada (43%), e também no texto de Duarte Galvão (1435) - 40% de interpolação. Mas não é o que acontece no texto de Pero Magalhães de Gandâvo, autor nascido por volta de 1502, ou seja, mais velho que Francisco de Holanda, e que já não registra, em seu texto, a interpolação de elementos diferentes da

negação, revelando um padrão, no que tange a interpolação, semelhante ao dos autores nascidos na segunda metade do século 16 e século 17. Também é interessante o fato do texto de Duarte Galvão (1435), nascido em meados do século 15, ter um comportamento semelhante ao texto de Francisco de Holanda (1517), nascido *oitenta e dois* anos depois; sendo que em ambos os textos já se instanciam as formas do *português médio* como a possibilidade de interpolar a negação nas orações raízes ‘XV’ e a preferência pela ordem ‘C-X-cl-N-V’. A estas questões voltaremos na seção II.2.2 onde trataremos especialmente da interpolação da negação no CTB.

### **II.2.1.3 A interpolação generalizada nos textos de Luís de Sousa (1556), F. Rodrigues Lobo (1574), F. Manuel de Melo (1608) e A. das Chagas (1631)**

No período contemplado nesta seção, a interpolação se dá essencialmente com a negação. A interpolação de constituintes diferentes da negação se apresenta rara nos textos do corpus, como pudemos notar na seção II.1, Quadro II.5: *interpolação generalizada vs. adjacência clV - CTB* (também: Anexo, seção ii.ii Tabela 1 e Gráfico 1). Dos *dezesseis* textos que representam esta fase apenas *quatro* atestaram casos de interpolação de elementos diferentes da negação. São os textos de: (1) Luís de Sousa (1556) – 1% de *interpolação* (C-cl-X-V) contra 99% de *próclise com adjacência* (C-X-cl-V); (2) F. Rodrigues Lobo (1574) – 2 % de C-cl-X-V; (3) F. Manuel de Melo (1608) – 2% de *interpolação*; e (4) A. das Chagas (1631) – 0,4%.

Os sermões e as cartas do Padre Antônio Vieira (1608) não apresentam casos de interpolação de elementos diferentes da negação, assim como os textos de: Manuel Bernardes (1644); Cunha Brochado (1651); Maria do Céu (1658); André de Barros (1675); Matias Aires (1705); Antônio Verney (1713); Correia Garção (1724), Marquesa da Alorna (1750); e Ramalho Ortigão não registraram o fenômeno.

Os constituintes que foram interpolados nos textos a partir dos autores nascidos na segunda metade do século 16 são:

- **pronomes sujeitos**, presente inclusive no texto tardio de Almeida Garrett (cf. seção II.2.1.4);
- **NP sujeito**, menos freqüente, atestado apenas um caso no texto de Francisco Manuel de Melo;
- **QP**, um caso no texto de Luís de Sousa;
- **Constituintes que constituem o redobro do clítico e**;
- **Advérbios**.

Quadro II.17: Elementos interpolados

	Pronome Sujeito	NP sujeito	Neg + Pronome Sujeito	PP: redobro do CL	QP	Advérbio
Luís de Sousa (1556)	2	0	0	0	1	0
F. R. Lobo (1574)	6	0	1	1	0	0
Melo – Cartas (1608)	4	1	0	2	0	2
A. das Chagas (1631)	2	0	0	0	0	0

Nos dados de Martins, estes elementos, juntamente com o advérbio de negação ‘**não**’, são particularmente freqüentes enquanto elementos interpoláveis.

#### Interpolação de constituintes que constituem o *redobro de clítico*:

- (0175) A propósito : porque há muitos que se desviam do princípio da prática , de maneira que do primeiro salto vão parar a Flandres ; outros , que em tudo querem meter uma história que sabem , contar uma nova que lhes veio , um dito que ouviram , um sonho que sonharam ; e , pela deleitação que tomam de contar cousas próprias , perdem o decôro com que hão-de escutar as alheias , e o tento do que êles mesmos respondem ; e **também me a mi parece** que me vou metendo nas que não são minhas , que me fizeram passar os têrmos de Imaneira que nem a meu amigo ficou tempo para continuar com a segunda parte dêste discurso . (Lobo, 1574: [lob-clxv-0002])
- (0176) ¿ Que mais estranho que o de Temístocles Ateniense , famoso capitão da Grécia , que , namorado de uma dama que cativou na guerra de Épiro , usava em uma doença , que sua amada teve , dos mesmos remédios **que lhe a ela faziam** , tomando as purgas e sangrias com a mesma dama , e lavando o rosto por regalo e gentileza com o seu sangue dela ? (Lobo, 1574: [lob-clxv-0003])
- (0177) Pois se **donde me a mi conhecem** , honra me fazem , como me hei eu de injuriar de que me conheçam? (Melo, 1608: [M003-0003])
- (0178) Dizem lá que **onde me a mi conhecem** , honra me fazem. (Melo, 1608: [M003-0004])

#### Interpolação de *advérbios*:

- (0179) Não é menos o **que me lá anda** neste infelíssimo jôgo. (Melo, 1608: [M003-0001])

- (0180) Achando-se Vossa Mercê com novas do ausente, para Vossa Mercê das que souber comigo; que só o frade (e não o clérigo, e menos o amigo professo) não dá do que **lhe bem sabe**. (Melo, 1608: [M003-0002])

Interpolação de *quantificadores*:

- (0181) “Entre os pobres , sobre todos , tenha cuidado dos doentes , que não podem andar pedindo , como **lhe muitas vezes disse** . (Sousa, 1556: [sou\_clxV-00002])

Interpolação de *sujeito + negação*:

- (0182) - Também (disse o Doutor) houve já neste Reino escravos ilustres , de muito valor , entendimento e sangue , conhecidos por tais e tratados como se estivessem em liberdade , que cativaram nas nossas fronteiras de África , em cujas histórias **me eu não quero** deter por me não alongar mais do intento do nosso discurso dos recadistas , que uns e outros representam a pessoa de quem os manda , no que toca ao recado que dão ; o que a mim me parece que está bem provado com o costume que os antigos tinham em mandar os seus , que não falavam por terceira pessoa , como é o nosso uso , que dizemos : ... (Lobo, 1574: [lob-clxv-0001])

Interpolação de *sujeito pronominal*:

- (0183) Porque não ponha aqui os nomes de tantas pessoas , **lhe** digo que de minha parte dê encomendas a todas as que **lhe** parecer que é razão que **as eu mande** . (Sousa, 1556: [sou\_clxV-00001])
- (0184) Se **me eu contento** com uma pobre pensão , razão é que me entristeça não ouvindo o fruto do meu poupar . (Sousa, 1556: [sou\_clxV-00003])
- (0185) - É tão saborosa a murmuração de Solino (disse Leonardo) que também na mesa se pode estimar como boa iguaria ; e , se **a eu tiver** a muitas vezes , dera vida ao apetite que para as outras me falta . (Lobo, 1574: [lob-clxv-0005])
- (0186) - Se o ela fôra (tornou Solino) em mais ocasiões me valera das em que **a vós podeis** desejar . (Lobo, 1574: [lob-clxv-0006])
- (0187) - Não é Solino tão descuidado do que **lhe eu mereço** (tornou Dom Júlio) que se esqueça de mim e de quanto sentirei perder horas suas ; e polo interêsse das da conversação do Doutor o tivera em menos conta se as não desejara ; e , além disso , posso afirmar que está pago da lembrança que teve com a diligência que fizemos polo trazer connosco , que voltámos pola sua porta e eu tirei uma pedra à janela , donde me disseram que ceava com Píndaro ; e cada um dos dous me fêz inveja . (Lobo, 1574: [lob-clxv-0007])
- (0188) - Em tudo (tornou êle) vos quisera satisfazer ; porém , cartas mais se hão-de escrever em ocasião do que trazerem-se por exemplo ; que é o porque eu **lhe** não dera regra certa , nem das muitas que há bem escritas se pode tirar ; que êsse autor que vós dizeis , que **lhe** assinou vinte géneros , achará fora dêles infinitas cartas , bem melhor escritas que as com que **os êle quere** autorizar . (Lobo, 1574: [lob-clxv-0008])
- (0189) - Não é só êle o que vos acusa (disse Dom Júlio) antes eu de **a vós deixardes** me queixo , ainda que de a acompanhardes tinha ciúmes . (Lobo, 1574: [lob-clxv-0009])
- (0190) De largo campo necessitavam as minhas desculpas , se **as eu quisera** pôr em campo. (Melo, 1608: [M003-0006])



- (0191) O que vos eu afirmarei é que, ainda que há muito tempo que não exercito esta arte, nem quero bem nem à camisa que trago no corpo, que todavia me não esqueço dela, sem necessitar dos nominativos da de Ovídio; porque, quando nisso me ponho, sei amar de uma arte nova. (Melo, 1608: [M003-0007])
- (0192) Com que me êle dê paciência para levar tanta sem-razão, (Melo, 1608: [M003-0008])
- (0193) Finalmente, senhor António Luis de Azevedo, o que eu peço a Vossa Mercê sem lho eu pedir sei que fizera: que Vossa Mercê por sua pessoa e pelos meios que lhe forem possíveis queira ajudar esta minha pobre pretensão, lembrando ao senhor Secretário dirija e a lembre e disponha o despacho dela, porque de outra sorte eu ficarei aqui até que o eco da trombeta do juízo universal nos chame a todos e confunda, como confundirá aos assim me tem julgado e não acabam ainda agora. (Melo, 1608: [M003-0009])
- (0194) Pois agora vos eu digo que êle acordará, por mais bombardas que se dispare em Ene, de quem eu tenho achado que tem tal virtude, que aos vizinhos espertam, aos apartados adormecem. (Melo, 1608: [M003-0010])
- (0195) Peça Vossa Paternidade a Deus, que, como pode, remedêe a minha miséria e me olhe com sua misericórdia, porque dos olhos de Deus vem todo o nosso bem e venham a Vossa Paternidade por muitos e felices anos, os que lhe eu peço e desejo. (Chagas, 1631: [C003-clxV-0001])
- (0196) Cortesãmente me tratam; porque algumas horas que se ocupam, me tem respeito: são vivos e meus parentes muito chegados; baste a dano que lhe eu faço. (Chagas, 1631: [C003-clxV-0002])

Na maioria dos dados atestados temos os mesmos contextos atestados por Martins (1994) para o PA (orações dependentes: subordinadas finitas e infinitivas introduzidas por preposição, não dependentes introduzidas por um elemento que condiciona a próclise, enfim contextos de anteposição obrigatória do clítico). Todavia, como já adiantamos no início do capítulo, verificamos um caso de interpolação de um *NP sujeito* no texto de Francisco Manuel de Melo em um contexto sintático diferente daquele em que o fenômeno ocorre no PA. O *NP sujeito* está interpolado em uma oração matriz antecédida por oração anteposta (de acordo com Martins, 1994, este é um caso de oração não dependente neutra).

- (0197) Se em tudo isto tenho que pedir a Vossa Mercê seu favor, o Vossa Mercê **sabe**; se o devo esperar, eu o sei. (Melo, 1608: [M003-0005])

Uma explicação plausível para o dado no texto de Francisco Manuel de Melo seria dizer que a interpolação generalizada já não faz parte da sua gramática, quando a usa está imitando os textos antigos, mas “mistura” a sua gramática que permite a interpolação da negação neste contexto. Então quando faz uso da interpolação faz como se fosse a da negação.

Esta hipótese é coerente com o fato de não atestarmos a interpolação de elementos diferentes da negação na maioria dos textos analisados. Vimos que Antônio Vieira, nascido no século 17, não registrou casos de interpolação de elementos diferentes de "não" em nenhum de seus dois textos analisados. Também não encontramos a interpolação de constituintes diferentes da negação nos textos dos autores que representam o século 18.

Enfim, os dados sugerem que a interpolação generalizada é obsoleta nestes textos, e, se assim for, não faz parte da gramática dos autores e sim reflete um estado de competição de gramáticas no texto escrito.

Por outro lado, o dado atestado no texto de Francisco Manuel de Melo é justificável pela nossa hipótese de que o pronome clítico se hospeda em  $\Sigma^o$  nesta fase. Esperaríamos que neste contexto o verbo também se movesse para este núcleo acima de IP ( $\Sigma^o$ ) para checagem de traços verbais derivando 'clV' ou 'Vcl' a depender do preenchimento da posição pré-verbal (Spec de  $\Sigma P$ ), como veremos logo mais. Mas, por alguma razão, talvez discursiva, não houve o movimento do verbo para este núcleo na sentença apresentada em 197, tão pouco o movimento do sujeito para Spec de  $\Sigma P$ . Talvez como recurso para contrastar mais fortemente com a oração que se segue: "eu o sei".

Quanto aos casos de interpolação de sujeitos pronominais atestados no texto de Almeida Garrett, veremos a seguir na seção II.2.1.4 que não podem ser considerados totalmente marginais. Apesar da baixa frequência comparada às próclises com adjacência (5%), apresenta mais casos de interpolação que os autores nascidos na segunda metade do século 16 e primeira metade do século 17.

#### **II.2.1.4 A interpolação generalizada no texto de Almeida Garrett (1799)**

Almeida Garrett (1799) já é considerado um representante de PE, pois é um autor do século 19, e sendo representante desta nova gramática não esperaríamos encontrar a interpolação de constituintes diferentes da negação, uma vez que temos uma lacuna de dois séculos entre este autor e aquele que registrou em seu texto o "último" dado de interpolação (Antônio das Chagas,

século 17).

Entretanto, encontramos *doze* casos de interpolação do pronome sujeito no texto de Garrett, o que equivale a 5% de interpolação com relação à próclise com adjacência ‘*cIV*’.

Dos *doze* casos de interpolação do pronome sujeito *oito* foram atestados em orações dependentes finitas.

- (0198) Agora, do frade é que me eu queria rir, mas não sei como. (Garrett, 1799: IG005\_1799||0004l)
- (0199) E foi por esta, foi por amor desta que me eu deixei descair na digressão dramático-literária do princípio deste capítulo; pegou-se-me à pena porque se me tinha pregado na cabeça; e ou o capítulo não saía, ou ela havia de sair primeiro. (Garrett, 1799: IG005\_1799||0003l)
- (0200) O que lhe ela fora , assaz to tenho explicado , leitor amigo e benévolo: o que lhe ela será... (Garrett, 1799: IG005\_1799||0010l)
- (0201) Nunca duvidei do que me elas dizem : não se mente assim , tu não mentias então . (Garrett, 1799: IG005\_1799||0013l)
- (0202) Mas um rochedo em que me eu sente ao pôr do Sol na gandra erma e selvagem , vestida apenas de pastio bravo , baixo , e tosqueado rente pela só boca do gado - diz-me coisas da terra e do céu que nenhum outro espectáculo me diz na natureza . (Garrett, 1799: IG005\_1799||0002l)
- (0203) Joanhinha não lhe tinha medo , mas o respeito que lhe ele inspirava era misturado de uma aversão instintiva , que , por contradição inaudita e inexplicável , a deixava simpatizar com tudo quanto ele dizia e professava : doutrinas , opiniões , sentimentos , tudo lhe agradava no frade , menos a pessoa . (Garrett, 1799: IG005\_1799||0005l)
- (0204) O que lhe ela fora , assaz to tenho explicado , leitor amigo e benévolo : o que lhe ela será ... (Garrett, 1799: IG005\_1799||0009l)
- (0205) O que me eu parece é que nós temos cedo muita pancada rija”. (Garrett, 1799: IG005\_1799||0008l<sup>41</sup>)

*Três* casos em orações infinitivas – introduzidas por ‘*de*’, ‘*para*’, e ‘*nem*’:

- (0206) - respondeu o frade aproximando-se, e chegando o braço a alcance de lho ela beijar: - Ora aqui estou, minha irmã; que me quer? (Garrett, 1799: IG005\_1799||0001l)
- (0207) Vem e vem muito: vem para mostrar que a história, lida ou contada nos próprios sítios em que se passou, tem outra graça e outra força; vem para te eu dar o motivo por que nestas minhas viagens, leitor amigo, me fiquei parado naquele vale a ouvir do meu companheiro de jornada, e a escrever para teu proveitamento, a interessante história da menina dos rouxinóis, da menina dos olhos verdes, da nossa boa Joanhinha. (Garrett, 1799: IG005\_1799||0012l)
- (0208) – “Nem te eu quero para frade” (Garrett, 1799: IG005\_1799||0006l)

---

<sup>41</sup> O pronome ‘*eu*’ não tem a função de sujeito desta sentença, mas de redobro do clítico ‘*me*’.

E, um caso de *pronome sujeito* interpolado em uma oração gerundiva introduzida por “em”:

- (0209) Em **lhe eu dizendo** quem tu és e a que cá vens , ele sabe o estado de minha avó , e tem-lhe muita amizade , dá-nos decerto licença para tu vires em toda a segurança . (Garrett, 1799: IG005\_1799||0011)

Quanto aos *dois* últimos dados apresentados do texto de Garrett - a interpolação do pronome sujeito na oração infinitiva introduzida por ‘nem’ e a interpolação na oração gerundiva – apresentam contextos em que a interpolação não era encontrada no PA.

É importante ressaltarmos que *o sujeito*, principalmente *pronominal*, é o segundo elemento que mais se atesta interpolado no PA (depois da negação). E é com este elemento, *o sujeito*, que a interpolação em contextos antes não previstos acontece.

Vimos, no início do capítulo, que a interpolação de certos elementos, como o sujeito pronominal e alguns advérbios, ressurge no PE. Magro (2007) demonstra que o fenômeno da interpolação existe em alguns dialetos atuais do PE, mas que se configura como um fenômeno morfológico, diferentemente da interpolação do PA. De acordo com a autora, a interpolação nos dialetos do PE refletiria um processo de metátese em uma cadeia de elementos dependentes, como uma extensão do mecanismo que geraria a ênclise, a duplicação do clítico e à interpolação da negação nestes dialetos.

Portanto os casos encontrados em Garrett poderiam ser arcaísmos, lapsos do arcaísmo, ou o reflexo de uma nova gramática da interpolação (ou ainda uma mistura destas possibilidades).

Na seção seguinte (II.2.2) veremos com vagar a **interpolação da negação** nos textos do Corpus Tycho Brahe.

### II.2.2 A distinta interpolação da negação

No nosso corpus a interpolação de “*não*” tem um comportamento diferente da interpolação descrita para o PA.

Martins (1994) atestou que no PA existia uma variação entre a adjacência do clítico ao verbo – “*cl-V*” – e a interpolação de constituintes **nos ambientes de próclise categórica** (orações dependentes finitas, infinitivas introduzidas por preposição que desencadeasse a próclise obrigatória e orações não dependentes introduzidas por operadores “proclisadores”). E destaca o fato de que quando um constituinte capaz de provocar anteposição obrigatória do clítico está ele próprio interpolado, como é o caso de alguns advérbios e também da negação, outro “*proclisador*” introduz a oração para que a interpolação seja possível.

(0210) o qual casal **lhe** asi emprazou (NO, 1513) (Martins, 1994:189)

(0211) que me **nom** *n-ebam* (NO, 1268) (Martins, 1994:189)

Portanto, nas orações não dependentes para que um advérbio, um quantificador ou o operador de negação ocorra interpolado (da mesma forma que constituintes comuns) um outro operador proclisador deve introduzir a oração e anteceder a interpolação. Na ausência deste segundo operador o clítico se encontra necessariamente adjacente ao verbo no PA, ou seja, não há variação com a interpolação (a ordem “*X – clítico - operador - verbo*”, não ocorre).

Verifico nos textos literários representantes do CTB que a interpolação do ‘*não*’ entre o clítico e o verbo, além de ser produtivamente atestada nos ambientes de próclise categórica, passa a poder ocorrer em contextos não-categóricos da próclise, em orações raízes introduzidas por *sujeito, sintagmas preposicionais, oração anteposta, conjunção coordenativa*, e em infinitivas introduzidas pela preposição *em*.

Essa seção II.2.3 tem, portanto, o objetivo de apresentar a interpolação da negação nos vinte textos que constituem a base empírica desta pesquisa. Começaremos a descrição dos dados de interpolação da negação nos domínios

preferenciais para a atualização do fenômeno no PA: As orações dependentes finitas (II.2.2.1). Constatamos que a interpolação da negação entre o clítico e o verbo (*'cl-neg-V'*) nas orações encaixadas é preferencial à ordem na qual o clítico está linearmente adjacente ao verbo (*'neg-clV'*) até muito depois do desaparecimento da interpolação *generalizada* nos textos. Este ambiente também demonstra uma sutil diferença para com a interpolação no PA, a ordem *'C-X-cl-neg-V'* se torna mais comum (II.2.2.1.1).

Neste domínio, também veremos que a presença da interpolação da negação é representativa nas orações dependentes com complementadores nulos, o que evidencia que nesta fase o *contexto sintático* é relevante para o licenciamento da próclise e interpolação da negação. Mesmo na ausência de material fonológico a ordem encontrada nas orações com complementadores nulos no CTB foi, categoricamente, a próclise - 'clV' e 'cl-neg-V' (II.2.2.1.2). Ainda dentro do contexto de orações dependentes, *'cl-neg-V'* é registrada nas orações coordenadas a uma subordinada (coordenada dependente) (II.2.2.1.3). Veremos também que a negação nos textos do CTB se encontra interpolada em orações introduzidas pelas conjunções *'porque'*, *'pois'*, *porém* e *'que – explicativo'*, inclusive com casos de não contigüidade *'conj-cl'* (*'conj-X-cl-neg-V'*). As orações coordenadas introduzidas por tais conjunções não fizeram parte dos contextos de interpolação no corpus de Martins (1994) para o PA, de acordo com a autora, este não seria um ambiente possível para a interpolação.

Na seção II.2.2.2 veremos a interpolação da negação nas orações infinitivas. Neste ambiente encontramos casos excepcionais da interpolação da negação com relação à interpolação do PA como a interpolação da negação em orações infinitivas introduzidas pela preposição 'em', alguns casos em orações infinitivas sem a realização da preposição e ainda casos de *'cl-neg-V'* não contíguos à preposição.

Na seção II.2.2.3 apresentaremos os dados de interpolação em orações não dependentes (orações principais e coordenadas raízes). Veremos que a interpolação da negação também neste ambiente ocorre em contextos em que não foi atestada a interpolação no PA: em orações raízes introduzidas por *sujeito*, *sintagmas preposicionais*, *oração anteposta*, *conjunção coordenativa* (ambientes tradicionalmente considerados de variação *ênclise/próclise*).

Assim, concordamos com Martins (1994) que a interpolação da negação tem um caráter especial. Esta hipótese é corroborada também pelo fato de que o 'não', diferentemente dos demais operadores que desencadeiam a próclise obrigatória, e apesar de sempre ter sido um elemento proclisador nos domínios finitos, jamais foi capaz de desencadear a interpolação de um outro constituinte entre o clítico e o verbo como os demais advérbios proclisadores (a ordem 'neg-cl-X-V' nunca ocorre).

Sugerimos que tal característica particular nos abre caminhos para entender as mudanças que aconteceram na história da língua e sustentar a hipótese de ter havido um estágio gramatical intermediário entre o PA e o PE. Desta forma propomos que as diferenças da interpolação da negação no CTB e da interpolação nos documentos notariais do PA são explicadas por uma mudança na gramática do PA que construirá o PM. No **capítulo terceiro** veremos mais sobre este caráter especial do operador de negação 'não' e como podemos entender, através dos domínios negativos, as gramáticas que pontuaram na história do português.

### II.2.2.1 A Interpolação da Negação em orações dependentes finitas.

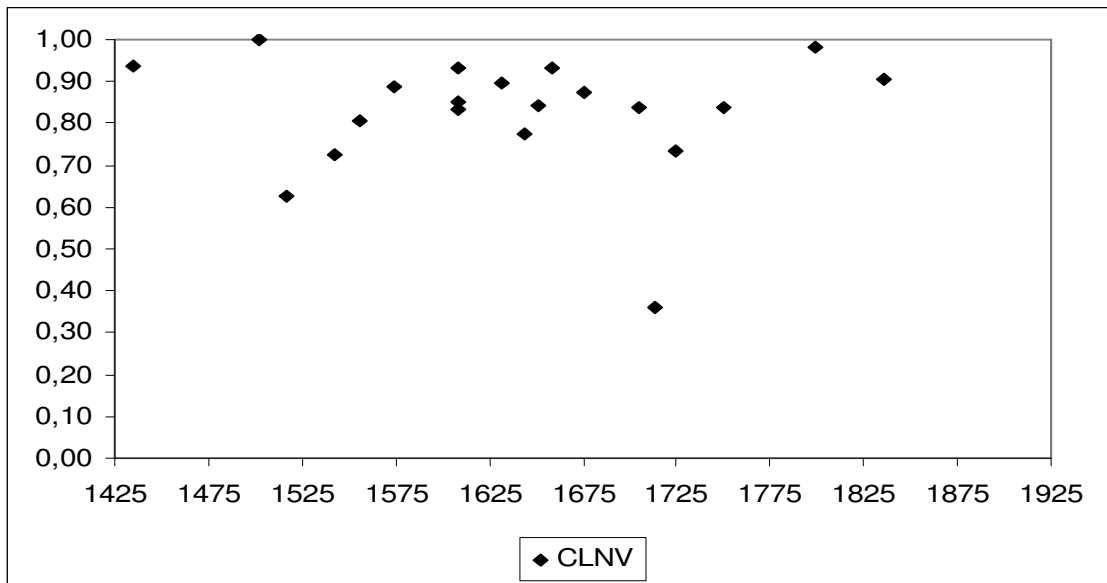
Orações subordinadas finitas já formavam um contexto de potencial interpolação no PA, como atesta Martins (1994), e este é também o contexto em que mais se encontra a negação interpolada no CTB, sendo ainda as seqüências com interpolações preferidas às seqüências com o clítico adjacente ao verbo, como podemos constatar nas tabelas e gráficos reproduzidos do anexo e comentados aqui. (Anexo - seção ii.ii. Tabelas 4 e 5, gráficos 3, 7, 8, 9 e 10: apresentam diferentes combinações das ordens *C-cl-N-V / C-N-cl-V / C-cl-X-N-V / C-X-cl-N-V / C-X-N-clV*).

O quadro II.18 e gráfico II.2 abaixo retratam a frequência *CLNV* x *NCLV* desconsiderando os casos com interpolação de outro elemento além da negação (*C-cl-X-N-V* presente nos primeiros textos do CTB) e também os casos com complementadores nulos. Retomaremos tais estruturas no quadro II.19 na página seguinte.

Quadro II.18 *CLNV* vs *NCLV* em orações dependentes finitas (completivas, relativas e conjuntivas)

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
<i>CLNV</i>	30	3	45	47	42	63	71	113	97	95	45	32	40	21	72	28	22	52	50	29
	0,94	1,00	0,63	0,72	0,81	0,89	0,84	0,85	0,93	0,90	0,78	0,84	0,93	0,88	0,84	0,36	0,73	0,84	0,98	0,91
<i>NCLV</i>	2	0	27	5	10	8	14	20	7	11	13	6	3	3	14	50	8	10	1	3
	0,06	0,00	0,38	0,08	0,19	0,11	0,16	0,15	0,07	0,10	0,22	0,16	0,07	0,13	0,16	0,64	0,27	0,16	0,02	0,09
SOMA	32	3	72	65	52	71	85	133	104	106	58	38	43	24	86	78	30	62	51	32

Gráfico II.2 : *CLNV* vs *NCLV* em orações dependentes finitas (completivas, relativas e conjuntivas)



Notamos que, apesar de haver uma grande oscilação nos textos quanto à frequência de interpolação de 'não' e a próclise com adjacência *clítico* e *verbo*



(CLNV x NCLV), a interpolação da negação é a opção mais freqüente na grande maioria dos textos até o século 19.<sup>42</sup> Entretanto podemos refinar nosso olhar sobre os dados separando as estruturas que se enquadram nesta variação.

Quadro II.19

Os contextos dentro do ambiente de subordinada finita (apenas subordinadas finitas) completivas, relativas e conjuntivas																				
	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
C-CL-N-V	15	2	34	23	31	36	51	59	51	39	31	17	19	9	53	23	10	29	34	19
	0,48	0,67	0,45	0,49	0,62	0,53	0,60	0,47	0,55	0,39	0,53	0,47	0,53	0,39	0,62	0,30	0,33	0,47	0,67	0,46
C-N-CLV	0	0	13	4	3	2	10	8	2	6	2	3	1	3	5	25	5	6	0	3
	0,00	0,00	0,17	0,09	0,06	0,03	0,12	0,06	0,02	0,06	0,03	0,08	0,03	0,13	0,06	0,32	0,17	0,10	0,00	0,07
C-CL-X-N-V	4	0	4	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	0,13	0,00	0,05	0,11	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
C-X-CL-N-V	10	1	11	14	11	24	20	50	37	52	14	13	14	11	19	5	12	23	16	19
	0,32	0,33	0,14	0,30	0,22	0,35	0,24	0,40	0,40	0,52	0,24	0,36	0,39	0,48	0,22	0,06	0,40	0,37	0,31	0,46
C-X-N-CLV	2	0	14	1	5	6	4	9	3	3	11	3	2	0	9	24	3	4	1	0
	0,06	0,00	0,18	0,02	0,10	0,09	0,05	0,07	0,03	0,03	0,19	0,08	0,06	0,00	0,10	0,31	0,10	0,06	0,02	0,00
SOMA	31	3	76	47	50	68	85	126	93	100	58	36	36	23	86	77	30	62	51	41
<b>Com complementador nulo</b>																				
°cl-N-V	0	0	0	1	0	2	0	4	7	4	0	2	7	1	0	0	0	0	0	0
°X-cl-N-V	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
total de interpolação da negação com complementador nulo -N-CL-V	1	0	0	1	0	3	0	4	7	4	0	2	7	1	0	0	0	0	0	0
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Total de orações negativas com complementador nulo	1	0	0	1	0	3	0	4	7	6	0	2	7	1	0	1	0	0	0	0
Total de orações subordinadas	32	3	76	48	50	71	85	130	100	106	58	38	43	24	86	78	30	62	51	41
freqüência de orações negativas com complementador nulo	0,03	0,00	0,00	0,02	0,00	0,04	0,00	0,03	0,07	0,06	0,00	0,05	0,16	0,04	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
freqüência da interpolação da negação com complementador nulo	1,00	não há	não há	1,00	não há	1,00	não há	1,00	1,00	0,67	não há	1,00	1,00	1,00	não há	0,00	não há	não há	não há	não há

Vejamos primeiro o comportamento dos dados quando o complementador está expresso na oração subordinada.

<sup>42</sup> O texto de A. Verney é o único que foge ao padrão encontrado no CTB quanto à preferência pela interpolação da negação em orações dependentes finitas - 36% enquanto os outros textos apresentam uma porcentagem acima de 60% de interpolação da negação.

### II.2.2.1.1 Orações dependentes finitas com complementador expresso

Seguem alguns exemplos de interpolação da negação *versus* próclise com adjacência 'cl-V' considerados aqui. Os *mil cento e setenta e oito* dados referentes às *cinco* ordenações exemplificadas abaixo se encontram nos arquivos de dados em:

<http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/namiuti/index.html>.

#### C-cl-N-V :

- (0212) que ainda que poucos fofem , nom avia poder mayor que **hos nom temefe**. (Galvão, 1435: l0364l[g009\_p71])
- (0213) [Recebe]-me a vontade que **te não posso** mais fazer que isto que te faço em sinal de vingança. (Gândavo, 1502: l0179l[g\_008\_s\_507])
- (0214) Não atirára Saül a lança contra David, que lhe tirára a enfermidade , se **lhe não doera** mais o milagre do que lhe agradava a saude . (Vieira\_cartas, 1608: [V004-0010])
- (0215) Os meus amigos franceses a quem eu deixo um bilhete procuram-me nas 24 horas e se **me não encontram** em minha casa dão-me rendez-vous . (Ortigão, 1836: [O001-clNV-0006]l0012l)
- (0216) Quero vê-la na estação e que **me não suceda** como com a Maria Amália, de quem ninguém aí me disse nada , e que ficou sentida de não me ver para me dar - disse - notícia de uma das pequenas ( não sei qual ) que a acompanhou à estação , e que segundo ela , levava uma menina deliciosa , um encanto de menina . (Ortigão, 1836: [O001-clNV -0012]l0022l)

#### C-N-cl-V:

- (0217) Como se não houvera tal coisa , como se não fôra nossa , como se não **nos pertencêra** . (Vieira\_sermões, 1608: [V004-ncIV-0036])
- (0218) Se nos julgarmos sem paixão a nós , eu vos prometto que teremos tanto que fazer e tanto que pasmar que não **nos ficará** nem tempo , nem animo para julgar a outrem . (Vieira\_sermões, 1608: [V004-ncIV-0037])
- (0219) Primeiro que tudo , é certo que não **me cega** a claridade com que Vossa Paternidade me fala , para que eu tenha as verdades por zombarias , porque antes que Vossa Paternidade me diga algumas , conheço estas verdades ; o modo mas faz sentir menos ; e por isto queria eu a repreensão mais tesa , para que o meu sentimento fôsse mais vivo . (Chagas, 1631: [C003-ncIV-0012])
- (0220) Teu amigo R " Em quanto aos fenómenos de mais excitação nervosa em Joãzinho acho que não **lhos debes** levar a mal , suportando-os com paciência porque eles não são senão o natural resultado do regimen de hotel e de restaurante no tenro regimen de um pequeno da idade dele . (Ortigão, 1836: [O001-NclV-0034])
- (0221) Estes pequenos , se não **os curam** , parecem-me destinados a irem-se desfazendo a pouco e pouco , deixando pela senda da vida fora os meios de locomoção e os membros . (Ortigão, 1836: [O001-NclV-0031])

### C-cl-X-N-V

- (0222) Que coufa Senhor fera irdes vós em algum lugar poer em ha ventura ha vofo corpo, em que me eu nom ache ha teer vofa bandeyra, como ora em esta batalha, que vencestes de Sevilha, e outras muitas com vofo pay, atéguora me sempre achey. (Galvão, 1435: l1030|g009\_p228])
- (0223) E temendo-se que os Castelhanos fôssem ao Moro , determinou de mandar lá uma Armada ; e porque não tinha mais que duas fustas , pediu a ElRei algumas corocoras , que lhe êle não quiz dar , com bem ruins escusas , porque não quiz anojár o Rei de Geilolo , e o de Tidore , que favoreciam os Castelhanos , por pertender seu favor , se o quizessem tirar do Reino , porque esperava todos os anos que tornasse de Gôa o irmão Tabarija . (Couto, 1542: [cou-clxV-0033])
- (0224) Isto lhe disse de todo seu ânimo ; e certo que se lhe ElRei não mandára sucessor , que o houvera de fazer , porque era um Fidalgo muito determinado . (Couto, 1542: [cou-clxV-0034])

### C-X-cl-N-V

- (0225) e Deos nom fervido, fe ha Cidade fe nom tomafe, e afi com este fervor, e muy animofa determinaçãõ, poendo em fim ho que hos feus devotos corações tan- to defejavão , entrãrão ha Cidade por força. (Galvão, 1435: l0656|g009\_p147])
- (0226) A qual permitirá Deus , que ainda em nossos dias se descubra toda, para que com ela se aumente muito a coroa destes Reinos : aos quais desta maneira esperamos (mediante o favor divino ) ver muito cedo postos em tão feliz e próspero estado , que mais se não possa desejar . (Gândavo, 1502: l0181|g\_008\_s\_608] )
- (0227) E São Paulo dizia , que elle se não dava por justificado do que na sua consciencia reputava por nada , porque d'esse nada não havia elle de ser o juiz , senão Deus : Nihil mihi conscius sum , sed non in hoc justificatus sum ; qui autem judicat me , Dominus est . (Vieira\_sermões, 1608: [V004-0044])
- (0228) Se o governo os galardoa continuam a ter muita piedade dos portugueses infelizes , se o governo se não importa com eles , recusam tudo aos seus compatriotas desgraçados e prometem deixá-los morrer de fome . (Ortigão, 1836: [O001-clNV-0007]|0004])
- (0229) Infelizmente o mel de Portugal não tem comparação com o que é agora , depois de dois ou três anos , o mel da Suíça , porque para destilar os favos se inventou aqui um aparelho perfeito , que ainda se não introduziu em Portugal . (Ortigão, 1836: [O001-clNV-0014]|0030])
- (0230) Dize à Julia da minha parte que se quiser filhos robustos , os não tire nunca da areia . (Ortigão, 1836: [O001-clNV-0015]|0005])

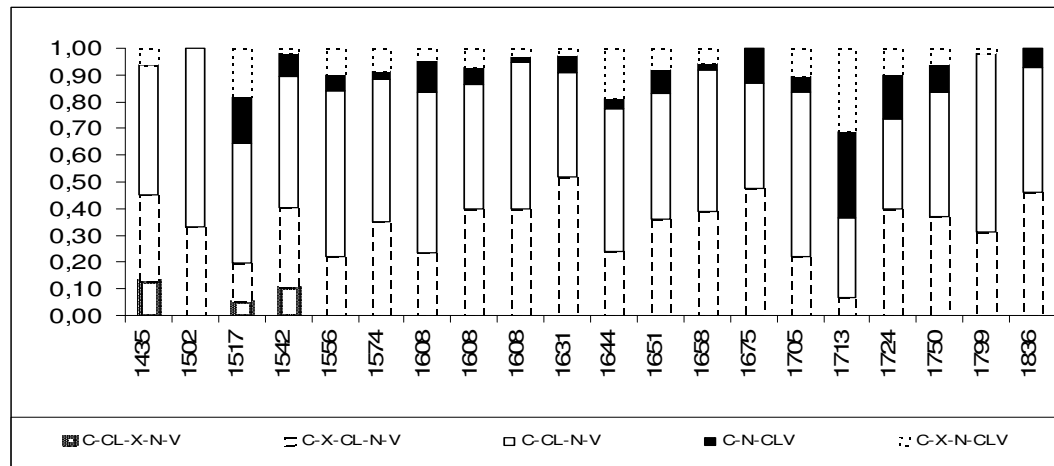
### C-X-N-clV:

- (0231) ha outra por fer ha melhor Villa do Reyno, pela no breza , e abaftança de feu afento, que da parte do Oriente ha vifita dos homens nom fe pôde fartar de ver ha fermofura dos campos muy chãos , abaftados de muito pam , correndo por elles ho grande, e muy nomeado Rio do Tejo (Galvão, 1435: l0482|g009\_p103])
- (0232) E entenda que de tudo o que fizer por Deus não lhe há de vir mal , senão pelo que não fizer . (Chagas, 1631: [C003-nclV-0076])
- (0233) E principalmente mestre Michael prezava eu tanto , que , se o eu topava ou em casa do papa , ou pela rua , não nos queriamos apartar , até que nos mandavam recolher as stellas . (Holanda 1517: lH001\_1517|0019])

- (0234) Esta , desenhada em sua medida e escolhida , solamente rodeada com um sotil perfil ou perfilada com uma linha , costumão logo a dar-lhe as sombras d'aquella banda em que a lux não se stende ; e assi lh'a costumão a dar conforme áquela lux que convem a cada obra . (Holanda 1517: IH001\_1517\0050)
- (0235) Ora , abrindo os antigos livros , poucos são os famosos d'elles que deixem de parecer pintura e retavolos , e é certo que os que são mais pesados e confusos , não lhes nasce d'outra cousa senão do escriptor não ser muito bom debuxador e muito avisado no desenhar e compartir da sua obra ; e os mais faceis e tersos são de melhor desenhador . (Holanda 1517: IH001\_1517\0023)
- (0236) Alem d'isto é uma nobre parte na pintura a invenção e o achar das devisas ; e é cousa tão defícel e má de achar que em nenhuma outra mais se mostra a descrição ou a pequice e má galantaria do homem , porque querem as devisas um mui delicado e discreto escolher o muito conforme á propriedade da pessoa , assi na pintura como na letra ; e ha de ser repartida a letra com a pintura de maneira , que uma sem a outra não se entendam , mas declarando mea parte a pintura , e mea parte a letra se ajunte a divisa ; e a letra quer-se mui breve e muito escolhida e não muito clara , mas a pintura quer-se muito facil de fazer , e muito defícel de achar e muito pouca na obra , e tudo ha de ser muito . (Holanda 1517: IH001\_1517\0073)
- (0237) E isto sabe-o Deos e sabe-o Roma , que se eu nella quisera morar , por ventura não me faltava possibilidade , assi por mi mesmo como por favor de principaes pessoas em casa do papa . (Holanda 1517: IH001\_1517\0018)

O gráfico II.3 a seguir demonstra a distribuição destas cinco estruturas em cada texto do nosso corpus.

Gráfico II.3: Distribuição dos dados de acordo com a ordem *C-cl-N-V* / *C-N-cl-V* / *C-cl-X-N-V* / *C-X-cl-N-V* / *C-X-N-clV*

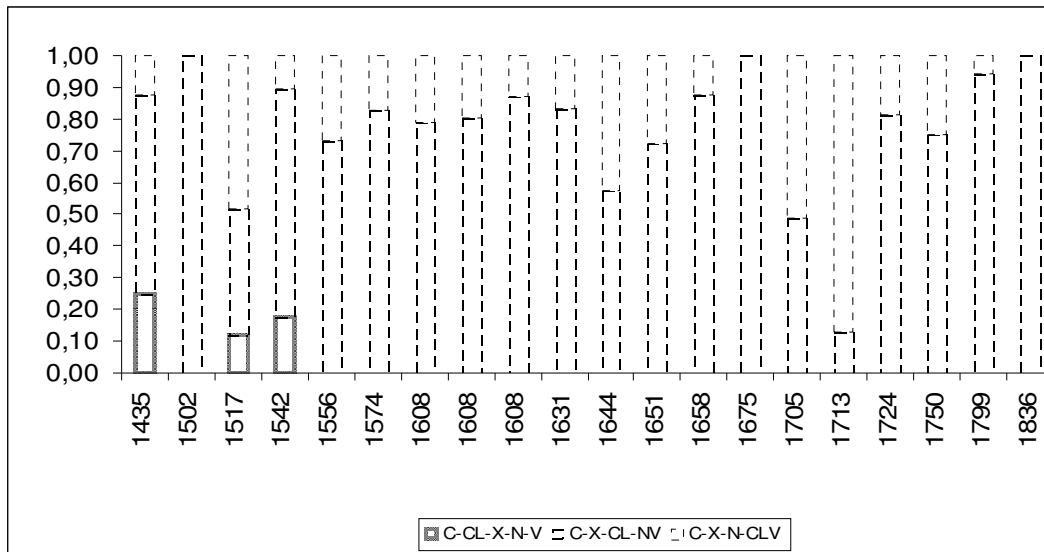


Tomando este conjunto de dados, além de conferirmos que a ordem *C-cl-X-N-V* é obsoleta e que a interpolação da negação é a estrutura preferencial na grande maioria dos textos (exceto o texto de Antônio Verney, 1713), também constatamos que tanto '*C-X-cl-N-V*' quanto '*C-cl-N-V*' são freqüentes, ou seja,

a interpolação da negação parece não sofrer nenhum tipo de influência sob a presença de um outro elemento pré-verbal entre o clítico e o complementador.

Para conferir este resultado baseado no total de estruturas encontradas nas orações dependentes finitas com complementador expresso, propomos olhar estes mesmos dados sob um outro prisma. Ao separarmos as estruturas com 'X' pré-verbal (como nos exemplos de 222 a 237, páginas 117 e 118) – no **gráfico II.4** abaixo - e sem 'X' pré-verbal (como nos exemplos de 212 a 221, página 116)– no **gráfico II.5** (na página seguinte) - temos um resultado um pouco diferente:

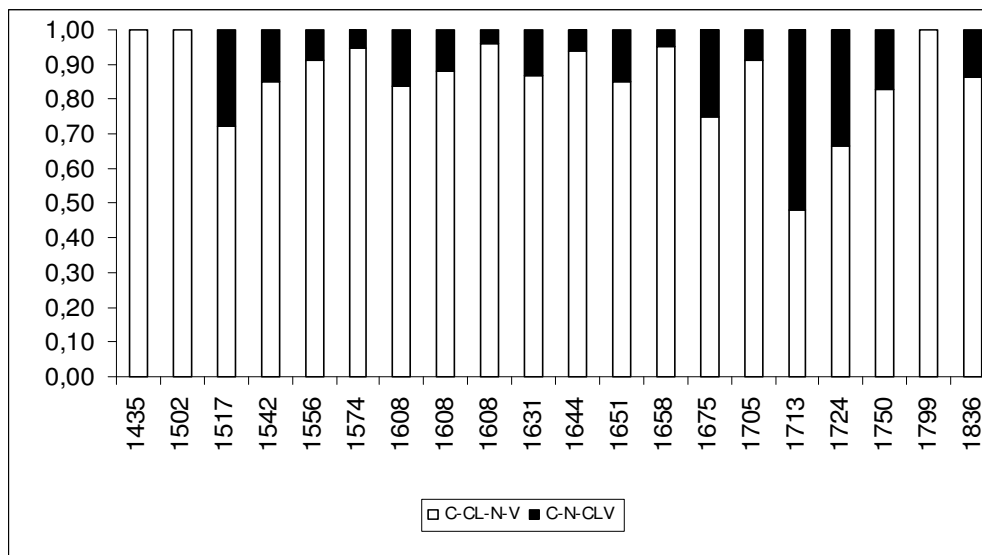
Gráfico II.4: Orações dependentes com um constituinte pré-verbal além da negação.



Considerando apenas as sentenças em que temos outros constituintes pré-verbais além da negação e do clítico, gráfico II.4 acima, notamos que a ordem *C-X-cl-N-V* continua a ser bastante atestada na grande maioria dos textos, com exceção dos textos de *quatro* autores em que a ordem *C-X-N-cl-V* é bastante significativa, são: Francisco de Holanda (1517); Manuel Bernardes (1644), Matias Aires (1705) e António Verney (1713). Note que os textos destes autores foram os que apresentaram uma frequência geral menor da interpolação da negação no ambiente (cf. quadro II.18 e gráfico II.2).

Ao considerar a situação contrária, onde não há elementos pré-verbais além da negação e do clítico, notamos a preferência pela interpolação do ‘não’ à ordem *C-N-cl-V*. Novamente o texto de Antônio Verney (1713) constituiu uma exceção, neste texto a distribuição ‘*C-cl-N-V*’ / ‘*C-N-cl-V*’ se mostra equilibrada.

Gráfico II.5: Orações dependentes sem um constituinte pré-verbal além da negação



Comparando os gráficos, dos quatro textos que apresentaram uma frequência menor de interpolação da negação, no gráfico II. 4, apenas no texto de Antônio Verney (1713) parece não haver relação entre a existência de um ‘X’ pré-verbal e a frequência da próclise com adjacência ‘*NclV*’. Em todos os anteriores a frequência de ‘*NclV*’ parece ser favorecida nas sentenças com ‘X’ pré-verbal. Na ausência de um constituinte pré-verbal a interpolação da negação chega a ser categórica em alguns textos. Em outros termos, a ausência de um ‘X’ pré-verbal desfavorece a próclise com adjacência ‘*clV*’.

No entanto, apesar da presença de um ‘X’ pré-verbal favorecer a ordem ‘*NclV*’ (clítico adjacente ao verbo), ela não impede a interpolação, visto que a estrutura com interpolação da negação é preferencial, havendo um equilíbrio entre ‘*C-cl-N-V*’ e ‘*C-X-cl-N-V*’.

O fato da ordem sem interpolação da negação preferir as estruturas com um ‘X’ pré-verbal pode sugerir uma atuação da prosódica nas preferências

pelos ordens 'NCLV' e 'CLNV'. A incidência de constituintes pré-verbais entre o complementizador e o clítico pode aumentar a probabilidade de "pausas" na fala. E uma vez que o clítico é sensível a primeira posição absoluta em toda a história do português a ordem 'NCLV' poderia capturar o ritmo na escrita. No entanto, a otimização do ritmo não seria forte o suficiente para mudar a preferência pela interpolação do 'não' nos textos. O contexto sintático parece ser mais forte aqui, como poderemos constatar nas orações com complementadores nulos, a seguir em II.2.2.1.2. A negação apresentou-se interpolada também em orações com complementadores nulos nos textos do CTB (cf. quadro II.19).

#### II.2.2.1.2 Orações dependentes finitas com complementador nulo

A omissão do complementador nas orações subordinadas completivas é freqüentemente atestada nos textos dos autores nascidos nos séculos 16 e 17. A interpolação da negação também foi registrada em orações completivas com o complementador nulo nos textos deste período.

- (0238) Esta confusão tem nascido da perda dos livros , e papeis , que até agora houve neste Estado , nem ainda na Casa da Índia póde ser \_\_ [se] não ache isto, se relevar buscar-se , por quanto esta não indo pera o Reino , se foi perder na Ilha de Zanzibar , onde havia de desaparecer o livro da carga . (Couto, 1542: [cou-clnV-0048])
- (0239) e porque vio ho Prior aquem elle dantes dera ha Villa \_\_ [lha] nom guardàra bem, poz em ella, e no Castello tal guarda , como com- pria para sua defençam , que lha nom podem afi hos Mouros outra vez ligeiramente tomar, e tornouê ha Coimbra. (Galvão, 1435: l0464|g009\_p97)
- (0240) O pai , que o via responder tão mal a suas inclinações , e que já , com a idade e continuação de gastar largo , estava menos rico , muitas as vezes lhe dizia e aconselhava com brandura que conservasse , com o que ganhara , a honra que tinha de seus passados , e não degenerasse dêles por seguir a vileza do interêsse ; que usasse das riquezas como nobre e favorecesse a velhice de quem o criara e honrasse aos piquenos irmãos que tinha ; que fôsse proveitoso aos amigos e parentes , benigno aos pobres e \_\_ [se] não cativasse ao trabalho de entesourar riquezas sem fruto . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0053])
- (0241) Estimarei muito , meu filho , que aquieteis nisso o pensamento e \_\_ [me] não leveis a juízo ante a deusa Juno , que algum grande mal me há-de ordenar , sabendo que por letra vossa me chamais manceba de seu marido " . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0054])
- (0242) E é não só necessário, mas forçoso, que de qualquer parte que seja se nos acuda com êste dinheiro , porque à falta dêle se não perca um negócio que tanto nos importa , ou ao menos que não se faça com as condições que mais nos convenham , as quais são certas \_\_ [se] não poderão vencer senão por estes meios (Vieira\_cartas, 1608: [V002-0045])

- (0243) Emfim , senhor , chegámos a esta casa , onde achei duas cartas de que Vossa Excelência me fez mercê , que me acrescentaram muito a alegria de haver chegado , e com o mesmo contentamento receberei todas as que me trouxeram boas novas de Vossa Excelência , com que peço a Vossa Excelência \_\_ **[me] não falte** , afirmando a Vossa Excelência que lho merece o meu coração , e as minhas saudades , que ainda que a companhia do senhor embaixador Francisco de Sousa baste para fazer esquecer as moléstias do caminho , as lembranças do senhor Marquês de Niza em nenhuma distância se esquecem , e com nenhum outro lugar nem companhia se consolam . (Vieira\_cartas, 1608: [V002-0046])
- (0244) E é muito de notar e reparar neste ponto que , uma vez que faltemos a França com o prometido , bastará para que ela justifique o rompimento da liga , e para tomar pretexto de nos não guardar o capitulado , sem fazer caso de nossa necessidade , por extrema que seja , como se viu na do ano passado , em que disse Lanier que tinha ordem de se tornar para França se lhe negavam os três navios : resolução verdadeiramente cruel , e que é bem \_\_ **[nos] não saia** da memória . (Vieira\_cartas, 1608: [V002-0047])
- (0245) E o mesmo flamengo as fornecerá de velame , enxarcia , munições e artilharia , porque de tudo isto tem grandes armazens , e é contente que , se em alguns dêstes gêneros houver coisa que em Portugal não pareça bem , se queime e \_\_ **[se] [lhe] não pague** . (Vieira\_cartas, 1608: [V002-0048])
- (0246) Parece \_\_ **[o] não deve** negar a Piedade e a Cristandade (Melo, 1608: [M003-0054]) .
- (0247) Alguma coisa presumo \_\_ **[me] não daria** a entender bem , conforme o que colho dêste papel de Vossa Paternidade , ou será que agora não entenda ; e tudo mui bem pode ser . (Melo, 1608: [M003-0055])
- (0248) Cuidando mandar a Vossa Mercê a sua freirinha de libré nova , me trazem agora recado \_\_ **[se] [lhe] não acabou** o vestido ; mas será logo e irá logo . (Melo, 1608: [M003-0056])
- (0249) Vossa Mercê não seguirá êste exemplo ; e pois me subiu à sua lembrança , confio \_\_ **[me] não solte** dela . (Melo, 1608: [M003-0057])
- (0250) Agora é o meu maior negócio pedir a Vossa Mercê \_\_ **[se] não esqueça** de mi ; e igualmente em me fazer mercê que em me mandar-lhe faça muitos serviços . (Melo, 1608: [M003-0058])
- (0251) Porque, pelo mesmo caso que Sua Majestade favoreceu e premiou os merecimentos de Vossa Mercê , nesse mesmo lhe deu sem falta um novo documento , para que Vossa Mercê a seu exemplo pudesse favorecer e ajudar minha justiça , de quem posso afirmar \_\_ **[o] não desmerece** . (Melo, 1608: [M003-0059])
- (0252) Cuido que fiz alguma coisa ; e com a negra tafularia de o tirar de súbito a luz ( não como quem quer cegar com ela ) o tenho dissimulado tanto que creio \_\_ **[o] não revelei** ainda a Vossa Mercê ; mas êle será lá muito em breve. (Melo, 1608: [M003-0060])
- (0253) Também me parece , ainda que sou um Lucifer de saial , \_\_ **[me] não move** a vaidade a tanto , que engeite isto por soberba ; rogue Vossa Mercê a Nosso Senhor me dê sua luz e graça , e que não permita que seja para si trevas quem é para outros luz .(Chagas, 1631: [C003-clnV-0015])
- (0254) Daqui até Guimarães , em que gastarei mais de um mês , não sei se haverá correio ; donde quer que o achar , escreverei a Vossa Paternidade , a quem estes companheiros pedem a benção , desejando todos merecer a Vossa Paternidade a memória que tem dêles ; e eu , como mais necessitado que todos , peço a Vossa Paternidade \_\_ **[se] não esqueça** de mim , e me escreva sempre que puder , e me encomende muito à Virgem Maria dos Prazeres e a Sua Divina Majestade , que guarde a Vossa Paternidade , como lhe peço e desejo . (Chagas, 1631: [C003-clnV-0016])



- (0255) E assim pois já me é preciso que me despeça nestas regras de quem não verei muitos anos , peço muito a Vossa Mercê \_\_ **[me] não perca** de sua memória , ou me desterre de sua graça , pois hoje mais que nunca me unem a Vossa Mercê os affectos , e lhe assistirá a vontade . (Chagas, 1631: [C003-clnV0017])
- (0256) Senhora , quando tiver uma pouca de oração , não cuide mais que em Cristo crucificado ; veja o que em uma cruz lhe diz ( pois gosta de o ter vivo ) ou pergunte-se a si mesma o porque o acha em uma cruz , se o considera morto ; e se alguma hora então lhe passar pela imaginação este miserável pecador , peça-lhe muito \_\_ **[me] não afaste** de si ; porque , se as minhas memórias andarem como estrangeiras dêste sumo bem , ¿ que muito será que quem de Deus se lembra tão mal , se não lembre de Vossa Senhora ? (Chagas, 1631: [C003-clnV0018])
- (0257) Não tive novas de Vossa Mercê e *peço-lhe* \_\_ **[me] não prive** de um favor a que eu tenho tanta acção . (Brochado, 1644: [B008-0014])
- (0258) Não é , pois , fácil que Luiz XIV ( que até hoje pão , a que peço \_\_ **[me] não dê** logo todo o crédito sem melhor exame . (Brochado, 1644: [B008-0015])
- (0259) Ainda que em materia diferente , relaterei aqui o que me refferio huma criada deste convento , mulher de verdade , e virtude , a quem pondo eu muytas duvidas no successo , a achey sempre firme em dizer \_\_ **[se] nao enganava** . (Céu, 1658: [C002-cnV-0011])
- (0260) Não ha duvida em que a tenção desta Religiosa foy santa , como tambem a não ha em que a sua obra fosse imprudente ; mas os fervores dos espirituaes medem as açcoens pella fineza , e não pellas forças assim esta teue tão pouco de considerada , como de perigosa ; he de crer \_\_ **[o] não saberia** o seu Director ; e he de admirar que quando entre duas pessoas fica ainda o segredo arriscado , aqui entre muytas ficou seguro , pois o não reuelaraõ , nem vendo a doente mais enferma , ou para lhe repararem o damno , ou para lhe segurarem o remedio ; tudo disposicoes de Deos nas simplezas das creaturas . (Céu, 1658: [C002-cnV-0012])
- (0261) Não sey se a penitenciou , mas deixa-se entender \_\_ **[lhe] não perdoaria** nesta occaziaõ , quem a mortificava em todas . (Céu, 1658: [C002-cnV-0013])
- (0262) Estaua nesta occaziaõ a Madre Elena com hum grande de fluxo , e a toce a não deixaua socegar hauia muytas noytes ; e pedindo à aparecida rogasse a Deos a aliviasse daquelle trabalho , lhe respondeo : A toce ha de selhe tirar ; não sey se lhe fallou mais alguma palaura ; mas constame \_\_ **[lhe] não pedio** oraçoens ; sinal de que esta ditoza alma estaua de voo para a gloria pois não as necessitaua ; e ao que nos deixa entender , ainda seu corpo jazia no terreno quando caminhaua para o ceo seu espirito . (Céu, 1658: [C002-cnV-0014])
- (0263) Creceo tanto a tentação , que se atreueo a dizer a seu Pay , \_\_ **[se] não achava** com resolução de ser Religioza ; elle que desta ultima filha , qual outro Jacob , hauia feyto o seu Bejamin , não sò lhe não afeou a inconstancia , mas lhe fauoreceo o intento ; houve-se este fidalgo como Christaõ em lhe não violar a vontade em materia de tantas consequencias , mas não se houve como Pay em lhe não reprehender a resolução ; amais a sua pessoa , mais/ADV-Rque a sua felicidade , e queria-a mais nos perigos do mundo ,/que nos seguros da Religiaõ . (Céu, 1658: [C002-cnV-0015])
- (0264) Tomou com todo o callor o negocio , foi-se logo aos pés do Pontifice elle disse , \_\_ **[se] não leuantaria** delles , sem que lhe concedesse aquella graça ; não soube sua Santidade defenderse de tão apertada instancia , não obstante o havella negado à pessoa Real ; despachou a supplica com a mesma liberalidade ,/que para Napoles , concedendo o Jubileo sem tempo limitado . (Céu, 1658: [C002-cnV-0016])

(0265) Era este o tempo em que a Madre Brisida de gloriosa memoria , estaua em hum Hospicio do patheo da Esperança , quando do Convento se passou às cazas do comprador do Mosteyro ; e as Religiosas tollerando mal a sua saudade , abrião hum postigo em uma parede , que separava as ditas cazas , do convento ; e por este se comunicavaõ com a Santa Madre e as suas freiras ; a este posto foy a Madre Elena , a sacrificarse à violenta cura , para a qual a tinha animado a Veneravel Brisida , e persuadido \_\_ [a] **naõ deixasse** de fazer ; assistialhe desde o postigo , e lhe dizia : Aqui está o meu Padre Antonio da Conceição ? (Céu, 1658: [C002-cnV-0017])

(0266) Por mais que o Padre ANTÓNIO VIEIRA mostrou ao Capitão-mor do Pará ( cujo nome aqui se cala ) a ordem delRei , requerendo-lhe da parte de Deus , e de Sua Majestade , \_\_ [lhe] **não pusesse** impedimento à jornada ; e que sendo aquela empresa de converter almas , era totalmente isenta da jurisdição dele Capitão-mor ; ele como homem sem piedade para com os Índios , e sem respeito ao seu Rei , deu dois Regimentos ao Cabo , que mandava na escolta desta entrada ; um público , que era , o que EIRei ordenava ; outro particular , e secreto , que era , o que ele queria se observasse : por este de tal sorte mandava dispor daqueles Índios , que valia o mesmo , que cativá-los ; e à conta deles tinha já recebido fazenda daqueles , com quem se tinha contratado . (Barros, 1675: [B001-0010])

A estrutura apresentada nos dados acima não parece marginal, pois não se apresenta isoladamente em um autor, mas é atestada em nove autores num intervalo contínuo de tempo. E, apesar do número de dados não ser elevado como nas orações dependentes com a realização do complementador, em quase todos os casos de orações negativas com complementador nulo a negação apresenta-se interpolada.

Quadro II.20: 'CLNV' em completivas com comp nulo

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1516	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1579	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
Com complementador nulo																				
°-cl-N-V	0	0	0	1	0	2	0	4	7	4	0	2	7	1	0	0	0	0	0	0
°X-cl-N-V	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
total de interpolação da negação com complementador nulo	1	0	0	1	0	3	0	4	7	4	0	2	7	1	0	0	0	0	0	0
-N-CL-V	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Total de orações negativas com complementador nulo	1	0	0	1	0	3	0	4	7	6	0	2	7	1	0	1	0	0	0	0
Total de orações subordinadas	32	3	76	47	50	71	85	130	100	106	58	38	43	24	86	78	30	62	51	41
frequência de orações negativas com complementador nulo	0,03	0,00	0,00	0,02	0,00	0,04	0,00	0,03	0,07	0,06	0,00	0,05	0,16	0,04	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
frequência da interpolação da negação com complementador nulo	1,00	não há	não há	1,00	não há	1,00	não há	1,00	1,00	0,67	não há	1,00	1,00	1,00	não há	0,00	não há	não há	não há	não há

É interessante notar que tal estrutura é mais frequentemente atestada nos autores nascidos no século 17 e primeira metade do século 18, e desaparece dos

textos a partir dos autores nascidos na segunda metade do século 18. Apresentando-se deste modo como um grupo coeso.

Paixão de Sousa (2004: 95) também observa que “*nos textos até o século 17, atesta-se uma profusão de sentenças com pronomes átonos em primeira posição em orações dependentes com complementizador nulo*” cito alguns dos exemplos apresentados pela autora:

- (0267) *No coração de Cristo meto a Vossa Mercê quanto posso, e lhe peço **nos guarde** a Vossa Mercê por muitos anos, para fazer-lhe muitos serviços.* |CTB-07779-3-cha-1631| (Paixão de Sousa, 2004: 95)
- (0268) *E posso dizer, **me sucedeu** nela o que ao mestre dos galeões do Porto, que das madeiras, pequenas para os navios grandes, engenha navios pequenos.* |CTB-12599-3-mel-1608-0384| (Paixão de Sousa, 2004: 95)
- (0269) *tinha-a por huma, e fazia crer **a desestimava** por outra.* |CTB-00364-4-ceu-1658| (Paixão de Sousa, 2004: 95)

A ordem proclítica nas orações não dependentes com **complementizador nulo** mostrou-se categórica na base de dados de Paixão de Sousa (2004). Também na nossa base de dados, nas orações negativas com **comp nulo** e clítico a interpolação da negação é preferencial (a ordem ‘*clnegV*’ é atestada em trinta sentenças das trinta e três orações negativas com clítico e **comp nulo**). Fato que sugere que nas sentenças dependentes do *português médio*, a posição superficial inicial do verbo (resultante da qualidade não-lexical do complementizador) não impede a próclise. Assim pode-se pensar nos operadores como detonadores da próclise por razões sintáticas ou semânticas.

No entanto, Paixão de Sousa (2004) constatou que, apesar de na grande parte das configurações possíveis nas orações subordinadas a próclise ser generalizada (*Comp-cl-V / (Comp Nulo)-cl-V / Comp-XP-cl-V*), há algumas raras exceções. Abaixo seguem três sentenças com quatro exemplos de *ênclise* em orações dependentes encontrados pela autora.

- (0270) *Nas minhas haverá tanta diligência, [que *pelo menos* **desculpe-me** os meus desconcertos].* |CTB-00953-3-mel-1608| (Paixão de Sousa, 2004: 96)
- (0271) *Não vê, [que *se não tem amor a outrem*, **tem-no** a si] ; [que *se não tem ódio ao litigante humilde*, **temno** ao poderoso, só porque na opressão deste quer fundar a sua fama]; não vê, que se não tem interesse de alguns bens , tem interesse de algum nome; e se não tem ambição das honras, tem ambição da glória de as desprezar; e finalmente não vê , [que *se lhe falta o desejo da fortuna*, **sobra-lhe** o desejo da reputação].* |CTB-00168-5-air-1705|, |CTB-00169-5-air-1705|, |CTB-00170-5-air-1705| (Paixão de Sousa, 2004: 96)

(0272) Temos o exemplo nos mesmos Latinos, [que, *quando adoptavam algumas palavras estrangeiras, pronunciavam-nas* com a pronúncia romana], e davam-lhe as próprias declinações latinas . |CTB-01217-5-ver-1713| (Paixão de Sousa, 2004: 96)

Os casos de *ênclises* em sentenças dependentes totalizaram *dezenove* itens em um universo de *sete mil e setecentos e setenta e três* sentenças dependentes. Uma vez que os casos de ênclise em orações dependentes sempre possuem um constituinte ‘*pesado*’ entre o complementizador e o clítico, a autora argumenta que seria razoável supor que a ênclise nestes casos se explicasse pela interrupção, por meio de pausa, entre o complementizador e o clítico. Pois este é um dos critérios importantes na avaliação da gramaticalidade das ordens *cl-V* ou *V-cl* no PE - a *pausa na fala*. Entretanto, Paixão de Sousa (2004) chama a atenção para o fato curioso de que nenhum dos *dezenove* dados possui complementizador nulo. E ainda pondera o fato da complexidade existente quando trabalhamos com textos escritos, sem registro de fala e sem a ferramenta da intuição dos falantes.<sup>43</sup>

Os dados de próclise ‘*clV*’ e de interpolação da negação com comp nulo sugere que a próclise é sintaticamente motivada e deverá ser categórica *especialmente* nas orações dependentes sem complementadores. A respeito do licenciamento da próclise por razões sintáticas também é interessante notarmos que a próclise é categórica nas orações coordenadas a uma subordinada, inclusive licenciando a interpolação da negação, como veremos a seguir, na continuação da nossa descrição dos dados de interpolação da negação nos domínios dependentes.

---

<sup>43</sup> Talvez o fato de a próclise ser categórica nas orações com **comp nulos** possa fortalecer esta hipótese. Apesar de a inexistência de ênclise em orações encaixadas com complementadores nulos parecer contraditória com a hipótese fonológica da pausa, a inserção de material lexical na oração dependente, ‘*comp+XP*’, pode acarretar um conseqüente aumento na incidência de “*quebras*”, ou seja, “*fronteiras*” fonológicas.

### II.2.2.1.3 Interpolação em coordenadas dependentes

As orações coordenadas a uma subordinada também apresentam interpolação da negação no CTB. Quando a conjunção “e” liga uma série de subordinadas a uma única oração principal sem que haja a repetição da conjunção subordinativa, do pronome relativo ou do complementador, Martins (1994) observa que no PA pode ocorrer interpolação em qualquer membro da série:

*“em estruturas em que uma série de subordinadas estão ligadas entre si por coordenação dependem de uma única oração principal, não havendo repetição do complementador, a interpolação é possível em qualquer dos membros da série. Isto é a interpolação pode ocorrer não só na primeira das orações subordinadas (aquela em que a posição do Comp está lexicalmente preenchida) mas também nas que se ligam por coordenação.”<sup>44</sup> (Martins, 1994:184)*

Alguns exemplos de interpolação nesse contexto encontrados no nosso corpus:

- (0273) Porque poderoso [que possa quebrar as leis ], e **as não quebra** : Qui potuit transgredi , et non est transgressus : poderoso que póde viver mal , e fazer mal , e o não faça : Facere mala , et non fecit ; este tal , se acaso no mundo se acha algum , é um : Quis est hic ? (Vieira-Sermões, 1608: [V004-0083])
- (0274) [Como cada um se não mette] e **se não mede** dentro da sua esfera , ainda que seja cypreste , que tantas vezes vê seus troncos sobre os altares , não póde viver contente . (Vieira-Sermões, 1608: [V004-0084])
- (0275) Porque poderoso que possa quebrar as leis , e as não quebra : Qui potuit transgredi , et non est transgressus : poderoso [que póde viver mal , e fazer mal ] , e **o não faça** : Facere mala , et non fecit ; este tal , se acaso no mundo se acha algum , é um : Quis est hic ? (Vieira-Sermões, 1608: [V004-0085])

Já as conjunções coordenativas *que, porque, pois* não são elementos que formam um contexto de interpolação no corpus de Martins (1994). No entanto, a autora menciona o fato de Ogando (1980) ter atestado 1 caso de interpolação em uma oração introduzida pela conjunção coordenativa "pois". E argumenta poder ser aparente exceção à regra:

- (0276) "(324) [e] er saben que sempre vos servi / o melhor que pud' e souby cuydar / e por en fazedes de me matar / mal poys vol' eu, senhor, non mereci (Ogando 1980:281)" (Martins 1994:186)

---

<sup>44</sup> Entende-se “complementador (Comp) na passagem de Martins como um *conector subordinante*, ou seja, um pronome relativo (WPRO), uma conjunção subordinativa (CONJS), ou ainda um ‘*que*’ complementizador (C)”.

Martins (1994) explica a existência de interpolação nesse caso pela instabilidade dos conectivos referida por Mattos e Silva (1989). Sugere que a oração poderia ser interpretada como subordinada, ou, jogando com a possível ambigüidade do conectivo "pois", o autor do verso opta pela ordem de palavras estilisticamente mais conveniente.

"... está em causa o carácter coordenativo ou subordinativo da oração em que ocorre o clítico anteposto. O conector "pois" podia estabelecer, entre outras, uma relação de coordenação explicativa ou uma relação de subordinação casual. Interpreto a oração como coordenada. Mas a distinção entre as duas situações nem sempre está isenta de ambigüidade." (Martins 1994:186,187)

A interpolação da negação no CTB está presente também em orações coordenadas introduzidas pelos conectivos *que* (explicativo) *pois*, *porém* e *contudo* nos autores nascidos no século 16 e 17. Dos autores nascidos no século 18 apenas os textos de Correia Garção e Marquesa da Alorna registraram um caso cada de interpolação neste ambiente (cf. Anexo, ii.ii, Tabela 7 – reproduzida abaixo em versão reduzida no quadro II.21)

Quadro II. 21: CLNV vs NCLV introduzidas pelas conjunções *pois*, *porém*, *contudo* e *que* explicativo

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
CONJ-CL-N-V	0	0	0	1	1	3	1	1	2	1	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0
	0,00	0,00	0,00	0,33	0,25	0,30	0,50	0,33	0,33	0,11	0,00	0,00	0,50	#DIV/0!	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	
CONJ-X-CL-N-V	1	0	0	0	1	2	1	1	0	3	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
	1,00	0,00	0,00	0,00	0,25	0,20	0,50	0,33	0,00	0,33	0,00	0,00	0,00	#DIV/0!	0,00	0,00	0,00	0,33	0,00	
CONJ-N-CL-V	0	1	1	1	2	3	0	0	2	2	1	0	2	0	2	0	0	0	1	0
	0,00	1,00	0,20	0,33	0,50	0,30	0,00	0,00	0,33	0,22	0,33	0,00	0,50	#DIV/0!	0,29	0,00	0,00	0,00	1,00	
CONJ-X-N-CL-V	0	0	4	1	0	2	0	1	2	3	2	1	0	0	5	2	0	2	0	0
	0,00	0,00	0,80	0,33	0,00	0,20	0,00	0,33	0,33	0,33	0,67	1,00	0,00	#DIV/0!	0,71	1,00	0,00	0,67	0,00	
SOMA	1	1	5	3	4	10	2	3	6	9	3	1	4	0	7	2	1	3	1	0

A seguir vejamos alguns exemplos de interpolação da negação e próclise com adjacência 'cIV' neste ambiente:

### CLNV:

- (0277) Desejo Grodúxá de fazer algum porto , onde avocasse aquele trato , e náos ; vendo que tinha o Senhor de Caez uma Ilha deserta , pegada a seu senhorio , chamada Gerum , por cuja porta passavam tôdas as náos , que entravam pera dentro do estreito ; e dissimulando o que tinha no peito , tratou com aquele Senhor , que lhe vendesse aquela Ilha , **pois lhe não servia** de cousa alguma , e era tão esteril , que não dava uma só herva verde , nem tinha em si mais que serras de sal , sem água , e sem outra cousa alguma de que se pudessem aproveitar . (Couto, 1542: [cou-clnV-0130])
- (0278) - Certo ( disse o Doutor ) que se pudera dilatar a noite polo interêsse de tão proveitosa doutrina ; mas , porque nesta se não há-de dar fim ao nosso exercício , fiquem algumas perguntas , que agora escuso , para outra ocasião , **pois agora a não tiveram** as cartas amorosas , nem as de desafios . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0028])
- (0279) - Boa está a derivação ( tornou o Fidalgo ) , porém vamos à brevidade , **que eu me não atrevera** a culpar se agora vos não ouvira . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0029])
- (0280) Mas ou o vosso zelo coma ou jejue ( que [me] não quero metter n'isso ) ao menos venhamos a um partido (Vieira-sermões, 1608: l00093|[V004-0101])
- (0281) **Comtudo** , **eu me não arrependo** , nem me desdigo do que prometti . (Vieira-sermões, 1608: l00009|[V004-0102])
- (0282) Não é razão que nos envergonhemos de servir a Deus , **pois nos não envergonha** servir aos homens , que isto são os reis , príncipes e monarcas . (Chagas, 1631: [C003-clnV-0128])
- (0283) Eu , miserável , por mais quieto que me veja , por mais em remanse que vive , não sou assim , **pois ainda me não vejo** escultura daqueles celestes bens , e ainda que desejo o debuxo , não sei fazer-me retrato . (Chagas, 1631: [C003-clnV-0129])
- (0284) De Pinhel escrevi a Vossa Paternidade há menos de oito dias , remetendo as cartas ao senhor bispo da Guarda , para que as mandasse ao correio , **que destas partes o não há** ; agora escrevo nesta terra remetendo as cartas a Viseu , e daqui até Guimarães não sei se haverá correio , ou parte por donde as remeter . (Chagas, 1631: [C003-clnV-0130])
- (0285) De Catão se conta que , licenciando Pompílio uma legião na qual militava o filho daquele grande patrício , e querendo o generoso mancebo ficar no exército , o velho e sisudo pai , zeloso dos antigos costumes das leis militares e da severidade da disciplina , foi o primeiro que protestou pela observância , escrevendo a Pompílio , que não consentisse seu filho na tropa sem tomar-lhe segundo juramento , **pois sem esta solenidade lhe não era** lícito peleijar com o inimigo . (Garção, 1724: [G002-0032]|0033)

### NCLV

- (0286) **Porém não vos cause** temor êste sucesso ; que eu sou o mesmo que , depois da batalha de Canas , mortifiquei a soberba de Aníbal , vencedor dela ; contra êle caminho brevemente com o meu exército para lhe fazer mais breve a alegria dêste triunfo ; e em vós desejo muito o mesmo ânimo que levo " . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0031])
- (0287) - Nisso tendes vós muita razão ( disse Dom Júlio ) , que há homens que dão olhado ao que falam ; **porém , não vos esqueçais** das sobrelhas . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0032])
- (0288) **Porém a nós não nos caíram** em sorte êstes escravos , senão a gente mais bárbara do mundo como é a de tôda a Etiópia , e alguma escravaria da Ásia , que é da gente mais vil das províncias dela ; que uns e outros tratam os Portugueses com rigoroso cativo naquelas partes , vendendo-os para serviço das minas das Índias de Espanha como condenados à morte ; e assim se podem êstes chamar com razão imigos mortais de seus senhores . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0033])

- (0289) meu Deus , mostrei-lho vós , pois ainda que agora chora não me acaba de crer a mim. (Chagas, 1631: [C003-ncIV-0074])
- (0290) E bem faz , que as cousas más não se podem tentar sem mêdo ; mas já êste pudera estar perdido , pois sabe que neste mundo não sirvo mais que de espantalho . (Chagas, 1631: [C003-ncIV-0051])
- (0291) Nos mais exercícios continue Vossa Mercê , que a carreira não se vê se foi boa , quando começa , senão quando acaba . (Chagas, 1631: [C003-ncIV-0075])

Apesar de serem poucos os dados atestados neste ambiente, podemos notar, no quadro acima, uma sistematicidade de interpolação da negação presente nos textos dos autores nascidos até meados do século 17.

Com a conjunção *porque*, entretanto, a interpolação da negação é mais frequentemente atestada e em todo o período (inclusive no autor nascido no século 19), como podemos notar no quadro II.22 abaixo (cf. Anexo, ii.ii. Tabela 6). Esta diferença para com o *porque* pode ser devido ao seu caráter mais subordinativo. Diferentemente do ‘*que*’ subordinativo (complementador, relativo e causativo) e coordenativo optamos por agrupar as orações introduzidas por ‘*porque*’ pela dificuldade de separar aquelas orações introduzidas por esta conjunção e que possuem um caráter coordenativo.

Quadro II. 22: CLNV vs NCLV introduzidas pela conjunção *porque*

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
PORQUE-CL-N-V	1 0,50	0	2 0,29	11 0,69	2 0,33	1 0,17	12 0,63	7 0,39	5 0,71	7 0,58	5 0,42	0 0,00	0 #DIV/0!	0 #DIV/0!	5 0,36	2 0,17	2 0,40	0 0,00	5 0,83	1 1,00
PORQUE-X-CL-N-V	1 0,50	0	2 0,29	2 0,13	0 0,00	3 0,50	4 0,21	5 0,28	1 0,14	2 0,17	5 0,42	0 0,00	0 #DIV/0!	0 #DIV/0!	1 0,07	0 0,00	1 0,20	0 0,00	1 0,17	0 0,00
PORQUE-N-CL-V	0 0,00	0	1 0,14	2 0,13	1 0,17	1 0,17	0 0,00	1 0,06	1 0,14	0 0,00	1 0,08	0 0,00	0 #DIV/0!	0 #DIV/0!	1 0,07	2 0,17	2 0,40	0 0,00	0 0,00	0 0,00
PORQUE-X-N-CL-V	0 0,00	0	2 0,29	1 0,06	3 0,50	1 0,17	3 0,16	2 0,11	0 0,00	3 0,25	1 0,08	1 1,00	0 #DIV/0!	0 #DIV/0!	7 0,50	8 0,67	0 0,00	2 1,00	0 0,00	0 0,00
SOMA	2	0	7	16	6	6	19	18	7	12	12	1	0	0	14	12	5	2	6	1

Seguem os dados dos Sermões do Padre Vieira como exemplos:

- (0292) Não os conhecem, porque a largueza e relaxação da vida escurece a consciencia e cega a alma; não os conhecem, porque o amor proprio sempre escusa e aligeira o que nos condemna; não os conhecem, porque os interesses e conveniencias d’este mundo trazem consigo o esquecimento do outro; não os conhecem, porque os não querem examinar, nem consultar com quem deviam; não os conhecem, finalmente, porque com ignorancia affectada os não querem conhecer para os não emendar: Noluit intelligere, ut benè ageret . (Vieira-sermões, 1608: [V004-0048])



- (0293) Pois se a quem vos não busca dizeis que vos siga, a quem vos quer seguir, porque o não aceitaes em vosso serviço? (Vieira-sermões, 1608: [V004-0098])
- (0294) Não, diz Christo: hão-de estar accezas; porque vos não prometto o espaço que é necessario para as accender: e hão-de estar nas mãos, porque vos não seguro o momento que é necessario para as tomar. (Vieira-sermões, 1608: [V004-0094])
- (0295) Não, diz Christo: hão-de estar accezas; porque vos não prometto o espaço que é necessario para as accender: e hão-de estar nas mãos, porque vos não seguro o momento que é necessario para as tomar. (Vieira-sermões, 1608: [V004-0093])
- (0296) Um peccado, porque tiraram a vida ao Messias não conhecido, e outro peccado, porque o não conheceram, tendo tanta obrigação como evidencia para o conhecer. (Vieira-sermões, 1608: [V004-0092])
- (0297) Mas dado que todos fossem eleitos com os olhos em mim, e justamente, depois que na administração de seus officios conhecestes que não procediam como eram obrigados, porque os não removestes logo, porque os dissimulastes e conservastes, e, o que peor é, porque os despachastes de novo, e com mais auctorisados postos? (Vieira-sermões, 1608: [V004-0097])
- (0298) Se as rendas, que com tanta cubiça recolhias , e com tanta avareza guardavas , eram o meu patrimonio, que eu adquirir, não menos que com o meu sangue, porque o não distribuiste aos meus verdadeiros acredores , que são os pobres? (Vieira-sermões, 1608: [V004-0096])
- (0299) A razão, diz São João Chrysostomo, foi porque lhe não succedesse a David com seus irmãos, o que tinha succedido a José com os seus: Ne videlicet idem Davidi accideret, quod prius Josepho. (Vieira-sermões, 1608: [V004-0095])
- (0300) Pedro, André, João e os demais, excepto Judas, bem sabia cada um de si, que não era o traidor, nem tal coisa lhe passára pelo pensamento; pois porque se não deixam estar muito seguros na boa fé da sua lealdade , mas pondo em duvida o de que não duvidavam , pergunta cada um a Christo se é elle o traidor: Nunquid ego sum? (Vieira-sermões, 1608: [V004-0086])
- (0301) Pois , Senhor , se estes homens vos não buscam , por que lhes dizeis que vos sigam ; e se outro homem diz que vos quer seguir em tudo e por tudo , porque o não admittis , antes o lançaes de vós com aspereza ? (Vieira-sermões, 1608: [V004-0087])
- (0302) Mas se elle era o que havia de ser ungido, porque o não revelou Deus ao Propheta nem antes, nem depois de entrar na casa de Isaï, mas com tão notavel cerimonia ordenou, que viessem primeiro, e fossem excluidos os outros irmãos, e em presença de todos recebesse David a investidura do reino? (Vieira-sermões, 1608: [V004-0089])
- (0303) Pergunto: e porque o não deu o Padre ao Espirito Santo? (Vieira-sermões, 1608: [V004-0091])
- (0304) Não os conhecem, porque a largueza e relaxação da vida escurecem a consciencia e cega a alma; não os conhecem, porque o amor proprio sempre escusa e aligeira o que nos condemna; não os conhecem, porque os interesses e conveniencias d'este mundo trazem consigo o esquecimento do outro; não os conhecem, porque os não querem examinar, nem consultar com quem deviam; não os conhecem, finalmente, porque com ignorancia affectada os não querem conhecer para os não emendar: Noluit intelligere, ut benè ageret (Vieira-sermões, 1608: [V004-0049])
- (0305) D'esta substancia, e d'este tudo do Juiso universal, é que fallou o Senhor na sua conclusão: e porque esta substancia e este tudo se não distingue dos Juisos particulares que se fazem na morte, por isso disse que tudo se havia de cumprir dentro d'aquelle seculo como verdadeiramente se cumpriu. (Vieira-sermões, 1608: [V004-0090])
- (0306) Porque ainda a propria consciencia os não accusava, sabiam todos que sabia Christo mais de cada um d'elles, do que elles de si. (Vieira-sermões, 1608: [V004-0088])

Note que apesar do número restrito de dados em orações coordenadas introduzidas por conjunções ‘ambíguas’, além da sistematicidade do registro da interpolação nos textos também a contigüidade ‘conj-cl’ não é obrigatória, a ordem ‘conj-X-cl-neg-V’ é atestada nestas orações.

Aqui terminamos a descrição dos dados nos domínios dependentes finitos. A seguir veremos o comportamento do fenômeno da interpolação da negação nos domínios infinitivos.

Contrariamente às orações coordenadas introduzidas por ‘pois’, ‘porém’, ‘contudo’ e ‘que-explicativo’, as *orações infinitivas* apresentaram-se como ambiente de interpolação no PA. Na seção que se segue veremos que o CTB apresenta semelhanças e diferenças quanto à interpolação da negação comparada ao fenômeno atestado em orações infinitivas no PA.

### II.2.2.2 A interpolação da negação em orações infinitivas

Martins atestou no seu corpus de documentos notariais que a interpolação em orações infinitivas poderia ocorrer desde que fosse introduzida por uma preposição que condicionasse próclise categórica, estando o clítico adjacente a esta preposição. Todavia atestei casos de interpolação da negação nos textos literários do CTB em orações infinitivas sem preposição:

- (0307) Bem parece que entendia esta verdade Halaono , Emperador da Tartária , que , vencendo em Baldaco o Calife , Mestre da seita Maoméica , que era o mais poderoso rico que então havia no mundo , vendo que , [por se não ajudar de suas riquezas] , **e as não despender** em sôlido , não tivera resistência contra o exército dos Tártaros , depois de cativo o mandou meter em uma câmara entre o ouro e jóias preciosas que antes tinha , sem lhe mandar dar outro mantimento , dizendo que daquele comesse à sua vontade : e assim , entre a grande abundância de suas riquezas , o miserável Calife morreu de fome . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0107])

No exemplo acima o “não” está interpolado em uma oração infinitiva com a omissão da preposição “por”. Podemos considerar que a interpolação neste caso poderia ser um efeito de paralelismo licenciado pela coordenação. Pois, a interpolação da negação em questão se dá na segunda oração infinitiva que está

coordenada a uma primeira oração infinitiva introduzida pela preposição 'por'. O "não" já aparece interpolado na primeira oração, a segunda repete a mesma estrutura.

No entanto, há nos dados do CTB outros casos de interpolação em orações infinitivas sem que uma preposição introduza a oração (atestados principalmente nos autores nascidos no século 16). (Cf. Anexo ii.ii Tabela 8, reproduzida no quadro II.23 abaixo)

- (0308) Aqui estou na maior confusão em que me vi jámais , e sem alguma esperança de sair dela : depois de ver borrados os rumos e os caminhos , ou os não ver. (Melo, 1608: [M003-0028])
- (0309) Eu quero hoje fer vofo pendaõ, e ver fe me quereis seguir , e guardar como sempre fizestes, que pois Deos ordenou para mostrar mais feu gram poder , que com tam poucos me a- qui acertafe , eu determino por feu ferviço, hoje neste dia, de vencedor, ou de morto **me nom partir** do campo. (Galvão, 1435: l0799|g009\_p181])
- (0310) <P\_227> Mormurando eu da discrição da senhora Marquesa em tudo, á orelha de Lactancio , e querendo ella saber de que : - " Stava-me dizendo ( dixe Lactancio ) quão bem Vossa Excelência sabia goardar o decoro a tudo , até num recado , e porque sendo M Michael já mais seu que meu , diz que , antes que se topem , que faz quanto pode por lhe fugir e se não toparem , porque depois que se topam , não se sabem apartar " . (Holanda, 1517: lH001\_1517|l00131])
- (0311) E que quanto a se despedir dele da porta , o não tornar a ver , fôra pelas novas que lhe deram da morte de sua tia , que o creara como mãe , por quem estava encerrado , e anojado como via , e que tinha mandado cortar dó , porque esperava pera o ir visitar , sem embargo de lhe mostrarem tanta cousa , que não era seu amigo , mas que era por correr com êle como Governador da India ". (Couto, 1542: [cou-clnV-0109])
- (0312) Dizem mais os prisioneiros de Pernambuco que Francisco Barreto era fugido para a Campanha , onde ficava com os nossos ; e que da Baía viera um barco mandado pelo nosso General da armada , com recado de que se não sabia mais que o não haver sido admitido . (Veira-cartas, 1608: [V002-0146])

E ainda, casos de interpolação em orações infinitivas introduzidas pela preposição *em*:

- (0313) "E sintido do mal, que o fizera com ele a infirmitade em o não enterrar," (Sousa, 1556: [sou-clnV-00057])
- (0314) "- Bem se representou em Midas (acrescentou Píndaro) um cobiçoso no pedir e em se não aproveitar;" (Lobo, 1574: [lob-clnv-0105])
- (0315) Outro autor diz que os Egípcios o faziam por sobriedade e abstinência , tirando o sabor e gôsto às iguarias em lhe não deitarem sal; mas a verdade é que, se êles o tinham por inimigo da vida, não há cousa nela mais saborosa, porque as duas cousas que a sustentam, como escreveu um autor grave, são sal e sol; e, ainda depois da morte , o sal conserva os corpos sem corrupção e os sustenta inteiros sem deixar apartar os membros da sua compostura , por as quais propriedades o fizeram os antigos símbolo da amizade (como diz Piério Valeriano nos seus hieroglíficos); que ela, assim como o sal, tempera tôdas as cousas da vida entre os humanos. (Lobo, 1574: [lob-clnv-0106])

- (0316) Monsieur de la Tulherie nos disse , ontem à noite , que os espanhóis estavam muito inteiros em se não quererem descer às condições da paz , e que os pontos da repugnância eram estes seis : o senhor Dom Duarte , a assistência de Portugal , a continuação das fortificações começadas em Catalunha , a divisão de Flandres , Casal , e o duque de Lorena . (Vieira-cartas, 1608: [V002-0147])
- (0317) Assi me tenho de todo resolvido em lhe não oferecer rogos, que a encrucem. (Melo , 1608: [M003-0147])
- (0318) E para que eu queira isto , bastante motivo tenho em me não suceder nada das outras cousas que quero . (Melo , 1608: [M003-0148])
- (0319) Muito menos trabalho custará a Vossa Mercê e ao senhor Ene virem aqui muitas vezes , que lhes deve de custar o buscar razões para não virem ; e tanto à minha custa , que não só me condenam em os não ver , mas levantam testemunhos falsos à minha pobre pobreza . (Melo , 1608: [M003-0149])
- (0320) “e assim veja Vossa Mercê quanto mal fará em me não advertir de tudo o que souber,” (Chagas, 1631: [C003-clnV-0133])
- (0321) Creceo tanto a tentação , que se atrevo a dizer a seu Pay , se não achava com resolução de ser Religioza ; elle que desta ultima filha , qual outro Jacob , hauia feyto o seu Bejamin , não sò lhe não afeou a inconstancia , mas lhe fauoreceo o intento ; houve-se este fidalgo como Christaõ em lhe não violar a vontade em materia de tantas consequencias , mas não se houve como Pay em lhe não reprehender a resolução ; amais a sua pessoa , mais/ADV-Rque a sua felicidade , e queria-a mais nos perigos do mundo ,que nos seguros da Religiaõ . (Céu, 1658: [C002-cnV-0055])
- (0322) Creceo tanto a tentação , que se atrevo a dizer a seu Pay , se não achava com resolução de ser Religioza ; elle que desta ultima filha , qual outro Jacob , hauia feyto o seu Bejamin , não sò lhe não afeou a inconstancia , mas lhe fauoreceo o intento ; houve-se este fidalgo como Christaõ em lhe não violar a vontade em materia de tantas consequencias , mas não se houve como Pay em lhe não reprehender a resolução ; amais a sua pessoa , mais que a sua felicidade , e queria-a mais nos perigos do mundo,que nos seguros da Religiaõ. (Céu, 1658: [C002-cnV-0056])
- (0323) A falta de Religião , e de bons costumes , faz cair o homem no estado total de perversidade ; a falta de Religião consiste em se não temer a Deus , a falta de costumes resulta de se não temer os homens ; e verdadeiramente quem não temer a Lei de Deus , nem as leis dos homens , que princípio lhe fica por onde haja de obrar bem ? (Aires, 1705: [air-clnV-0094])
- (0324) Ora o frade foi quem errou primeiro em nos não compreender, a nós , ao nosso século , às nossas inspirações e aspirações : com o que falsificou a sua posição , isolou-se da vida social , fez da sua morte uma necessidade , uma coisa infalível e sem remédio. (Garrett, 1799: [G005||0033])
- (0325) Nós também errámos em não entender o desculpável erro do frade, em lhe não dar outra direcção social , e evitar assim os barões , que é muito mais daninho bicho e mais roedor. (Garrett, 1799: [G005||0036])

### E um caso de interpolação da negação com a preposição ‘sobre’:

- (0326) Vindo a monção pera Dom Jorge se embarcar , teve algumas diferenças com Jordão de Freitas , sobre lhe não querer deixar embarcar os homens de sua obrigação , pelo que lhe emprestou duzentos bares de cravo , e depois de os recolher , lhe pediu mais cento , de que se Dom Jorge agravou dele , e andava atufado. (Couto, 1542: [cou-clnV-0125])

Quadro II.23 Interpolação da negação em orações infinitivas

		G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
		GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição		1517	1576	1548	1516	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento		1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
Prep-CL-N-V		3	1	4	16	5	12	3	13	14	2	3	5	5	4	5	5	1	5	5	2
		1,00	1,00	0,80	0,84	0,71	0,80	0,75	0,54	1,00	0,33	1,00	1,00	1,00	0,80	1,00	0,45	1,00	0,83	1,00	0,67
Prep-X-CL-N-V		0	0	0	3	0	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
		0,00	0,00	0,00	0,16	0,00	0,00	0,25	0,13	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Prep-N-CL-V		0	0	1	0	2	3	0	7	0	0	0	0	0	1	0	6	0	1	0	1
		0,00	0,00	0,20	0,00	0,29	0,20	0,00	0,29	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,20	0,00	0,55	0,00	0,17	0,00	0,33
Prep-X-N-CL-V		0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
		0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
SOMA		3	1	5	19	7	15	4	24	14	6	3	5	5	5	5	11	1	6	5	3

RESSALVA 3		G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001	
CL-N-V	de	1	1	3	7	0	4	3	7	4	3	0	2	2	2	1	1	1	1	3	0	
	para	2	0	0	1	3	1	1	4	3	0	2	1	0	1	3	3	0	3	0	2	
	por	0	0	1	6	1	5	0	4	2	0	1	2	1	0	0	1	0	0	0	0	
	pois/poái(s)	0	0	0	4	0	0	0	2	2	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	
	a	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
	em	0	0	0	0	1	2	0	1	3	1	0	0	2	0	1	0	0	0	0	2	0
	outras	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
N-CLV	de	0	0	0	0	0	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	1	
	para	0	0	1	0	1	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	3	0	1	0	0	
	por	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
	a	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	
	em	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
	outras	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

RESSALVA 4		G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
sem preposição		1	0	1	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
CL-N-V		1	0	1	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
N-CLV		0	0	0	0	5	0	5	4	1	0	1	0	0	0	2	1	0	2	0	1
Total		1	0	1	1	5	1	5	5	2	0	1	0	0	0	2	1	0	2	0	1
frequência de interpolação		1,00	não há	1,00	1,00	0,00	1,00	0,00	0,20	0,50	não há	0,00	não há	não há	não há	0,00	0,00	não há	0,00	não há	0,00

No corpus de Martins 1994, referente ao PA, as preposições que introduzem as orações com interpolação são “por”, “para”, “de” e “a”. Martins não atestou interpolação com “em” introduzindo a oração infinitiva, e, apesar de encontrar um caso no corpus de Ogando de documentos literários, não considera as orações introduzidas por esta preposição um ambiente propício para a interpolação por não constituir um contexto de próclise, ao contrário, as orações infinitivas introduzidas por ‘em’ seriam ambientes de ênclise (‘Vcl’).

Estudos sobre a posição dos clíticos em orações infinitivas apontam que certas preposições oscilam seu comportamento ao longo da diacronia do português. Algumas preposições que no PA ocasionavam categoricamente a próclise, no século 16 constituem ambientes de variação próclise X ênclise, como é o caso das preposições “para” e “a” nos estudos de Ribeiro (1995), e também os dados de Abdo (2000) mostram que além de “para” e “a”, também com a preposição “de” o pronome clítico pode variar sua posição, proclítico ou enclítico ao verbo nos textos clássicos<sup>45</sup>. Entretanto, nos textos do corpus

<sup>45</sup> Abdo (2000) tem como corpus de sua pesquisa alguns autores do CTB nascidos entre o século 16 e 18.

Tycho Brahe a negação encontra-se interpolada em orações infinitivas introduzidas pelas preposições, “*para*”/“*pera*” e “*de*” nos textos em que apresentam flutuação “*V-cl*”/“*cl-V*”. (Cf. Anexo ii.ii Tabela 8, reproduzida no quadro II.23 acima). Seguem abaixo alguns exemplos:

- (0327) e ainda de estes que nella ficaram alguns com medo de há nom poderem defender, fe partiram della para outros Luguares de Chriſtãos, (Galvão, 1435: l1007l[g009\_p225])
- (0328) Pelo que lhe foi forçado concertar-se EIRei de Ormuz com todos aqueles Reis, por cujas terras as suas cafilas passavam pera lhes não impedirem os caminhos, dando uns tantos leques cada ano a cada um , não em modo de pareas , senão de presente, a que êles chamam Mocarrarias, de que no fundamento do Reino de Ormuz falámos, Capítulo II do X Livro, sem declararmos o que era. (Couto, 1542: [cou-clnV-0124])
- (0329) Êste Embaixador não foi bem recebido , e ouvindo as razões do Governador , parecendo-lhe tudo cumprimentos , e invenções , mandou prender o Embaixador , e todos os Portugueses , que estavam naquela Cidade , e recolher suas fazendas , pondo-os a muito bom recado , com tenção de os não largar até lhe entregarem Mealecan : aconselhando-lhe seus Capitães , que não sofresse tanto , e que mandasse logo um exército a cobrar as terras de Salsete , e Bardés ; o que êle por então não quiz fazer , porque como sua tenção era haver às mãos Mealecan , ou o fazer lançar pera parte onde se êle não receasse , houve que lhe bastavam pera isso os penhores que tinha . (Couto, 1542: [cou-clnV-0110])
- (0330) E que pelo muito que merecia ao serviço dEIRei de Portugal , lhe pedia lhe mandasse entregar seu tio Mealecan , sôbre sua fé de o não matar, porque não queria mais que pô-lo em parte , onde se não pudesse recear dele , e que daria por isso a EIRei de Portugal as terras firmes de Salsete , e Bardés , com suas tanadarias , rendas e Alfândegas , perpetuamente pera êle , e pera todos seus descendentes , que renderiam setenta mil pardãos cada ano". (Couto, 1542: [cou-clnV-0111])
- (0331) E havendo quatro dias que isto era passado , chegou Manoel da Cunha com a sua companhia , que se houveram por muito mofinos de se não terem achado naquele sucesso . (Couto, 1542: [cou-clnV-0112])
- (0332) "lhe atava as mãos, pera se não quietar com nada, (Sousa, 1556: [sou\_clnV-00054])
- (0333) Fico queixoso dêste mimo que Vossa Mercê me faz , porque , com eu não hei mister nada , mais que orações , nada quero de ninguém mais que o encomendarem-me a Deus e a nenhuma pessoa aceito cousa alguma ; e agradecendo a Vossa Mercê êste favor como que o aceitara , peço perdão de me não aproveitar dêle . (Chargas, 1631: [C003-clnV-0134])
- (0334) Não vos desconsoléis de vos não escrever, que quer Deus isto para que neste ano de provação tenhamos ambos merecimento. (Chagas, 1631: [C003-clnV-0135])
- (0335) Era esta que nomeou , uma Religiosa que hauia feyto tenção de lhe não mandar dizer as missas , destinando hum par de tostoens com que se achaua , para cousa que lhe parecia mais precisa , sem diminuilos. (Céu 1658: [C002-cnV-0053])
- (0336) Sentia a Madre Elena em quanto freyra particular o ver neste uzo tão desmentida a premitiva perfeição , doendo-se de [lhe] não ser possivel tornala ao primeiro ser . (Céu 1658: [C002-cnV0054])
- (0337) Importa muito ter o texto correcto, para se não enganar neste particular." (Verney, 1713: l00032l)
- (0338) "... , mas daí enquanto a saúde da Bertha não for perfeita é preciso que escreva sempre alguém para me não pôr em grandes cuidados." (Ortigão, 1836: [O001-clNV-0037])
- (0339) São aos centos, podia dizer aos milhares, esses grupos, e alguns deles tão impressionantes de beleza, de respeito, de piedade e de simpatia, que por muitas vezes tenho levado disfarçadamente o lenço aos olhos para se não verem correr lágrimas de um velho, que afinal nada tem com estas coisas, que nem são da sua terra nem da sua gente. (Ortigão, 1836: [O001-clNV-0038])
- (0340) "Sim, assentámos de lho não dizer a uma nem a outra até que tivéssemos certeza da tua melhora. (Garrett, 1799: lG005l l0014l)

Já a preposição “*por*” condiciona próclise invariavelmente na história do português e desencadeia a interpolação da negação no CTB. Seguem abaixo alguns exemplos:

- (0341) avendo jáa fete annos que fora levantado por Rey , e fazendo linquoenta , e dous annos de sua idade, e **por fe nom achar** escrito nada das coufas, que fe neste cazamento fizeraõ, nem como foram, fe nom poz aqui mais, que sómente cazar ElRey, e ho tempo em que cazou, pelo qual pañando por esto , falaremos, como fe ElRey moveo depois para tomar ha Villa de Santarem. (Galvão, 1435: l0475|g009\_p100)
- (0342) E inquirindo nós isto bem , achamos que nenhum dos cegos foi Rei , mas foram irmãos , e primos com irmãos , filhos de Magcud , Xabadim , e Xaués , daqueles quatro irmãos , filhos de Torunxá , que todos reinaram uns apôs outros ; porque costumavam aqueles Reis , tanto que sucediam , cegarem aos irmãos , primos e parentes , que podiam ter pertençaõ no Reino , e cegavam-nos com uma pasta de metal tirada do fogo ardendo , e passada por diante dos olhos , cuja fôrça lhe apagava a vista , ficando-lhes os bugalhos claros , e inteiros , o que faziam **por se não recearem** deles ; e tantos Reis cegos não podiam suceder em tão pouco tempo , e achando-os todos vivos . (Couto, 1542: [cou-clnV-0116])
- (0343) Resoluto na viagem , gastou todo êste inverno em aperceber a Armada , que havia de levar , e ajuntar mantimentos , e munições , apontando duzentos moradores de Goa com seus cavalos pera irem com êle , sem dar conta a pessoa alguma do que determinava **por se não espalharem** as novas , e irem ter a Bisnagá . (Couto, 1542: [cou-clnV-0123])
- (0344) Já avisei a Vossa Excelência que André Henriques não quis fazer contrato com o flamengo, por **se não obrigar** à paga . (Vieira-cartas, 1608: [V002-0159])
- (0345) Segundo carta que aqui chegou de Lisboa , escrita em dia de Natal , já lá havia aviso , por navio do cabo de Santo Agostinho , que os levantados tinham pôsto uma bateria contra o Recife , e segundo julguei da carta com estes canhões o dão já por mamado: qualificada fatalidade é , **por lhe não pôr** outro nome , que sobre tantas experiências não acabemos de aprender nem desenganar-nos. (Vieira-cartas, 1608: [V002-0160])
- (0346) Em Amsterdam recebi ontem a triste nova , de onde logo me parti , **por me não achar** capaz mais que de sentir e chorar. (Vieira-cartas, 1608: [V002-0161])
- (0347) Contudo , Senhor , é tanta a força da verdade e da razão , que o partido de Cristo se tem já muito melhorado , e todos os moradores estão quietos e pacíficos , e quási todos desenganados que não podem prevalecer neste Estado contra a evidência da verdade , que nêle é tão manifesta e conhecida , e só apelam alguns para o recurso do Reino , de onde esperam que poderá haver alguma mudança no que Vossa Majestade tem ordenado , **por se não conhecer** lá tão claramente a verdade , e por estar longe , e por cuidarem que se pode escurecer e embaraçar com os papéis que os mesmos eclesiásticos têm levado e solicitado , e cada dia mandam e solicitam . (Vieira-cartas, 1608: [V002-0162])
- (0348) Em tempo que ainda a Madre Elena Estaua pouco adiantada nos annos, mas ja muyto crecida nas virtudes , uma Religioza de mayor supposiçaõ deste convento se leuantaua muyto sedo , para dar a Deos as primicias do dia , entrando no coro uma destas madrugadas , vio nelle a Serva de Deos leuantada do chaõ , mais alta que o altar , junto ao qual oraua , taõ absorta neste Divino rapto, que de algumas vezes que a chamou , de nenhuma respondeo , athe que baixando ao seu natural estado , restituída a seus sentidos , lhe dissimulou a Religiosa o que hauia visto, **por lhe não deixar** a pena de a hauer notado. (Céu, 1658: [C002-cnV-0057])
- (0349) Dom Manoel lhe disse : " Que fizesse seu officio; mas que se o Governador o mandava prender **por lhe não fazer** recebimento, nem lhe entregar as chaves da fortaleza , que êle o não fizera , senão pelo pouco caso que lhe vira fazer da fortaleza d'ElRei , tendo obrigaçaõ de se ir aposentar nela , e ver o de que tinha necessidade . (Couto, 1542: [cou-clnV-0117])

Por vezes o clítico se aglutina à preposição formando “pelos/pelas, pólas/pólos”:

- (0350) Vendo Dom Jorge que todos eram contra êle , tratou de prender ElRei ; mas deixou de o fazer por não quebrar com todos , e **[pelos]** *não ter* declaradamente contra si . (Couto, 1542: [cou-clnV-0118])
- (0351) Depois nos trabalhos que o grande Soltão Badur teve com os Magores , quando se senhorearam do seu Reino , quasi todos o desampararam , e se passaram para os inimigos ; mas eu sempre o acompanhei , e servi com muito amor , e gosto até á hora em que os Portugueses o mataram , que **[pelo]** *não deixar* fiquei cativo em seu poder , ferido , e á morte . (Couto, 1542: [cou-clnV-0119])
- (0352) E porque depois que foi tirado do seu Reino não tratámos dele , daremos agora uma breve relação de tôdas , porque de propósito as guardámos pera este lugar , **[pelas]** *não contarmos* por pedaços . (Couto, 1542: [cou-clnV-0121])
- (0353) Do que aconteceu a Hamau Paxá , Rei dos Magores , na Côrte de Xá Ismael : e da ajuda que lhe deo pera tornar a conquistar seus Reinos : e de como foi contra o Reino dos Patanes : e de sua descripção : e de como foi desbaratado o Hamau , e lhe nasceo seu filho herdeiro Em quanto nos dura o tempo do inverno , em que não há que fazer em nossas cousas , daremos razão das alheias , e esta ordem guardaremos sempre **[pelas]** *não misturarmos* todas. (Couto, 1542: [cou-clnV-0122])
- (0354) Com tudo , dou a Vossa Mercê minha palavra de que será pública a emenda ; suposto que não quisera me devesse mais a Pátria , **[pela]** *não fazer* de novo ingrata contra mi , quando vejo me paga tão mal êsse pouco , que por outras vias me deve . (Melo, 1608: [M003-0155])
- (0355) Certo que, se bem se notasse o que é a morte acêrca dos vícios , que , **[pela]** *não ter* por passar , podíamos desejar de tê-la passado . (Melo, 1608: [M003-0156])
- (0356) Se a estalajadeira é vil e pouco cortês e tem a casa cheia de caldeireiros , **[pelos]** *não desinquietar* e deitar fora , responde : - Não há pousada . (Chagas, 1631: [C003-clnV-0137])
- (0357) Não podemos porém dissimular a dor , assim pelo conciso deste Comentário , como **[pelo]** *não termos* completo . (Barros, 1675: [B001-0028])
- (0358) Não tem verso que não necessite de emenda , o desígnio , tudo tem erros grandes , e há muito tempo que tenho na idéia o emendá-la , e já fiz alguns pedaços que perdi , **[pelos]** *não escrever* logo . (1750: [A004-clnV]0065)

#### Um caso de *P+CL-SUJ-NEG-V*

- (0359) E quando vi êste zêlo e humildade , me lembrou uma história que se conta de um senhor dêste reino , que vendeu um ofício , e indo-lhe depois perguntar as obrigações dêle , respondeu : - **[Pelas]** eu não saber vendi o ofício . (Chagas, 1631: [C003-clnV-0136])

#### Por outro lado registrou-se *P-X-clnegV*, como nos exemplos abaixo:

- (0360) E porque vinha carregando sôbre êles o pezo dos inimigos , se tornou a recolher com perda de quatro homens , e êle com uma espingardada por uma perna ; e porque ao entrar do vallo vinham já os inimigos sôbre êle , receando Manuel da Cunha (que estava em uma estância perto, e via tudo) que entrassem de envolta com Dom Christovão , saiu-lhes por aquela parte com tamanha furia , e braveza , que sem temer a multidão deles se meteo em meio , fazendo neles tamanho estrago , que **de já o não poderem** sofrer se afastaram , e Manoel da Cunha se tornou a recolher com perda de três soldados . (Couto, 1542: [cou-clnV-0126])
- (0361) Feito isto , poz ali Capitão novo , e o mesmo fez em tôdas as fortalezas , e tanadarias de Concan , reduzindo-o outra vez à Coroa do Reino , porque o tinha dado ao Accedecan , determinando **de mais o não dar** a pessoa particular , por se não fazer poderoso , arrendando suas terras , aldêas , e pondo outras cousas em ordem . (Couto, 1542: [cou-clnV-0127])



- (0362) Neste tempo (que era em fim de Novembro) chegou àquela fortaleza o galeão da carreira, em que ia Jordão de Freitas pera Capitão; e porque não continuámos com sua jornada, por as cousas nos não darem lugar, o faremos agora aqui. (Couto, 1542: [coulV-0128])
- (0363) De maneira que, quando França cuidou que a paz de Portugal com Holanda podia ser causa de Holanda se não unir com Castela, quis alcançar esta desunião a preço de uma praça nossa, tão importante como a Baía; e agora que Holanda se uniu com Castela, querem que fique também em guerra connosco, para que nós ajudemos a lhe quebrantar as fôrças, e gaste Holanda contra Portugal o com que podia socorrer aos castelhanos. (Vieira-cartas, 1608: [V002-0153])
- (0364) O padre Pontilier beija a mão a Vossa Excelência muitas vezes, sentido de Vossa Excelência lhe não mandar aquelas novas de Lisboa: não escreve, porque prègou hontem, e prèga dia de Natal e a primeira e segunda oitava, e todas as mais vezes que o quizerem ouvir, e creia-me Vossa Excelência que é grande prègador. (Vieira-cartas, 1608: [V002-0154])
- (0365) Para em Calais me não impedirem a saída, nem nas outras cidades até Paris me negarem a entrada por ir de lugar infecto, levo passaporte e recomendação do embaixador de França que está neste reino, o qual também me remeteu os maços das embaixadas debaixo dos seus, que foi maior segurança com que se podiam enviar; e a tudo o mais do serviço de Sua Majestade se ofereceu com boa vontade. (Vieira-cartas, 1608: [V002-0158])

Os casos de aglutinação da preposição *por* + *clítico*, assim como os casos em que temos um *X* entre a preposição e a seqüência '*cl-neg-V*' não são comuns à maioria dos textos do CTB e concentram-se em alguns textos de autores nascidos nos séculos 16 e 17.

Quanto à interpolação da negação em infinitivas introduzidas pela preposição '*em*', também estes casos são especialmente encontrados nos textos dos autores nascidos no século 16 e 17.

Veremos a seguir em II.2.2.3 que a maior produtividade da interpolação da negação em ambientes tradicionalmente considerados de variação '*clV/'Vcl*' nos domínios não dependentes finitos também se limitaram aos textos dos autores nascidos até o século 17.

### II.2.2.3 A interpolação da negação em orações não dependentes

O fenômeno da interpolação podia ocorrer em orações matrizes e coordenadas raízes no corpus de documentos notariais do PA (Martins, 1994), desde que introduzidas por um operador proclisador: Um sintagma lexicalmente focalizado, um quantificador e certos advérbios. A interpolação da neagação neste ambiente continua a ser atestada no PM, e bastante produtiva (cf. Anexo, seção ii.ii – Tabela 9; e **quadro II.24** a seguir).

Quadro II.24 - orações não dependentes introduzidas por operadores proclisadores

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
X-CL-N-V	1	1	2	6	3	2	7	7	9	4	6	1	6	3	7	1	3	4	16	4
	1,00	0,50	0,33	0,75	0,75	0,40	0,78	0,88	0,90	0,80	0,75	1,00	1,00	0,75	0,58	0,17	1,00	1,00	0,89	0,80
X-N-CLV	0	1	4	2	1	3	2	1	1	1	2	0	0	1	8	5	0	0	2	1
	0,00	0,50	0,67	0,25	0,25	0,60	0,22	0,13	0,10	0,20	0,25	0,00	0,00	0,25	0,67	0,83	0,00	0,00	0,11	0,20
SOMA	1	2	6	8	4	5	9	8	10	5	8	1	6	4	12	6	3	4	18	5

Advérbios como *ainda/inda*, *também*, *já*, *quasi*, *assim*, *tanto*, *bem* sempre desencadeiam a interpolação da negação no nosso corpus. Seguem alguns exemplos:

- (0366) Sabendo fua morte Daciano ainda entam fe nom doeo delle, (Galvão, 1435: IG009\_1435\10431\g009\_p90))
- (0367) Também me não parece indigna de lembrança uma , com que Rodoge , mãe de El-Rei Dario , o reprendia e aconselhava na segunda expedição contra Alexandre ; que foi a que se segue : " Deram-me novas que ajuntáveis poderosos exércitos de tôdas vossas gentes e das alheias , para de novo oferecerdes batalha a Alexandre. (Lobo, 1574: [lob-clnv-0016])
- (0368) Destas minhas mazelas já me não queixo. (Melo, 1608 [M003-0014])
- (0369) Mas ainda assim me não arrependo do ofício que a Vossa Paternidade lhe dei , e só tenho por vaidade ( confesso minha culpa ) que Vossa Paternidade se ria disso ; bem mostra Vossa Paternidade , com isto , que tem por cousa de riso os meus aproveitamentos . (Chagas, 1631: [C003-clnV-0010])
- (0370) Deste modo perseverou quarenta dias contínuos , com notável fruto dos que o ouviam e sabiam do sucedido , que não deviam ser tão duros de coração como aqueles de quem o patriarca Abraão disse ao rico avarento , quando lhe demandava um pregador saído do outro mundo para convertê-los : Lá tem a Moisés e aos profetas , e , se a estes não dão crédito , também o não darão aos mortos ressuscitados . (Bernardes, 1644: [B003-0002]\100064))
- (0371) Mais claro é o argumento de Cristo Senhor Nosso com seus sagrados apóstolos , aos quais disse uma vez : Já vos não chamarei servos , porque o servo não sabe o segredo de seu senhor ; chamo-vos amigos , porque tudo o que ouvi a meu Eterno Pai vos fiz manifesto. (Bernardes, 1644: [B003-0004]\100051))
- (0372) <P\_100> Ainda me não disseste se recebeste as fotografias que te mandei por Trihidez que tão lindas são para o meu gosto. (Ortigão, 1836: [O001-clNV-0001]\10021))

Também orações indroduzidas por advérbios interrogativos (+wh) e partículas de foco, como *‘só’*, *‘somente’* e *‘até’*, apresentaram o fenômeno da interpolação, assim como no PA.

- (0373) E notei duas cousas gravissimas nas feçuras antigas ; que , tendo elles que a mediocritas e o meo era o melhor em tudo , sómente no pintar e esculpir o não quizerão limitar . (Holanda, 1517: IH001\_1517|00114)
- (0374) Em verdade que por estas merecia eu maiores penas , que por aquelas que mas dão ; pois em tal estado e em tal idade não soube haver posto aqueles papeis em parte , donde agora os não descobrisse a curiosidade alheia e (Melo, 1608: [M003-0015])
- (0375) Só a mi me não valeu essa diligência. (Melo, 1608: [M003-0016])
- (0376) Também os generalatos fantásticos e a repartição dêles é notável , só no Príncipe se não fala , para que dêmos ainda mais que falar aos que sabem que idade tem e onde vive. (Vieira-cartas, 1608: [V002-0002])
- (0377) Só o amor de Deus se não pode ter senão em graça. (Chagas, 1631: [C003-clnV-0005])
- (0378) Mas enfim , como este moço punha o nome às cousas depois de beber , só por erro o não poria errado : Ille liquor docuit voces inflectere , podemos aqui dizer com Tibulo a outro intento . (Bernardes, 1644: [B003-0005]|00014)

Já as orações não dependentes introduzidas por elementos que não são operadores não são contextos para a interpolação no PA. Entretanto, Martins (1994) atestou alguns casos de interpolação da negação neste ambiente no final do século 15 e século 16. Os quatro dados apontados por Martins (1994), reproduzidos abaixo, têm a interpolação do advérbio de negação “*não*” em orações que não são introduzidas por operador proclisador.

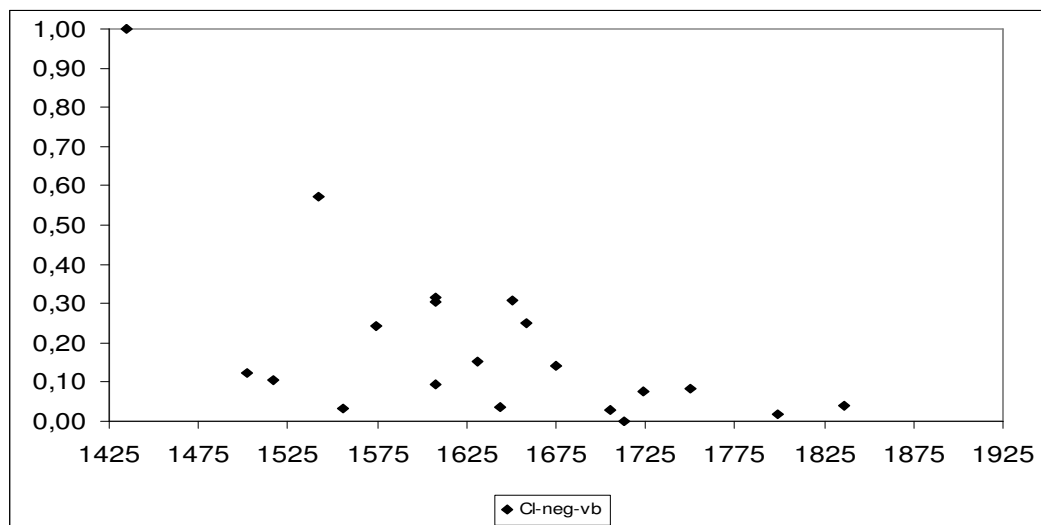
- (0379) “ e durante ho ‘tenpo das ditas tres vidas lho nom possam tolher (NO, 1496)” (Martins, 1994:189, ex: 325)
- (0380) “ e durante ho tempo das ditas tres vidas lho nom possam leixar nem engeitar (NO, 1505)” (Martins, 1994:189, ex:326 )
- (0381) “ E nom pagãdo elles emprazadores e pessoa depos elles a dicta pemsam (...) que o dicto dom prior e seus ssobçessores os mãdem por ella penhorar em seus b~ees moues e de raiz (...) e elles emprazadores lhes nã tolherã os penhores e nã faram outro feu ne foro a outra nenh~uma pessoa (NO, 1509)” (Martins, 1994:189, ex:327)
- (0382) “ e que nam pagando a dita Renda que possam ser penhorados em seus b~ees e vendidos E arematados sem mandado e autorjdade de Justiça e se nam chamaram por ello forcados nem esbulhados (NO, 1522)” (Martins, 1994:189, ex: 328)

A autora defende que, apesar da baixa frequência deste tipo de exemplos, a estrutura por eles representada não deve ser considerada gramaticalmente marginal. Para ela há duas constantes que os fazem parecer como um grupo coeso: todos são exemplos tardios (localizados cronologicamente em finais do século 15, século 16) e em todos os casos o elemento interpolado é o “*não*”.

Martins (1994) ainda admite que a limitação temporal referida faz pensar que alguma mudança sintática ocorreu, tornando possível um certo tipo de interpolação anteriormente não permitida. Porém, para ela, o fato de só o operador de negação predicativa ocorrer interpolado nestas condições seria explicado pelo caráter peculiar da negação, mas não indicaria mudança gramatical.

No corpus Tycho Brahe a interpolação da negação em orações não dependentes sem que nenhum operador proclisador introduza a oração (ambientes tradicionalmente considerados de variação ‘clV’; ‘Vcl’) é atestada nos textos dos autores nascidos até a primeira metade do século 18, como podemos notar no gráfico abaixo da interpolação da negação em orações não dependentes XV (cf. também quadro II.25 abaixo e no anexo, seção II.ii, Tabela 10 e gráficos 4, 5 e 6).

Gráfico II.6: Interpolação da negação nas orações não dependentes XV



O gráfico acima parece sugerir que o fenômeno seria mais freqüente na fase anterior da que é representada com este corpus pelo fato do texto de Duarte Galvão (1435) apresentar 100% de interpolação enquanto os demais textos permanecem na faixa de 10% a 30%. Entretanto sabemos que nos corpora que representam os séculos 13 e 14 (cf. Martins, 1994, também Fiéis, 2000) a interpolação, mesmo da negação, não é atestada nestes contextos. Também vale ressaltar que o texto de Duarte Galvão não apresenta muitos casos de

orações não dependentes negativas - os 100% de interpolação da negação equivalem a duas sentenças, como podemos constatar no quadro II.25 abaixo.

Quadro II.25 - orações não dependentes NÃO introduzidas por operadores

		G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
		GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIC	VIS	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
	datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1687	1687	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
	datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
Sujeito	Cl-neg-vb	0	0	1	2	0	4	1	4	2	2	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
	Neg-cl-vb	0	0	6	1	2	0	2	2	3	10	2	1	0	0	33	9	2	8	12	3
	Total	0	0	7	3	2	4	3	6	5	12	2	1	1	1	33	9	2	8	12	3
% interp.	Suj-clnegV	#DIV/0!	#DIV/0!	0,14	0,67	0,00	1,00	0,33	0,67	0,40	0,17	0,00	0	1,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
PP	Cl-neg-vb	0	1	0	0	1	2	2	7	7	6	1	3	1	0	0	0	0	1	0	0
	Neg-cl-vb	0	0	0	0	5	4	9	4	2	9	6	0	1	0	8	5	2	4	3	4
	Total	0	1	0	0	6	6	11	11	9	15	7	3	2	0	11	5	2	5	3	4
% interp.	PP-clnegV	#DIV/0!	1,00	#DIV/0!	#DIV/0!	0,17	0,33	0,18	0,64	0,78	0,40	0,14	1,00	0,50	#DIV/0!	0,00	0,00	0,00	0,20	0,00	0,00
Oração	Cl-neg-vb	1	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	1	0	1
	Neg-cl-vb	0	5	4	1	6	9	11	4	13	9	11	2	9	6	13	7	8	4	15	4
	Total	1	5	4	2	6	10	12	4	13	9	11	2	11	6	13	7	8	5	15	5
% interp.	Oração-clnegV	1,00	0,00	0,00	0,50	0,00	0,10	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,18	0,00	0,00	0,00	0,00	0,20	0,00	0,20
Conj-cl	cl-neg-vb	0	0	1	1	0	0	0	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
	Neg-cl-vb	0	2	6	1	16	8	10	14	5	13	7	6	1	0	11	12	0	2	10	7
	Total	0	2	7	2	16	8	10	14	8	13	7	7	1	1	11	12	0	2	11	7
%interp.	e-clnegV	0,00	0,00	0,14	0,50	0,00	0,00	0,00	0,25	0,00	0,00	0,14	0,00	0,00	0,00	0,00	#DIV/0!	0,00	0,09	0,00	
outros	cl-neg-vb	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	0	0
	Neg-cl-vb	0	1	3	0	0	1	6	0	2	3	1	0	1	0	2	7	0	4	11	6
	Total	1	1	3	1	0	1	6	0	2	3	1	0	1	0	4	7	1	4	11	6
%interp.	X-clnegV	1,00	0,00	0,00	1,00	#DIV/0!	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	#DIV/0!	0,00	#DIV/0!	0,50	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	
TOTAL	Cl-neg-vb	2	1	2	4	1	7	4	11	11	8	1	4	4	1	2	0	1	2	1	1
	Neg-cl-vb	0	8	19	3	29	22	38	24	25	44	27	9	12	6	67	40	12	22	51	24
	total	2	9	21	7	30	29	42	35	36	52	28	13	16	7	69	40	13	24	52	25
% interp.		1,00	0,13	0,11	0,57	0,03	0,24	0,10	0,31	0,31	0,15	0,04	0,31	0,25	0,14	0,03	0,00	0,08	0,08	0,02	0,04

Seguem abaixo os dados de interpolação da negação em orações não dependentes sem operadores proclisadores pré-verbais:

Antecedidas por sujeito:

(0383) E já era vinda em perfeição a pintura até em Italia , e ainda no seu tempo afirma Plinio verem-se em Italia na cidade de Ardea em templos pinturas mais antigas que Roma e que de nenhuma pintura se mais spantaua que d'aquellas , consirando terem viuido tanto tempo n'um templo que não tinha já telhado de antigo , e que inda nouas pareçião , e semelhantemente diz que em Lenuvio stauão pintados Atalanta e Helena despidas , da mão d'aquelle mesmo mestre , de fórmula excelente , nem se danarão pola ruina do templo em que stauão ; e que Pontio , legado de Caio Cesar , aceso de libide , as quis arrancar da parede , mas a natureza d'ella o não consintio , e que assi mesmo outras tauoas maes antigas tinham durado em que confessará qualquer que considere com diligencia , que nenhuma das artes veio assi em breve tempo á perfeição como esta , como que na guerra de Troia se não tinha inda achado ; mas parece em Poncio Pilato já costume dos franceses querer el rei de França em Milão levar huma parede a França onde staua pintada a çea de nosso Salvador de mão de Lionardo de Vince ; mas em Lacedemonia cortarão os romãos a huma pintura da parede de tigiolo ao redor , e a trouxeram a Roma em caxas feitas de madeira . (Holanda, 1517: IH001\_1517I100099I)

(0384) Dom Manoel de Lima o não quiz ouvir naquele negócio , dizendo-lhe , que era filho mais velho de seu pai , que se queria ir pera o Reino , e que quando lhe ElRei não desse de comer , que viveria com o que seu pai viveo . (Couto, 1542: [cou-clnV-0045])

- (0385) O Governador tornou a mandar a êle Pero de Faria , cuidando que o achasse já mais brando , e mais fóra de paixão; mas Dom Manoel de Lima o não quis ouvir , dizendo-lhe , que não tornasse lá mais sôbre aquele negócio , porque seria necessário fechar-lhe a porta , e que o não quizesse pôr a risco de lhe fazer aquela descortezia , porque era seu servidor . (Couto, 1542: [cou-clnV-0046])
- (0386) E dos que falam pela têmpera velha, eu o não consentira senão em homens de barba larga , penteada sôbre os peitos , com carapuça redonda e pelote de abas pregadas , que vos conte histórias de El-Rei Dom Manuel e dos Ifantes em Almeirim , e de quando Dom Rodrigo de Almeida tomou por compadre a Vila de Condeixa , do filho que ali lhe nasceu em tempo do bispo Dom Jorge . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0011])
- (0387) E em que conta teria el-Rei Felipe Primeiro de Portugal a Frederico Badoaro , que os Venezianos lhe mandaram por Embaixador a Génova , sendo êle Príncipe de Espanha , que , estando com êles aos officios divinos no segundo lugar , sucedeu chamar o Príncipe a si ao Duque de Sabóia , e , acenando ao Veneziano que lhe desse o lugar, êle o não quis fazer ; o Príncipe com acenos e palavras ásperas o mandou muitas vezes tirar ; mas respondeu que antes havia de deixar a vida que aquêle lugar , porque com a morte de um particular se não fazia afronta ao Senado , mas que se lhe faria muito grande se desse o lugar , que lhe era devido , a pessoa inferior em merecimentos . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0012])
- (0388) Ao outro dia pôs em execução êste pensamento , e , deixando para seu tempo o sucesso que teve , os da conversação o não souberam todo aquêle dia ; e , quando veio a noite , que o acharam menos , houve quem desse novas de como o encontrara naquela emprêsa ; e com esta ocasião começaram a prática , e disse o Doutor: - Sempre ouvi que os cuidados de amor em peitos generosos saiem com seus extremos ao longe, e que então se forçam quando os outros sujeitos desconfiam . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0013])
- (0389) Ainda bem as árvores não dão seu fruto, quando vossos criados mo trazem; e do que até nos agros se sente a falta , eu a não tenho. (Lobo, 1574: [lob-clnv-0017])
- (0390) - Essa é muito larga (disse o Prior) e são passadas muitas horas da noite ; e eu me não escusara com elas se não imaginara que tôdas as verdades , que caiem sôbre êste sujeito , hão-de parecer murmuração. (Lobo, 1574: [lob-clnv -0018])
- (0391) Para que Vossa Senhoria não estranhe a resposta dos avisos sôbre Batevilla , os quais eram tão bem fundados que , desejando êle que eu o visse , e mandou-me o significar por pessoas muito grandes , eu o não quis fazer nem usar das imunidades do meu hábito , por não parecer do número dos que entravam em sua casa , constando me lá e cá que tenho maiores obrigações aos castelhanos que aos portugueses . (Vieira-cartas, 1608: [V002-0008])
- (0392) João de Guimarães se não carteia com esta embaixada há muitos correios , e assim não se sabe cá nada do seu tratado , e para ser à satisfação de Sua Majestade basta que Vossa Excelência o aprove. (Vieira-cartas, 1608: [V002-0009])
- (0393) E sendo bastante razão esta , para eu haver sentido muito a total falta que delas tivemos neste correio , se acrescenta a êste sentimento não se saber a causa por que faltaram , que , se bem o senhor Embaixador me assegura de todo desastre , pela experiência que tem de tantos anos , eu me não livrarei do cuidado até o correio seguinte . (Vieira-cartas, 1608: [V002-0010])
- (0394) De Sua Majestade tive carta em resposta da que de aí lhe escrevi sôbre a minha jornada de Munster , de que Sua Majestade me há por escuso , vistas as razões que por parte de Vossa Excelência lhe representei , e me manda licença para me poder tornar para o Reino , o que procurei fazer no mesmo dia , que foi o de têtça feira da semana santa , vendo se podia alcançar ainda a fragata ; mas o senhor Embaixador o não consentiu, por ter grandes esperanças que , publicada a paz com Castela ( o que se faz de aqui a cinco semanas ) , se fará logo a nossa , a cujas capitulações me encomenda muito Sua Majestade que assista , em outra carta que tive sua ; e na da licença supõe que não há esperanças de isto ter efeito , nem eu o seguro , pôsto que nunca lhe vi mais jeito que agora . (Vieira-cartas, 1608: [V002-0017])

- (0395) Meu desejo se não estende a mais que a alcançar me mudem de prisão a prisão , e não dela para a liberdade . (Melo, 1608: [M003- 0023])
- (0396) E, como cá dizemos que quem o Demo toma uma vez, sempre lhe fica um geito , eu o não perdi nem por haver perdido tudo quanto tinha e quanto podia esperar . (Melo, 1608: [M003- 0024])
- (0397) Às vezes a quero negar e os companheiros me não deixam. (Chagas, 1631: [C003-clnV- 0014])
- (0398) Das mais cousas , de que seria útil a informação desta terra , também a experiência será arte para que facilmente se conheça ; e eu me não quero meter em trinchar iguarias , que me não atrevera a provar. . (Chagas, 1631: [C003-clnV- 0013])
- (0399) Estava nesta occasiã a Madre Elena com hum grande de fluxo , e a toce a não deixava socegar havia muytas noytes ; e pedindo à aparecida rogasse a Deos a aliviasse daquelle trabalho , lhe respondoe : A toce ha de selhe tirar ; não sey se lhe fallou mais alguma palavra ; mas constame lhe não pedio oraçoens ; sinal de que esta ditoza alma estava de voo para a gloria pois não as necessitava ; e ao que nos deixa entender , ainda seu corpo jazia no terreno quando caminhava para o ceo seu espirito . (Céu, 1658 [C002-clnV-0009])
- (0400) Acabou-se enfim aquela Quaresma , e o povo daquela capital se não conhecia a si mesmo , vendo-se nele excitada a piedade tão natural à Nação , ali ou amortecida , ou infelizmente degenerada. (Barros, 1675: [B001- 0004] 100020)

#### Antecedidas por PP:

- (0401) E daí por diante se não pode passar por respeito de uma cachoeira muito grande que há neste passo , onde cai o peso da água de muito alto. (Gandávo,1502: 10178 [g\_008\_s\_104])
- (0402) Bem quisera recolher-se no convento da Ordem que ali há , mas trazia já sabido do caminho que seria desconforto pera os religiosos , pola ocasião do Concílio; por isso o não tentou (Sousa, 1556: [sou-clnV-00005])
- (0403) E do sal se me não fica outra cousa que advertir mais que haver-se de maneira com êle o cortesia que não seja a prática tôda de graças , nem sem ela , se não uma certa liga com que se componha o galante e o sesudo , que é uma diferença que sempre fiz do engraçado ao gracioso ; porém , como isto há-de ser em conformidade das matérias , ocasiões e pessoas com que se pratica , não posso dar a isso regra ordenada . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0014])
- (0404) Porque se a opinião dos cobiçosos deu preço ao ouro e pedraria, à conversação dos sábios o não pode tirar a mesma ventura . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0015])
- (0405) - Parece-me , senhor Doutor ( disse Feliciano ) , que aquela razão há-de achar muitos votos contra o vosso ; porém eu , por me pegar ao melhor parado , nem quero ir contra êle , nem hei-de encontrar o do senhor Prior , antes ajudado da doutrina de ambos acrescentarei o meu pouco , metendo-me entre tão boas partes pola de Amor ; e digo que pôsto que êle e a cobiça sejam semelhantes no poder , no que é amar são em tudo desiguais , porque não se ama a cousa que polo que é , e por amor de si própria se não ama , e menos se pode amar a que se não conhece ; e assim seria êrro chamar amor ao do cobiçoso , que se emprega em cousas que por si não merecem amor e em outras de que não tem nenhum conhecimento ; amar a uma pessoa , que obriga e sujeitar a nossa vontade , é ter-lhe amor por qual ela é , e por essa a desejamos unir connosco , por natural apetite ; mas empregar a afeição no dinheiro e no ouro , que não amamos polo que é , senão polo que com êle se alcança , não pode ser amor . (Lobo, 1574: [lob-clnv -0019])
- (0406) De umas se não sabem os logares onde estiveram; d'outras se lavram , semeam , e plantam os mesmos logares , sem mais vestígios de haverem sido , os que encontram os arados , quando rompem a terra . (Vieira-sermões, 1608: [V004-0004])

- (0407) Consideramos o dia do Juízo como uma coisa medonha e espantosa; mas que está lá muito longe, como as serpes nas arêas da Lybia , ou os crocodilos no Nilo , e por isso nos não faz medo. (Vieira-sermões, 1608: [V004-0008])
- (0408) Da esquadra de Angola se não tem ainda por cá notícia alguma. (Vieira-cartas, 1608: [V002-0003])
- (0409) Da fragata "Fortuna, se não tem escrito nada até agora; com que não fiquem em falta com o pagamento da parte que se fiou me darei por contente. (Vieira-cartas, 1608: [V002-0004])
- (0410) Com as almas dos portugueses se não trabalha menos que com a dos índios, e dá Deus tal força de espírito aos missionários nesta parte , que afirmo a Vossa Majestade que , com ter corrido tanto mundo , e ouvido tantos homens grandes dêle , nunca ouvi sermões que me parecessem verdadeiramente apostólicos , senão no Maranhão . (Vieira-cartas, 1608: [V002-0005])
- (0411) Nos negócios se não tem dado passo adiante , porque aconselharam os amigos que esperássemos pela resolução de Zelanda , onde as demais províncias tinham enviado deputados , a rogar lhe quisessem ratificar a paz com Castela , mas hoje tornaram com novas de a deixarem firme ou obstinada no mesmo propósito : não sabemos ainda as circunstâncias do caso , nem em que virá parar . (Vieira-cartas, 1608: [V002-0006])
- (0412) Jerónimo Nunes me escreveu hoje tivera carta de Vossa Excelência com recado de virem as letras no correio seguinte , e por isso o não torno a lembrar a Vossa Excelência . (Vieira-cartas, 1608: [V002-0011])
- (0413) No correio passado vos não escrevi, porque, sem ir a Alentejo, estou meio aleijado de êste braço direito; e não tive então aqui nem a Ene, que suprisse (Melo 1608: [M003-0017])
- (0414) Adivinhou (como eu lhe disse) que não tinha mais de meu que três bocados de marmelada; por isso me não trouxe os outros . (Melo 1608: [M003-0018])
- (0415) Dos documentos dela não sei, por isso lhe não respondo. (Melo 1608: [M003-0019])
- (0416) Em consciência me não espanto que os meus versos lhe pareçam mal ; porque também a mi me parecem mal os seus ; e um coração é espelho de outro . (Melo 1608: [M003-0020])
- (0417) O soneto com título de burlesco que começa : Perdiste , Lauso , a Filis , gran maretta , como se não admite , não se julga ; sem embargo lhe não valerá a boa letra e ortografia , de que vem vestido, para que deixemos de dizer não é agudíssimo , nem vivo do sal em demasia. (Melo 1608: [M003-0021])
- (0418) Por meu voto se não fizera tal rôgo, por sequer lhe escusar o gôsto de nos dizer que não (Melo 1608: [M003-0022])
- (0419) Do mar se não tira água que não seja salgada e amargosa ; de mim se não pode dizer cousa que não seja ruim. (Chagas, 1631: [C003-clnV- 0008])
- (0420) Do mar se não tira água que não seja salgada e amargosa; de mim se não pode dizer cousa que não seja ruim . (Chagas, 1631: [C003-clnV- 0006])
- (0421) Das confrarias de Santo Erasmo , não caio no que Vossa Reverência me quer dizer , porque histórias com feiticeiras e consultoras do diabo , isto nos sucede achar cada dia ; de cousa particular me não lembra. (Chagas, 1631: [C003-clnV-0007])
- (0422) O tempo vai tão chuvoso e tão frio, que a primavera passa sem nos dar um dia de alívio; nestes belos passeios, de que Paris é tão adornado, e de que estes homens se sabem aproveitar ou por remédio, ou por passatempo, nesta terra se não fazem os passeios como por ofício e entram na melhor direcção da vida , mas com tanta atenção e modéstia , que na nossa terra se não corre às igrejas com mais devoção. (Brochado, 1651: [B008-0001]00010)
- (0423) Na Sorbona se não têm ainda decidido sôbre as proposições de um livro do dito padre pelo exame que êles chamam doutrinar, em que muitos doutores têm votado que nelas não há inconveniente e que tudo é um puro factio que pode referir-se sem estabelecer-se em modo que ofenda a verdade da História Sagrada. (Brochado, 1651: [B008-0002]00036)



(0424) Quando nos vem da mão daqueles que juram ódio aos Reis , é sempre suspeitosa , e por isso se não devia abandonar a medida que se propõe , e ficarmos por aí seguros de que nos não façam guerra daqui a dois dias . (Alorna, 1750: [A004-clnV]l0040l)

Antecedidas por oração:

(0425) avendo jãa fete annos que fora levantado por Rey , e fazendo linquoenta , e dous annos de sua idade, e por fe nom achar escrito nada das coufas , que fe neste casamento fizeraõ , nem como foram, fe nom poz aqui mais, que sóomente cazar ElRey, e ho tempo em que cazou, pelo qual pañan- do por esto , falaremos, como fe ElRey moveo depois para tomar ha Villa de Santarem. (Galvão, 1435: l0477l[g009\_p100])

(0426) E, pelo ElRei Dom João o III querer casar, e êle não querer, lhe não deram satisfação lde seus serviços , que foi causa de se êle ir viver a Veneza com sua licença , onde esteve anos , muito respeitado do Senado , até o Imperador Carlos V o persuadir com largas promessas de mercês , que lhe ElRei faria , a se vir a Portugal , que lhe não cumpriram. (Couto, 1542: [cou-clnV-0044])

(0427) Sôbre quais devam ser as nossas negociações ou intrigas , como chamam os franceses , na Côrte de Madrid , me não meto a discorrer , porque essas resoluções levam consigo a fé do acerto , sem que nos seja permitida nem a disputa , nem o voto. (Brochado, 1651: [B008-0003]l00007l)

(0428) A tenção que o Governador nisto teve nos não souberam dizer ; mas havia de ser , porque ali estavam as náos do Reino , porque o Idalcan cuidasse que o queria embarcar pera Portugal , por ver se lhe podia arrancar mais alguma cousa das mãos , porque queria ter nele um ninho de guincho , como lá dizem , ainda que o mais certo parece sentir alguma alteração no Idalcan , e assentar-se em conselho , que o mandasse levar pera Goa para o enfrear com êle , porque era a cousa que o mais inquietava que todas . (Couto, 1542: [cou-clnV-0047])

(0429) E, chegando a alguma que com menos apêrto faça sua relação, me não pareceu enjeitar a que Marcelo escreveu ao Senado Romano , dando-lhe novas da derrota de Fúlvio , que dizia : " Bem sei que a nova , que vos mando , é de sentimento . (Lobo, 1574: [lob-clnv-0010])

(0430) Que havia de ser de Agostinho , de quem se rezava nas escolas catholicas : A logica Augustini libera nos Domine ; se amollecido com as lagrimas de sua mãe , ella ( como um lyrio que se gera das lagrimas de outro ) o não tornara a gerar? (Vieira-sermões, 1608: [V004-0005])

(0431) Todas passaram como a náu, que vae cortando as ondas, e depois que passou, se lhe não acha rasto: Et tanquam navis, quæ pertransit fluctuantem aquam; cujus, cum præterierit, non est vestigium invenire. (Vieira-sermões, 1608: [V004-0007])

(0432) Foi o Próprio , e deteve-se perto de três meses em Lisboa , e em quatro correios ordinários que neste tempo vieram se não respondeu uma palavra aos negócios que dependiam tanto da resposta , que sem ela nem se podia dar um passo nem ainda introduzirem-se com o fundamento que convinha . (Vieira-cartas, 1608: [V002-0015])

(0433) Vossa Paternidade e quási todos os que governam , sabem por onde esta nau se vai ao fundo, e por onde entrou o mar da relaxação e distraimento, que especialmente é por ambições de mando, séquito e govêrno, sem zêlo verdadeiro de Deus; e por carear votos e séquito, se não repara na insuficiência e incapacidade dos sujeitos , e ficando nestes a prelazias , imprimem em seus súbditos as suas semelhanças , dando cargos e vivendo para passar a subir e merecer ao humano , com pouca atenção ao divino. (Chagas, 1631: [C003-clnV-0009])

(0434) Estando o corpo insepulto trinta horas , se lhe naõ precebeo sinal algum de corrupção , e assim o deraõ à terra , adonde as lagrimas da nossa saudade , batem na pedra de sua sepultura. (Céu, 11658: [C002-cnV-0003])

- (0435) Do tempo que durou este fauor me não consta, nem dos efeitos que deixou em sua alma, mas bem se entende seriaõ taõ grandes, e agradecidos, como Amantes. (Céu, 11658: [C002-cnV-0004])
- (0436) Falleceo uma Religiosa Tia do Marquez de Tauora, a tempo que a serva de Deos estaua enferma ; e como os desalentos do corpo enfraquecem as valentias do animo , aparecendolhe a defunta , o não teue para fallarlhe : Deixaime , lhe disse , que não estou com valor para ouvirvos ; não podia hum espirito despido já das grosserias do corpo , ter as da profia ; nem Deos lhe daria licença ; que não quer dos seus servos , mais do que podem . (Céu, 11658: [C002-cnV-0008])
- (0437) Muitas cousas estimamos somente porque as não conhecemos , e outras porque as não conhecemos , as não estimamos; tanto é certo que não há nada certo no mundo ; nos mesmos princípios se fundam muitas cousas contrárias , e opostas entre si .(Aires, 1705: [air-clnV-0011])
- (0438) Entrei portanto e ele mandou-me dizer que estava na cama com cataplasma de linhaça na cara e como este remédio não cheirava bem me não queria sujeitar a sofrer os seus efeitos , mas que o fazia com a promessa minha de voltar no outro dia . (Ortigão, 1836: [O001-clNV-0005][0008])

#### Antecedidas por X:

- (0439) DEpois da batalha vencida ef-teve ElRey D.Affonlo tres dias no campo, como hee de cof-tume fazerem os Reys fe forçados, necessidade lhes nom vem (Galvão, 1435: [0399][g009\_p82])
- (0440) Creio estão já feitas estas contas desde logo que foram necessárias ; com tudo , me não desobrigo de sua inculca : porque aos sábios , maior lisonja se lhe faz oferecendo-lhes o mesmo que sabem , que mostrando-lhes o que deixaram de advertir , se alguma cousa deixam . (Melo, 1608: [M003-0141])
- (0441) Agora , com tudo , me não acho fraco de fôrças , de cabeça sim , e qualquer exercício que com ela tenho , me inflama e me peora . (Chagas, 1631: [C003-clnV-0011])
- (0442) Eis-aqui como este prelado julgava aquela causa de sua breve ausência por justificada com o título de necessidade urgente e, na verdade , o não era no juízo de um príncipe pio e prudente e que via as coisas de perto com boa intenção. (Bernardes, 1644: [B003-0007][00035])

#### Antecedidas por conjunção copulativa:

- (0443) Não sómente ao outro domingo seguinte não nos pudemos ajuntar com a senhora Marquesa e com Micael Angelo, mas inda ao outro, d'ali a oito dias fomos quasi empedidos e nos não queriamos congregar . (Holanda, 1517: [IH001\_1517][00147])
- (0444) E porque os próprios papeis , que sôbre isto se fizeram , ou são levados pera o Reino , ou perdidos , ficou isto fazendo confusão , e o não podemos averiguar , senão pelo Regimento daquela fortaleza , que mandava arrecadar êstes cem mil pardãos daquele Rei , sem fazer mais alguma declaração , que só dizer , que eram de pareas . (Couto, 1543: [cou-clnV-0038])
- (0445) Meu compadre é meu compadre , ou não sei ou me não atrevo a defini-lo por outros têrmos. (Melo, 1608: [M003-0029])
- (0446) E me parece que , se eu fizer o que entendo , não poderei ir para lá antes de dous anos , porque o verão se irá no Minho , e se entrarmos em Miranda e a Trás-dos-Montes no outono , precisamente se há de passar por estas bandas o inverno ; e é necessário a primavera para ir passando por oitenta léguas de povos , onde , ou se não tem prègado , ou é preciso tomar a prègar , ainda que seja menos. (Chagas, 1631: [C003-clnV-0003])

- (0447) A disputa entre o Bispo de Meaux e o Arcebispo de Cambrai , sôbre a última profissão de amar a Deus , se engrossa cada vez com mais porfia , e se não guarda medida alguma , como se pudessem os homens ser mestres de um amor que não cabe no coração humano. (Barros, 1675: [B008- 0005]00012l)
- (0448) Esta deixou verdadeiramente o mundo ; a outra apenas mudou nele de lugar ; ambas entraram no Templo , porém uma só entrou para o profanar ; uma foi chamada por Deus , a outra foi mandada pelos homens ; uma foi para achar um Esposo divino , a outra foi porque não achou um esposo humano ; ambas foram para a Religião , porém só uma ficou sendo Religiosa ; ambas professaram , porém cousas contrárias ; porque o que uma professou , não quis professar a outra ; ambas disseram o mesmo , porém uma só disse de boca , o que a outra também disse do coração ; uma fez o sacrificio , a outra só fez a cerimonia ; uma fez o que a outra representou ; uma fez o que mostrava que fazia , a outra só fez a forma , ou a figura ; ambas se obrigaram aos três votos , porém uma foi com tenção de os observar , e a outra foi sem tenção nenhuma de os cumprir ; e isto é porque uma deixou os seus pensamentos fora , e a outra nem os deixou , nem os levou ; ambas iam para jurar guerra ao amor , e à vaidade , porém uma ainda queria paz com a vaidade , e com o amor ; esta ainda tinha os ídolos inteiros , e a outra , ou os não tinha, ou os tinha já quebrados ; finalmente ambas estavam no caminho da virtude , mas nem por isso eram ambas virtuosas ; por um mesmo caminho iam a partes diferentes ; o mesmo vento serve para muitos rumos ; a mesma estrela serve de guia , para os que navegam encontrados ; às vezes a origem do bem produz o mal : no mesmo lugar em que nasce a vida , se cria a morte ; as cousas que são contrárias no fim , às vezes são as mesmas no princípio ; de um mesmo tronco nascem ramos opostos ; por uma escada sobem uns , e descem outros ; a Religião é a escada por onde se sobe ao Céu , mas a ninguém se há-de fazer subir por força ; porque então há o risco de cair . (Aires, 1705: [air-clnV-0012])
- (0449) É verdade que alguns espíritos mais fortes tentaram esta empresa ainda hoje árdua , e então impossível ; mas como nas primeiras escolas reinava um certo espírito de opinião que soberbamente sustentava o partido do mau gosto , o verdadeiro método ou se não conhecia ou se desprezava . (Garção, 1724: [G002 -0001]0027l)

Poder-se-ia levantar a hipótese de que estaria em causa a focalização dos constituintes pré-verbais nas estruturas com a interpolação da negação em orações não dependentes. Entretanto a hipótese de focalização não engloba todos os casos de interpolação neste ambiente: Ela caberia para alguns casos em que o *X* pré-verbal é um *sujeito* ou um *PP*, mas não caberia nos casos em que o *X* é uma *oração anteposta* e nas orações em que temos apenas o *conectivo coordenativo*.

Também consideramos irrelevante a questão da focalização, uma vez que assumimos que os constituintes pré-verbais com próclise ou interpolação da negação estão em uma configuração de frenteamento. Assumimos a hipótese de Galves Britto e Paixão de Sousa (2005) (cf. também Paixão de Sousa, 2004, e, Galves e Paixão de Sousa 2005) que propõe que as formas *XV* com próclises e com ênclises na gramática média do português corresponderiam a estruturas diferentes: *XV* com ênclises corresponderia a um *X* externo à estrutura da frase;

e XV com próclises a um X interno.

*“the alternation in clitic-placement in CIP derives from the availability of two topic positions in this language. One is external to the clause, and the other one is internal, qualifying as an internal topic position, like in V2 languages. Both are available both for subjects and non subjects, as represented below.*

- i) [Subject/XP] # [ V-cl]
- ii) # [Subject/XP cl-V]

*From this point of view, i) is a sub-case of VI, and enclisis derives from the application of the Tobler-Mussaia Law” (Galves e Paixão de Sousa, 2005)*

Assim, propomos que a interpolação da negação em orações ‘XV’ é possível nas estruturas “# [Subject/XP cl-V ]” com X interno a oração. Ou seja, o aparecimento da possibilidade da interpolação da negação em orações não dependentes XV está relacionado com este contexto de próclise no *português médio*. Retomaremos esta questão a seguir em II.3.

Quanto aos casos de interpolação em orações não dependentes introduzidas por orações antepostas e os casos de ‘conj-cl-neg-V’, lembremos que a próclise com adjacência também é atestada nestes contextos nos textos do CTB e já encontra dificuldade para ser explicada uma vez que se assume uma restrição à posição inicial para o pronome clítico no português antigo e médio. De acordo com Galves e Sândalo (2004) o pronome no português médio segue a restrição prosódica que impede o clítico de se colocar em primeira posição em um IntP (*Intonational Phrase*). Esta restrição à posição inicial absoluta estaria relacionada com o fato do pronome clítico não suportar a proeminência principal à esquerda do IntP que caracterizaria a prosódia da língua nesta fase.

As orações não dependentes com ‘clnegV’ e ‘clV’ antecidas por oração anteposta e conjunção copulativa, encontradas somente no *sistema médio*, podem ser explicadas pelo fato de nesta gramática ser suficiente existir material fonético para suportar o acento inicial e manter a ordem proclítica, derivada naturalmente pela sintaxe, sendo a ênclise um fenômeno relacionado apenas à restrição do clítico à primeira posição absoluta (cf. Galves Britto e Paixão de Sousa, 2005; Galves e Paixão de Sousa, 2005; Galves e Sândalo, 2004). O fato de os fenômenos relacionados à prosódia serem opcionais

(Guasti & Nespor, 1999) poderá capturar a opcionalidade na colocação dos pronomes nas orações não dependentes introduzidas por oração anteposta e pelos conectivos ‘e’, ‘mas’ e ‘ou’. Voltaremos a explorar esta questão no **capítulo quarto**.

### II.3. Resumo e perspectivas

Procurei demonstrar, nos dois primeiros capítulos, que a interpolação dos diversos elementos do sintagma verbal está em vias de desaparecer por completo já no século 16 (os autores nascidos neste século apresentam apenas resquícios desta interpolação). Neste mesmo século encontramos um padrão proclítico nas orações não dependentes XV afirmativas (cf. Paixão de Sousa 2004, Galves, Britto, e Paixão de Sousa 2005, entre outros trabalhos). Paralelamente, há um aumento nas sentenças subordinadas com elementos entre o conectivo e o pronome clítico: notei que a não adjacência entre o *complementizador* e o *clítico* nas sentenças com interpolação da negação se torna mais comum, o que pode indicar que a ordem ‘*C-cl-X-(neg)V*’ (ex.: “*e certo que se lhe ElRei não mandára sucessor (Couto\_1548)*”) abre espaço, neste momento, para a ordem ‘*C-X-cl-(neg)V*’ (ex.: “*que até o Prior dos Agostinhos, seu Confessor, o não pôde sofrer (Couto\_1548)*”).

No que diz respeito à *interpolação da negação*, não só continua a ser freqüentemente atestada, como abrange novos contextos: orações não dependentes ‘XV’ e infinitivas introduzidas por preposições que não condicionavam a próclise, como a preposição ‘em’. Em resumo, nos ambientes tradicionalmente considerados de variação ‘clV’/‘Vcl’.

As primeiras ocorrências de interpolação da negação encontradas em contextos de variação ‘clV’/‘Vcl’ foram atestadas por Martins (1994) no final do século 15 (em orações consideradas pela autora – *não dependentes ‘neutras’*). Entretanto, a autora não considerou que aqueles casos de interpolação da negação pudessem compor o reflexo de uma mudança. Todavia reconhece que tais dados, devido à delimitação temporal em que foram atestados, poderiam ser enquadrados em um grupo coeso, e, deste modo

refletirem algo novo na gramática desta língua. Esta diferente possibilidade de interpolar a negação mostrou-se freqüente nos textos do corpus Tycho Brahe identificando-se como um grupo coeso de fato.

Como Martins (1994), penso que a possibilidade de interpolar o “não” nestes casos está relacionada com a sintaxe da negação. No entanto, acredito que o fato de só encontrarmos a interpolação da negação nestes contextos a partir dos textos escritos no final do século 15, somado ao fato de atestarmos que a interpolação de elementos diferentes da negação é obsoleta no século 16, sugere uma mudança gramatical. Assim, proponho que interpolação da negação nas orações não dependentes ‘XV’ seja o reflexo da mudança que vedou a possibilidade de interpolação dos outros constituintes do sintagma verbal e favoreceu o uso da próclise sobre a ênclise.

Esta interpretação dos dados se afasta da análise de Martins (1994) que considera que a perda da possibilidade de interpolação nos domínios encaixados está diretamente relacionada com a perda da possibilidade da próclise nas orações raízes ‘*neutras*’ na história do português Europeu, conectando diretamente a gramática que gera o fenômeno da interpolação (*ex.*: “... *como se nesta carta contem ...*” NO, 1538. Martins 1994), característico do português arcaico, à gramática do português europeu moderno que exhibe um padrão enclítico nas orações raízes ‘XV’ (*ex.* “O Paulo falou-**me**”).

A partir da descrição dos dados apresentada proponho que a perda da possibilidade da interpolação não corresponde à mesma mudança que veda a possibilidade da próclise nas orações raízes ‘XV’. Assumo a hipótese de Galves Britto e Paixão de Sousa (2005) de que a variação ênclise e próclise nas orações não dependentes no PM seria uma variação superficial. Como vimos na seção anterior, em sua análise as orações XV com ênclise nos textos dos autores nascidos durante os anos de 1500 e 1600 são na verdade estruturas V1, com X externo à oração, enquanto que no PE as orações XV com ênclise têm o X interno à estrutura oracional. Desta forma, considero que a perda da interpolação generalizada está relacionada com a mudança que favorece o uso da próclise nas orações XV, sendo X interno à oração. Hipótese corroborada pelo desaparecimento do fenômeno da interpolação de elementos diferentes da negação no momento em que a próclise é dominante nas orações raízes ‘XV’, e

pelo desaparecimento da interpolação da negação neste ambiente quando ‘XV’ passa a ser contexto de ênclise (cf. Capítulo Primeiro, seção I.2). Voltaremos a esta questão, central para compreendermos as gramáticas que pontuaram na história da língua portuguesa, no capítulo quarto.

A seguir, mostraremos que a comparação com os padrões de colocação pronominal nos ambientes negativos pode corroborar a hipótese do estado gramatical intermediário entre PA e PE.

Os trabalhos que investigam as mudanças dos padrões de colocação de clíticos na história do português não costumam considerar as sentenças negativas um ambiente interessante para se estudar a mudança gramatical que envolve a colocação dos clíticos. Nas descrições encontradas na literatura, a palavra ‘*não*’, assim como os operadores adverbiais e subordinativos, sempre desencadeou a próclise verbal obrigatória. Deste modo, como os advérbios que sempre provocaram a próclise verbal, a negação foi deixada em segundo plano nos estudos da colocação pronominal que envolvem mudança gramatical.

Entretanto, se olharmos com atenção para as sentenças negativas poderemos notar algumas valiosas pistas sobre a história gramatical da língua nos textos portugueses.

O marcador de negação sentencial ‘*não*’, apesar de condicionar invariavelmente a próclise verbal obrigatória nos domínios finitos, exhibe um comportamento bastante diferente dos demais advérbios que desencadeiam a próclise obrigatória (ex: *já, também, ainda, nunca*) no sentido de sempre ter estado contíguo ao verbo.

Vimos na apresentação dos dados que, de acordo com Martins (1994), o fenômeno da interpolação entre o clítico e o verbo, comum no *português antigo*, só ocorre nos domínios de próclise categórica. Porém ‘*não*’, apesar de sempre ter sido um elemento proclisador, jamais foi capaz de desencadear a interpolação de um constituinte entre o clítico e o verbo como os demais advérbios proclisadores (a ordem ‘*neg-cl-X-V*’ nunca ocorre). No entanto, a interpolação da negação entre o clítico e o verbo (*‘cl-neg-V’*) no PA era preferida à ordem na qual o clítico está linearmente adjacente ao verbo (*‘neg-clV’*) em todos os ambientes de próclise categórica.

Na comparação dos nossos resultados com os resultados de outras pesquisas (como: Martins 1994, Ribeiro 1997, Parceros 1999, e, Galves, Britto e Paixão de Sousa 2005) procurei demonstrar que diferentemente da interpolação de outros constituintes, a interpolação do ‘*não*’ entre o clítico e o verbo no *Corpus Tycho Brahe* (CTB) ocorre em contextos não-categóricos da próclise no mesmo período em que a próclise é dominante nos ambientes de variação ‘*clV*’/‘*Vcl*’.

Outros fatores que comprovam a diferença entre o ‘*não*’ e os demais advérbios, assim como as questões teóricas e tipológicas dos pronomes clíticos e da negação, veremos a seguir no **capítulo terceiro**.



---

# III. CAPÍTULO TERCEIRO. COLOCAÇÃO DE CLÍTICOS E NEGAÇÃO.

*“Presumo que ninguém contestará que o advérbio de negação ‘não’ atrai sempre o pronome pessoal objectivo e terminativo da respectiva proposição, e talvez pareça ocioso que se documente com larguesa este facto.”* (Cândido de Figueiredo, 1994:158, 1ª. Edição em 1909)

---



### III.1. Introdução ao capítulo

Para continuarmos nossa reflexão primeiramente retomaremos algumas questões sobre a sintaxe histórica do português para seguir trazendo outros fatores que nos ajudarão a entender as mudanças sintáticas que afetaram a colocação pronominal átona na história da língua.

Mostramos no **capítulo primeiro** (seção I.2) que no português dos séculos 13 a 17, em orações principais afirmativas não introduzidas por operadores proclisadores, os clíticos podem ocorrer quer em posição pré-verbal, quer em posição pós-verbal. Esta variação acontece quando o verbo não está em posição inicial e é precedido ou do sujeito, ou, de um sintagma preposicional, um sintagma adverbial, uma oração anteposta, ou ainda da conjunção copulativa e, como atestam diversos trabalhos<sup>46</sup>. Em todos os casos o clítico apresenta-se necessariamente adjacente ao verbo, sendo a ênclise majoritária no século 13 e 14 e a próclise predominante nos séculos 16 e 17.

- (01) “O espírito é como vento, com o mesmo com que uns vão para cima, vão outros para baixo; eu acho-**me** bem em caminhos chãos, ainda que me seja preciso vadear serras e meter debaixo dos pés os montes (CTB: Chagas, 1631)” (cf. Galves, Namiuti e Paixão de Sousa, 2006:09).
- (02) “Ele **me** disse que pasmava como lhe abastava o que tinha (CTB: Sousa, 1554)” (cf. Galves, Namiuti e Paixão de Sousa, 2006:09).

Em orações subordinadas, finitas, e em orações principais introduzidas por operadores proclisadores (certos advérbios, quantificadores e sintagmas focalizados) os clíticos são sempre pré-verbais no português dos séculos 13 a 16. No entanto, também nestas configurações a posição do clítico apresenta-se variável nos textos. Neste caso há variação entre a adjacência *clítico-verbo* e a interpolação. Idênticos constituintes frásicos podem ocorrer ora à esquerda da seqüência *clítico-verbo*, ora interpolados entre o clítico e o verbo.

---

46 Entre outros trabalhos sobre a colocação de clíticos na história do português, cito aqui algumas referências importantes sobre a variação próclise e ênclise: Galves (2001), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), Paixão de Sousa (2004), Martins (1994, 2002), Ribeiro (1995).

De acordo com Martins (1994) os contextos em que a interpolação era possível no português arcaico eram os de próclise categórica. Porém, a negação, apesar de sempre ter condicionado a próclise verbal jamais foi capaz de desencadear a interpolação de outros constituintes. Ou seja, a ordem “*neg-clítico-X-verbo*” nunca foi atestada. A posição dos clíticos em orações principais negativas sem a presença de um outro operador é sempre pré-verbal e necessariamente adjacente ao verbo desde o *português antigo*. Como comenta Martins (1994:190) “...o advérbio de negação *não*, embora desencadeie próclise, não se encontra entre os elementos capazes de criar um contexto de potencial interpolação.”

Neste sentido ‘*não*’ é diferente dos demais advérbios proclisadores, pois estes podiam condicionar a interpolação de outros constituintes entre o clítico e o verbo. A ordem “*advérbio-cl-X-V*” era possível no PA, enquanto que “*\*NEG-cl-X-V*” nunca foi atestada.

(03) “E *ja me* assi nom enganareis” (cf. Eijk 1989:59 apud Martins, 1994:184) .

(04) “\*E *nom me* assi enganareis”

Um segundo fator que contribui para acentuar esta diferença entre ‘neg’ e os advérbios está no fato de que o ‘*não*’, além de não contextualizar a interpolação de outros constituintes, ele próprio é o elemento que mais foi interpolado entre o clítico e o verbo.

(05) “que *me* nom n-ebam (NO, 1268)” (cf. Martins, 1994:162).

Nos textos mais antigos a interpolação da negação chega a quase 100% nas orações encaixadas (cf. **capítulo segundo**), fato que revela sua estreita relação com o verbo. Nenhum outro elemento, mesmo outros advérbios ou o sujeito foi tão categoricamente interpolado no PA. No entanto a variação ‘*cl-neg-V*’ ~ ‘*neg-cl-V*’ parece sempre ter ocorrido nos textos e para desvendarmos o caráter de ‘*não*’ temos que entender esta variação e a mudança para a preferência de ‘*neg-cl-V*’<sup>47</sup> no PE ‘padrão’.

---

<sup>47</sup> Apesar da interpolação da negação ser possível no PE *standard* de hoje (Cf. Mira Mateus 2003), não é comum, nem tão freqüente, sobretudo na região de Lisboa.

Vimos no **capítulo segundo** que a interpolação de constituintes diferentes da negação foi um fenômeno bastante produtivo no PA, mas que já é obsoleto na língua no século 16 e 17. Entretanto a negação continua a ser interpolada para muito além do século 17.

E ainda salientamos que novos contextos surgem, para a interpolação da negação, exatamente no momento em que se perde a possibilidade de interpolação dos diversos elementos do sintagma verbal.

Mostramos que casos de “*clnegV*” em orações não dependentes XV aparecem nos textos do final do século 15.

- (06) avendo jãa fete annos que fora levantado por Rey , e fazendo linquoenta , e dous annos de sua idade, e por fe nom achar escrito nada das coufas , que fe neste cazamento fizeraõ , nem como foram, fe nom poz aqui mais, que fõomente cazar ElRey, e ho tempo em que cazou, pelo qual pafan- do por efto , falaremos, como fe ElRey moveo depois para tomar ha Villa de Santarem. (Galvão, 1435)
- (07) O Governador tornou a mandar a êle Pero de Faria , cuidando que o achasse já mais brando , e mais fõra de paixãõ; mas Dom Manoel de Lima o não quiz ouvir , dizendo-lhe , que não tornasse lá mais sôbre aquele negõcio , porque seria necessário fechar-lhe a porta , e que o não quizesse pôr a risco de lhe fazer aquela descortezia , porque era seu servidor . (Couto, 1542)
- (08) “Essa é muito larga (disse o Prior) e são passadas muitas horas da noite ; e eu me não escusara com elas se não imaginara que tôdas as verdades , que caiem sôbre êste sujeito , hãõ-de parecer murmuração . (CTB: Lobo-1574)”
- (09) “Ao outro dia pôs em execução êste pensamento , e , deixando para seu tempo o sucesso que teve , os da conversação o não souberam todo aquêl dia ; e , quando veio a noite , que o acharam menos , houve quem desse novas de como o encontrara naquela emprêsa ; e com esta ocasião começaram a prática , e disse o Doutor : - Sempre ouvi que os cuidados de amor em peitos generosos saiem com seus extremos ao longe , e que então se forçam quando os outros sujeitos desconfiam. (CTB: Lobo-1574)”
- (10) “E , como cá dizemos que quem o Demo toma uma vez , sempre lhe fica um geito , eu o não perdi nem por haver perdido tudo quanto tinha e quanto podia esperar . (CTB: Melo-1608)”
- (11) “Meu desejo se não estende a mais que a alcançar me mudem de prisão a prisão , e não dela para a liberdade. (Melo-1608)”
- (12) “João de Guimarães se não carteia com esta embaixada há muitos correios, (...) (CTB: Vieira\_cartas – 1608)”
- (13) “E , chegando a alguma que com menos apêrto faça sua relação , me não pareceu enjeitar a que Marcelo escreveu ao Senado Romano , dando-lhe novas da derrota de Fúlvio , que dizia : Bem sei que a nova , que vos mando , é de sentimento. (CTB: Lobo-1574)”
- (14) “Que havia de ser de Agostinho , de quem se rezava nas escolas catholicas : A logica Augustini libera nos Domine ; se amollecido com as lagrimas de sua mãe , ella (como um lyrio que se gera das lagrimas de outro) o não tornara a gerar ? (CTB: Vieira-Sermões-1608)”
- (15) “Às vezes a quero negar e os companheiros me não deixam. (CTB: Chagas-1631)”

O surgimento da possibilidade de se interpolar a negação nestes contextos é um dos fatores que tomo como indicador de uma mudança na sintaxe do português durante o século 15 que alterou a colocação dos clíticos a partir daí.

O segundo fato que considero importante para entendermos e localizarmos a mudança é a interferência na contigüidade entre o clítico e o complementizador, o pronome relativo ou a conjunção subordinativa nas sentenças dependentes negativas: ‘*C-cl-X-negV*’ vs ‘*C-X-cl-negV*’. A respeito deste segundo fator, constatei que a possibilidade da ordem ‘*C-X-cl-neg-V*’ nas sentenças negativas torna-se freqüente justamente no século 15, quando os primeiros casos de interpolação da negação em orações não dependentes ‘*XP-verbo*’ são encontrados nos textos. Estes dois fatos somados com a perda da interpolação dos constituintes diferentes da negação nesta mesma fase sugerem que estamos diante dos indícios de uma nova gramática nos textos, como argumentamos em Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006).

Propomos que a possibilidade de interpolação de ‘*não*’ quando mais nenhum outro elemento ocorre interpolado revela o caráter peculiar da negação.

Outros fatos corroboram esta hipótese de que a interpolação tardia da negação em português é diferente da interpolação do PA, derivada pela subida do clítico pronominal para um núcleo mais alto. Argumentaremos neste capítulo em favor da hipótese de que a interpolação da negação está relacionada com o caráter clítico de ‘*não*’.

O presente capítulo terá, portanto, o objetivo de tecer uma teia de conhecimento sobre a negação sentencial cujo fio reúne e liga todas as derivações do uso do marcador de negação ‘*não*’ na história da escrita portuguesa.

A argumentação girará em torno de provar a estabilidade do marcador de negação em toda a história do português *versus* a instabilidade dos pronomes clíticos, isto é, contrariamente ao que acontece com os clíticos pronominais, não houve mudança relacionada à palavra ‘*não*’ na diacronia do português.

Propomos que as variações encontradas no eixo temporal quanto à sintaxe da negação estão relacionadas com mudanças em outros domínios como:

A mudança no domínio de hospedagem dos clíticos pronominais associada mais tarde com a mudança do estatuto da posição pré-verbal, em especial do sujeito pré-verbal. Estas duas mudanças são responsáveis pela variação, nos

textos históricos, da ordem dos pronomes clíticos nas sentenças negativas: No *português atual* ‘negclV’ é obrigatória - “O Pedro **não me** entregou o dinheiro” – esta ordenação superficial sempre foi permitida no português. No entanto a ordem preferencial no *português arcaico*, ou seja, aquela que mais se atestou no período anterior ao século 16, foi ‘C-cl(X)negV’ - “e certo que se lhe **ElRei não mandára sucessor**” (Couto-1548). Já no período “mediador” entre o *português arcaico* e o *português atual*, designado aqui de *português médio*, encontram-se atestados nos textos desta época (finais do século 15 aos limites do século 18) as seguintes ordenações: ‘(C)-(X)-clnegV’ - “que até o Prior dos Agostinhos , seu Confessor , o não pôde sofrer” / “E , pelo **ElRei Dom João o III** querer casar, e **êle não querer, lhe não deram satisfação de seus serviços ...**” (Couto-1548) – além de alguns vestígios do padrão com interpolação generalizada nos textos, principalmente do primeiro século deste período.

Nossa proposta sobre a diferença entre o comportamento dos distintos clíticos verbais, contrapõe a natureza nuclear do marcador de negação ‘*não*’ face à natureza nuclear dos clíticos pronominais – enquanto ‘*não*’ seria um ‘clítico’ fixo, os clíticos pronominais seriam ‘núcleos’ que se movem.

Partiremos da idéia de Miotto (1992) para o *português brasileiro* de que o operador de negação ‘*não*’ é um elemento nuclear (X°) clítico ao verbo. Estenderemos esta idéia para outras variantes do *português* (na sincronia e na diacronia), e concluindo, como Miotto (1992), que deva ser desta propriedade de clítico que resulta o processo de incorporação do ‘*não*’ ao verbo, explicando o fato de nenhum elemento, a não ser um clítico X°, poder intervir entre a negação e o verbo em toda a história do português.

Também chamaremos a atenção para o fato das operações de afirmação, negação e interrogação exibirem um comportamento semelhante em relação a como expressam o seu conteúdo informacional. Este fato foi interpretado no componente sintático por meio da categoria funcional  $\Sigma P$  por estas operações informacionais serem fundamentais na derivação dos processos sintáticos como a ordenação dos constituintes na sentença.

Seguiremos Martins (1994), para quem  $\Sigma P$  está presente na estrutura da oração entre **CP** e **IP**. Este sintagma funcional porta conteúdos que não são necessariamente sintáticos, mas informacionais, comportando-se como um lugar da interface entre sintaxe e informação. A categoria designada de  $\Sigma P$  por

Laka (1990) instancia a polaridade sentencial de *afirmação e negação* (Af/Neg); em seu núcleo estão presentes *traços* associados com o verbo e com o complementador. (Cf. III.2)

Sobre o caráter funcional do operador de negação, algumas evidências estarão agrupadas em **III.2.2**. Veremos que o comportamento de NEG° é semelhante ao comportamento de D° (determinante). Ambos apresentam derivações aparentemente ambíguas: ora demonstrando uma dependência absoluta ao sintagma que encabeçam, ora podendo ser o único material que resta de um apagamento. Será importante notar que a presença do ‘*não*’ e do *artigo* é essencial para licenciar as elipses. Também é crucial a presença do acento tonal nestes casos. Nos casos de eclipse de IP, VP ou NP, a negação e o determinante, apesar de serem núcleos funcionais na sintaxe, passam a ser a cabeça lexical do sintagma fonológico.

A capacidade de a negação licenciar o apagamento do IP e receber o acento do material elidido corrobora a hipótese de que a negação em português é a instanciação de um núcleo funcional, em conformidade com Lobeck (1995, 1997) que afirma que as construções elípticas só são licenciadas por uma categoria funcional.

Para corroborar nossa hipótese sobre o estatuto da negação em português trataremos na, **seção III.3**, o trabalho de Valduví (1992) sobre a semelhança no comportamento das operações de *negação*, *afirmação* e *interrogação* aliado ao trabalho de Martins (2000) quanto ao uso das palavras negativas (indefinidos negativos) e sua associação com o marcador de negação ‘**não**’. Veremos que nos romances antigos os indefinidos negativos co-ocorriam com o marcador de negação: “*que nenh~uu nõ scapou*”, e ainda podiam ocorrer em contextos não negativos: “*E por decreto publico foi defeso que ninguém navegasse*”, significando: [*... foi proibido que alguém navegasse*]. Veremos que Martins (2000) propõe que a variação histórica encontrada se deve a uma mudança nos valores dos traços dos indefinidos negativos que passaram de sub-especificados para a negação à inerentemente negativos.

Somando a hipótese de Martins (2000) com a proposta de Mito (1992) de que a negação se constrói funcionalmente em português, e não lexicalmente, proporemos que a necessidade da presença do operador de negação ‘*não*’ co-ocorrer com o indefinido negativo pré-verbal para derivar o sentido negativo no



*português antigo* é uma forte evidência de que o ‘*não*’ é a realização do núcleo da categoria funcional,  $\Sigma$ -NegP.

Proporemos que é a partir da propriedade de núcleo funcional somada ao caráter de clítico que podemos explicar, entre outras coisas, o porquê de a negação, ao contrário dos demais operadores, jamais ter sido um elemento capaz de desencadear a interpolação de outros constituintes do sintagma verbal, mas ter sido o elemento que mais ocorreu interpolado entre o *pronome clítico* e o *verbo*.

Mostraremos, na seção III.4, que nenhum outro elemento, a não ser um clítico, pode se colocar entre a negação e o verbo. E ainda, ‘*não*’ não influencia a colocação dos pronomes fracos ‘*hy*’ e ‘*en(de)*’. Apesar de estes pronomes terem colocação pré-verbal nas orações raízes introduzidas por advérbios proclisadores, nunca ocorreram entre a negação e o verbo, como atestam Muidine (2000) e Martins (2001, 2002b, 2003a).

Consideramos esta estável inseparabilidade do ‘*não*’ e do ‘verbo’ em toda a história do português no mínimo curiosa, e aguça-nos a desconfiança de que o estatuto gramatical da negação não tenha sempre sido o mesmo.

Assim, para entender a sintaxe das diferentes classes pronominais nos domínios negativos comparada aos afirmativos será fundamental conhecermos a tipologia dos pronomes, bem como as leis que regem a colocação dos pronomes dativos, acusativos e ‘*se*’ e qual natureza clítica possuem estes elementos nas diferentes fases do português.

Para entender melhor a tipologia da negação veremos ainda, uma rápida comparação dos paradigmas do servo-croata e do búlgaro (dados de Rivero 1997). Línguas como o servo-croata que têm um clítico sensível à primeira posição da frase podendo ocorrer linearmente não adjacente ao verbo, e ainda possuem a negação clítica ao verbo, produzem a ordem ‘*neg-V-cl*’, sendo a ordem ‘*neg-cl-V*’ agramatical, e a interpolação da negação a única solução para o clítico pré-verbal (‘*cl-neg-V*’). Já línguas, como o búlgaro, que têm a negação independente da morfologia do verbo e o clítico dependente do verbo, segundo a análise de Rivero (1997), possuem a derivação contrária: agramaticalidade de ‘*neg-V-cl*’ e gramaticalidade de ‘*neg-cl-V*’ sendo, esta última, a única ordem possível nas orações negativas, uma vez que o clítico pronominal em búlgaro depende da morfologia do verbo e a ele deve estar adjacente.

Desta forma, não será possível derivar as ordens encontradas nos domínios negativos nos textos portugueses ('**cl-(X)-neg-V**' ~ '(X)-**neg-cl-V**') pela competição de duas entradas lexicais para a negação – uma *clítica* e outra *não-clítica*. Pois tal análise implicaria possibilidades de ordenação jamais atestadas na história da escrita portuguesa como: '**neg-V-cl**', com *neg* clítico e *cl* independente da morfologia do verbo; '**neg-X-cl-V**', com *neg* independente da morfologia do verbo e *cl* verbal; ou ainda '**neg-cl-X-V**', com *neg* e *cl* independentes da morfologia do verbo. Também implicaria a agramaticalidade da ordem '\***neg-cl-V**', com um *neg* clítico e um *cl* independente, porém, esta é atestada em todas as fases do português.

A reflexão sobre os domínios oracionais negativos deverá, portanto, abordar questões que vão além da sintaxe, introduzindo desta maneira um diálogo de interfaces.

Assim, engatilhamos uma discussão eclética sobre a natureza do 'advérbio' de negação '*não*' na história do português trazendo evidências sintáticas, semânticas e morfológicas para explicar a inseparabilidade do '*não*' e do verbo nos registros da língua portuguesa de todas as épocas.

Tendo em vista todos estes fatos, exploraremos agora, na seção **III.2**, algumas das propostas sobre a sintaxe e o estatuto de 'Neg' nas línguas. Seguindo com as diferentes abordagens sobre a negação sentencial e sua relação com o conteúdo informacional, na seção **III.3**. Para finalmente voltarmos à sintaxe pronominal na diacronia do português com a reflexão tipológica dos pronomes clíticos, na seção **III.4**, e as conclusões a que chegamos considerando os domínios negativos, na seção **III.5**.

### **III.2 A negação sentencial vs. afirmação: Fatos teóricos**

A questão da negação sentencial esteve na pauta do modelo da teoria Gerativa no final da década de 80 e início dos anos 90 (citamos Pollock 1989, Iatridou 1990, Chomsky 1989, Laka 1990, Belletti 1990, Ouhalla 1990, Zanuttini 1991, Mioto 1992, entre muitos outros trabalhos).

Em grande parte das análises uma sentença negativa é definida por meio de uma categoria funcional plena NegP que deve ter seu núcleo ou seu Spec

preenchido por uma palavra negativa apropriada. Já o lugar em que esta categoria se encontra na estrutura da frase é bastante discutido na literatura do assunto (com muita polêmica).

Não é nosso objetivo resenhar com detalhes todas as propostas – outros trabalhos já fizeram isto com maestria, como, por exemplo, Mioto (1992). Portanto não entraremos nos detalhes de cada proposta para derivar a sintaxe da negação, mas cabe lembrar que todas admitem que IP corresponde na verdade a pelo menos 2 categorias funcionais, AgrP e TP, respectivamente concordância e tempo. A relação de dominância entre estas categorias e NegP varia a depender da análise.<sup>48</sup>

Mioto (1992), seguindo Belletti (1990), onde a ordem dos núcleos flexionais é a que AgrP domina TP, considera as três posições possíveis para NEGP no Português Brasileiro (PB):

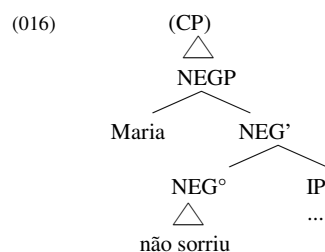
- i. CP [NEGP] [AgrP] [TP] [VP]
- ii. CP [AgrP] [NEGP] [TP] [VP]
- iii. CP [AgrP] [TP] [NEGP] [VP]

De acordo com Mioto (1992), a estrutura que melhor descreve o comportamento da negação em PB é aquela em que NegP domina os núcleos INFL (Agr e T). O autor argumenta que NegP é uma categoria do tipo [+I] por estar estreitamente relacionada com IP (AgrP e TP) e cumprir o papel de reverter o valor de verdade de uma sentença afirmativa.

Em sua análise NegP é gerado dominando outras categorias flexionais que podem ser reduzidas a IP. Para o autor, o fato de a negação sentencial fazer parte de um complexo indissolúvel “não+clítico+verbo” é o resultado do movimento obrigatório dos núcleos inferiores da flexão verbal para Neg<sup>o</sup>. A estrutura sintática proposta, portanto é a que NEGP domina IP:

---

<sup>48</sup> Pollock (1989), por exemplo, propõe, no quadro teórico de *Regência e ligação* (GB: *Government and Binding*) (Chomsky, 1981), que a estrutura profunda (DS, *Deep Structure*) da oração negativa é a que tem NEGP intercalado entre TP e AgrP (na análise de Pollock TP domina AgrP). Os princípios básicos para que esta DS resulte na SS (*Superficial Structure*) de cada uma das línguas são derivados da *Teoria de Quantificação* e da *Teoria Temática* ( $\theta$ ). No entanto, as análises em que NegP não está acima de INFL não dão conta e causam complicação para derivar alguns fenômenos sintáticos envolvendo o marcador de negação sentencial, como o licenciamento de IP nulo em algumas línguas (cf. Laka, 1989 e Mioto, 1992).



No entanto a derivação da sentença negativa proposta por Mioto (1992) acarretava uma complicação para a teoria, pois o caso nominativo deveria ser atribuído por I° ao Spec de IP, pelo processo de concordância Spec – núcleo.<sup>49</sup> Na análise de Mioto, o sujeito ocupa a posição de Spec de NegP nas orações negativas. E para resolver a questão da atribuição do caso nominativo, o autor abre a possibilidade de NegP ter disponível uma posição A<sup>50</sup> de Spec, fato que entra em choque com várias análises envolvendo o assunto. Entretanto, Mioto (1992) considera que ao assumir que NegP é uma categoria de tipo +I será perfeitamente plausível que esta categoria possa ter uma posição A para a atribuição do caso nominativo<sup>51</sup>.

<sup>49</sup> Para uma versão mais atual da teoria (Chomsky 2001 e 2004), o movimento do sujeito para Spec/TP não é necessário para a atribuição do caso nominativo, este é atribuído por T° ao sujeito em Spec de vP pela operação 'Agree'.

<sup>50</sup> Posição A é o termo utilizado na teoria X' para a posição argumental; e, posição A' – para a posição não argumental.

<sup>51</sup> “Além das questões relativas à posição em que os advérbios podem ser gerados, a hipótese menos usual a ser avaliada é a estruturação em que se joga com dois especificadores de NegP, um A outro A'. A priori, a Teoria X' prevê um único Spec para cada categoria, no caso o Spec A' para NEGP. Mas a partir da necessidade de atribuir caso nominativo ao sujeito em configuração de Spec núcleo, postula-se um outro Spec A, resultado de Neg° ter se tornado um núcleo híbrido Neg°/I° após alojar I. Apoio para este passo é buscado em Rizzi & Roberts (1989)” Mioto (1992:5)

A idéia de Specs múltiplos foi bastante utilizada na literatura dos últimos anos. Martins (2002, 2005), por exemplo, considera que em estruturas com interpolação o clítico marca a fronteira entre constituintes topicalizados ou focalizados por um lado, e constituintes interpolados por outro. Os primeiros ocorrem à esquerda do clítico, os segundos à sua direita. Levando em conta que o objeto movido por scrambling pode ocorrer interpolado, estando o verbo em AgrS nas estruturas com interpolação a posição ocupada pelo objeto movido deve ser uma posição entre  $\Sigma$  e AgrS, Martins identifica tal posição como Spec-AgrS. No entanto a ordem SOV é comum nas orações subordinadas no português e espanhol antigo (contexto em que o verbo não se move para  $\Sigma$ ), e admitindo que em orações subordinadas o Sujeito (não topicalizado) tem como posição final Spec-AgrS a gramaticalidade da ordem “Sujeito-Objeto” mostra que no português medieval e clássico o movimento do objeto por scrambling não é adjunção a AgrSP. Martins conclui que o núcleo AgrS, nestes períodos históricos da língua, teria a capacidade de selecionar especificadores múltiplos, podendo assim acolher no seu domínio o sujeito e simultaneamente o objeto (ou seja, mais de um complemento verbal).

Os principais argumentos trazidos por Mioto (1992) em favor da estrutura em que NegP domina IP, e não outra, giram em torno dos seguintes fatos: Algumas línguas, como o português, (também o basco e o espanhol, de acordo com Laka, 1989) possuem a capacidade de licenciar um IP nulo na oração coordenada. Mioto (1992) traz exemplos de casos de elipses de IP<sup>52</sup> em orações negativas:

(017) O Pedro agrediu o João, mas o Paulo não. (Mioto, 1992:83)

(018) O Pedro não agrediu o João, e o Paulo também não. (Mioto, 1992:83)

Portanto, se NEGP estiver intercalado entre os nódulos de INFL, ele não poderá reger um IP vazio. É importante lembrarmos aqui que a elipse deve ser licenciada por uma categoria funcional (cf. Lobeck 1997, entre outros), o que sugere um caráter funcional para a negação.

Além disto, a estrutura em que NEGP domina IP é a única que faculta captar a duplicidade da natureza de “não”, o fato de ora se comportar como um clítico, estando dependente do verbo, ora como uma palavra independente, como no exemplo (019) abaixo:

(019) O Pedro agrediu o João, mas não o Paulo.

Assim, segundo Mioto, se NEGP domina IP, tanto o seu estatuto clítico, mediante a incorporação em NEG<sup>o</sup> dos núcleos inferiores, quanto o seu estatuto de elemento que não é clítico, mediante a elipse do conjunto por ele dominado, podem ser diretamente derivados.

Uma terceira vantagem envolve a posição pré-verbal dos advérbios negativos. Para uma língua como o PB, por exemplo, em que o verbo sobe para I<sup>o</sup>, de acordo com Mioto (1992), a estruturação que tem IP como categoria funcional mais alta encontra sérias dificuldades para explicar a posição daqueles advérbios.

---

<sup>52</sup> Matos (1994) argumenta que nas Línguas românicas não se atesta a Elipse de VP como no Inglês. Ou seja, não há elipse licenciada por INFL. A idéia é que o que se tem é elipse ou apagamento de TP, portanto não será INFL o licenciador da elipse – fenômeno designado de stripping (despojamento). Segundo Hankamer and Sag (1976: 409) Stripping é a regra que apaga em uma oração (clause) tudo que é idêntico a partes correspondentes na oração precedente (the correlate), exceto um constituinte (the remnant).

(020) O João **nunca** chora.

Porém, resta-nos o problema de o sujeito estar em posição diferente nas sentenças afirmativas não havendo paralelismo entre sentenças negativas e afirmativas quanto à posição do sujeito, pois no primeiro caso ocuparia o Spec de NegP no segundo o Spec de IP. Veremos que esta assimetria pode ser resolvida em análises como a de Martins (1994, 2000), inspirada em Laka (1990), Beletti (1997), entre outros, que propõem uma categoria funcional acima de IP responsável pelas operações de modificação tanto da negação quanto da afirmação. Neg<sup>o</sup> seria o núcleo desta categoria na sua instanciação negativa, sendo o marcador afirmativo nulo; o verbo seria atraído para este núcleo para checagem de traços. Isto resultaria na ocupação do Spec desta categoria pelo sujeito tanto nas orações negativas quanto nas afirmativas.

Portanto, Martins (1994) também considera que a negação no português europeu está em um domínio acima de IP. Ela traz as observações de Laka (1990) para o inglês e para o basco, e de Chomsky (1957) para o inglês, de que existe um paralelismo entre construções negativas e construções afirmativas enfáticas. Em inglês tanto a negação quanto a afirmação enfática implicam a presença do *auxiliar* - 'DO'.

(021) Mary didn't leave

(022) Mary did leave [enfático, acento de intensidade sobre did]

Dada a similaridade de processos sintáticos envolvidos na negação e na afirmação enfática, Laka (1990) propõe que ambas são instanciações de uma categoria funcional  $\Sigma$  ("Speech Act").

Para sua análise, Martins (1994) assume que  $\Sigma P$  faz parte da estrutura da frase e estaria presente não só nas afirmativas enfáticas, mas em todas as frases afirmativas. A idéia é que tal como uma proposição negativa implica uma operação de modificação por um marcador negativo, uma proposição afirmativa implicaria igualmente uma operação de modificação; sendo o operador afirmativo freqüentemente nulo, mas podendo, algumas vezes, ter realização lexical. Ou seja, de acordo com sua hipótese,  $\Sigma^o$  seria o núcleo de polaridade

situado acima dos nódulos **INFL** e presente em todas as orações, ora instanciado como afirmação, ora como negação, ora como foco.

Nesta proposta não existiria o problema da assimetria na posição do sujeito em orações negativas e afirmativas, pois, a posição do sujeito no *português europeu* (PE) seria sempre Spec de  $\Sigma P$ . Nas orações negativas o marcador de negação sentencial ‘*não*’ ocuparia o núcleo de  $\Sigma P$  e o *sujeito* o Spec deste núcleo. Nas orações **afirmativas** o verbo teria que subir para  $\Sigma^\circ$  para checar os *traços verbais* fortes de  $\Sigma^\circ$ , portanto o sujeito pré-verbal das **afirmativas** também ocuparia Spec de  $\Sigma P$ .

Martins (1994) propõe que o verbo deve subir para  $\Sigma$  para a checagem de traços. Este movimento deve ocorrer antes do *spell-out*<sup>53</sup> em línguas que tem *traços-V fortes* e apenas em **LF**<sup>54</sup> (*Forma Lógica*, do inglês *Logical Form*) em línguas com *traços-V fracos*.

<sup>53</sup> *Spell-out* é a operação responsável pela interpretação fonética da estrutura da oração. Remeto à nota 54.

<sup>54</sup> A teoria da gramatical, dentro do modelo *Minimalista* proposto por Chomsky (1995) e também nos modelos anteriores de *Lectures on Government and Binding* - GB (Regência e Ligação), divide a *gramática* em 3 módulos principais: *Sintaxe*, *Fonologia* e *Semântica*. No quadro *minimalista* (Chomsky, 1995, 2001), tais módulos são representados por níveis requeridos pela necessidade conceitual, ou seja, aqueles que interagem com os sistemas de desempenho: **A-P** (Sistema Articulatório-Perceptual) e **C-I** (Sistema Conceptual-Intencional). Os níveis lingüísticos que interagem com **A-P** e **C-I** são respectivamente **PF** (Forma Fonológica, do inglês, Phonological Form) e **LF** (Forma Lógica, do inglês, Logical Form). Em GB além dos níveis **PF** e **LF** existem dois níveis de derivação na sintaxe: *Deep Structure* – **DS**; e *Superficial Structure* – **SS**. Tais níveis foram abolidos da estrutura no *minimalismo* por princípios de economia, e, para derivar os fenômenos lingüísticos que eram explicados através de operações que se davam nesses dois níveis, supõe-se que a faculdade da linguagem é constituída por um léxico e por um sistema computacional. O léxico especifica os itens que entram no sistema computacional, bem como suas propriedades idiossincráticas, excluindo o que é previsível pelos princípios da GU ou por propriedades da linguagem em questão. O sistema computacional organiza esses itens de modo a formar um par  $(\pi, \lambda)$ , onde  $\pi$  é um objeto de **PF** e  $\lambda$  é um objeto de **LF**. Se  $\pi$  e  $\lambda$  são objetos legítimos, ou seja, interpretáveis em **PF** e em **LF**, a derivação ocorre, ou, nos termos minimalistas, ‘é convergente’. Se  $\pi$  ou  $\lambda$  não atendem aos requisitos de interpretação exigidos por **PF** e **LF** respectivamente, a derivação fracassa no nível relevante. No *minimalismo* se assume que em algum ponto da derivação o sistema computacional emprega a regra de *spell-out* que, por sua vez, separa a estrutura relevante para a interpretação fonética da estrutura que pertence à interpretação semântica e envia cada uma das estruturas para a interface apropriada. Se *spell-out* se aplica antes de os *traços fortes* serem checados, estes traços não checados causam o fracasso da derivação em **PF**. Posto isto, operações de movimento visível devem ocorrer antes de *spell-out*. Entretanto, se uma operação de movimento que ocorre antes de *spell-out* checar apenas traços fracos, a derivação (se convergente) é bloqueada por *Procrastinar*. Se não há traços fortes envolvidos, a checagem de *traços fracos* deve proceder através de movimentos na ‘**sintaxe não visível**’, depois de *spell-out*, em **LF**.

Em frases declarativas afirmativas não dependentes os pronomes átonos ocorrem obrigatoriamente em posição pós-verbal em português europeu moderno e em posição pré-verbal em espanhol.

(023) O António **leu-o** ontem

(024) Antonio **lo leyó** ayer

Portanto, de acordo com Martins (1994), frases declarativas afirmativas carregam *traços-V fortes* em português e *fracos* em espanhol.

Português:

(025) [ΣP Af [AgrSP AgrS [TP T [AgrOP AgrO [VP V  
 +V forte +V forte +V forte +V forte [V raiz – AgrO-T-AgrS-Af]  
 ← ← ← ←  
 movimento na sintaxe visível

Espanhol:

(026) [ΣP Af [AgrSP AgrS [TP T [AgrOP AgrO [VP V  
 -V fraco +V forte +V forte +V forte [V raiz – AgrO-T-AgrS-Af]  
 ← ----- ← ← ←  
 movimento em LF movimento na sintaxe visível

Sobre os valores *forte* e *fraco* dos traços-Verbais de **Neg** e **Af** (respectivamente negação e afirmação), Martins (1994) considera que não variam independentemente: Em português, dado que **Af** tem *traços-V fortes* de acordo com a hipótese, **Neg**, se tem *traços-V*, terá igualmente *traços-V fortes*.

A este respeito, duas hipóteses são apresentadas por Martins (1994):

1<sup>a</sup> – A negação não faz parte da morfologia verbal, portanto ‘**Neg**’ não terá *traços-V*, se exprimindo exclusivamente através do elemento lexical gerado em Neg<sup>o</sup>, *não*.

2<sup>a</sup> – Se admitirmos que **Neg**, assim como **Af**, tem *traços-V*, a negação se exprimirá através de dois marcadores negativos: o item lexical ‘*não*’ e um morfema abstrato associado ao verbo em Σ-Neg<sup>o</sup> (o par, de polaridade oposta, do morfema afirmativo associado ao verbo quando **Af** é projetado). Sendo assim o verbo terá de se mover para Σ para a verificação de traços também em frases negativas. Porém existe um fato relevante em relação às frases negativas:



$\Sigma$ , na sua instanciação negativa, tem conteúdo lexical. Este fato pode ser interpretado de duas maneiras: ou ‘*não*’ é simplesmente a expressão fonética dos traços de  $\Sigma$ -Neg (a sua articulação); ou ‘*não*’ existe no léxico como item independente e é gerado como adjunto a  $\Sigma$ -Neg, verificando seus traços por confronto com traços contidos no núcleo a que se adjunge, isto é:

(027) [ $\Sigma$ P [ $\Sigma^{\circ}$ 1 *não* [ $\Sigma^{\circ}$ 2 (traços morfológicos) ] ] ...

A este respeito é necessário salientar que Martins (1994) considera que núcleos funcionais com conteúdo lexical distinguem-se de núcleos funcionais sem conteúdo lexical pelo fato de seus traços serem convertidos em uma unidade tipo ‘palavra’. Assim sendo, tais traços não se tornariam ilegítimos em **PF** (*Forma Fonológica*, do inglês *Phonological Form*) e nessas circunstâncias aplicar-se-ia o princípio de economia (ADIE, seguindo Chomsky, 1993), fazendo com que o movimento do verbo para  $\Sigma$ -Neg ocorra só em **LF**. Em **LF** o verbo verifica os seus traços por confronto com os traços do item negativo que é o núcleo de  $\Sigma$ P.

Ao considerar o ‘*não*’ como um item lexical independente, quer ‘*não*’ quer o verbo teriam que verificar seus traços por confronto aos traços de  $\Sigma^{\circ}$  (representados apenas uma vez). Então o mecanismo de verificação deveria se dar em duas partes: Primeiro o item lexical negativo verificaria seus traços por confronto com os traços de  $\Sigma^{\circ}$  que seriam apagados concomitantemente. Mais tarde o verbo mover-se-ia para  $\Sigma$ -Neg $^{\circ}$  para verificar seus traços por confronto com os traços do item lexical negativo, e dado que traços morfológicos inerentes a itens lexicais não são vistos em **PF** o princípio ADIE se aplicaria e o verbo se moveria para  $\Sigma$  em **LF**.

Esta interpretação que Martins (1994) propõe para o mecanismo de verificação de traços implica que um elemento lexical possa ter seus traços morfológicos checados por confronto com os traços inerentes a um outro elemento lexical que realize, ou seja parte de um núcleo funcional. Deste modo, uma categoria funcional com conteúdo lexical poderia conter traços fortes sem que o movimento do verbo para a verificação de traços fosse desencadeado na sintaxe visível.

Então, quer se admita que **Neg** não tenha *traços-V* quer se admita que **Neg**, assim como **Af**, tenha *traços-V*, em qualquer das hipóteses o verbo estaria em AgrS na aplicação da operação *spell-out*, com o resultado de que os clíticos precederiam o verbo em orações negativas.<sup>55</sup>

No entanto, ‘*não*’ foi durante um prolongado tempo (século 13 ao 19) produtivamente interpolado entre o clítico e o verbo.

Martins (1994) considera que a interpolação da negação é um fenômeno com características diferentes da interpolação de outros constituintes pelo fato de, entre os séculos 13 e 17, ocorrer com uma frequência muito maior que a interpolação de outros elementos; e ainda continuar a se registrar depois do século 17, enquanto a interpolação de outros constituintes desaparece.

Martins (1994, 2002b) propõe que a colocação dos pronomes clíticos nas línguas românicas depende da natureza da categoria funcional  $\Sigma$ , situada na estrutura frásica entre CP e AgrSP: morfologicamente *forte* ou *fraca*; e com ou não conteúdo lexical. E argumenta em favor desta hipótese mostrando que a ênclise em orações não dependentes, a existência de construções de VP nulo e a opção por certo padrão de resposta afirmativa (mínima) a interrogativas totais (“tens visto o João? Tenho/#Sim”) são fenômenos associados entre si, manifestados apenas nas línguas em que  $\Sigma$  tem *traços-V* fortes. Segundo a autora, no português europeu moderno, a existência de traços verbais fortes em  $\Sigma$  condiciona o movimento do verbo para  $\Sigma$  para a verificação de traços. Em algumas instâncias este movimento se daria antes do *spell-out* obtendo assim a ordem *verbo-clítico*, em outras instâncias este movimento seria adiado até LF (Logical Form) ocasionando a ordem *clítico-verbo* - o clítico estando invariavelmente em AgrS.

(028) O António Viu-**o** ontem

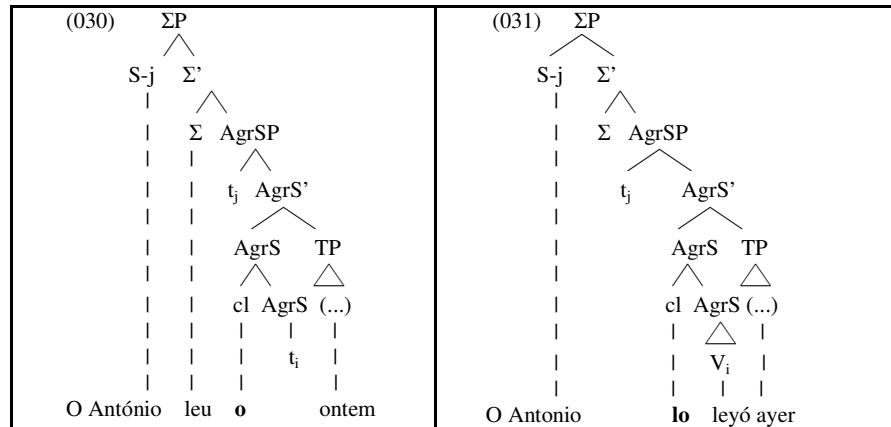
(029) [ $\Sigma$ P O António]<sub>j</sub> [ $\Sigma'$  [ $\Sigma$  viu<sub>i</sub>  $\Sigma$  [AgrSP t<sub>j</sub> [AgrS' [AgrS **o** [AgrS t<sub>i</sub> ....]]]]]]] (Martins 2002b:12)

De acordo com esta proposta os clíticos conteriam um traço forte de especificidade que precisaria ser verificado antes do “*spell-out*”, desencadeando assim o movimento do clítico para fora de TP na sintaxe visível

---

<sup>55</sup> Gostaria de chamar a atenção para o fato que nesta derivação é necessário supor que Spec de AgrS não pode ser projetado quando  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> é preenchido, do contrário não se pode capturar o fato da adjacência obrigatória ‘neg-(cl)-V’.

(TP seria a fronteira que separa elementos não específicos de elementos específicos). Um princípio de economia – opção pelo movimento mais curto – determinaria que os clíticos se adjungissem ao núcleo imediatamente exterior a TP, isto é, a AgrS. Desta forma, na análise de Martins (1994, 2002b), a próclise é derivada se o verbo não subir além de AgrS. Quando o verbo se move para  $\Sigma$  a ênclise é consequentemente derivada.



O português europeu moderno e o português antigo diferem no que diz respeito à necessidade de adjacência ou não entre clítico e verbo nos contextos de próclise categórica. A interpolação de constituintes, produtiva no PA, torna-se obsoleta no PE.

(032) que diga que **lhj** eu Alguna cousa **diuia** (NO, 1275) (Martins, 1994 : 541)

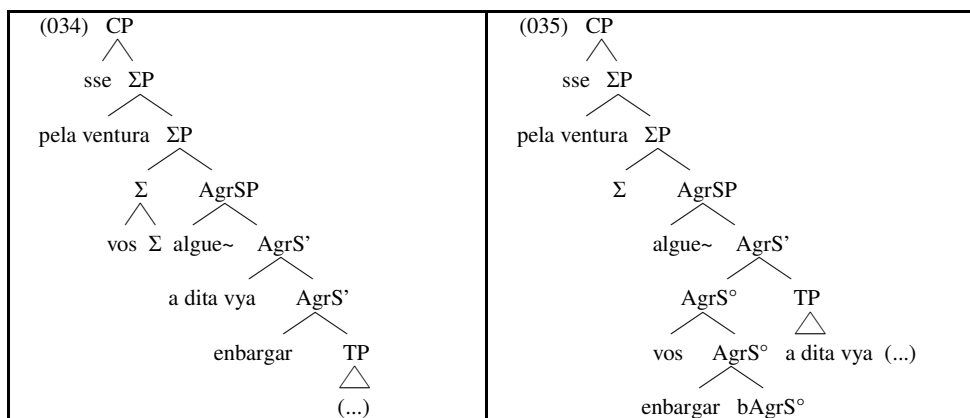
Martins (1994) propôs, tendo em conta as atuais línguas românicas, que em estruturas com próclise o clítico e o verbo estão ambos incorporados em AgrS. No entanto, nas frases com interpolação no PA não pode ser este o caso, visto que um ou mais elementos que são projeções máximas intervêm entre o clítico e o verbo. Assumindo que o verbo sobe para AgrS (sendo os traços-V de AgrS invariavelmente fortes na história do português) Martins propõem que os clíticos em estruturas com interpolação estão incorporados em  $\Sigma$ . Para a autora, não poderiam estar incorporados em C por considerar a existência da possibilidade de ocorrer algum constituinte frásico entre o elemento C e o clítico em estruturas com interpolação.

(033) E sse [pela u~etujra] **uos** alg~e a dita v~ya **enbargar** (Lx, 1296) (Martins, 1994:542)

Também, para Martins (1994), dado que o clítico ocorre sempre à direita de C, admitir que ele estivesse incorporado em C iria contra a generalização de Kayne (1993) segundo a qual só há adjunção à esquerda. Segundo esta análise, o PA difere de PE no fato de o núcleo  $\Sigma$  acolher os clíticos.

A questão a considerar é porque podiam os clíticos mover-se para  $\Sigma$  no PA. De acordo com Martins (1994:551), considerando que no quadro minimalista que adota só há movimento para a verificação de traços morfológicos, os clíticos que se moviam para  $\Sigma$  transportariam um traço de ênfase que precisava ser verificado em  $\Sigma$ .

Todavia, a interpolação é opcional no português antigo, o que para Martins é uma evidencia de que há duas posições para o clítico em PA, AgrS e  $\Sigma$ . No português moderno, pelo contrário, o clítico está necessariamente em AgrS.

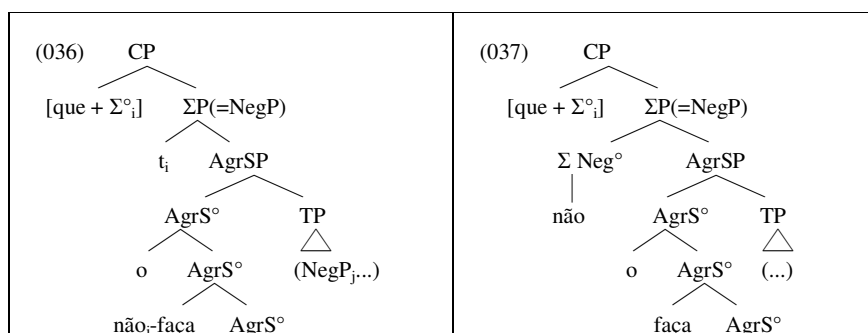


Com relação à perda do movimento do ‘clítico’ para ‘ $\Sigma$ ’ no português remeto às palavras de Martins (1994):

*“Digamos que o movimento dos clíticos para AgrS é dado pela gramática universal, não precisando, pois de ser aprendido (os clíticos tem universalmente um traço forte [+específico] que é verificado em AgrS). O movimento dos clíticos para ‘ $\Sigma$ ’ pelo contrário estará sujeito a variação paramétrica; para atribuir ao parâmetro um valor positivo a criança deverá dispor de evidência de que a língua com que está confrontada os clíticos são potenciais marcadores de ênfase. O que aconteceu na história do português foi que essa evidência se tornou a certa altura tão frágil que levou a uma fixação negativa do valor do parâmetro. (Martins, 1994:553).*

Assim, a perda da interpolação de elementos diferentes da negação no século 17, de acordo com Martins (1994), deve-se ao processo de reanálise que veda aos clíticos o acesso a  $\Sigma$ . E se a interpolação de 'não' continua a ocorrer isto indica que a interpolação da negação não depende do movimento do clítico para  $\Sigma$ . Ou seja, 'não' pode aparecer interpolado estando o clítico e o verbo em AgrS. A hipótese que Martins (1994) configura é que nas gramáticas que admitem interpolação de 'não' este não é um núcleo autônomo mas sim um morfema projetado do léxico associado ao verbo. Nas gramáticas que não admitem a interpolação de 'não', pelo contrário, este é o núcleo de  $\Sigma P$ , sendo gerado em  $\Sigma$  (=Neg).

Segundo a autora, as duas gramáticas coexistiriam desde o século 13, visto que a interpolação da negação não é obrigatória e a estrutura com o 'não' e o clítico adjacente ao verbo é atestada. Porém a gramática em que o 'não' é representado por um morfema verbal é claramente dominante no período medieval e clássico. Entretanto, O português europeu atual, segundo Martins (1994), tem o morfema 'não' como núcleo (lexical) de  $\Sigma$ -Neg.



Esta análise se diferencia da análise de Mioto (1992) em dois aspectos principais:

(1) Em Mioto (1992), Neg $^{\circ}$  situa-se invariavelmente acima de I $^{\circ}$  (o que equivale a AgrS $^{\circ}$  na representação de Martins), mesmo quando clítico. Para ele os núcleos flexionais é que se movem para o clítico negativo. Sua análise encontra paralelo no movimento do verbo para a flexão e não o contrário.

(2) Mioto (1992) considera necessário manter a duplicidade do estatuto da negação no PB, pois alguns fenômenos só são bem explicados considerando o estatuto *clítico* de Neg<sup>o</sup>, como veremos a seguir.

### III.2.1 Sobre o caráter clítico de Neg

Voltando à argumentação de Mioto (1992), o autor afirma que, do ponto de vista fonológico na seqüência ‘*não-verbo*’, o ‘*não*’ é átono e tem grau de tonicidade de uma sílaba pré-tônica. Então deste ponto de vista ‘*não*’ poderia ser considerado um clítico. Além disso, a interação de ‘*não*’ com os clíticos pronominais reforça a idéia de que ele é um clítico. Como aponta Mioto (1992:101), “o clítico pronominal pode subir agregando-se a um verbo superior do qual ele não representa um papel temático, mas é impedido de fazê-lo se o ‘*não*’ estiver presente.”

(038) ?Maria **te pode ajudar**.

(039) \*Maria **te pode não ajudar**.

Mioto (1992) atribui a impossibilidade da subida do clítico causada pela negação ao fato de o ‘*não*’ e o clítico pronominal compartilharem traços de clítico, pois não basta compartilharem traços de núcleo para que ‘Neg’ bloqueie a subida do clítico pronominal. Atribuindo ao ‘*não*’ qualidades de clítico, é possível capturar sua capacidade de barrar a subida de elementos da mesma natureza.<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> Martins (em comunicação pessoal) lembra que nas estruturas de marcação excepcional de caso (ECM – Exceptional Case Marking) não há o bloqueio da subida do clítico pela negação.

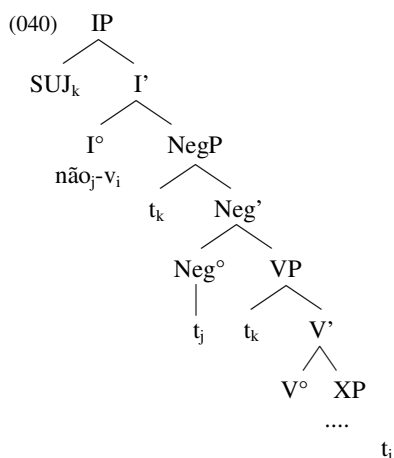
“O Pedro disse-me que o médico **o** mandou *não* beber vinho”.

A meu ver isto não invalida a generalização de Mioto (1992) por um motivo: o clítico acusativo ‘*o*’ não é um argumento interno de ‘*beber*’, mas o sujeito de ‘*beber*’. “O Pedro disse que o médico mandou **o João** não beber vinho”. O caso acusativo para este sujeito não é atribuído pelo verbo ‘*beber*’ mas pelo verbo ‘*mandou*’. Portanto ‘*o*’ não faz parte da morfologia de ‘*não-beber*’ mas de ‘*mandou*’.

Do ponto de vista sintático o caráter de clítico pode ser sustentado a partir de sua incorporação ao verbo. No entanto, a idéia que se tem defendido para os clíticos é que eles são elementos que se afixam ao seu hospedeiro via movimento. Portanto o processo de cliticização, mesmo o de clíticos negativos, resultaria do movimento do clítico.

Na proposta de Pollock (1989), também Belletti (1990), o complexo [não(cl)verbo] formado sobre a categoria funcional mais alta resulta de dois movimentos independentes:

- 1) O do complexo verbal que pula Neg°.
- 2) Depois o do clítico negativo.



Nota-se que para o processo de cliticização da negação ser derivado como o dos clíticos pronominais, ou seja, via movimento de Neg°, NEGP deverá situar-se abaixo de IP, ao contrário do que propõe Miotto (1992).

A estrutura apresentada por Pollock (1989) encontra paralelo na estrutura que Martins (1994) traz para a versão do ‘*não*’ como um morfema verbal no PA (derivação em 36, página 175). Para ela o morfema ‘*não*’ se afixaria ao verbo em I° na sintaxe. A instanciação de ‘*não*’ como a realização do núcleo de Σ-Neg° impossibilitaria o processo padrão da cliticização, portanto, o ‘*não*’ que ocuparia esta posição não seria um clítico (como vimos na derivação em 37, página 175).

Na análise de Miotto (1992), NEGP é gerado acima das categorias flexionais (IP). Como o movimento de neg° para baixo desmontaria o sistema,

o processo de cliticização não poderá ocorrer via movimento do clítico negativo. Para o autor, é o complexo verbal que sobe para o clítico-negativo, o que não corresponde à descrição feita na literatura sobre o comportamento dos clíticos. Porém, o autor argumenta que o movimento do complexo verbal para NEG<sup>o</sup> no processo de cliticização é possível em decorrência de NEGP encontrar-se acima de IP. A ‘inovação’ de Mioto encontra paralelo no processo em que o verbo se move para que os afixos se amalgamem a ele, em vez de fazer os afixos descenderem para o verbo. Nesta idéia o ‘*não*’ e o ‘verbo’ formam um complexo resultante de um processo de incorporação.

De acordo com Mioto (1992), a incorporação de ‘*não*’ ao verbo é obrigatória. E, apesar de ele considerar difícil construir uma análise que tome o ‘*não*’ como afixo, recorre à idéia de que este item é um clítico e é desta propriedade que vem a capacidade da negação sofrer um processo de incorporação<sup>57</sup>, isto é, de atrair o complexo verbal formado abaixo dela.

*“O movimento do complexo [V+I] para Neg<sup>o</sup> decorre das qualidades de clítico e posiciona o complexo à direita de ‘nãõ’, a posição canônica dos elementos que dão suporte ao clítico no PB.” (Mioto 1992:109).*

A análise traz a restrição que opera sobre o processo de incorporação de núcleos que considera que um núcleo só pode mover-se para uma posição nuclear lexicalmente preenchida quando pelo menos um dos núcleos envolvidos é afixo ou clítico (cf. Mioto, 1992).

---

<sup>57</sup> Mioto (1992) considera a idéia de Baker (1988) de que a incorporação é obrigatória se um dos elementos for um afixo, pois existem restrições quanto à incorporação quando os núcleos adjacentes são núcleos lexicais plenos. O autor traz como exemplo o verbo ‘*ter*’ e o particípio em que há a possibilidade de intervenção de advérbios como ‘*sempre*’ entre ‘*ter*’ e o particípio:

(01) “A Maria **tem sempre visitado** os amigos”. (Mioto 1992:102)

A intervenção de elementos entre os verbos de um predicado complexo também é encontrada em textos antigos. Exemplo abaixo retirado do texto de Francisco de Holanda (1517-1584) – *Da Pintura Antiga*.

(02) “Nem dizia mal o que um duque bem o **podia elle fazer** ou um conde , mas um pintor excelente , que só Deos o podia fazer no tempo que elle quisesse , pola qual razão deixou de dar a morte a um que o mereciam ”.



Todavia, Mioto (1992) também julga necessário manter uma entrada lexical não-clítica para NEG<sup>o</sup> para explicar certas construções como um IP vazio na sentença coordenada e os casos em que “não” vale como uma resposta negativa (inteira/completa).

(041) “O João agrediu o Pedro mas Paulo **não**. (Mioto 1992: 103)”

(042) “O João agrediu o Pedro? R: **Não**. (Mioto 1992: 103)”

No caso da resposta “Não” para a pergunta acima este ‘*não*’ instancia uma negação sentencial por dois motivos apontados por Mioto:

i. A resposta poderia ser : “*Não agrediu*”.

ii. Para responder afirmativamente no PB (também no PE) poderia ser: “*agrediu*”.<sup>58</sup>

Desta forma, considero fortes as evidências de que a negação sentencial em português se constrói funcionalmente por um núcleo localizado acima de IP, capaz de incorporar os núcleos verbais inferiores e licenciar o apagamento do IP.

Sobre a duplicidade<sup>59</sup> da natureza da negação em português, clítica e não-clítica, veremos com mais detalhes a seguir.

---

<sup>58</sup> De acordo com Martins (1994) 'SIM', ao contrário de NÃO, não é a expressão dos traços de polaridade oposta ao NEG<sup>o</sup>, ou seja, AF<sup>o</sup>. Portanto, NÃO não tem um comportamento paralelo à SIM em português.

Como vimos, o conteúdo lexical presente em  $\Sigma$ -Af<sup>o</sup> em português é o próprio verbo. Fato que explica o padrão da resposta afirmativa poder ser o verbo, e ainda fortalece a hipótese de que ‘NÃO’ é a expressão de  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup>.

<sup>59</sup> A duplicidade da natureza de “não” para Mioto (1992) está no fato da negação poder se comportar tanto como um clítico, mediante a incorporação em NEG<sup>o</sup> dos núcleos verbais, quanto como um elemento que não é clítico, mediante a elipse do conjunto por ele dominado. No entanto, a palavra duplicidade contradiz o que queremos propor aqui. Veremos que tanto o comportamento de clítico quanto o de não-clítico, descritos por Mioto, podem ser derivados de uma só morfologia da negação.

### III.2.2 A duplicidade de Neg

Muitos estudos argumentam que a palavra ‘*não*’ não apresenta um comportamento uniforme nas línguas. Ora se comporta como  $X^{\circ}$ , ora como  $X^{\max}$ .

Zanuttini (1990, apud Mioto, 1992), por exemplo, explora esta concepção de **dois** marcadores negativos, variáveis em relação ao seu estatuto e ao seu comportamento. De acordo com Zanuttini (1990), esta variação se encontra interlinguisticamente – o ‘*non*’ no Italiano seria um núcleo ao passo que ‘*nem*’ do Piemontês não seria – e intralinguisticamente – o ‘*not*’ do inglês ora funcionaria como núcleo – sempre que pode ser substituído por ‘*n’t*’ – ora como elemento de natureza adverbial, tipo  $X^{\max}$ .

Já Dahl (1979, apud Mioto, 1992) enquadra os marcadores negativos em **três** classes tipológicas em vista do seu comportamento:

- 1 - Primeiro, eles podem aparecer afixados ao verbo: no turco o resultado disto é o complexo verbal ‘verbo+Neg+tempo+concordância’, no japonês - ‘verbo+neg+(tempo passado)’<sup>60</sup>
- 2 - Depois eles podem funcionar como auxiliares e, então, eles é que recebem afixos - como o árabe que tem o afixo de tempo amalgamado no marcador negativo.
- 3 - Além disso, eles podem ter caráter adverbial: no suíço alemão, por exemplo, o marcador negativo vem depois do verbo nas sentenças raízes e antes nas sentenças subordinadas.

Uma quarta situação, além das três descritas por Dahl, é a do clítico negativo, apesar de esta se enquadrar também na primeira situação descrita.

As explicações para os contrastes empíricos descritos acima costumam colocar em causa o caráter nuclear vs. sintagmático do operador de negação sentencial.

---

<sup>60</sup> Neste caso, podemos supor uma lógica na ordenação dos morfemas ‘verbais’ de acordo com a recursividade de cada língua: Sabemos que no japonês a ordem dos morfemas verbais é ‘verbo+neg+(tempo passado)’, com o verbo e o complemento à esquerda sob o escopo da negação (língua SOV), nas línguas SVO, como o português, temos a ordem contrária “neg-V”, com o verbo e o complemento à direita sob o escopo da negação.

Porém, a divisão  $X^{\circ}$  e  $X^{\max}$  (XP) para dar conta da duplicidade da negação sentencial pode não ser a melhor maneira de explicar a negação em português.

Considerando outras categorias funcionais, o comportamento de  $NEG^{\circ}$  parece ser semelhante ao comportamento de  $D^{\circ}$  (determinante). Ambos apresentam derivações aparentemente ambíguas: ora demonstrando uma dependência absoluta ao sintagma que encabeçam, ora podendo ser o único material que resta de um apagamento, como no exemplo (43) e do exemplo (44) a seguir, com o NP – ‘*posição*’ elidido:

(043) “*O João agrediu o Pedro mas Paulo não.* (Miotto 1992: 103)”

(044) “Nome próprio é aquele que se nam póde atribuir a máis que a ~ua só cousa, como este nome Lisboa - por ser próprio desta çidade e nam convém a Roma; nem ô de Çésar a Çipiám. (CTB: João de Barros, *Gramática da língua portuguesa.*)

É importante notar que a presença do ‘*não*’ em (43) e do *artigo* em (44) é essencial para licenciar as elipses. Mas é também crucial a presença do acento tonal nestes casos. Nos casos de elipse de IP, VP ou NP, a negação e o determinante, apesar de serem núcleos funcionais na sintaxe, passam a ser a cabeça lexical do sintagma fonológico.

Então, ‘*neg*’, assim como ‘*det*’, recebe o acento lexical do sintagma fonológico que tem sua *cabeça lexical* elidida, pois neste caso, a fonologia entende que este núcleo funcional é a *cabeça* do sintagma fonológico: dado que o núcleo lexical não é mais foneticamente realizado dentro do sintagma fonológico, há uma reinterpretação na atribuição do acento pela fonologia.<sup>61</sup>

Um fato que corrobora a hipótese da obrigatoriedade do acento nas construções de elipse no PB, por exemplo, é que nestes casos a forma foneticamente reduzida ‘*num*’ (para ‘*não*’) é agramatical:

---

<sup>61</sup> No entanto é importante ressaltar que a negação ao contrário do determinante é uma palavra funcional que corresponde a uma palavra prosódica no sentido de portar um acento independente. A respeito dos determinantes, preposições e pronomes clíticos Vigário (1999:257) diz que “*none of these Fncs (functional words) can be an element of a Phonological Phrase ( $\phi$ ) by a change in the unmarked stress pattern of  $\phi$ , a possibility that is available at least for some stressed items such as the marker of sentence negation ‘nãõ’*”. De acordo com Vigário (1999:282-287), também os complementadores podem portar um acento (de ênfase, por exemplo) e assim formar uma palavra prosódica independente.

(045) “\*O João agrediu o Pedro mas Paulo **num**.”

Sendo assim, tanto a negação quanto o determinante não podem ser prosodicamente deficientes nos casos de elipse, pois eles carregam o acento do sintagma fonológico.

Nos casos mais usuais, com o VP ou NP explícitos, como ‘O Pedro não comeu’ e ‘A Ana comeu a maçã’, o ‘não’ e ‘a’ não podem portar acento tonal porque a *cabeça lexical* dos sintagmas fonológicos ‘não comeu’ e ‘a maçã’ são, respectivamente, o verbo ‘comeu’ e o NP ‘maçã’, e são eles que portam tal acento.

Quanto a esta proposta, lembremos que Cyrino (1997) observa indícios deste funcionamento sintático/prosódico na regularidade da acentuação proposta por João de Barros<sup>62</sup>. Ao analisar o sintagma nominal, a autora chama a atenção para o fato de João de Barros acentuar os artigos (determinantes) nos sintagmas onde há elipse nominal. Nos casos em que o artigo é seguido do sintagma nominal completo o determinante não é acentuado:

(046) “Filho – Sam **os** cadernos da gramática da língua portuguesa...(DVV)”

(047) “Esses sam **ôs** que peço (DVV)” (NP elidido: *cadernos*)

Cyrino aponta para fato de que o autor usa esse recurso, não para simplesmente marcar elementos fonologicamente acentuados, mas para uma distinção que tem uma explicação sintática. De acordo com Cyrino (1997:193) *o autor acentua somente os determinantes que tem uma categoria vazia logo a seguir*.

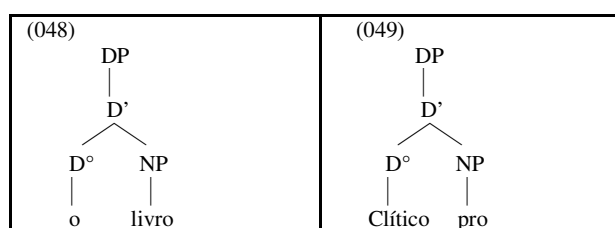
Vale ressaltar que também os clíticos acusativos de 3ª pessoa são acentuados por João de Barros, como mostra Cyrino (1997). Fato que, segundo a autora, decorre da intuição deste estudioso de que a estrutura sintática dos sintagmas determinantes com elipse do NP é a mesma dos clíticos acusativos.

---

<sup>62</sup> “Diálogo da Viciosa Vergonha” (DVV), “Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem” (DLNL) e “Gramática da Língua Portuguesa” (GLP).

“A pequeno tem três officios. Serve per sy só de artigo feminino, e de relativo do mesmo gênero, e em composiçám das outras letras. – De ar tigo como “a matéria bem feita apraz ao mestre”. Serve de relativo per semelhante exemplo: “essa tua palmatória, se â eu tomar far-te-ey lembrar esta regra”, e entam tem necessidade daquelle espírito que lhe vês encima pêra diferença dos outros officios. Em composiçám: “o temor de Deos faz bõa consciencia”. (João de Barros, GLP)

Conforme aponta Cyrino (1997): “Os clíticos de terceira pessoa parecem ter um comportamento diferenciado dos clíticos de primeira e segunda pessoas. Uriagereka (1995) argumenta que clíticos de terceira pessoa seriam núcleos de sintagma determinantes ...”



(050) Vi o livro

(051) Vi-o [ ]

Considerando as observações de Cyrino (1997) concluo que tanto o 'não' quanto os determinantes podem ter um comportamento aparentemente “ambíguo”, pois ora se comportam como cabeça lexical, ora como categoria funcional.

Entretanto, a questão da ambigüidade da negação, vista na literatura lingüística, só faz sentido porque tomamos como parâmetro para *clítico* o processo de cliticização pronominal<sup>63</sup>. Porém, apesar de a negação apresentar um comportamento semelhante ao dos pronomes clíticos (no sentido de ser morfologicamente dependente do verbo), apresenta uma função de natureza diferente daquela reservada aos pronomes (argumentos do verbo). O marcador de negação, assim como os determinantes, é responsável por uma operação de

<sup>63</sup> O problema está na concepção do que é um clítico e quais os processos fonológicos que envolvem os clíticos. Uma definição bastante assumida para os clíticos é a de Spencer (1991), para ele os clíticos são elementos com certas propriedades de palavras plenas mas sem acento próprio, dependentes de acentos de outras palavras, comportando-se deste modo como afixos. No entanto ele ressalva que os processos fonológicos que envolvem os clíticos não são os mesmos que os afixos: Enquanto os afixos se aglutinam às palavras específicas os clíticos se apóiam a qualquer palavra de acento forte, apesar de haver também clíticos que se comportam mais como afixos se fixando a palavras específicas.

modificação: ‘*não*’ instancia a negação sentencial invertendo o valor de verdade do verbo, já os determinantes são responsáveis pela *definitude* dos sintagmas nominais.

Por conta das particularidades da negação reunidas aqui, não gostaríamos de defender a idéia de clítico para Neg<sup>o</sup> tal como ela tem sido implementada na maioria dos trabalhos sobre a negação. No entanto, parece evidente que o ‘*não*’ é um elemento nuclear, preso a uma certa morfologia sintagmática. A fim de derivar este fato, consideramos a idéia de Mito (1992) de que ‘*não*’ é um ‘clítico’ sintático fixo, diferente dos clíticos pronominais que se movem para o seu hospedeiro na sintaxe. Quanto à duplicidade lexical de ‘*não*’, considero que a sustentar é o mesmo que defender a duplicidade da natureza do determinante para derivar: 1) as construções com NP explícito, 2) as construções com elipse do NP, e, 3) aquelas construções em que não há a possibilidade da realização do NP (caso do clítico acusativo) (cf. João de Barros).

A capacidade de a negação licenciar o apagamento do IP e receber o acento do material elidido corrobora a hipótese de que a negação em português é a instanciação de um núcleo funcional, em conformidade com Lobeck (1995, 1997) que afirma que as construções elípticas só são licenciadas por uma categoria funcional.

Também Cyrino (1997 entre outros trabalhos) argumenta que elementos fonologicamente nulos devem ser licenciados por categorias funcionais. A autora apresenta os casos do inglês de elipse de VP que são licenciados por um elemento em INFL (‘flexão’), comprovado pela obrigatoriedade da realização do auxiliar (na sua instanciação negativa e afirmativa) nas construções com elipse do VP:

(052) John saw his mother but Peter **didn’t** <sub>[vp\_see his mother]</sub> (Cyrino, 1997:194)

(053) John didn’t see his mother but Peter **did** <sub>[vp\_see his mother]</sub>

Em inglês a elipse de VP é licenciada por INFL e, portanto, I<sup>o</sup> deve ter os traços relevantes para identificar o VP vazio. (Cf. Hankamer and Sag, 1976 apud Busquets 2006)

No entanto, será importante ressaltar que alguns autores, como Matos (1994) e Busquets (2006) defendem que as línguas românicas não possuem

*ellipse de VP* como a do inglês. Eles defendem que as construções com apagamento do predicado nas línguas românicas ou são elipses de TP (IP), construções de despojamento ou constrativas, sendo as duas últimas fortemente dependentes do *pacote informacional* (*Informational Packaging*).

De acordo com Busquets (2006) o Francês, o espanhol e o Catalão não admitem *ellipse de VP* equivalente a do inglês:

- (054) \*Claudine est une bonne étudiante, et Marie **est** [*vp e*] **aussi**. (Busquets 2006: 161)  
(055) \* Juan ha salido y Pablo **há** [*vp e*] **también**. (Busquets 2006: 161)  
(056) \* Bach és difícil d'interpretar, i Mozart **és** [*vp e*] **també** (Busquets 2006: 161)

Porém Busquets constatou que com o apagamento do auxiliar as sentenças se tornam gramaticais:

- (057) a') Claudine est une bonne étudiante, et Marie [ ] aussi (Busquets 2006: 161)  
(058) b') Juan ha salido y Pablo [ ] también. (Busquets 2006: 161)  
(059) c') Bach és difícil d'interpretar, i Mozart [ ] també (Busquets 2006: 161)

A condição para o apagamento nas construções de *stripping* (despojamento) seria o paralelismo estrutural:

- (060) John gave presents to Pete, but not ~~gave presents~~ to Geoff. (Busquets, 2006:162)  
(061) Jane loves to study rock, and ~~loves to study~~ geography too. (Busquets, 2006:162)  
(062) Jane loves to study rock, and John ~~loves to study~~ rocks too. (Busquets, 2006:162)

Busquets (2006) considera que em Catalão as expressões *sí, no, també, tampoc* são aplicadas nos três diferentes tipos de fenômenos: despojamento, construções contrastivas negativas e *ellipse de TP* – exemplos (063), (064) e (065) respectivamente.

- (063) Max va donar flors a la Rosa, i **també** a la Zelda  
(064) Mozart va néixer a Salzburg, **no** a Vienna  
(065) La Maria no parla l'anglès, però tinc un amic que **sí**

De acordo com o autor as construções em (063) e (064) estão sob o controle do pacote informacional enquanto (065) não.

Assumindo a hipótese de Martins (1994) de que existe um núcleo  $\Sigma$  situado acima de IP e com traços *verbais fortes* em português interpretamos que as sentenças abaixo podem constituir elipses de IP.

- (066) O João viu a sua mãe mas Paulo **não** [<sub>t</sub> viu sua mãe]
- (067) O João não viu a sua mãe mas Paulo **viu** [<sub>t</sub> sua mãe] .

Entretanto, para confirmarmos a hipótese de que o marcador de negação sentencial é a instanciação do núcleo funcional  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup>, ligado à flexão verbal, e situado acima de IP, será importante olharmos a negação através do prisma semântico. Uma vez que as construções constrativas e de foco envolvem diretamente os itens de polaridade, como a negação.

### **III.3 A negação e o conteúdo informacional: Questões de escopo e polaridade.**

Vimos na seção III.2.1 a proposta de Martins (1994), inspirada nas observações de Laka (1990) sobre afirmação (AF) e negação (NEG) enfáticas no inglês e basco. Martins (1994) propõe que ‘ $\Sigma$ P’ está presente não só nas orações afirmativas e negativas enfáticas, mas em todas as orações. A idéia é que assim como uma proposição negativa implica uma operação de modificação por um marcador negativo, uma proposição afirmativa implica igualmente uma operação de modificação; sendo o operador afirmativo frequentemente nulo, mas podendo algumas vezes ter realização lexical.

A hipótese de que Af e NEG são as duas faces de  $\Sigma$  permitiria, segundo Martins (1994), dar conta da colocação de clíticos nas línguas românicas, da construção de VP nulo e certos padrões de respostas mínimas a interrogativas totais (ex: Tem visto o João? Sim vs Tenho).

$\Sigma$ P, porém, apesar de ser uma categoria sintática e derivar os movimentos da sintaxe, tem conteúdos que não são necessariamente sintáticos, mas também informacionais. Pois,  $\Sigma$ <sup>o</sup>, da maneira que propõe Martins (1994), participa diretamente das operações que derivam a asserção das sentenças nos domínios informacionais da afirmação, negação, ênfase, interrogação e focalização (segundo Martins, ‘ $\Sigma$ ’ pode ser instanciado como ‘foco’).

Se assim for, podemos ligar tal categoria às observações de Valduví (1992) que argumenta em favor da hipótese de que operadores proposicionais como a negação, a afirmação, e a interrogação que exhibe um padrão de resposta



sim/não (yes/no operators) comportam-se da mesma maneira: estão ligados ao foco informacional e dependem da elocução para a atribuição do seu escopo.

$\Sigma$ , portanto, na associação das visões de Martins (1994) e Valduví (1992), pode ser entendido como a categoria que representa, codifica ou interpreta o conteúdo informacional responsável por ditar qual a estrutura sintática adequada para aquele conteúdo.

Na perspectiva lógico-semântica a asserção sentencial dependerá dos operadores proposicionais que podem ser de negação, interrogação e afirmação.

As propostas que apresentaremos nesta seção, centradas na operação da negação, procurarão salientar os pontos de encontro nos comportamentos sentenciais da afirmação, negação e interrogação.

### III.3.1 Semelhanças no comportamento dos operadores e das operações de modificação da sentença.

As propostas apresentadas aqui procuram salientar os pontos de encontro nos comportamentos sentenciais da afirmação, negação e interrogação. Em semântica a asserção sentencial dependerá dos operadores proposicionais que podem ser de negação, interrogação e afirmação.

De acordo com Valduví (1992:155-157) o operador de afirmação (identificado como ‘yes operator’) apresenta uma distribuição complementar e paralela aos operadores interrogativos (*Q*) e a negação.

Vejamos alguns exemplos do Catalão explorados por Valduví (1992). Abaixo de cada exemplo fizemos uma representação simplificada do conteúdo informacional, ou seja, da relação do operador e seu escopo a depender do que é enfatizado na sentença.<sup>64</sup> Valduví mostrou três derivações das referidas operações levando em conta 3 tipos de estruturas de focalização, denominadas por ele de: a) *‘all-focus structure’*; b) *‘link-focus structure’*; c) *‘link-focus-tail structure’*

---

<sup>64</sup> Utilizaremos a seguinte marcação:  
 $\phi$ [ .....]: indicando que os operadores de **afirmação (yes)**, **interrogação (Q)** e **negação (~)** têm escopo sobre a sentença inteira;  
[ $\phi$  .....]: indicando que os operadores têm escopo neste ponto.

- (068) a) (... quan) van obrir botiga a londres ELS LLADRÓ  
 $\phi$ [*yes* (**els Lladró van obrir botiga a londres**)]
- b) Els Lladró van obrir botiga a LONDRES  
Els Lladró [ $\phi$  *yes* [ (**van obrir botiga a LONDRES**)]]
- c) Els Lladró van OBRIR botiga a londres  
Els Lladró [ $\phi$  *yes* [ (**van OBRIR botiga**)]] (a londres)
- (069) a) Que van obrir botiga a londres ELS LLADRÓ?  
 $\phi$ [*Q* (**els Lladró van obrir botiga a londres**)]
- b) Els Lladró que van obrir botiga a LONDRES?  
Els Lladró [ $\phi$  *Q* [ (**van obrir botiga a LONDRES**)]]
- c) Els Lladró que van OBRIR botiga a londres?  
Els Lladró [ $\phi$  *Q* [ (**van OBRIR botiga**)]] (a londres)
- (070) a) (...que) no van obrir botiga a londres ELS LLADRÓ  
 $\phi$ [~(**els Lladró van obrir botiga a londres**)]
- b) Els Lladró no van obrir botiga a LONDRES  
Els Lladró [ $\phi$  ~ [ (**van obrir botiga a LONDRES**)]]
- c) Els Lladró no van OBRIR botiga a londres  
Els Lladró [ $\phi$  ~ [ (**van OBRIR botiga**)]] (a londres)

Portanto os operadores proposicionais como afirmação, negação e operadores interrogativos que exibem um padrão de resposta sim/não (*yes/no operators*) têm um comportamento semelhante ao serem associados com o foco.

Todavia, na grande maioria das vezes, NEG parece ter naturalmente o escopo no **primeiro argumento interno do verbo** (deixando de fora o sujeito e muitas vezes outros complementos - objetos indiretos, por exemplo). Vejamos o seguinte exemplo do inglês:

- (071) Max **didn't** kill the JUDGE with a hammer. (Valdúv 1992:153, exemplo 289)

NEG afeta apenas o OD e não o VP inteiro: o sujeito ‘Max’ e o OI ‘with a hammer’ não são afetados pela negação. No entanto, quando um outro elemento está como foco da sentença, então, ele deve ser negado e o escopo da negação assim o abrange.

Kuno (1980, 1982, apud Valduví, 1992:153) nota restrições similares para a negação e os operadores de interrogação em Japonês. Nessa língua, o escopo dos operadores de negação e interrogação se estenderia apenas para o constituinte que antecede o verbo imediatamente, o foco verbal. Este fato pode ser explicado por esta ser uma língua de recursividade à esquerda (SOV). Valduví (1992:153) comenta que o inglês difere do Japonês quanto à ordem das palavras e a direcionalidade do escopo. E argumenta que operadores proposicionais como a negação e operadores interrogativos que exibem um padrão de resposta sim/não (yes/no operators) estão associados com o foco.

Também Rohrbaugh (1993) examina a existência de uma relação entre ‘foco’ e ‘negação’. Segundo o autor o ‘foco’ atua no licenciamento e interpretação dos itens com polaridade negativa.

Valduví (1992) menciona que Jackendoff (1972), entre outros, já havia notado que o **foco** altera o escopo da negação, e conclui que se isto estiver correto a afirmação de que os componentes Semântico e Informacional são dois componentes autônomos está errada. O autor argumenta que as leituras onde parte da sentença não é negada são derivadas da interação dos componentes lógico/semântico e informacional. Desta maneira se propõe que o pacote informacional e o significado semântico interagem para o significado do cancelamento parcial, estabelecendo um laço estreito entre operadores lógicos e elementos de foco e desta maneira produzindo o entendimento de que parte da oração está fora do escopo da negação ou interrogação sem nenhuma restrição adicional.

Já Horn (1989) argumenta que os sujeitos tendem a estar fora do escopo da negação porque eles tendem a ser tópicos. E, segundo o autor, os tópicos não estão sob o escopo da afirmação e, portanto, não vão estar sob o escopo da negação. Ele propõe ainda que os operadores proposicionais, apesar de terem escopo sobre toda a predicação, são associados com o constituinte remático (rhetic) que recebe o pico da entoação.

Valduví (1992) trata a derivação das diferentes leituras de escopo nos termos da interação da semântica e da informação. Para ele, as diversas leituras são derivadas de diferentes estruturas informacionais da sentença, e seus diferentes padrões de sobreposição com uma estrutura semântica invariável.

A somatória de todos os fatos descritos sobre a semelhança no comportamento das operações mencionadas acima pontua a favor de hipóteses como a de Laka (1990), Zanuttini (1994, 1997) e Martins (1994, 2000) que consideram que: a estrutura da frase deve ter uma posição funcional onde se localizam todos os traços de polaridade, uma vez que suas diferentes modalidades (ligadas ao conteúdo informacional) têm papel fundamental na derivação sintática.

De acordo com Marantz (1995), o significado de uma expressão é interpretado na derivação daquela expressão, e não em LF. LF seria meramente um nível de representação que exhibe certas relações estruturais relacionadas com o significado: tal nível não expressa nem representa o significado. Fato que fortalece a hipótese de uma categoria sintática com conteúdo informacional.

Na proposta de Martins (1994), além da afirmação e a negação serem universalmente valores de  $\Sigma^\circ$ , esta categoria também possui traços de subordinação ( $C^\circ$ ) e atua na derivação das sentenças interrogativas e subordinadas.

Martins (1994), considerando a hipótese Lightfoot (1991: 38-39) de que  $C^\circ$  conteria informação relativa às propriedades de seleção do verbo que o subcategoriza, argumenta que  $\Sigma$  está de algum modo representado em  $C^\circ$ . E para comprovar a representação de  $\Sigma$  em  $C^\circ$  a autora chama a atenção para o fato de alguns verbos como *proibir* e *impedir* selecionarem complementos fráscicos afirmativos, o que pode indicar que em orações subordinadas não só o verbo, mas também o complementador possui traços de  $\Sigma$  (verbos como os mencionados acima selecionam um complementador associado a  $\Sigma$ -Af, outros, com propriedades de seleção menos restritivas, admitem quer um complementador associado a  $\Sigma$ -Af quer a  $\Sigma$ -Neg).

Deste modo um dos fatores de que depende o sucesso da derivação seria a concordância entre os traços de  $\Sigma$  do verbo e do complementador (ambos com traços idênticos). A verificação dos traços do complementador ocorreria primeiro, pois, se ao contrário for (se o verbo verificar primeiro seus traços), o verbo após ter verificado seus traços não se moveria para além de  $\Sigma$ , pois tal movimento violaria um princípio de economia, de acordo com o qual não há movimento a não ser em proveito próprio. Por outro lado, os traços de  $\Sigma$  teriam sido apagados no decorrer da operação de verificação dos traços do verbo. Assim os traços do complementador ficariam por verificar. Para que a operação de verificação dos traços do complementador ocorresse primeiro seria necessário que  $\Sigma^\circ$  se movesse para  $C^\circ$ , processando-se em  $C^\circ$  a verificação de traços do complementador. A motivação para o movimento do verbo manter-se-ia intacta; o verbo, precisando verificar os seus traços, se moveria para Comp em LF onde seus traços seriam verificados por confronto com os traços do complementador que por sua vez haveriam sido verificados por confronto com os traços contidos em  $\Sigma^\circ$ .

Além disto, de acordo com Martins (1994),  $\Sigma^\circ$  também pode ser instanciado como foco ( $F^\circ$ ).<sup>65</sup>

No artigo de Martins (2000), a autora denomina de PolP a posição funcional que chamou de  $\Sigma P$  em outros trabalhos. Os traços polares considerados por Martins (2000:204) são: “*aff(irmation)-features, neg(ation)-features and mod(ality)-features*” que correspondem às noções semânticas de ‘veracidade’ (veridicality), ‘averacidade’ (averidicality) e ‘não-veracidade’ (non-veridicality).

As interpretações diferentes associadas com os diferentes tipos de sentenças que definem a polaridade dependerão, segundo Martins (2000), de um mapeamento particular entre aqueles traços mais os valores  $+$  (especificado),  $0$  (não especificado e invariável) e  $\alpha$  (não especificado e

<sup>65</sup> No entanto, para Martins (1994), contrariamente a  $\Sigma(Af)$  e  $\Sigma(NEG)$ ,  $F$  é não V-relacionado, portanto uma posição  $A'$  para operadores. Sintagmas *qu-*, sintagmas focalizados, quantificadores e certos advérbios quando ocorrem na periferia esquerda da frase, ocupam Spec de FP. Sempre que FP é projetado a próclise é derivada, pois não contendo F traços-V não há movimento do verbo para além de AgrS (posição que termina a verificação da morfologia verbal).

1. Quem realmente lhe deu o tiro?

2. [FP Quem [F' F [ AgrSP realmente [ AgrSP [AgrS' [AgrS lhe [AgrS deu .... (Martins 2002:13)

variável) que são propriedades dos itens lexicais.<sup>66</sup>

Assim,  $\Sigma^\circ$  parece de fato participar diretamente das operações que derivam à asserção das sentenças nos domínios informacionais da afirmação, negação, ênfase, interrogação e focalização. Os fatos apresentados acima confirmam que esta categoria representa, codifica e interpreta o conteúdo informacional responsável por ditar qual a estrutura sintática adequada para aquele conteúdo. E desta forma abarca as observações de Valduví (1992) de que os operadores proposicionais como a negação, a afirmação, e a interrogação que exibe um padrão de resposta sim/não (yes/no operators) comportam-se da mesma maneira – estão ligados ao foco informacional e dependem da elocução para a atribuição do seu escopo.

Portanto, vimos que a negação opera do mesmo modo que a afirmação e a interrogação – ou seja, os outros pólos informacionais – com relação ao seu escopo e ao foco. Interpretamos que este fato também corrobora a hipótese de um caráter funcional para NEG. E para comprovar o caráter funcional e também nuclear do operador de negação ‘*não*’ será ainda relevante compararmos seu comportamento ao de outras “palavras” negativas.

A seguir, traremos outras evidências de que a negação se constrói funcionalmente: veremos que uma palavra negativa não é suficiente para determinar que temos uma sentença negativa – “\*João negou que a Maria viu nada”.(Cf. Miotto 1992). A presença do operador de negação ‘*não*’ é fundamental para licenciar o contexto negativo. Também veremos que no PA, por exemplo, os indefinidos negativos, mesmo quando pré-verbais, precisavam co-ocorrer com o marcador de negação sentencial, por não serem inerentemente negativos, enquanto que no PE os indefinidos, mesmo sendo inerentemente negativos, precisam co-ocorrer com o operador de negação ‘*não*’ quando estão pós-verbais. (Cf. Martins 2000).

---

<sup>66</sup> “See Déchaine and Tremblay (1998:27) for the proposal that functional categories, even null ones, always make a semantic contribution, and Zanuttini (1994:428) for the claim that languages express sentential negation via certain negative features that are present in the projection PolP. A functional category with underspecified features would not make (by itself) a semantic contribution, such as expressing a certain polarity value. On the other hand, only functional heads with specified feature values can ensure compatibility among different lexical items in a syntactic structure (therefore excluding sentences built up from unfit numerations)” (Martins, 2000:203 nota 12).

(072) **PA:** “Nenh~uu nom mostrava que era famiinto” (Fernão Lopes, Crônica de D. João I. Freire, org 1997:270, apud Martins 2000:194)

(073) **PE:** “A Maria **não** comprou nenhum livro” (Martins 2000: 211)

Estes fatos reforçam a concepção da negação como um elemento funcional e tornam fortes as evidências para uma categoria do tipo  $\Sigma P$ , como veremos a seguir, na seção III.3.2

### III.3.2 O marcador de negação sentencial e as outras palavras negativas (*n-words*)

Esta breve subseção tem como objetivo único descrever a interação dos quantificadores e advérbios negativos com o marcador de negação (o núcleo de NegP ou  $\Sigma$ -NegP, segundo Mioto, 1992, e Martins, 1994, respectivamente) por apresentarem uma variação particular no seu comportamento diacrônico que podem trazer evidências sutis, porém importantes, da natureza do marcador de negação sentencial em português.

As palavras negativas descritas aqui podem ser enquadradas em dois tipos:

- i) O primeiro seria o próprio marcador de negação - ‘não’ no português.
- ii) O segundo são os indefinidos negativos ou palavras negativas (*n-words*): Estas ainda podem ser divididas em dois ou três grupos a depender da teoria.

Peres (1995) aponta para o fato das palavras negativas na terminologia de Laka, (1991) exibirem dois tipos de comportamentos nas línguas:

1) Dupla Negação (DN) – “ninguém viu nada”

[-]      [-]

2) Harmonia Negativa (CN – em inglês ‘Concord Negation’) – Negative Concord?

- “Nobody saw anything”

[-]    [+]

De acordo com as informações contidas em Peres (1995) nas *décadas de oitenta e noventa* surgem diversas teorias sobre a harmonia negativa nas línguas. Estas podem ser divididas em três subgrupos:

1. O primeiro grupo considera que as n-words são quantificadores negativos (NQs) ou indefinidos, a depender das propriedades sintáticas de cada uma. (Rizzi 1982, Longobardi 1987, e Dowty 1994).
2. O segundo Grupo considera que as n-words são sistematicamente analisadas como indefinidos (indefinites) (Laka 1990, Ladusaw 1992 e Suñer 1995).
3. O terceiro Grupo considera que as n-words são sempre NQs. (Zanuttini 1991).

É importante notar que as teorias 1. e 2. vão assinalar diferentes subcategorias semânticas para as n-words tanto no grupo de línguas que exibem DN quanto os que exibem CN, e como consequência uma sintaxe diferente vai determinar a presença ou ausência do **operador negativo** na estrutura.

A discrepância entre semântica e sintaxe é, na visão de Peres, totalmente compatível com a evidência empírica da proximidade sincrônica e diacrônica dos parâmetros de DN e CN.

Passando para a visão de Martins (2000), a autora considera que a variação encontrada no uso dos indefinidos negativos pode ser explicada, em termos sintáticos, pela tipologia da distinção forte/fraca dos itens polares, já bem estabelecida na literatura semântica.

A autora pretende mostrar que nos Romances as palavras negativas evoluíram de itens com *polaridade fraca* para itens com *polaridade forte*. Isto seria o que nos termos tradicionais, de acordo com Keniston (1937:608, apud Martins 2000:192), chamariam de mudança de palavra “*contextualmente*



*negativa*” (que adquire um ‘sentido negativo’ de uma palavra negativa em um contexto relevante) para *intrinsecamente negativa*. E argumenta ser necessário adotar uma teoria de traços que integra a noção de **sub-especificado** para dar conta dos fenômenos de polaridade na sintaxe.

*“I intend to show that in order to deal adequately, on a syntactic basis with the phenomenon of polarity, we need to adopt a theory of features which integrates the notion of underspecification. Only in this way will it be possible to motivate the subtleties of the context-sensitivity of polarity items.” (Martins 2000:192)*

Como já mencionamos em **III.3.1**, Martins (2000:202) traz a idéia de Rooryck (1994) sobre a natureza do sistema de traços, segundo a qual os traços devem estar associados a um valor de três possíveis: especificado (+), invariável e sub-especificado (0), variável e sub-especificado ( $\alpha$ ). O valor 0 marca a ausência de qualquer propriedade relacionada com traço em questão. Isto significa dizer que um elemento com [traço-neg 0] é simplesmente incapaz de fazer qualquer operação relacionada com uma expressão de sentido negativo (é opaco, emprestando o termo da fonologia). Já o valor  $\alpha$  é sensível ao contexto, dado um ambiente adequado ele se harmoniza (podemos dizer que é transparente).

Quanto à variação histórica no uso das formas sintáticas nas línguas românicas, Martins (2000) argumenta que os indefinidos negativos e também os positivos reduziram o seu aparato de variação sub-especificada, ficando mais restritivos com relação aos contextos de licenciamento, como veremos a seguir.

### **III.3.2.1 A sintaxe dos indefinidos nos domínios negativos na diacronia**

Nos Romances antigos atesta-se ‘concordância negativa’: Indefinidos negativos co-ocorriam com o marcador negativo lexical.

(074) “ *que nenh~uu nō scapou (Crônica Geral de Espanha de 1344.)*” (cf. Cintra, ed. 1954:107, apud Martins, 2000: 216, apêndice).

Conforme menciona Martins (2000:195), no Romance antigo também era freqüente o uso de indefinidos negativos em contextos não negativos. Estes contextos eram *não-assertivos* (não afirmativos) ou modais (questões, imperativos, condicionais, comparativos, o escopo do verbo modal, o escopo de

expressões de proibição, construções genéricas e orações subjuntivas introduzidas por conectivos temporais como ‘antes que’).

- (075) “E por decreto publico foi defeso que **ninguém** navegasse”. (Cf. Ali 1931:199, apud Martins 2000:196)  
[‘e por um decreto público foi proibido que alguém navegasse’]

Em estágio mais tardio (de acordo com Martins século 15 no português) o marcador negativo passou a ser opcional:

- (076) “**Nenh~uu nom** mostrava que era famiinto” (Fernão Lopes, Crônica de D. João I. Freire, org 1997:270, apud Martins 2000:194)  
(077) “**Nenh~uu** poderá seer emlegido a semelhante honra” (Fernão Lopes, Crônica de D. João I. Freire, org 1997:373, apud Martins 2000:194)

Já nos Romances modernos, segundo Martins (2000:196) não existe uma língua que tenha o paradigma da obrigatoriedade da co-ocorrência do indefinido negativo pré-verbal com o marcador de negação sentencial e ainda a possibilidade de usar indefinidos negativos em contextos não negativos. Com certeza não é assim que se derivam as sentenças em português hoje.

No Português Europeu atual, os indefinidos negativos não podem co-ocorrer com o marcador negativo.

- (078) “**Ninguém** (\*não) sabe o que se passa” (Martins 2000:201)

O PE também não permite indefinidos negativos em contextos não negativos.

- (079) “\*Telefonou **ninguém**?” (Martins 2000:201)

Um outro fato que contribui para o entendimento das diferenças no comportamento dos indefinidos negativos e da negação dos romances antigos vs os modernos é que nos primeiros os indefinidos positivos podiam ocorrer em contextos negativos, Já nos segundos, perderam esta propriedade dos indefinidos positivos. (ver Martins 2000, página 211)

#### Português antigo

- (080) “**nom** era **algu~u** ousado de lhe tall cousa dizer (Fernão Lopes, Crônica de D. João I. Freire org.1977:6) (Martins 2000: 219 – apêndice).

Português moderno

(081) *A Maria não comprou nenhum livro* (Martins 2000: 211)

(082) \**A Maria não comprou algum livro* (Martins 2000: 211)

De acordo com Martins (2000), o fato de indefinidos positivos poderem ocorrer em contexto negativo nos romances antigos e não nos modernos sugere que eles evoluíram de *itens sub-especificado* ( $\alpha$ ) para os traços [*aff, neg, mod*] para *itens sub-especificado* ( $\alpha$ ) somente para os traços [*aff e mod*].

Martins (2000) considerou ainda que as prováveis evidências para a aquisição podiam ser: A competição entre os indefinidos negativos e positivos nos domínios não-negativos – contexto modal – faz deste contexto um ambiente de licenciamento menos saliente para os itens de polaridade negativa que os contextos negativos. Por outro lado, sendo os contextos negativos particularmente salientes para o licenciamento dos itens polarmente negativos, os indefinidos positivos ficam em desvantagem na competição com os indefinidos negativos.

Quanto à derivação entre as ordens dos indefinidos negativos e o marcador de negação, encontradas nos textos antigos, gostaríamos de retomar o seguinte fato teórico trazido por Martins (2000):

*“Zanuttini accounts for the interaction between the distribution of negation proper and the distribution of negative indefinites in Romance by assuming that there is variation across languages with respect to the strength of the neg features of Pol. In languages where the neg-features or Pol are strong (e.g Spanish and Portuguese), checking must take place before spell-out; in these languages either the negative marker or another negative element, such as a negative indefinite, will precede the verb. In languages where the neg-features of Pol are weak (e.g. French), checking takes place at LF; in these languages a negative element will not necessarily precede the verb.” (Zanuttini 1994: apud Martins 2000:204).*

Sendo assim, as variações seriam derivadas dos movimentos que poderiam acontecer antes ou depois de *spell-out*. De acordo com Martins, a ordem *n-word+neg+verbo* seria possível quando o *n-word* tivesse um traço não especificado ( $\alpha$ ) que, para significar *negação*, precisaria se harmonizar com um ambiente negativo, portanto precisaria da realização morfológica do marcador de negação. Esta ordem estaria presente em uma língua com harmonia negativa (nestas gramáticas as *n-words* poderiam ser usadas em ambientes não negativos), o que evidenciaria que ‘*não*’ é o responsável direto para contextualizar a negação, portanto seria a representação morfológica dos traços negativos do núcleo de Pol(aridade). Este seria o caso do *português antigo*.

Já a ordem *n-word+verbo* é ambígua, pois seria possível tanto nas gramáticas em que *n-word* tem **traço-neg (α)** como nas em que *n-word* tem **traço-neg (+)**. Como vimos, para o primeiro caso (**traço-neg α**), a ordem '*n-word+neg+V*' seria a que se encontra na derivação da sentença negativa, enquanto que '*n-word+V*' (sem o marcador de negação) poderia ser encontrada nos domínios não negativos. No segundo caso (traço-neg +), temos a checagem dos traços-neg + da *n-word* com os traços do núcleo de polaridade. Nessa gramática a ordem '*n-word+neg+V*' seria agramatical, uma vez que '*n-word*', sendo inerentemente negativo, não precisaria da realização morfo-fonológica dos traços do núcleo de Polaridade para a derivação do contexto negativo, em outros termos, não precisaria que a negação fosse morfologicamente realizada. Nesta gramática teríamos, portanto, o seguinte paradigma: '\**n-word+neg+verbo*' / '*neg+V*' / '*n-word+verbo*' / '*neg+verbo+n-word*'. *N-word* competiria com o *operador de negação*, portanto, quando '*não*' é lexicalizado, a palavra negativa (*n-word*) só poderá ter seus traços checados com os traços de PolP em LF, por conta do fato teórico de que núcleos com itens lexicais se tornam opacos para a checagem dos traços inerentes (ver Martins 1994). Assim o princípio *adie*<sup>67</sup> se aplicaria e a ordem *neg+verbo+n-word* seria a enviada a PF.

Considerando a hipótese de Martins (2000), a dupla negação em sentenças como (74) e (76), ou melhor, o fato de haver necessidade da presença do marcador de negação com o indefinido negativo pré-verbal nos romances antigos, é indício da natureza operacional e nuclear do marcador de negação sentencial. Também o fato do marcador de negação sentencial - '*não*' - estar sempre adjacente ao verbo, como vimos nas seções anteriores, nos leva a dizer que a negação em português possui um caráter 'flexional' por estar ligada à morfologia do verbo desde os primeiros documentos escritos em português. Talvez possamos dizer o mesmo para a afirmação e outras instanciações de polaridade – tais elementos fazem parte da morfologia do verbo ou de um outro constituinte da sentença, e podem estar realizados na acentuação ou na entoação da palavra ou da frase.

---

<sup>67</sup> Princípio que adia o movimento para LF.

Assim, considerando o caráter funcional e nuclear da negação voltemos à nossa reflexão sobre a colocação pronominal átona na história do português, a fim de fechar o quadro que nos levou a propor que o marcador de negação ‘não’ é invariável na história da língua.

A seguir, veremos questões sobre a tipologia dos *pronomes clíticos* bem como as leis que regem sua colocação nos domínios afirmativos e negativos.

#### **III.4 A tipologia dos pronomes e as diferenças na colocação pronominal nos domínios afirmativos e negativos: Fatos empíricos.**

Cardinaletti & Roberts (1991) argumentam que as línguas românicas antigas, assim como algumas línguas germânicas modernas (ex. o Alemão, o Holandês, o Islandês), tinham o pronome objeto clítico na segunda posição estrutural da sentença. Este tipo de pronome clítico ficou conhecido na literatura como *clítico 2* (CL2) e seu estatuto sintagmático seria de XP<sup>68</sup>. Ribeiro (1995), seguindo a análise de Cardinaletti e Roberts, procura captar o fato de que o sistema lingüístico para a colocação de clíticos no português arcaico tolera elementos clíticos que ocorrem em uma posição claramente independente da morfologia verbal e assume as conclusões dos autores de que uma língua que observa restrições à primeira posição (efeito da lei de Tobler-Mussafia<sup>69</sup>) tem uma posição independente para clíticos, a posição-Wackernagel<sup>70</sup>. A autora argumenta que além das propriedades de CL2 como o fenômeno da interpolação, o português antigo tinha também algumas características de língua

---

<sup>68</sup> Seguindo a teoria da gramática gerativa que divide os elementos de uma língua em categorias sintagmáticas e categorias nucleares, análises como as de Cardinaletti e Roberts (1991), Ribeiro (1995), Rivero (1994-1997), e Fontana (1996), os pronomes tônicos, assim como os sintagmas nominais, pertencem à categoria sintagmática, ou seja, representam um XP; já os pronomes clíticos (átonos) podem representar um XP no caso dos clíticos apenas fonológicos, ou um núcleo X<sup>o</sup> no caso de clíticos sintáticos que se afixam ao verbo na sintaxe.

<sup>69</sup> No século XIX dois estudiosos, Tobler e Mussafia, observaram que os clíticos pronominais de algumas línguas românicas jamais apareciam em primeira posição. Desde então, a restrição do clítico à primeira posição ficou conhecida como “lei de Tobler & Mussafia”.

<sup>70</sup> Wackernagel, filologista do século XIX, foi o primeiro a descrever em detalhes o fenômeno do clítico em segunda posição das línguas Indo-européias. As línguas que exibem esta 2a. posição especial para clíticos são conhecidas na literatura como seguidoras da lei de Wackernagel.

V2, a ordem VS, por exemplo, perdidas nas fases mais tardias/modernas desta língua.

As línguas como o português antigo que segundo Cardinaletti e Roberts (1991) e Ribeiro (1995) exibiam um padrão V2 e CL2 tinham o verbo e o clítico competindo pela segunda posição. Esta seria a razão pela qual nestas línguas o fenômeno da interpolação ser mais restrito e a vizinhança entre o clítico e o verbo ser mais estreita. Esta vizinhança estreita entre o clítico e o verbo seria o ponto de partida para a reanálise CL2 – clítico verbal (XP – X°) alterando assim a natureza tipológica do clítico e a sua colocação na frase.

Já para Martins (2002b, 2003a, 2003b), em toda a história do português os pronomes clíticos são verdadeiros clíticos verbais, ou seja, projeções mínimas (X°). A razão pela qual a autora, em seus trabalhos, decide rejeitar as hipóteses do PA como língua V2 e CL2 consiste no fato de haver uma diferença notória, no plano empírico, entre as línguas que tipicamente exibem CL2 e línguas como o português e o espanhol. Nas primeiras, os clíticos ocorrem na segunda posição linear, independentemente do tipo de constituinte frásico que os precede e da posição do verbo na frase. No português antigo – segundo Martins (2002b, 2003a, 2003b) – manifesta-se uma acentuada dependência entre o clítico e o verbo os quais só de forma bem restrita, e em contextos particulares, podem ocorrer não adjacentes.

Martins (2002b) argumenta em favor da proposta da natureza nuclear dos pronomes complementos acusativos, dativos e “se” no português e espanhol antigos, apontando o fato de nestas línguas os pronomes oblíquos “*en(de)*” e “*hi*” comportarem-se de maneira diferente dos pronomes *acusativos*, *dativos* e “*se*”, apesar de serem todos pronomes deficientes (na terminologia de Cardinaletti e Starke 1999).

Segundo Cardinaletti e Starke (1999) a clássica divisão bipartida das classes pronominais que apenas opunha pronomes tônicos (fortes) de pronomes átonos (clíticos) não dá conta de descrever o comportamento e as propriedades dos pronomes nas línguas, pois existem pronomes que apesar de se comportarem como sintagmas (DPs ou NPs) como os pronomes tônicos (fortes) também exibem propriedades de clíticos, como por exemplo, o pronome italiano *esse* (3a. pessoa nominativo feminino) que mesmo com traço de + humano não pode aparecer em construção de coordenação como o pronome

*loro* (também 3a. pessoa nominativo feminino), por exemplo:

(083) *Esse* (\*e *aquele* *accanto*) *sono troppo alte*.

(084) *Loro* (e *aquele* *accanto*) *sono troppo alte*.

Em contrapartida ‘*esse*’ não pode ser um clítico, pois não é prosodicamente dependente. Portanto os autores concluem que deve haver uma terceira classe de pronomes a qual chamaram – pronomes fracos.

Quanto às distintas propriedades semânticas, sintáticas e prosódicas das três formas pronominais (o pronome forte, o pronome fraco e o clítico) Cardinaletti e Starke (1999) propõem que decorrem: a) da natureza estruturalmente deficiente dos pronomes fracos e clíticos face aos pronomes fortes e tônicos – estando em causa o nível sub-lexical da estrutura sintática; b) do fato dos pronomes clíticos serem núcleos (X°), enquanto as restantes formas pronominais são projeções máximas. c) de os clíticos, por oposição às restantes formas pronominais, carecerem de acento de palavra, sendo, portanto prosodicamente dependentes.

Do caráter estruturalmente deficiente dos pronomes fracos e clíticos decorrem ainda três tipos de limitação que os afetam: não podem introduzir novos referentes; não podem ser coordenados, não podem ser modificados.

Martins argumenta que tanto os *pronomes dativos, acusativos* e ‘*se*’ do PA quanto os pronomes “*i*” e “*en(de)*” apresentam estas propriedades comprovando sua natureza deficiente, porém:

1. Em orações subordinadas os pronomes acusativos, dativos, e ‘*se*’ como clíticos nucleares sempre ocorrem proclíticos ao verbo. Já “*en(de)*” e “*i*” variam sua posição: tal como os pronomes fortes, podem ocorrer quer em posição pré-verbal, quer em posição pós-verbal.

2. Somente os pronomes clíticos X° podem ocorrer entre a negação e o verbo. Os pronomes acusativos, dativos e ‘*se*’ sempre puderam ocorrer entre a negação e o verbo em português e espanhol enquanto “*en(de)*” e “*i*” não.

3. Verdadeiros clíticos não podem ocorrer afastados do verbo em estrutura com ênclise. É o que se atesta para os pronomes acusativos, dativos e 'se' e não é o que se atesta com "en(de)" e "i":

(085) "... E filaru li illos **inde** VI casales.... (Notícia de Torto, 12-13)" (Castro, 1991:232 apud Martins, 2002b:6 ex.: 28).

4. Clíticos X° podem ocorrer em mesóclise: Os pronomes acusativos, dativos e 'se' no português e espanhol antigos podem ocorrer em mesóclise (entre o verbo e seu afixo no futuro do condicional), já "en(de)" e "i" não ocorrem em mesóclises.

5. "en(de)" e "i" não seguem a lei "Tobler-Mussafia" para os clíticos, os outros sim.

6. Quando ocorre mais de um clítico eles se agrupam, o que podemos evidenciar com os pronomes acusativos, dativos e se mas não com "en(de)" e "i":

(086) "... - Señor por qué **me lo** non dices?... (Calilae Dimna)" (Rivero, 1991:245. Apud: Martins, 2002b:8)

(087) "... e ele **se** maravilhou **ende** muito (Diálogos de São Gregório)" (Teyssier, 1982:173. Apud: Martins, 2002b:8))

Desta maneira, Martins (2002b) conclui que, contrariamente aos pronomes 'hy' e 'ende', os pronomes *acusativos*, *dativos* e 'se' em PA têm o comportamento de verdadeiro clítico segundo a terminologia de Cardinaletti e Starke (1999) e representam um núcleo e não um sintagma, e por isso devem se comportar e se mover como núcleos. Entretanto, sabemos que a interpolação de XPs é derivada nos contextos categóricos de próclise no PA, e bastante freqüente.

Porém, a relação entre a estrutura sintagmática X° e XP e o comportamento do clítico, verbo-nuclear ou periférico (CL2), não é necessária. Há línguas em que o clítico está claramente independente da morfologia do verbo e ainda assim é nuclear. Martins (1994), por exemplo, propõe que a colocação dos clíticos nas línguas românicas depende da natureza da categoria funcional  $\Sigma^\circ$ , situada na estrutura frásica entre CP e AgrSP: morfologicamente



“forte” ou “fraca”; e com ou não conteúdo lexical. A autora assume, seguindo Kayne (1991, 1993), que os clíticos são **núcleos** que se movem de sua posição de base para uma posição de adjunção à esquerda de um núcleo de tipo flexional disponível, não existindo uma posição funcional especial para clíticos. E propõe, tendo em conta as atuais línguas românicas, que em estruturas com próclise o clítico e o verbo estariam ambos incorporados em **AgrS°**. No entanto, nas frases com interpolação no PA não poderia ser este o caso, visto que um ou mais elementos que são projeções máximas intervêm entre o clítico e o verbo. Martins (1994), assumindo que o verbo sobe para **AgrS°** (sendo os *traços-V* de **AgrS** invariavelmente fortes na história do português), propõe que os clíticos em estruturas com interpolação estariam incorporados em  $\Sigma^\circ$ . Para a autora, não poderiam estar incorporado em  $C^\circ$ , pois, considera que existiria a possibilidade de ocorrer algum constituinte frásico entre o elemento  $C^\circ$  e o clítico.

Segundo esta análise, o PA diferiria do PE no fato de o núcleo  $\Sigma^\circ$  acolher os clíticos. Todavia, a interpolação é opcional no português antigo, o que para Martins (1994) seria uma evidência de que haveria duas posições para o clítico no PA, **AgrS°** e  $\Sigma^\circ$ . No português moderno, pelo contrário, o clítico estaria necessariamente em **AgrS°**.

Ou seja, os clíticos podem compartilhar traços com um núcleo hospedeiro diferente de  $I^\circ$  (no caso **AgrS°**) e ainda assim ser nuclear.

A argumentação de Martins (2002b) de que os pronomes acusativos, dativos e se são verdadeiros clíticos ( $X^\circ$ ), e, não pronomes *fracos* (XP), é bastante convincente, pois traz evidências empíricas fortes. Percebemos, no entanto, que a dependência entre o *clítico* e o *verbo* mencionada pela autora é relativa, uma vez que, sob certas condições, o pronome clítico pode não estar linearmente adjacente ao verbo, como nos casos com interpolação de XPs no português e espanhol antigos.

Também Rivero (1997) não focaliza a questão do estatuto sintagmático dos pronomes oblíquos para explicar as diferenças do seu comportamento nas línguas. Sua argumentação é centralizada no fato de que a gramática universal (GU) deva disponibilizar na estrutura da oração duas projeções funcionais responsáveis pelo direcionamento dos pronomes clíticos: uma posição orientada pelo complementizador ( $C^\circ$ ), c-orientada, e outra, orientada por INFL ( $I^\circ$ ), i-

orientada. A propriedade de ser c-orientado ou i-orientado derivaria as diferenças na sintaxe dos pronomes clíticos. Rivero (1997) ainda ressalva a possibilidade de haver línguas mistas. Assim, de acordo com a autora, os antigos romances, como o português e o espanhol, tinham um sistema misto para os clíticos. Os clíticos podiam estar relacionados ora com o verbo ora com o complementizador. Vejamos os seguintes exemplos do *espanhol antigo* em que temos nas orações subordinadas tanto o clítico adjacente ao verbo quanto o fenômeno da interpolação:

(088) “E si el mejor **lo** faze – dixo el rey -, em qué lo poderemos nos castigar?” (Rivero, 1997:171)

(089) “Seméjame que **vos** tienen en estruchura, si Dios non vos ayuda” (Rivero, 1997:172)

(090) “Si **lo** el rey por bien toviere, mándame queimar” (Rivero, 1997:172)

(091) “E grand derecho sería que me matases ....., si **me** de ti non guardase.” (Rivero, 1997:172)

Rivero (1997) nota que o uso do sistema c-orientado para os clíticos no espanhol antigo se restringe às orações subordinadas. Em orações principais existiria uma preferência ao sistema i-orientado, evidenciada pela dependência do clítico em relação ao verbo nas orações raízes. Nesse ambiente, na ausência de um operador, a interpolação nunca é registrada. O mesmo comportamento é atestado no português arcaico por Martins (1994).

Para uma comparação com sistemas atuais veremos a seguir, na seção III.4.1, a colocação pronominal átona no servo-croata, que representaria um sistema c-orientado para os clíticos, segundo Rivero (1997), e no búlgaro que representaria um sistema i-orientado para os clíticos, conforme Rivero (1997).

### **III.4.1 A negação sentencial nos diferentes sistemas tipológicos de clíticos:**

#### **O servo croata e o búlgaro**

Como vimos, Rivero (1997), dentro da teoria gerativa, argumenta que a gramática universal (GU) disponibiliza na estrutura da oração duas projeções funcionais responsáveis pelo posicionamento dos pronomes clíticos: uma posição orientada pelo complementizador (C°), c-orientada, e outra, orientada pelo verbo (I°), i-orientada. Portanto os clíticos podem ser **lexicalmente**

**relacionados** (L-relacionados) com o verbo ou relacionados com o complementizador. Portanto, de acordo com esta hipótese, os clíticos das línguas i-orientadas deverão ser dependentes do verbo e integrados a ele, enquanto que os clíticos das línguas c-orientadas não.

De acordo com Rivero (1997), o búlgaro é uma língua que tem um sistema i-orientado para os clíticos e que obedece às restrições da lei Tobler-Mussafia<sup>71</sup> (doravante T-M), lei que impede que um pronome átono apareça em primeira posição. Em búlgaro o clítico está sempre dentro dos domínios de IP, tanto em orações raízes quanto em orações encaixadas, portanto, sempre adjacente ao verbo, ora antecedendo-o (cIV) nas orações encaixadas e negativas, ora seguindo-o (#Vcl) nas orações raízes afirmativas V1 (quando o verbo aparece em 1a. posição).

(092)

a) cêtes **ja**.

Lê -lo

b) \***ja** cêtes.

(Rivero 1994:106)

(093)

a) ne **ja** cêtes.

Não o lê.

b) \*ne cêtes **ja**.

(Rivero 1994:106)

(094)

a) Ako toj burzo **go** *napravi*, ....

Se ele rápido o fizer, ....

b) \*Ako **go** toj burzo *napravi*

(Rivero 1997:173)

Segundo Rivero (1997), as sentenças com o clítico inicial são agramaticais em búlgaro por não satisfazerem às restrições de T-M.<sup>72</sup> As frases com ênclise em

<sup>71</sup> Cf. Página 199, Nota 69.

<sup>72</sup> Rivero (1997) apresenta uma reinterpretação sintática da lei fonológica de Tobler & Mussafia representada da seguinte forma: \*[IP CL [I Vi] [VP ti]]. Ou seja, o clítico não pode ser o primeiro elemento em IP quando IP é inicial.

búlgaro indicam, para a autora, que o verbo se move para fora de IP (para CP) e se torna o licenciador morfológico para o clítico, uma vez que o IP é agora o domínio interno de CP:

(095) [CP C' [C Vi] [IP CL [I ti] [VP ti]]]

Em búlgaro a interpolação de elementos entre o clítico e o verbo não é uma opção gramatical: há dependência absoluta do clítico em relação ao verbo. No entanto Rivero (1997) argumenta que em fases mais antigas o búlgaro permitia a não adjacência entre o clítico e o verbo. Desta maneira o búlgaro teria origem em um sistema c-orientado para os clíticos que na sua história foi reanalisado como um sistema i-orientado.

O servo-croata por sua vez, ao contrário do búlgaro, tem um sistema c-orientado para os clíticos. Portanto com independência morfológica do verbo e com as propriedades Wackernagel (CL2)<sup>73</sup>. Segundo Rivero, em servo-croata o clítico ocupa sempre a segunda posição na frase independentemente do tipo de oração.

(096)

a) citate **je**

ler<pres, 2p, pl> lo

“Estão lendo-o”

b) \***je** citate

(Rivero, 1994:109)

(097)

a) ne citate **je**

ler<pres, 2p, pl> lo

“não estão lendo-o”

b) \*ne **je** citate

(Rivero, 1994:109)

(098) Ivan kaze, da **nam** Olga nesto *dovikuje*.

Ivan diz, que nos Olga alguma coisa fala.

“Ivan diz, que Olga nos fala alguma coisa”.

(Rivero, 1994:111)

---

<sup>73</sup> Cf. Página 199, Nota 70.

(099) citajte **je!**  
 ler<IMP, 2p, pl> lo  
 “Lêem-no!”  
 (Rivero, 1994:109)

(0100) citate li **je?**  
 ler<pres, 2p, pl> Qu lo  
 “Estão lendo-o?”  
 (Rivero, 1994:110)

O pequeno paradigma acima é suficiente para se perceber que, em servo-croata, a ênclise pode ser atestada em sentenças afirmativas, negativas e interrogativas. Nas subordinadas atesta-se a adjacência C° e CL. Estes são os fatos que comprovam a hipótese de Rivero (1997) que o clítico no servo-croata ocupa a segunda posição independente do tipo de oração.

Focalizando os domínios negativos, Rivero (1997) atesta que em búlgaro o verbo segue o clítico nas orações negativas – ‘*neg-cl-V*’ – e esta seria a única ordem gramatical. Segundo Rivero NEGP toma IP como complemento propiciando uma configuração que satisfaz os requerimentos morfológicos do clítico:

(0101) [NegP Neg [IP CL [I Vi ] [VP ti]]]

Tendo o búlgaro um sistema I-orientado que obedece às restrições de T-M esta configuração indica, para a autora, o caráter independente da negação em relação ao verbo.

Já em servo-croata, contrariamente ao búlgaro, Rivero (1997) constatou que os clíticos ou seguem o complexo *neg+verbo* (*neg-V-cl*), ou o precedem (*cl-neg-V*). Tendo o servo-croata um sistema c-orientado, de acordo com a análise de Rivero, o fato da ordem ‘*neg-cl-V*’ não ser possível corrobora tanto a hipótese do clítico independente quanto a hipótese de que Neg, nesta língua, está mais estreitamente relacionado com o verbo. Uma vez que as únicas ordens gramaticais em servo-croata são ‘*X-cl-neg-V*’ e ‘*neg-V-cl*’, sendo a ordem ‘*\*neg-cl-V*’ agramatical, pode-se supor que, em servo-croata, ‘*Neg*’ e ‘*V*’ formam um complexo. Rivero (1997) explica as ordens nas orações negativas em servo-croata pelo caráter ‘clítico’ da negação nesta língua.

Assim como no servo-croata, os dados do português e as reflexões trazidas neste trabalho sugerem fortemente um caráter dependente para a negação sentencial em relação à morfologia do verbo em português. Esta hipótese é corroborada pelo fato de nada, a não ser um pronome clítico poder intervir entre a negação e o verbo. Porém, ao contrário do servo-croata, os pronomes clíticos do português possuem uma acentuada dependência com relação verbo mesmo nas fases antigas da língua, quando o fenômeno da *interpolação generalizada* era possível, revelada por esta propriedade de sempre terem podido se posicionar entre a negação e o verbo (cf. Martins, 2002b). Como veremos a seguir, em III.4.2.

### III.4.2 De volta ao português

De acordo com a descrição da colocação dos pronomes ‘*hy*’ e ‘*en(de)*’<sup>74</sup> de Muidine (2000) e Martins (2002b, 2003a, 003b) estes não podem ser enquadrados na categoria de pronomes fortes, uma vez que não podem introduzir novos referentes, tão pouco admitem coordenação. Como mostra Muidine (2000) (retomado em Martins, 2002b), os referidos pronomes são necessariamente presos a um antecedente discursivo e, ainda que se mantenha constante o contexto discursivo, os pronomes *ende* e *hy* dão lugar a pronomes fortes antecidos de preposição sempre que existe coordenação entre dois elementos verbais oblíquos:

(0102) “E uos lalyades a dyta ujnha (...) e que ffacadess y Algo pêra uoss e pera noss (Lx, 1294)” (Martins 2002b:04)

(0103) “(...) das ditas herdades e quintãa e Casal dela (...) que daqui adeãte façom o ouuesse o dito Mosteiro liureme~te e e~ paz e fezesse **ende** o que lhj aprouesse sem e~bargo seu ne~hu~u (NO, 1339)” (Martins 2002b:04)

(0104) “(...) nas sobredictas Casas cõ seu quintãal (...) e façã **dellas he em ellas** o que quiser come de ssua coussa propia (NO, 1397)” (Martins 2002b:04)

Martins (2002b, 2003a, 2003b), assim como Muidine (2000), compara a distribuição de *hy* e *ende*, por um lado, e dos pronomes acusativos, dativos e ‘se’ por outro, a fim de determinar se pertencem a uma mesma classe tipológica

---

<sup>74</sup> Existe um grande leque de variação gráfica destes pronomes nos textos portugueses, ‘*hy*’ pode vir grafado como *i*, *hi*, *hj*, *hji*; ‘*ende*’ varia graficamente com *en*, *emde*, *inde* ...

ou a classes diferentes. Segundo Muidine, os pronomes ‘hy’ e ‘en(de)’ só podem ter colocação pré-verbal diante de um operador (condicionadores de próclise obrigatória), ou seja, contextos em que se atesta categoricamente a próclise dos pronomes *acusativos*, *dativos* e ‘se’ (verdadeiros clíticos). No entanto a colocação de *hy* e *ende* não é equivalente à dos *clíticos acusativos dativos* e ‘se’, pois podem ocorrer em posição pós-verbal nos domínios subordinados finitos afirmativos: “*Nas orações subordinadas finitas afirmativas, os pronomes i e en(de) não tem a mesma distribuição sintática que os clíticos acusativos e dativos, visto que tanto podem encontrar-se em posição pré-verbal, aproximando-se destes, como podem encontrar-se em posição pós-verbal, em contraste com o comportamento dos clíticos acusativos e dativos*” (Muidine, 2000:56).

Desta forma, a autora conclui que os pronomes oblíquos *hy* e *ende* não partilham das mesmas propriedades dos pronomes *acusativos*, *dativos* e ‘se’, pois, ao contrário destes últimos, podem variar sua posição nas orações dependentes e negativas tal como os pronomes fortes. Em orações subordinadas *hy* e *ende* podem ter ou colocação pré-verbal, ou pós-verbal.

(0105) “Das quaes coussas o dito (...) Martim dominguiz queixada pediu a mj~que **lhy** desse **ende** hu~u testemoyo (Lx, 1294)” (Martins 2002b:04)

(0106) “E ffaço o Abade dõ me~e~do testamenteyro desta mj~a mãda que page mj~a mãda e Todas mj~as diuidas per Todo meu Auer quanto **mj ende** Achar tâbe~ pelo mouil como pela Rayz (NO, 1275)” (Martins 2002b:05)

Este traço comum entre os referidos pronomes oblíquos e os pronomes fortes decorre, segundo Martins, da natureza de projeções máximas (XPs) de uns e outros, e está de acordo com a classificação de *hy* e *ende* como pronomes fracos (e não clíticos).

Todavia, nas orações não dependentes os pronomes *hy* e *ende* geralmente têm colocação pós-verbal no PA, mas, como os pronomes *acusativos*, *dativos* e ‘se’, podem ocorrer em posição pré-verbal nas orações introduzidas por advérbios como ‘logo’:

(0107) “..., E logo **hy** pareço Rodrige alvarez pescador morador na dicta cidade (Lx, 1483, p536)” (Muidine, 2000:28)

Já, nos domínios negativos, contrariamente aos demais advérbios, ‘*não*’ não influencia a colocação dos pronomes fracos “*hy*” e “*en(de)*”.

Como atesta Muidine (2000), diferentemente do que acontece com os clíticos, a negação não influencia a colocação dos pronomes “*hy*” e “*en(de)*”. Estes nunca podem ocorrer entre a negação e o verbo, ou seguem o complexo ‘neg-V’ ou o precedem. Tais pronomes têm colocação pós-verbal nas orações não dependentes *XV e VI* negativas – ‘neg-V-**hy**ende’. Nos contextos de próclise obrigatória (orações subordinadas ou matrizes introduzidas por operador proclisador), o ‘*não*’ se encontra sempre adjacente ao verbo, o pronome fraco ou precede o complexo ‘neg-V’ – ‘**hy**ende-neg-V – ou o segue – ‘neg-V-**hy**en(*de*)’. Vejamos alguns exemplos do paradigma da colocação de ‘*hy*’ e ‘*ende*’ nos domínios negativos, repetidos de Muidine (2000):

(0108) “... *n~e* fizerõ **ende** *n~uca* áá Séé do portu treuudo nh~enhúúm” (NO, 1285, p.43)” (Muidine 2000:26)

(0109) “...e por dizimas que **hy** *nõ* pagei compridamente como deura. ...” (NO 1317, p.179)” (Muidine 2000:58)

(0110) “Que *n~eh~uu* cavalejro *n~e* outro hom~e *nõ* aia maladia en coutos dos Moesteiros *n~e* das Egreias. se **hi** *nõ* ouuerem Quintáá ou herdade dauo~ega (NO, séc. XII-XIV, p. 156)” (Muidine, 2000:58)

(0111) “E dem e pagem de fforo E penssom da dicta vinha E da dicta cassa E do dicto oliuall sseçentos E quarenta Reaes brancos E quatro galinhas Em cada *h~uu* ano ssaluo deste primeiro ano que nõm pagarom mais de duz~etos Reaes E *h~uu* par de galinhas porquanto **hji** *nõ* há noujdade no dicto oliuall ffazendo lhe pagam~eto de todo (Lx, 1466, p.517)” (Muidine, 2000:59)

(0112) “(...) en represas (...) e deziã por sy e por o Conu~ento a esse Juiz que *nõ* desse **hj** sentença que contra eles fosse *n~e* sobre o sseu herdamento ca *n~uca* esta demãda fforõ *n~e* seu procurador e cousa que *hj* fosse feyta ou procurada que lhis *nõ* enpeeçesse ca ó contradizia moy b~e (NO, 1310, p.170)” (Muidine, 2000:58)

Deste modo a negação não influencia a posição dos pronomes deficientes ‘*hy*’ e ‘*ende*’. O fato de estes pronomes fracos jamais intervirem entre a negação e o verbo (\*...neg-**hy**ende-V’) corrobora fortemente a hipótese de ‘*não*’ ser uma espécie de clítico verbal.

Segundo Martins (2002b:05), *é conhecida e bem sustentada a generalização de que nas línguas românicas só elementos de natureza clítica (X°) podem ocorrer entre o marcador de negação predicativa (pré-verbal) e o verbo.*

Considerando, seguindo a argumentação de Muidine (2000) e Martins (2002b, 2003a, 2003b), que o PA tinha uma classe de pronomes fracos - ‘*hy*’ e



‘en(de), e que o comportamento destes pronomes nos domínios negativos revela o *caráter clítico* de ‘*não*’(X<sup>0</sup>), uma vez que jamais ocorreram entre a negação e o verbo’, concluímos que as ordens encontradas só podem ser derivadas devido ao caráter nuclear de ‘*não*’ e dos pronomes acusativos e dativos em face ao caráter sintagmático de ‘*hy*’ e ‘*en(de)*’.

O fato de nem mesmo os pronomes fracos como ‘*hy*’ e ‘*en(de)*’ poderem se colocar entre o ‘*não*’ e o verbo comparado ao fato de os pronomes ‘clíticos’ poderem ocupar esta posição, também sugere fortemente um estatuto nuclear para os pronomes acusativos, dativos e ‘*se*’. É regra conhecida e atestada que não há a possibilidade de intervenção de qualquer XP entre o ‘*não*’ e o verbo. Estes ocorrem sempre amalgamados em português formando um complexo. No entanto os pronomes *acusativos*, *dativos* e ‘*se*’ sempre puderam ocorrer entre a negação e o verbo, o que só pode ser explicado devido ao seu caráter de clítico nuclear - *verdadeiro clítico*, como argumenta Martins (2002b).

Concordamos com Martins (2002b) quanto ao caráter de *clítico nuclear* para os pronomes *acusativos*, *dativos* e ‘*se*’. E para explicar o fenômeno da interpolação no PA teremos que assumir que os clíticos pronominais podiam ter como hospedeiro um X<sup>0</sup> diferente do núcleo onde se hospeda o verbo. Propomos que no PA o pronome podia se afixar ao núcleo mais alto na estrutura oracional – C<sup>0</sup> ou  $\Sigma^0$  (a depender da oração) – independentemente da subida do verbo para estes núcleos (**cf. capítulo quarto**). Não podemos considerar que a interpolação dos constituintes do sintagma verbal entre o pronome e o verbo no PA seja igual, ou da mesma natureza, da interpolação do servo-croata e de outras línguas germânicas que possuem pronomes objetos que podem ser considerados pronomes fracos (XP) na tipologia tripartida de Cardinaletti e Starke. Se assim fosse, esperaríamos que os pronomes *acusativos*, *dativos* e ‘*se*’ se comportassem como os pronomes ‘*hy*’ e ‘*en(de)*’ - não podendo se interpor entre a negação e o verbo. As ordenações encontradas seriam: ‘*neg-verbo-cl*<sup>75</sup>’ nas orações raízes e ‘*cl-(X)-neg-verbo*’ nas orações

<sup>75</sup> Martins, em comunicação pessoal, revelou que nas localidades do Alvor (no Algarve) e em Camara de Lobos (na Madeira) existe a possibilidade de ênclise com negação. Entretanto, estes dialetos não apresentam uma generalização da ênclise, como seria óbvio supor, já que existe esta tendência em outras localidades. Tomo o caso do Alvor e de Câmara de Lobos, não como um contra argumento à proposta que desenhamos neste capítulo, mas mais como uma evidência a favor. ‘*NegV-cl*’, no português regional atual, deverá refletir uma afixação da negação ao verbo e não a independência do clítico com relação ao complexo verbal.

dependentes, como no servo-croata.

Assim, juntamos as peças que contribuem para nossa proposta de que o pronome clítico e o operador de negação sempre foram clíticos nucleares na história do português sendo as propriedades de clítico e de núcleo responsáveis pela possibilidade da ordem ‘neg-cl-V’ atestada em todos os períodos.

### **III.5 Resumo e perspectivas**

Os dados da colocação pronominal nos domínios negativos revelaram algo bastante intrigante quanto às mudanças na sintaxe dos pronomes clíticos. Consideramos que há dois momentos em que podemos enxergar mudanças na língua de Portugal e dois fenômenos envolvidos no que tradicionalmente chamamos de interpolação. Esses pontos estão bem resumidos em Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006:61):

*“De um lado, a interpolação de constituintes generalizados do sintagma verbal é própria das orações dependentes, com contigüidade (C-cl). Esse fenômeno reflete a preferência do clítico por uma posição adjacente à conjunção subordinante, e é característico da gramática arcaica – e não da gramática média. Os poucos casos que se atestam nos textos até o início do século 16 são resquícios da gramática mais antiga, como efeitos da competição de gramáticas.”*

*“De outro lado, a interpolação da negação é consequência do caráter clítico da negação em relação ao verbo – e isso se aplica tanto à gramática arcaica, como à gramática média. Seu aparecimento em contextos não-dependentes e a possibilidade da não-contigüidade entre o clítico e o elemento subordinante evidenciam este caráter peculiar da negação. A propriedade clítica da negação é que teria possibilitado que este elemento continuasse a ser interpolado entre o clítico e o verbo, mesmo na gramática do Português médio.”*

Nosso objetivo, neste capítulo, foi reunir todo um conhecimento sobre a negação sentencial a fim de entender as derivações sintáticas nos domínios negativos e a natureza do marcador de negação ‘*não*’ na história da escrita portuguesa descrita na literatura lingüística.

Nossa proposta de reflexão se baseia numa intersecção das visões de Mioto (1992) e Martins (1994), para capturar: (1) o fato de o ‘*não*’ sempre ter estado amalgamado ao verbo, ou seja, nenhum elemento, a não ser os pronomes clíticos, pôde ocorrer entre a negação e o verbo em toda a história do português; (2) derivar a possibilidade da variação histórica ‘C-cl(X)-negV’ / ‘(C)-X-clnegV’ / ‘(C)-(X)-negclV’; (3) a possibilidade do ‘*não*’ ser instanciado sozinho, licenciando a elipse: “*O João viu a sua mãe mas Paulo não --* [ viu sua

mãe]”; (4) O padrão de resposta a perguntas ‘sim/não’: “*Você tem visto o João?*”  
*Não* ( $\emptyset$ , *tenho visto*) / “*Você tem visto o João? Tenho #SIM.*”

Vimos que a negação opera do mesmo modo que a afirmação e a interrogação – ou seja, os outros pólos informacionais – com relação ao seu escopo e ao foco, o que sugere um caráter funcional para NEG.

Existem outras evidências de que a negação se constrói funcionalmente. Miotto (1992) argumenta que uma palavra negativa não é suficiente para determinar que temos uma sentença negativa: “\**João negou que a Maria viu nada*”.

A presença do operador de negação ‘não’ é fundamental para licenciar o contexto negativo. No PA, por exemplo, os indefinidos negativos, mesmo quando pré-verbais, precisavam co-ocorrer com o marcador de negação sentencial, por não serem inerentemente negativos. No PE e no PB os indefinidos, mesmo sendo inerentemente negativos, precisam co-ocorrer com o operador de negação ‘não’ quando estão pós-verbais.

- (0113) PA: “*Nenh~uu nom mostrava que era famiinto*” (Fernão Lopes, Crônica de D. João I. Freire, org 1997:270, apud Martins 2000:194)  
(0114) PE: “*A Maria não comprou nenhum livro*” (Martins 2000: 211)  
(0115) PB: “*A Maria não viu nada*”

Estes fatos reforçam a concepção da negação como um elemento funcional e tornam fortes as evidências para uma categoria do tipo  $\Sigma P$ .

Por outro lado, exploramos a argumentação de Miotto (1992) que mostra que o processo de incorporação de NEG e V através do movimento dos núcleos verbais inferiores para NEG<sup>o</sup> é capaz de derivar todos os fenômenos envolvendo a negação sem ter que postular uma categoria extra abaixo de IP só para derivar um movimento clítico. Seguindo a argumentação de Miotto, Neg acima de IP pode licenciar a Elipse do IP e ainda receber o complexo verbal.

Somando os fatos, defendemos a idéia de que a negação, em todas as fases do português, é a realização morfológica do núcleo de  $\Sigma P$  na sua instanciação negativa. Ao contrário do que propõe Martins (1994), afirmamos que só existiu um operador de negação em toda a história da escrita portuguesa: a negação em  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup>. Seguimos em favor da hipótese de que o ‘não’ sempre foi um elemento flexional, situado nesta categoria funcional que carrega o

conteúdo informacional acima de IP, mas do tipo +I.

Como já vimos na argumentação de Miotto (1992), nesta idéia o ‘*não*’ e o ‘verbo’ formam um complexo resultante de um processo de incorporação. Sabemos que a incorporação é obrigatória se um dos elementos for um afixo, pois existem restrições quanto à incorporação quando os núcleos adjacentes são núcleos lexicais plenos (Baker, 1988). Vimos o exemplo de Miotto com o verbo ‘*ter*’ e o *particípio* em que há a possibilidade de intervenção de advérbios como ‘*sempre*’ entre eles: “A Maria tem sempre visitado os amigos”. (Miotto 1992:102). Já: “\*Eu não sempre visito a Maria” não é uma construção possível em nenhum português.

Para completar o quadro da relação de dependência ‘neg’ e ‘verbo’, lembremos que o ‘*não*’, apesar de sempre ter sido um desencadeador de próclise obrigatória em português, jamais foi capaz de desencadear a interpolação de XPs, como os demais advérbios proclisadores.

Em análises como a de Martins (1994, 2002b, 2003a, 2003b, 2005, entre outros trabalhos), em frases negativas com a ordem ‘não-clítico-verbo’, ‘*não*’ está contido em  $\Sigma$ , o verbo e o clítico em AgrS. Neste tipo de frase esperaríamos que a interpolação de XPs fosse possível no português antigo, uma vez que os constituintes movidos por *scrambling* ocupam posições de Spec AgrS (Cf. Martins 2002b, 2003a, 2003b, 2005). No entanto a interpolação de XPs jamais se registrou neste contexto. Tal situação decorre, segundo Martins, da inviolabilidade de uma condição de adjacência entre ‘*não*’ e o ‘verbo’ – adjacência só interrompida por clíticos. Sob esta condição nada mais foi dito.<sup>76</sup>

Sendo assim, não nos restam dúvidas de que a incorporação de ‘*não*’ ao verbo é obrigatória. Entretanto, Miotto (1992) considera difícil defender a idéia de ter o ‘*não*’ como afixo, recorrendo desta maneira à idéia de que este item é um clítico e é desta propriedade que vem a capacidade da negação sofrer um processo de incorporação, isto é, de atrair o complexo verbal formado abaixo dela.

---

<sup>76</sup>

Cito as palavras de Martins (2002 – texto inédito):

“Em frases negativas com a ordem “*não-cl-verbo*”, *não* está contido em  $\Sigma$ , enquanto o verbo e o clítico estão incorporados em AgrS. Neste tipo de frases, esperar-se-ia que a interpolação (de XPs) fosse possível, dado que os constituintes movidos por *scrambling*, de acordo com a proposta que apresentei, ocupam posições de Spec-AgrS. No entanto a interpolação nunca ocorre nestas frases. Tal situação decorre da inviolabilidade de uma condição de adjacência entre *não* e o verbo - adjacência só interrompida por clíticos. Sobre esta condição nada tenho a dizer.” (Martins, 2002, páginas 28-29).

No entanto, a idéia de termos a negação como um afixo, mais exatamente prefixo no português, foi explorada recentemente por Santos (2005), em uma outra linha teórica.

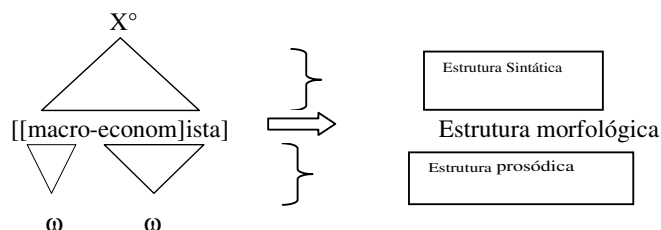
Santos (2005), dentro do quadro teórico funcionalista, defende a idéia do ‘não’ como prefixo no português brasileiro. Seus principais argumentos giram em torno da possibilidade de termos a palavra ‘não’ antecedendo imediatamente e negando um substantivo, ou um adjetivo ou um particípio. Estes não são casos de negação sentencial.

No que diz respeito à negação de categorias nominais, Miotto (1992) assume, em uma nota, que a negação que antecede um elemento [+N] não pode ocupar Neg<sup>o</sup> apesar de conservar o seu valor semântico, tão pouco pode ser clítica. No entanto acredito que caberia aqui a idéia da negação de categorias [+N] ser paralela ou derivar da negação sentencial.

A idéia do prefixo é interessante, porém é difícil sustenta-la pela razão do operador de negação ‘não’ licenciar uma categoria vazia, como nos casos de elipse.

Todavia, Vigário (2003) mostra que prefixos acentuados podem licenciar a elipse do seu NP em estruturas de coordenação, por exemplo: “sílabas pré-tônicas e pós-tônicas” vs “sílabas pré e pós-tônicas” – a autora argumenta que o apagamento é possível porque prefixos como ‘pré’ e ‘pós’, ‘macro’ e ‘micro’, entre outros, têm o contorno entoacional de uma palavra prosódica. De acordo com Vigário (2003) palavras como ‘macro-economista’ tem as seguintes representações *sintática, morfológica e prosódica*:

(0116)



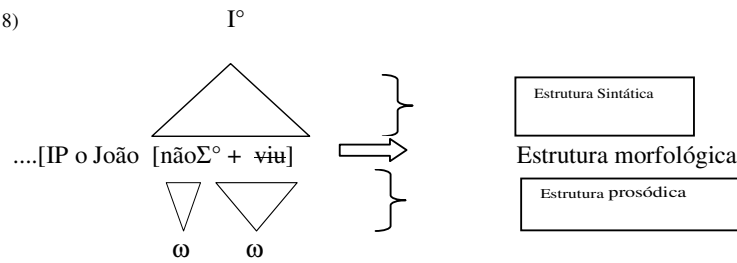
Vigário (2003) conclui que apenas prosodicamente se pode identificar constituintes independentes, fato que leva a autora a dizer que a explicação para derivar elipses como “macro e micro-economista” é de cunho prosódico,

uma vez que somente uma análise prosódica nos permitirá manipular essas unidades independentemente.

Proponho transferir esta idéia para a negação. Considerando que a negação é incorporada ao elemento negado (no caso da negação sentencial – o verbo) e que tem um acento próprio, ‘não’ será prosodicamente independente do núcleo lexical de seu sintagma fonológico – o verbo. Portanto, o apagamento do núcleo lexical será possível quando recuperável no contexto. Neste ponto podemos fazer a analogia com a proposta de Vigário (2003) para ‘macro-economista’:

(0117) O Paulo viu a Maria ontem mas o João não <sub>(viii)</sub>

(0118)



O mesmo raciocínio podemos aplicar à resposta negativa mínima.

(0119) O João viu a Maria? Não.

Aqui basta a idéia da necessidade da incorporação. Dar o nome de *clítico*, *afixo* ou *partícula negativa* vai depender da concepção do que seja cada um destes elementos.

No entanto, o caráter de *clítico* para ‘neg’ pode ser revelado nas construções em que normalmente teríamos um ‘*clitic-climbing*’ nos domínios afirmativos em PE, e, por conta da presença do operador de negação a subida do clítico fica impedida (cf. Costa, 2004; também Mito, 1992, para o PB).

(0120) Eu devo **não** ver o Pedro

b. Eu devo **não** o ver

c. \*Eu devo-o **não** ver

(Costa, 2004)

Segundo Mioto (1992), tal fato deriva de ambos, a negação e o pronome, compartilharem traços de clítico, pois de acordo com o autor, não basta partilharem traços de núcleo para bloquear a subida do clítico. Para corroborar esta proposta, vimos, na seção III.4 (argumentação resumida de Martins, 2002b, 2003a), que quando há a presença de dois clíticos em um mesmo domínio, estes devem ocorrer amalgamados, e isto sempre foi verdade para os pronomes *acusativos*, *dativos* e *'se'*. Ao transferir este raciocínio na derivação em (098) teremos que supor que esta condição de elementos clíticos ocorrerem amalgamados é independente da função desempenhada por cada clítico (no caso do operador de negação e do pronome, enquanto o primeiro desempenha o papel de modificador do valor de verdade do verbo, o segundo é o complemento verbal).

Se assim for, a razão de a negação condicionar categoricamente a próclise verbal do pronome clítico não deve derivar do seu caráter de 'operador', no sentido dos demais advérbios e operadores que condicionam a próclise, mas sim do fato de que os clíticos devem ocorrer amalgamados em português. E, sendo 'neg' sempre pré-verbal, a próclise do pronome é derivada, pois o clítico negativo atrai o pronome para ficar alinhado de maneira adjacente a ele. A ordem 'cl-neg-V' não é ruim no PE por conta de que este elemento não pode receber o acento secundário inicial característico da palavra fonológica no PE (de acordo com Abaurre e Galves 1998, também d'Andrade e Laks, 1992, o PE tem a tendência de acentuar o início de palavra). Como os clíticos pronominais não podem portar tal acento a melhor ordem para os 'morfemas verbais no PE atual é 'neg-cl-V', já que nos contextos negativos o clítico deve se mover para dentro do complexo verbal e portanto fazer parte do domínio da palavra de ação.

Quanto aos padrões de resposta a perguntas *'sim/não'*, segundo Martins (2005) eles também estão ligados à força do núcleo de  $\Sigma$ P: **Respostas verbais** a perguntas *'sim/não'* evidenciam a força *forte* de  $\Sigma$ . No entanto respostas mínimas - *'sim'* | *'não'* - são independentes da natureza forte ou fraca de  $\Sigma$ :

*"Laka (1990) proposes that in Romance the lexical items that show up in minimal unmarked answers to yes/no questions incorporate in  $\Sigma$ . Under the analysis that I am proposing here, this is so independently of strong or weak character of  $\Sigma$ . However, verbal answers to yes/no*

*questions can only be a property of languages where the strong nature of  $\Sigma$  induces merging of this head with the V head; otherwise only an affirmative/negative word will be able to give lexical content to the  $\Sigma$  head. Thus in Spanish, in contrast to Portuguese, only Sí 'yes' (not \*Dí 'gave') is a good affirmative answer to the question *Le diste el libro?* ('Did you give him the book?')."* Martins (2005:178).

É natural, portanto, que em línguas como o português, em que temos a propriedade das respostas *verbais* às perguntas *sim/não*, possamos ter a elipse do 'IP'. Pois, ambos os fenômenos devem estar associados à força *forte* de  $\Sigma$ .

De acordo com Lobeck (1995) a elipse só é licenciada e identificada por núcleos funcionais marcados por **Concordância Forte**<sup>77</sup>.

Deste modo argumentamos em favor da hipótese de que o marcador de negação 'não' é invariável em toda a história do português, ou seja, não sofre nenhuma mudança diacrônica quanto à sua natureza de núcleo funcional associado à morfologia do verbo. Assim, proponho a veracidade da premissa inicial (delineada neste capítulo), de que as ordens relativas de pronomes fracos e clíticos nos domínios negativos, comparadas aos domínios afirmativos, além de contribuir com a hipótese da natureza clítica da palavra 'não' em português, trazem indícios e pistas importantes sobre a história gramatical da língua.

Os fatos apresentados até aqui estão fortemente ligados à morfologia. Neste ponto faz-se necessário trazer no *Capítulo Quarto* algumas considerações teóricas para a conclusão e formalização da proposta.

---

<sup>77</sup> Lobeck (1995:51; apud Santos Martinho, 1998) propõe para Concordância e Concordância Forte as seguintes definições:

- (1) Concordância: Um X<sup>o</sup> é marcado por concordância sse os seus traços devem ser partilhados com os de outro X<sup>o</sup> ou XP sob regência.
- (2) Concordância Forte: Um X<sup>o</sup> é marcado por concordância forte sse X<sup>o</sup>, ou o constituinte ou o núcleo com o qual X<sup>o</sup> concorda, realiza morfologicamente acordo num número produtivo de casos.

Santos Martino (1998: seção 2.3.1) explica a relação de concordância apresentada nas definições em (1) e (2), no texto de Santos Martinho (12) e (13) respectivamente:

*"Segundo (12), núcleos regem e portanto concordam com os seus Especificadores --por Concordância Especificador-Núcleo--, ou com os seus complementos, e também com os núcleos dos seus complementos. Segundo (13), um núcleo é marcado por traços fortes se o próprio núcleo realiza estes traços, ou se os traços de acordo são realizados no elemento com qual o núcleo se acorda, nomeadamente um Especificador, complemento, ou o núcleo desse complemento. Traços nominais fortes de acordo são o meio pelo qual pro não arbitrário é identificado, resumido no princípio em (14):*

*(14) Legitimação e identificação de pro:*

*Um pronome vazio não arbitrário deve ser estritamente regido por núcleo, e regido por um X<sup>o</sup> marcado por Concordância Forte.*

*Dado que núcleos funcionais só regem estritamente por núcleo quando marcados por traços, tais núcleos também identificam potencialmente um pronome vazio quando o legitimam sob (14). Se se verificar que os traços que marcam um núcleo funcional são traços de acordo morfologicamente realizados, conclui-se que esse X<sup>o</sup> funcional é marcado por Concordância Forte sob (13)."*



---

## IV. CAPÍTULO QUARTO. ÚLTIMAS PEÇAS.

*The central question of syntactic theory is what is a possible sentence and what is not. It is increasingly recognized that the answer to this question does not only depend on the syntactic rule system itself, but also on conditions imposed by the interfaces with other modules.*

(Ackema & Neeleman, 2004: 1)

---



### IV.1 Introdução ao capítulo

Nos capítulos anteriores, mostramos, com a variação histórica encontrada nos domínios negativos, que é necessário postular a existência de uma negação ‘clítica’ nas gramáticas do português. Entretanto, vimos que duas são as maneiras de construir o clítico negativo.

A maneira, tradicional é via movimento de Neg<sup>o</sup> para I<sup>o</sup>, vide propostas de Pollock (1989), Belletti (1990), Martins (1994). Para tanto a estrutura deve prever que NEGP esteja abaixo de IP. No entanto esta não deverá ser a ordem da estrutura da frase em português. Como argumenta Miotto (1992), a estrutura que melhor dá conta dos processos que envolvem a negação é a em que NegP domina IP.

A segunda maneira de pensar o clítico negativo é dizer que no caso deste tipo de clítico a cliticização não é feita via movimento do clítico, mas dos núcleos verbais para o clítico negativo, exatamente como acontece com a flexão verbal.

Trouxemos várias evidências de que o marcador de negação sentencial ‘*não*’ é um morfema estreitamente associado ao verbo. Em resumo, vimos que nenhum elemento, a não ser um clítico X<sup>o</sup>, pode intervir entre a negação e o verbo em toda a história do português (cf. Martins, 2002b, 2003a). E ainda, que a presença do ‘*não*’ é essencial para licenciar o contexto negativo – no PA os indefinidos negativos precisavam co-ocorrer com o marcador de negação para expressar uma idéia negativa, uma vez que não eram inerentemente negativos (cf. Martins, 2000).

Além disso, a negação, ao contrário dos demais operadores, jamais foi um elemento capaz de desencadear a interpolação de outros constituintes do sintagma verbal, mas foi o elemento que mais ocorreu interpolado entre o pronome clítico e o verbo.

Para explicar esta relação necessária e dependente do ‘*não*’ e do verbo, diversas análises consideram que esta inseparabilidade decorre do caráter clítico da negação. Adotamos aqui parte da idéia do clítico negativo<sup>78</sup>, mas

---

<sup>78</sup> “Partícula negativa” talvez traduzisse melhor esta idéia, mas como Miotto já propôs “clítico negativo” para a relação morfológica dependente de ‘neg’ e ‘verbo’ manteremos esta nomenclatura.

acrescentamos que este elemento tem também um caráter “flexional” e é a realização dos traços do núcleo funcional de polaridade -  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup>.

Para reforçar a proposta do clítico negativo, re-invocamos a idéia de Mioto (1992) de que a incorporação de ‘não’ ao verbo é obrigatória, e isto deriva do caráter clítico de ‘não’. Vimos que na sua proposta, ao contrário do que acontece com os clíticos pronominais, é o complexo verbal que sobe para o clítico-negativo, pelo fato de Neg<sup>o</sup> situar-se acima de IP. Porém esta derivação esbarra na questão do sujeito pré-verbal em PE que deve ocupar Spec/IP (cf. Costa 1998, Galves e Paixão de Sousa 2005).

Traremos neste capítulo uma proposta alternativa no quadro teórico da *morfologia distribuída*. Nossa proposta parte da pressuposição de que  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> tem traços verbais fortes, e, que núcleos funcionais fortes precisam ser visíveis em PF, segundo a teoria dos traços. Sendo  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> v-relacionado e com traços verbais fortes a incorporação de I<sup>o</sup> a  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> é obrigatória. Argumentamos em favor da hipótese de que o operador de negação em português é uma espécie de clítico, assim,  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> deve se afixar a I<sup>o</sup> pela operação de abaixamento do núcleo  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> para a esquerda de I<sup>o</sup>. Este processo deve ocorrer no componente morfológico antes da inserção vocabular e linearização.

Quanto aos clíticos pronominais, veremos que eles obedecem a restrições de domínio morfo-fonológico e podem ser alinhados por deslocamento local após a inserção vocabular. (Cf. IV.3)

Para iniciarmos a estruturação de nossa hipótese apresentaremos a seguir, em **IV.2**, as questões teóricas que regerão nossa proposta.

## **IV.2 Morfologia**

Anderson (1992) propõe que morfemas são na verdade um epifenômeno e que a unidade mínima da morfologia não é o morfema, mas sim os *traços*, definidos por ele como propriedade semântica mínima (ex: +1a. Pessoa, + passado). O léxico deveria conter estes traços a serem manipulados por uma dada língua. A sintaxe manipularia estes traços e a fonologia pós-lexical decidiria como eles

seriam pronunciados na superfície. Portanto, para Anderson (1992), a Morfologia Flexional não tem um módulo específico na teoria lingüística, mas percorre todo o processo lingüístico.<sup>79</sup>

Esta proposta de adotar traços como unidades mínimas foi adotada pelo *minimalismo* de Chomsky (1993, 1995) e pela teoria denominada *morfologia distribuída*, de Halle e Marantz (1993,1995). No minimalismo a morfologia voltou a ter um papel importante, no entanto continuou a ser parte da sintaxe – movimentos sintáticos só podem ocorrer nesta teoria se a morfologia exigir. Já a *morfologia distribuída* (doravante **MD**), apesar de defender como o minimalismo que a teoria deve ser modular, difere deste quanto à afirmação de que a morfologia tem seu próprio componente definido como um nível de interface sintaxe – fonologia.

Uma vez que a teoria representacional aboliu o nível de estrutura profunda (*Deep Structure* - DS)<sup>80</sup> do mecanismo da linguagem, para manter a recursividade sem postular DS foi proposto uma segunda operação: além de *movimento* a sintaxe também opera por *MERGER* (**fusão** ou **concatenação**).

As operações que regem a sintaxe no minimalismo são, portanto, duas: *MERGER* e *MOVE*, respectivamente **concatenação** e **movimento**.

<sup>79</sup> No estruturalismo a morfologia teve um papel fundamental na análise lingüística, foi por meio dela que se descreviam as diferentes línguas. A morfologia foi, portanto, a base do estruturalismo. Já nos moldes gerativos, por ter uma relação bastante particular com a fonologia, a morfologia passou a ser tratada dentro do componente fonológico na teoria gerativista das décadas de sessenta, setenta e oitenta, deixando, desta maneira, de ser um componente autônomo da gramática. Nas décadas de setenta e oitenta a teoria gerativa assume que cada componente da gramática corresponde a um módulo independente. Assim, a fonologia passou a ser dividida em duas partes: A Fonologia lexical (processada no léxico) e a fonologia pós lexical (processada depois da sintaxe). A gramática passou a ser representada por quatro módulos: [léxico] – [sintaxe]- [fonologia pós-lexical] / [semântica]. A morfologia passa a ser tratada dentro do quadro da fonologia lexical. Como lembra Sândalo (2001), nesta abordagem os morfemas são adicionados uns aos outros no léxico, sendo este último, um local de armazenamento de irregularidades *memorizadas*. A morfologia específica de cada língua seria, então, objeto da memória. A sintaxe seguiria, de acordo com Chomsky (1970), manipulando palavras inteiras, sendo cega à estrutura interna das palavras, isto é, às operações lexicais – hipótese conhecida como *hipótese lexicalista*. Sândalo (2001) aponta para o fato de que esta perspectiva mostrou-se simplista demais no decorrer da década de oitenta. Autores como Anderson (1982) questionaram a invisibilidade dada à morfologia e demonstraram que certos morfemas (pelo menos os morfemas flexionais) são importantes também para a computação no componente sintático. A divisão da morfologia na década de oitenta, engatilhada por Anderson (1982), entre Morfologia Derivacional e Morfologia Flexional ficou conhecida como *hipótese lexicalista fraca*.

<sup>80</sup> Remeto à nota 54, página 169, para um breve aparato sobre a teoria gramatical, dentro do modelo *Minimalista* proposto por Chomsky (1995) e também nos modelos anteriores de *Lectures on Government and Binding* - GB (Regência e Ligação).

*Morphological Merger* representa a afixação<sup>81</sup> de um núcleo X a um núcleo Y. Esta operação seria responsável por **concatenar** dois objetos sintáticos<sup>82</sup> e formar um novo constituinte sintático, organizando-os em estruturas frasais de acordo com a teoria X'. Deste modo, para derivarmos a sentença “John said that Bill saw Mary” (exemplo 37 de Hornstein, Nunes e Ghohmann 2003:20) temos que:

- i) concatenar *saw* + *Mary* [**VP** *saw Mary*];
- ii) concatenar *VP* + *Infl* [**I'** **Infl**[**VP** *saw Mary*]];
- iii) *I'* + *Bill* [**IP** *Bill* [**I'** **Infl** [**VP** *saw Mary*]]];
- iv) *IP* + *that* [**CP** *that* [**IP** *Bill* [**I'** **Infl** [**VP** *saw Mary*]]]]];
- v) *CP* + *said* [**VP** *said* [**CP** *that* [**IP** *Bill* [**I'** **Infl** [**VP** *saw Mary*]]]]]]];
- vi) *VP* + *Infl* [**I'****Infl**[**vp** *said* [**CP** *that* [**IP** *Bill* [**I'** **Infl** [**VP** *saw Mary*]]]]]]]]];
- vii) *I'* + *John* [**IP** *John* [**I'****Infl**[**VP** *said* [**CP** *that* [**IP** *Bill* [**I'** **Infl** [**VP** *saw Mary*]]]]]]]]].

A sentença acima é um exemplo de recursividade gramatical, pois sua estrutura envolve um VP encaixado em outro VP, um I' encaixado num outro I' e um IP encaixado em um outro IP.

O quadro teórico da **MD**, delineado nos anos 90 por Morris Halle e Marantz, ao contrário do minimalismo que pressupõe a existência de um léxico onde os átomos lexicais estão isolados, considera que a formação de palavras é estritamente sintática (*syntactic account of word-formation*). A estruturação dos traços morfossintáticos é interpretada pelas operações sintáticas estruturais. Tais traços podem ser eventualmente realizados por uma parte de uma palavra fonológica, e outras vezes por uma palavra autônoma. (Cf. Harley e Noyer,

---

<sup>81</sup> “*Morphological Merger, proposed first in Marantz (1984), was originally a principle of well-formedness between levels of representation in syntax. In Marantz (1988:261) Merger was generalized as follows:*

*Morphological Merger*

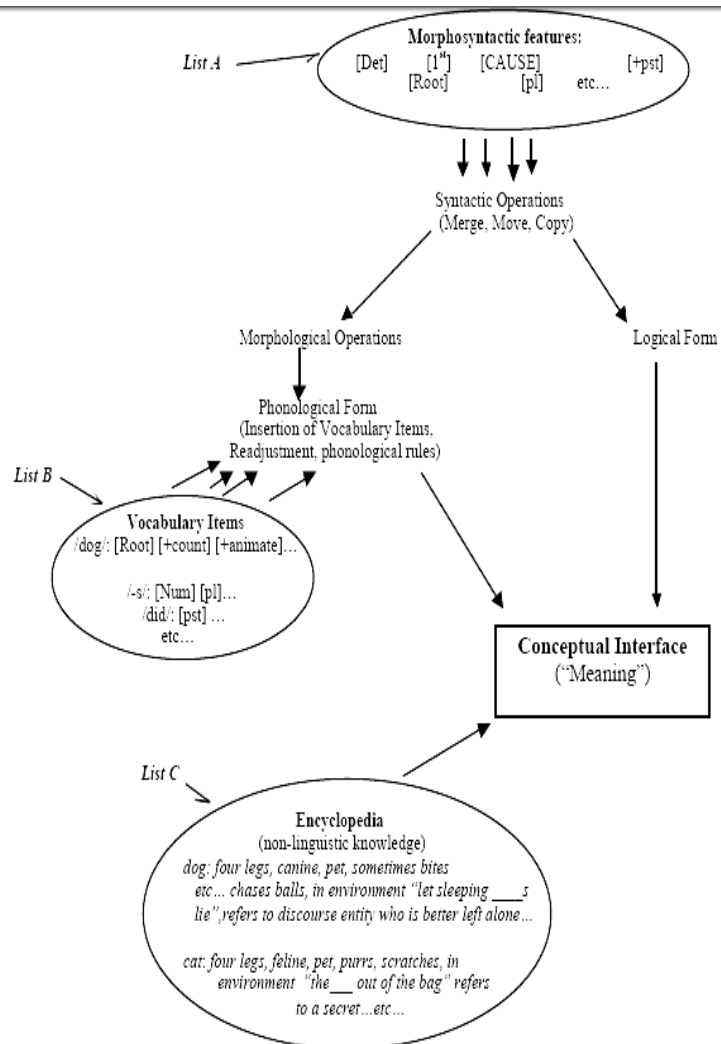
*At any level of syntactic analysis (d-structure, s-structure, phonological structure), a relation between X and Y may be replaced by (expressed by) the affixation of the lexical head of X to the lexical head of Y.*

*What Merger does is essentially 'trade' or 'exchange' a structural relation between two elements at one level of representation for a different structural relation at a subsequent level.” (Noyer, 2004:10)*

<sup>82</sup> O minimalismo pressupõe a existência de um léxico onde os átomos lexicais estão isolados.

1999:21). A realização fonológica dos traços dependerá de operações na inserção vocabular e também após a inserção. Deste modo, o mecanismo para produzir as expressões do complexo sintático-semântico poderá ocorrer separadamente, não precisando estar em simples correspondência com os mecanismos que produzem a forma, ou seja, as expressões fonológicas. A estrutura da gramática proposta será, portanto, a representada na figura 1:

Figura1: Estrutura da gramática desenhada em Harley e Noyer (1999:2)



De acordo com Harley e Noyer (1999:2), existem três propriedades principais que distinguem a MD de outras teorias morfológicas: Inserção tardia (*Late insertion*), sub-especificação (*Underspecification*), e estrutura sintática hierárquica (*Syntactic Hierarchical Structure*).

Neste quadro teórico, a sintaxe não manipula itens lexicais, e sim gera estruturas, combinando pelas operações ‘concatenação’ e ‘movimento’ traços morfossintáticos selecionados pelo inventário subjacente aos princípios e parâmetros que governam esta combinação.

De acordo com Harley e Noyer (1999:14) (cf. também Noyer, 2004:10):

*“Merger has different consequences depending upon the level of representation it occurs at. Where Merger applies in syntax proper it is the equivalent of Head Movement, adjoining a zero-level projection to a governing zero-level projection (Baker 1988). Syntactic Lowering may be a type of Merger as well, presumably occurring after syntax proper but before Vocabulary Insertion.”*  
(Noyer, 2004:10)

Enquanto a *concatenação (merger)* na *sintaxe* se dá “de baixo para cima”, ou seja, do constituinte mais simples vai se formando o mais complexo, na *morfologia* a operação se dá de duas maneiras:

- 1) por **abaixamento** antes da inserção vocabular, e;
- 2) por **deslocamento local**, requerimento de adjacência linear que caracteriza a *concatenação* na morfologia após o processo de linearização e inserção vocabular.

Após a computação sintática, no primeiro estágio da morfologia, antes da inserção vocabular, temos o abaixamento de um núcleo X° para um núcleo Y°:

- (1) [XP [X°] .... [YP ....[ Y° ]....]] -- [XP ....[YP ....[Y° Y° +X° ]....]]  
\*[TP Mary [T° did] [IP loudly [I° play] the trumpet]] -- [TP Mary [tj] [IP loudly [I°+T° play-edj] the trumpet]]

O processo de deslocamento local segue a hipótese de linearização tardia: os elementos da estrutura sintática são linearizados durante o processo de inserção vocabular de acordo com a perifericidade dentro de um constituinte. Esta operação de movimento é sensível às matrizes fonológicas dos itens vocabulares (*vocabulary sensitive*) e envolve somente itens linearmente



adjacentes, tendo que ser mantidas as condições de adjacência.

- (i)  $\alpha*\beta = \alpha$  deve preceder linearmente  $\beta$  e ser adjacente a  $\beta$
- (ii)  $\beta*\alpha = \beta$  deve preceder linearmente  $\alpha$  e ser adjacente a  $\alpha$

$$(2) \quad [X* [Z*Y]] \text{ — } \sigma \text{ [[[Z}^\circ Z+X]*Y]]$$

Em  $\varpi$  X precede imediatamente [Z\*Y] e Z precede imediatamente Y. Tomemos  $\sigma$  como resultado da aplicação de deslocamento local a  $\varpi$ . Todas as condições de adjacência estabelecidas em  $\varpi$  são mantidas em  $\sigma$ , o que garante a legitimidade da operação.

As construções com clíticos em português são bons exemplos para este movimento.

De acordo com Embick e Noyer (2001), a ordem linear não é uma propriedade da representação sintática, mas é imposta em PF em virtude do requerimento de que a fala é instanciada em um tempo. Então é natural assumir que a ordem linear é imposta no ponto da derivação em que a informação fonológica é inserida. Sendo assim a MD vai postular *The Late Linearization Hypothesis* (hipótese de linearização tardia). Os elementos de um marcador de sintagma ou frase são linearizados pós sintaticamente na **inserção vocabular** e depois da linearização a operação “*deslocamento local*” pode manipular apenas elementos adjacentes linearmente, não importando a hierarquia, mas sim a precedência e adjacência linear. Os elementos passíveis de **deslocamento local** são os que são **sensíveis ao vocabulário** (*vocabulary sensitive*) como, por exemplo, os clíticos pronominais.

Neste quadro, quando o clítico requer um hospedeiro que demonstre uma identidade particular (associada, por exemplo, a propriedades flexionais, categoria morfológica ou peso morfológico), então a aplicação de **concatenação** é sensível ao vocabulário, tendo que estar adjacentes o clítico e o hospedeiro antes da operação. E, quando o clítico é indiferente à matriz fonológica que preenche o **nó terminal** (*terminal node*) de seu morfema, mas sensível aos traços abstratos condensados em outros morfemas, é possível ao clítico alcançar seu hospedeiro por **alçamento** ou **abaixamento**, operações que

permitem cruzar constituintes adjuntos.

Para falar da posição do clítico dentro da perspectiva da MD, é preciso entender as operações de *concatenação* que regem a computação das estruturas dos enunciados das línguas. *Concatenação* aplicada à sintaxe propriamente é equivalente ao movimento de núcleo. Um segundo tipo de *Concatenação* é o abaixamento sintático que presumivelmente ocorre após a sintaxe, mas antes da inserção vocabular.

Neste modelo, assume-se que *clítico* não é um tipo primitivo, mas, mais um comportamento que um elemento pode ter. Não existe uma classe específica de objetos que podem ser determinados como clíticos; tanto morfemas quanto itens vocabulares podem mostrar uma gama de dependência. Este tipo de relação de dependência de um elemento a outro se manifesta diferentemente de acordo com o elemento e com o lugar onde sua relação de dependência se satisfaz.

Os Clíticos de segunda posição, por exemplo, segundo Embick e Noyer (2001) (também Noyer 2004), são itens vocabulares que seguem **deslocamento local** ou **inversão prosódica** com um hospedeiro. Já o termo **clítico sintático** corresponde a núcleos sintaticamente móveis, tipicamente determinantes e certos pronomes das línguas românicas. Neste caso a relação de dependência ou o comportamento especial é uma propriedade sintática do morfema.

A idéia que se tem sobre a colocação de clíticos na MD é a de que, apesar de a sintaxe prover um hospedeiro para o clítico, a forma fonológica (PF) pode realizar operações de movimento que satisfaçam à dependência fonológica do clítico. O esquema da *concatenação* morfológica como apresentado por Marantz (1988) captura a generalização de que os clíticos são essencialmente de dois tipos: 1) os clíticos periféricos que ocorrem à margem de uma projeção máxima ou em segunda posição dentro de um sintagma; 2) e os clíticos nucleares que se adjungem ao núcleo de um sintagma.

A perspicácia da teoria está no fato de **nuclear** e **periférico** derivarem do tipo de *concatenação* que é aplicado, a depender do ponto da derivação em que a operação se concretiza. Como vimos, na MD a operação de **concatenação** (*merger*) se dá de duas maneiras: 1) por **abaixamento** antes da inserção vocabular e 2) por **deslocamento local**, requerimento de adjacência linear que caracteriza *concatenação* na morfologia após o processo de linearização e

inserção vocabular.

Para exemplificarmos como funcionaria o **deslocamento local**, consideremos a generalização de Galves e Sândalo (2004) sobre o domínio no qual o clítico não pode ser inicial em PE. A análise proposta pelas autoras para a colocação de clíticos no PE é baseada no ponto de vista de Anderson (2000) de que os clíticos estão sujeitos a regras de formação de palavras como um afixo. A análise se enquadra dentro da Teoria da Otimalidade (OT) e as autoras argumentam que a colocação de clíticos no português europeu é resultado da interação morfológica *edgmost* (CL, L, I')<sup>83</sup> dominada pela restrição *Non-Initial* (CL, 1° X')<sup>84</sup>.

No quadro da MD, se a generalização de Galves e Sândalo (2004) estiver correta, já que não há exceção à regra, o que dá a esta hipótese uma evidência empírica forte, podemos propor a seguinte derivação da ênclise no quadro da MD:

- (3) (a) [IP A Maria lhe I' [V°deu Infl°] um presente] –  
 \* (b) [IP A Maria t<sub>i</sub> I' [V°deu Infl°] lhe<sub>i</sub> um presente]  
 → (c) [IP A Maria t<sub>i</sub> I' [V°deu-lhe<sub>i</sub> Infl°] um presente]

O **deslocamento local** da ênclise, que é **sensível ao vocabulário** em PE, deve manter as condições de adjacência do clítico exatamente como em (03) (a): 'the' deve estar adjacente a I' e a Infl. No entanto, na derivação da ênclise em (03) (b) esta condição de adjacência não se mantém, visto que o clítico está fora do complexo I°+V°, ele não está adjacente a I', apenas a INFL°. Mas se o clítico se deslocar para dentro do núcleo verbal, incorporando-se à palavra, então a operação *deslocamento local* para derivar a ênclise não violaria as condições de adjacência do clítico, como podemos constatar em (03) (c).

Podemos concluir, portanto, que os clíticos em PE movem-se na sintaxe para a esquerda do verbo derivando a próclise e é somente na inserção vocabular que a ênclise é derivada por deslocamento local, a depender da

<sup>83</sup> **CL, L I'**: esta interação morfológica se traduz em: "o clítico deve se alinhar a esquerda de I'".

<sup>84</sup> A restrição *Non-Initial* CL, 1° X' diz que o domínio em que o clítico não pode ser inicial é o 1° X', ou seja, o pronome clítico não pode se alinhar à esquerda do Primeiro X' da oração. Portanto, na análise de Galves e Sândalo, quando I' é o 1° X' da oração a ênclise é derivada por violar a restrição *Non-Initial* e por esta ser mais importante no ranking que *edgmost*.

natureza sintática do elemento que antecede o verbo. *Deslocamento local* só poderá ser aplicado quando o elemento que antecede o sintagma verbal não for um operador. No entanto, esta não pretende ser uma proposta exaustiva visto que procuramos não entrar nos detalhes da estrutura sintática das sentenças do PE e sim, preferimos dá-la simplificada com o intuito de exemplificar a operação.

Passemos agora para a questão da negação e a morfologia de  $\Sigma$ .

Na somatória dos fatos apresentados nesta tese, sugeri que:

1) A negação em português é a realização morfológica do núcleo de  $\Sigma P$  na sua instanciação negativa, situado acima de IP, mas do tipo +I.

2) Ao contrário do que propõem a maioria das análises, só existiu um operador de negação em toda a história da escrita portuguesa: a negação em  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup>.

De acordo com Martins (1994, 1997, 2000, 2003a, 2003b, 2005), também Costa e Martins (2004), o núcleo funcional  $\Sigma^o$  tem traços fortes em português e núcleos funcionais fortes requerem visibilidade ou suporte lexical. Por isso tais núcleos são caracterizados por certas condições morfossintáticas.

Segundo Martins (2005), uma categoria funcional forte pode licenciar constituintes nulos, e ainda, deve ser necessariamente parte da morfologia das palavras no componente morfológico da Gramática:

*“Departing from Chomsky (2000), I take the ‘strength’ property of a functional category to be relevant in two ways: (i) strong functional categories can license null constituents; (ii) strong functional heads are necessarily part of spelled-out morphological words in the morphology component of grammar (cf Chomsky 1994, 1995, 2000; Halle and Marantz 1993; Harley and Noyer, 1999; Embick and Noyer 2001)”. Martins (2005:178)*

Portanto núcleos funcionais fortes são necessariamente associados à morfologia e têm que ser visíveis em PF.

Deste ponto de vista, sendo  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> forte em português, ele deverá ser visível em PF.

De acordo com Martins (2005), os requerimentos para o núcleo funcional forte são satisfeitos concatenando  $\Sigma$  a um dos núcleos orientados pelos seus *traços polares*. Martins propõe que tais núcleos sejam **V**, **C** e **Neg**.

A **concatenação** pode ocorrer no componente sintático ou pós-sintático – componente morfológico. Portanto os núcleos funcionais fortes podem ser licenciados de 3 maneiras<sup>85</sup>:

1. - lexicalizado por ‘*merger*’ sintático
2. - por movimento nuclear ou sintagmático
3. - por ‘*merger*’ morfológico

A seguir, na seção **IV.3**, estruturaremos nossa proposta dentro do quadro da MD considerando a natureza de  $\Sigma$ .

### IV.3 Licenciando $\Sigma$

Como já mencionamos, o núcleo funcional  $\Sigma$ , que carrega valores polares como a negação e afirmação, é forte em português. No entanto Costa (1996, 2003, entre outros trabalhos) mostra que o verbo não se move além de “T” (T = I), ou seja, não chega ao  $\Sigma P$ . Então, Costa e Martins (2004) propõem que  $\Sigma^\circ$  é licenciado por concatenação morfológica com “V+T”. Na sua análise se  $\Sigma^\circ$  contiver conteúdo lexical, como a negação, ou for licenciado independentemente por merger com  $C^\circ$  lexicalizado (nas orações dependentes), então o *merger morfológico* de  $\Sigma$  com ‘V+T’ não é necessário.

Todavia, a análise de que quando  $\Sigma$  é lexicalizado pela negação não há ‘concatenação’ com o verbo deveria predizer que a ordem dos constituintes pudesse ser ‘*neg-Sujeito-verbo*’, e ainda, que nas fases mais antigas a negação pudesse permitir a interpolação do *sujeito*. Entretanto sabemos que a ordem nas sentenças negativas sempre foi ‘*Sujeito-negação-verbo*’ e que a interpolação nunca pode ser desencadeada pela negação. Para capturar estes fatos precisa-se lançar mão de uma estipulação de que o Spec de TP (IP) não é ativo nas sentenças negativas, o que compromete a ‘elegância’ da teoria.

<sup>85</sup> Remeto à Costa e Martins (2004).

Com a finalidade de manter uma simetria entre  $\Sigma Af$  e  $\Sigma NEG$ , partindo da hipótese de que o ‘*não*’ é uma espécie de clítico verbal (a instanciação morfológica do núcleo de  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup>, estando esta categoria funcional acima de IP na estrutura da oração), chegamos a duas maneiras de derivar o complexo ‘**neg-V**’:

1. Por concatenação (*merger*) de I<sup>o</sup> a  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> na sintaxe, exatamente como propõe Miotto (1992), com a diferença de que temos  $\Sigma$ -NegP ao invés de NegP, e de que também nos domínios afirmativos I<sup>o</sup> se funde a  $\Sigma$ -Af<sup>o</sup>, dado que os valores forte/fraco de  $\Sigma$  não variam independentemente, como propõe Martins (1994).

No entanto isto levaria a dizer que o sujeito pré-verbal no PE deva ocupar o Spec de  $\Sigma P$ , o que vai contra diversas análises envolvendo o assunto, como Costa (1996, 1998, 1999), Costa e Duarte (2002), Galves (1992, 1996, 2001, 2003), Galves e Sândalo (2004), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) entre outros, que argumentam fortemente que a posição do sujeito pré-verbal em PE é, simplificando as análises, Spec IP (TP).

De acordo com Costa (1998) o sujeito pré-verbal não pode ocupar uma posição de adjunção à esquerda, como os tópicos<sup>86</sup>, ao contrário do que propõe Barbosa (1996, 2000)<sup>87</sup>, e também não pode ocupar uma posição de frenteamento como Spec de  $\Sigma P$  visto que é provável que o preenchimento desta posição desencadeie a próclise<sup>88</sup> e as orações não dependentes ‘SV’ são ambientes categóricos de ênclise no PE.

---

<sup>86</sup> Segundo Costa (2001) quando dois complementos do verbo são antepostos a ordem entre eles não é fixa:

1. Aos alunos, esses livros, o Paulo deu-lhos ontem...
2. Esses livros, aos alunos, o Paulo deu-lhos ontem...

Se assumimos que o sujeito é deslocado à esquerda, então esperaríamos a mesma flexibilidade. Tal não acontece:

3. Esse bolo o Paulo comeu.-o
4. \*O Paulo, esse bolo comeu-o.

<sup>87</sup> A autora propõe que o sujeito pré-verbal em PE ocupa uma posição de adjunção à IP, como os tópicos. E a ênclise é derivada deste fato, seguindo a lei de Tobler-Mussafia.

<sup>88</sup> Acredito que o preenchimento de Spec de  $\Sigma P$  é incompatível com a ênclise, o que contradiz a derivação da ênclise em orações não dependentes proposta por Martins (1994). As evidências para isto estão no *português clássico* onde temos a predominância da próclise nas sentenças SV e o surgimento da possibilidade de interpolação da negação nestas construções (ver trabalhos de Galves (2002), Galves, Paixão de Sousa (2005), Galves, Paixão de Sousa e Namiuti (2006)).

Galves e Paixão de Sousa (2005) reforçam esta idéia de que o Sujeito ocupa Spec de IP no PE ao mostrar que no período gramatical anterior (o qual foi chamado, seguindo a tradição, de português clássico - PC) a ordem ‘XSVcl’<sup>89</sup> era extremamente rara e só se tornou freqüente a partir do século 18. Segundo as autoras, nos textos do período clássico, quando mais de um constituinte antecede o verbo, a próclise é normalmente derivada. A ordem padrão seria, portanto, ‘XScIV’. Na sua análise o sujeito no PC podia ocupar uma posição de frenteamento interna à estrutura da oração (Spec de  $\Sigma$ P por exemplo), o que explica a próclise neste ambiente. Já a ênclise seria o efeito de V1 nesta fase. Galves (2002) e Galves e Paixão de Sousa (2005) argumentam que nas orações V2 com ênclise, como ‘SVcl’, o constituinte pré-verbal está fora do domínio da oração. Portanto a proposta de Barbosa para o PE cai bem para o PC. A mudança estaria na reanálise da posição pré-verbal do sujeito com ênclise que deixa de ser externo e passa a ser interno. E, como o preenchimento do Spec de  $\Sigma$ P não é compatível com a ênclise, a posição do sujeito pré-verbal fica sendo Spec/IP. Consequentemente ‘SV’ deixa de ser um ambiente de próclise. Note que isto implica uma mudança na posição do verbo, que deixa de se mover para  $\Sigma$ . O português perde, então, as propriedades V2 do PM.

2. A segunda maneira de resolver a questão, mantendo o sujeito em Spec/IP, é resolvê-la no componente morfológico: dado que  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> tem *traços verbais fortes*, e, que o operador de negação em português é uma espécie de clítico,  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> pode se afixar a I<sup>o</sup> pela operação de abaixamento do núcleo  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> para a esquerda de I<sup>o90</sup>. Este processo deve ocorrer no componente morfológico antes da inserção vocabular e linearização. E se houver um complemento clítico no mesmo domínio, o pronome se moverá para dentro do complexo

<sup>89</sup> Charlotte Galves, em comunicação pessoal, revelou que na verdade o único caso de ‘XSVcl’ anterior ao século 18, atestado por Galves e Paixão de Sousa (2005), era um caso de ‘VXS’ # ‘Vcl’. Pois, constataram que na edição original os constituintes que foram colocados antecedendo o verbo com ênclise, pertenciam à oração anterior (um erro na pontuação presente na edição utilizada provocou o equívoco).  
Pontuação original: “Vendo tão rara, e verdadeira, amizade el-rei Dionísio o mais velho, disse-lhes:”

Pontuação modificada: “Vendo tão rara e verdadeira amizade, el-rei Dionísio o mais velho disse-lhes:”

<sup>90</sup> A explicação para esta posição e não outra deve estar ligada ao fato da negação ter naturalmente escopo sobre o constituinte que a segue, fato que deve ser derivado da recursividade da língua que se dá da esquerda para a direita.

[**não** $\Sigma$ -Neg $^{\circ}$ +**verbo** $I^{\circ}$ ] na inserção vocabular por *deslocamento local*, mantendo suas condições de adjacência e resultando no complexo ‘*negação-clítico-verbo*’.

Propomos que no PE, se  $\Sigma$ -Af é projetado e nada mais (nenhum C ou operador em Spec de  $\Sigma$ -AfP) a operação de concatenação  $\Sigma$ -Af $^{\circ}$ + $I^{\circ}$  se aplica. Tal operação deverá ocorrer antes da inserção vocabular. Como vimos na seção **IV.2: Após a computação sintática, no primeiro estágio da morfologia, antes da inserção vocabular, temos o abaixamento de um núcleo  $X^{\circ}$  para um núcleo  $Y^{\circ}$ .**

(4) - [ $\Sigma P$   $t_i$  [IP O Paulo  $I'$  [ $\Sigma$ -Af $_i^{\circ}$ +  $I^{\circ}$  viu] a Ana ontem no parque]]

Nesta configuração  $I'$  é o primeiro  $X'$  da oração, portanto, assumindo a análise de Galves e Sândalo (2004) para a colocação dos clíticos pronominais, quando o argumento interno do verbo for clítico a operação de deslocamento local se aplica:

(5) \* $[\Sigma P$   $t_i$  [IP O Paulo **me**  $I'$  [ $\Sigma$ -Af $_i^{\circ}$ +  $I^{\circ}$  viu] ontem no parque]]  $\rightarrow$  [ $\Sigma P$   $t_i$  [IP O Paulo  $t_c$   $I'$  [ $\Sigma$ -Af $_i^{\circ}$ +  $I^{\circ}$  viu-**me** $_c$ ] ontem no parque]]

O mesmo raciocínio podemos fazer para os domínios negativos, porém ponderando o fato do operador de negação também ser clítico.

(6) \* $[\Sigma P$   $t_i$  [IP O Paulo **me**  $I'$  [ $\Sigma$ -Neg $_i^{\circ}$ +  $I^{\circ}$  não viu] ontem no parque]]

(7) \* $[\Sigma P$   $t_i$  [IP O Paulo  $t_c$   $I'$  [ $\Sigma$ -Neg $_i^{\circ}$ +  $I^{\circ}$  não viu-**me** $_c$ ] ontem no parque]]

(8) [ $\Sigma P$   $t_i$  [IP O Paulo  $t_c$   $I'$  [ $\Sigma$ -Neg $_i^{\circ}$ +  $I^{\circ}$  não **me** $_c$  viu] ontem no parque]]

O pronome clítico não pode ficar alinhado à esquerda de  $I'$ , como em (06), por este ainda ser o primeiro  $X'$  da oração. Porém, como ‘*não*’ é clítico, a operação de deslocamento moverá o pronome, também clítico, para dentro do complexo deixando-o adjacente ao ‘*não*’. A ordem em (8) é a ordem gramatical, sua derivação pode ser explicada (ou motivada) pelos seguintes fatos já mencionados neste texto: 1) o fato dos clíticos ocorrerem adjacentes





reduplicação em português, que se limita às orações afirmativas, pode derivar do fato de 'não' se concatenar a  $\Sigma^\circ$  e bloquear a subida do verbo. De acordo com a autora, respostas enfáticas em PE ativam os domínios de  $\Sigma^\circ$  e  $C^\circ$ , sendo que  $C^\circ$  carrega os traços de ênfase [+enf] e  $\Sigma$  os traços [+af]. Ambos os núcleos funcionais são fortes e precisam ser visíveis em PF.

Martins (a sair) menciona a proposta de Nunes (2004), na qual a reanálise morfológica pode ser bloqueada quando há núcleos complexos envolvidos na cadeia. A autora traz exemplos de verbos com prefixos acentuados como: *fotocopiar, radiografar, manuscreever, contra-atacar*, entre outros verbos que formam uma palavra prosódica complexa com dois domínios de acentos de palavra. A autora mostra que a reduplicação destes verbos é ruim.

- (11) Ele não fotocopiou o livro sem autorização, pois não?
- (12) ?? Fotocopiou, fotocopiou
- (13) Fotocopiou sim

E considera a hipótese de o 'não' e o verbo formarem um **núcleo complexo** por incorporação. Após a subida do núcleo complexo para  $C^\circ$  a reanálise morfológica é bloqueada pela natureza deste núcleo.

Logo, a hipótese apresentada em 2 parece coerente com os fatos empíricos da língua e assemelha-se a proposta de Martins (a sair).

Partindo desta hipótese sobre a negação e  $\Sigma$ , veremos a seguir, na conclusão da tese, a derivação dos diferentes padrões de colocação pronominal átona na diacronia do português.

---

As cópias verbais realizadas são os dois últimos *links* da cadeia, isto significa que não será obrigatoriamente as cópias de  $C$  e  $\Sigma$  as realizadas fonologicamente. Nas declarativas enfáticas, por exemplo, o constituinte é um tópico em CP. Portanto o movimento é:

- (2) [CP [  $\Sigma P$  ele<sub>i</sub> **comprou<sub>i</sub>** o carro]<sub>k</sub> [C' [C **comprou<sub>i</sub>** [ $\Sigma P$  ele<sub>i</sub> [ $\Sigma'$  **comprou<sub>i</sub>** [ $TP$  [T' **comprou<sub>i</sub>** [ $VP$  ele<sub>i</sub> **comprou<sub>i</sub>** o carro ]]]]]]<sub>k</sub> ]]
- $V \rightarrow T \rightarrow \Sigma \rightarrow C$ , seguido do movimento de  $\Sigma P$  para Spec de CP.

Além da reduplicação, encontra-se em PE a afirmação enfática com 'sim' ou 'pois' pós-verbais. O verbo deve ficar a esquerda de 'sim' ou de 'pois' já que a ênfase envolve o movimento de V para C por conta do traço forte [+enf] de C.

- (3) O João comprou um carro, comprou.
- (4) O João comprou um carro, sim.
- (5) O João comprou um carro, pois.

---

## V. CONCLUSÃO: RECONTANDO A HISTÓRIA.

*Todos aprendem a sua língua no berço; mas, se acaso se contentam com essa notícia, nunca falarão como homens doutos. Os primeiros mestres das línguas vivas comumente são mulheres ou gente de pouca literatura, de que vem que se aprende a própria língua com muito erro e palavra imprópria, e, pela maior parte, palavras plebeias. É necessário emendar com o estudo os erros daquela primeira doutrina. Uma razão, ainda que boa, um pensamento esquisito exposto com palavras toscas ou que não signifiquem o que se quiere, desagrada muito, e comumente não persuade. Contudo isso, por muitos séculos se contentaram os homens de falar como primeiro lhe ensinaram. Não foi senão depois do terceiro milenário que os homens se aplicaram a falar bem. Foram os Gregos os primeiros de que a História nos aponta que se aplicassem a este estudo, e talvez os únicos entre todos os Orientais.*

*(Luís António Verney, 1746)*



### V.1 Recontando a história.

Vimos (no **capítulo primeiro**) que o primeiro período histórico que se costuma reconhecer é o *português arcaico*, a língua que se registra desde os primeiros documentos até fins da Idade Média. Seria, portanto, a língua representada nos manuscritos medievais de todo gênero (poéticos, notariais, históricos). A tradição historiográfica do português localiza o divisor de águas principal na história da língua no século 16, separando a língua antiga da moderna. Grande parte da tradição reconhece, entretanto, que a língua representada nos textos clássicos portugueses não é ainda a língua portuguesa contemporânea. Este período intermediário entre o medieval e o contemporâneo foi denominado de *português clássico*, e incluiria textos quinhentistas tardios, textos seiscentistas e textos setecentistas.

Argumentamos que as formas do *português clássico* já se revelam no século 15, coexistindo com as formas do período arcaico. E, partindo do quadro de mudança gramatical delineado a partir de Kroch (1999) sugerimos que a *fase gramatical* intermediária entre o *PA* e o *PE* compreende um período maior que o *clássico*.

Galves (2004) chamou de **português médio** este período gramatical que abarca a fase denominada de *português médio* por Cardeira (2005) e Castro (1991) (séculos 14 e 15) e a fase denominada de *português clássico* pela tradição (séculos 16 e 18).

Vimos que dois aspectos da sintaxe dos clíticos pronominais se destacaram pelas alterações de padrão na diacronia do português: as ordens relativas *clítico-verbo* ~ *verbo-clítico* e a *interpolação*.

De posse dos resultados obtidos nesta pesquisa sobre a interpolação, somados aos resultados de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) sobre a ênclise e a próclise, e, aos de Paixão de Sousa (2004) sobre a posição do sujeito, é possível sustentar a hipótese do **PM**.

Atestei que a interpolação dos constituintes do VP, bastante produtiva nas orações dependentes do português arcaico, desaparece da produção literária no século 16, e a não adjacência entre o complementador e o clítico se torna mais comum: a ordem ‘C-cl-X-(neg)V’ abre espaço para a ordem ‘C-X-cl-

(neg)V'. Neste mesmo século encontramos um padrão proclítico nas orações não dependentes afirmativas, e ainda, a interpolação da negação ganha novos contextos ('*não*' passa a ser interpolado em ambientes tradicionalmente considerados de variação 'cIV' / 'Vcl'). Interpretei estes fatos como o reflexo da mudança no domínio de hospedagem do clítico, que deixa de poder se relacionar com o núcleo mais alto da estrutura da frase, ou seja, C°, e passa a se relacionar exclusivamente com o complexo verbal, em  $\Sigma^\circ$  nas orações raízes e em I° nas encaixadas.

Algumas propostas de estabilização da ordem em português relacionam a perda do fenômeno da interpolação com a perda do fronteamto dos constituintes do sintagma verbal para a esquerda do verbo (cf. Martins 1997, 2005, e Parcerro 1999). No entanto, acreditamos que a perda da possibilidade do fronteamto não é a razão para o desaparecimento do fenômeno da interpolação, uma vez que constatamos que este último já é obsoleto no século 16, enquanto o primeiro parece ser ainda bastante produtivo até o século 18 (cf. Paixão de Sousa 2004). Propomos que é a permanência da possibilidade deste fronteamto, somada à mudança no domínio de hospedagem do clítico, que faz prevalecer a próclise sobre a ênclise nas orações raízes 'XV' nos textos dos séculos 16 e 17, e ainda, surgir novas possibilidades para a interpolação da negação.

Depois desta fase intermediária, costuma-se identificar no século 19 o momento em que a língua portuguesa contemporânea se estabelece nos textos: a escrita oitocentista já não registra os padrões característicos da fase clássica, e é próxima do português da Europa hoje.

Considerando a hipótese de ter havido três estágios gramaticais na história do português, Martins (2003b, 2005) propõe que a mudança que restringe o fenômeno da interpolação nos anos de 1500 está relacionada com a perda da ênclise, mas associa a perda do *scrambling* de IP com esta mudança. **(cf. capítulo primeiro, seção I.3).**

De acordo com Martins (2003b), no PA, o IP *scrambling* estaria relacionado com o fenômeno da ênclise e da interpolação, porque ambos dependeriam de AgrS° estar associado com um traço EPP "*Attract-all-F*" que

projetaria múltiplos Specs<sup>93</sup>. A gramática intermediária, emergiria com a perda desta propriedade de AgrS° selecionar múltiplos Specs. Neste momento AgrS ficaria associado com um traço EPP “*Atract-IF*”, deixando apenas uma posição de Spec para o sujeito. Perder-se-ia então a interpolação generalizada e a ênclise. Segundo Martins (2003b), neste segundo estágio, restaria apenas a possibilidade do clítico estar incorporado em AgrS junto com o verbo (nas orações dependentes e principais com desencadeadores de próclises), ou se mover para  $\Sigma$  juntamente com o complexo verbal (nas orações não dependentes neutras). Em ambos os casos próclise e adjacência seriam derivados.

A obrigatoriedade da ênclise aconteceria depois, no terceiro estágio (PE), podendo ter resultado da emergência da excorporação de [<sub>AgrS</sub> V,T,AgrS] para  $\Sigma^\circ$ , deixando o clítico para trás (incorporado em AgrS). No entanto, Martins (2003b) considera que a excorporação não é uma opção gramatical no PE, deixando de lado a derivação que propôs em Martins (1994) para propor uma segunda alternativa:

*“I hypothesize that at Portuguese Stage III AgrS ceases to select an EPP-feature; so AgrS does not project a Spec. This change makes possible that  $\Sigma$  merges with V post-syntactically, that is , in the morphology component.”*  
(Martins, 2003:221)

Assim, de acordo com Martins (2003b), se o clítico estiver alinhado à esquerda de AgrS, ele também quebrará a adjacência entre  $\Sigma$  e V em AgrS. Em sua análise, esta seria a razão para o clítico sofrer *Deslocamento Local* com inversão entre o clítico e AgrS (‘Vcl’).

<sup>93</sup> Vimos no **capítulo terceiro** que de acordo com Martins (1994) existiam duas posições nucleares capazes de hospedar o clítico no PA (*AgrS°* e  $\Sigma^\circ$ ). Em sua análise, a ordem da próclise nas orações raízes é derivada quando o clítico está em  $\Sigma^\circ$  juntamente com o verbo, já a ênclise é derivada quando o verbo está em  $\Sigma^\circ$  e o clítico em *AgrS°*. No entanto, Martins (1997) também deriva a interpolação do PA da capacidade de *AgrS°* selecionar Specs múltiplos.

No entanto, como vimos no **capítulo anterior**, não é preciso postular que **AgrS** não possui *Spec* para manter as condições de adjacência necessárias para concatenar  $\Sigma$  e **AgrS** no componente morfológico, pois,  $\Sigma$  pode se concatenar com *AgrS* através da operação do *abaixamento* (antes da inserção vocabular), operação que permite cruzar constituintes.

A análise apresentada no capítulo quarto, seção IV.3, considerando a hipótese de Galves e Sândalo (2004) sobre o domínio morfológico em que o clítico não pode ser inicial, parece capturar melhor a obrigatoriedade da ênclise no PE, pois conservamos a posição do sujeito em *Spec-IP (AgrS)* e ainda capturamos o fato da ênclise estar mais intrinsecamente (*tighter*) relacionada com o verbo.

Fiéis (2001) também considera que a perda da possibilidade de interpolação não é consequência da diminuição da próclise e o conseqüente aumento dos contextos enclíticos. A autora contrasta o fenômeno nos textos notariais e literários do século 13 ao 16 e argumenta que não se pode relacionar a diminuição da interpolação com a diminuição da próclise.

De acordo com a autora o desaparecimento da interpolação generalizada seria o resultado de uma alteração na especificação dos traços formais dos clíticos. No **PA** os clíticos teriam um estatuto categorial ambíguo que lhes conferiam a possibilidade de se associarem quer a categorias nucleares quer a categorias sintagmáticas, sendo que o verbo e o clítico poderiam estar associados a categorias funcionais distintas. No **PC** os clíticos deixariam de poder estar associados a categorias sintagmáticas, selecionando, obrigatoriamente, hospedeiros do tipo nuclear, mas não necessariamente verbal. Deste modo teríamos a interpolação somente de elementos nucleares como certos advérbios e a negação. No **PE** os clíticos selecionariam obrigatoriamente um hospedeiro verbal.

Portanto na análise de Fiéis (2001) temos:

- PA: CL [host: X°/XP]
- PC: CL [host: X°]
- PE: CL[host: V°]



A hipótese de Fiéis captura parte dos fenômenos do PA. No entanto, sua proposta pode prever que o pronome clítico pudesse ter uma distribuição sintática semelhante a dos pronomes ‘i’ e ‘ende’. Porém, argumentamos no **capítulo terceiro** em favor da hipótese de Martins (2002b) em que, diferentemente dos pronomes fracos ‘i’ e ‘ende’, os pronomes acusativos, dativos e ‘se’ são clíticos nucleares em todas as fases do português e é desta característica que se deriva o fato de poderem intervir entre a negação e o verbo já nesta fase antiga.

Sobre a proposta de Fiéis (2001) para o PC, apesar de concordar que o clítico neste período tem um *host X°*, vimos que a interpolação de elementos diferentes da negação é obsoleta já no século 16, e que os poucos casos atestados são a maioria sujeitos pronominais e não advérbios nucleares. Desta forma não se comprova a hipótese de Fiéis para o PC.

## V.2 Hipótese.

Consideramos que os fatos relativos à interpolação são importantes para compreendermos a mudança cuja inflexão se dá na fronteira dos séculos 14 e 15.<sup>94</sup> Antes disso, a interpolação de constituintes generalizados do sintagma verbal é própria das orações dependentes com contigüidade (C-cl). Este fenômeno reflete a preferência do clítico por uma posição adjacente à conjunção subordinativa e é característico da gramática arcaica.<sup>95</sup>

---

<sup>94</sup> A dificuldade de datar as mudanças certamente é um desafio. Entretanto é possível fazermos delimitações amplas. Argumentamos em favor da hipótese de que a mudança da língua arcaica para a média tenha sido engatilhada entre os séculos 14 e 15, uma vez que este é um período considerado *crítico* (cf. Cardeira 2005), em que já se enunciavam as formas do Português Clássico coexistindo com as formas do período arcaico. Entretanto, como comentamos na nota 25, Cardeira não considera, no seu estudo, os fenômenos sintáticos. No que diz respeito a trabalhos direcionados para a periodização da história da língua portuguesa, Martins (2002a:252) comenta que a mudança sintática é frequentemente secundarizada, deixando assim sem continuidade trabalhos como o de Rosa Virgínia Mattos e Silva (1994), entre outros, onde se aponta limites cronológicos com base em traços sintáticos. Trouxemos neste trabalho algumas evidências sintáticas que nos permitiram considerar que no século 15 a mudança que nos levará ao PC já foi iniciada.

<sup>95</sup> É importante lembrarmos que para datar as mudanças utilizamos o critério proposto pelo ‘Corpus Tycho Brahe’ que considera a data de nascimento do autor e não da produção do texto. Vimos que Paixão de Sousa (2004:207), ao comparar as tendências das frequências agrupadas por nascimento e produção, notou que os padrões lingüísticos nos textos apresentam uma dinâmica mais clara quando agrupados conforme as datas de nascimento dos autores. Além disso, para a teoria gerativa este critério faz mais sentido

Nesta fronteira entre os séculos 14 e 15, conseguimos constatar indícios da emergência de uma nova gramática em competição com a gramática arcaica, o que está de acordo com a afirmação de Cardeira (2005) de que no século 14 já se anunciavam as formas do *português clássico* coexistindo com as formas do período arcaico. Constatamos que ao passo em que a próclise começa a ser predominante também nas orações não dependentes, novos contextos de **interpolação da negação** surgem nos textos. Além disso, nas orações dependentes, a queda na frequência da interpolação generalizada segue com novos padrões de ordenação e contigüidade nas sentenças negativas com *cl-neg-V*. (Cf. **capítulo segundo, II.2.2**). Logo em seguida na linha do tempo identificamos o desaparecimento do fenômeno da interpolação generalizada nos textos (cf. **capítulo segundo, II.2.1**, visto claramente pela inversão nas ordens: “*C-cl-X-negV*” desaparece e dá lugar a “*C-X-cl-neg-V*”, **gráfico II.1**).

Interpretamos estes fatos como indícios da emergência de uma nova gramática que foi intitulada de *português médio* por Galves (2004). Seguindo a proposta delineada por Kroch (1994, 2003), a interpolação dos diversos constituintes do sintagma verbal ainda atestada nos textos do século 16 deve ser interpretada como variação no uso de formas em competição, uma vez que novos padrões de ordenação já foram apontados nesta época.

Também os fatos relativos à variação *ênclises versus próclises* são importantes para compreendermos a *gramática média*. Galves Britto e Paixão de Sousa (2005), também Paixão de Sousa (2004), consideram que a alternância *ênclises versus próclises* nos autores nascidos nos anos 1500 e 1600, corresponde a uma alternância possibilitada por uma mesma gramática (a gramática do português médio). Nos autores nascidos nos anos 1700 e 1800, a variação é o efeito de uma competição de gramáticas (no sentido de Kroch 1994, 2003), que por sua vez evidencia a emergência da gramática do português moderno.

As inflexões do declínio dos padrões de interpolação peculiares da negação e a elevação da frequência de ênclises se dão na primeira metade dos 1700. Fato que também corrobora fortemente a hipótese do estado gramatical intermediário

---

uma vez que a mudança é, por hipótese, um evento abrupto instanciado na aquisição da linguagem pela criança.

Argumentamos no **capítulo terceiro**, seguindo Martins (2002b), que os pronomes clíticos sempre foram verdadeiros clíticos  $X^\circ$  na história do português. Deste modo, os três estágios gramaticais que atuaram na história da língua portuguesa não terão como foco a tradicional dicotomia tipológica dos clíticos: *nuclear x periférico*. A mudança sintática entre os estágios estará basicamente fundamentada na perda de traços dos núcleos superiores ( $C^\circ$  e  $\Sigma^\circ$ ) e conseqüentemente na perda de movimentos para estes núcleos, paralelamente a uma progressiva e contínua mudança de ritmo.

### V.2.1 A relação de hospedagem para o clítico nas três gramáticas.

**PA:** CL [host  $X^\circ$  com traços +I:  $C^\circ$ ,  $\Sigma^\circ$  e  $I^\circ$ ] - com a preferência do  $X^\circ$  mais alto na estrutura. A opcionalidade da interpolação neste período mostra que o clítico pode se hospedar no núcleo mais baixo onde estaria o *verbo*.

**PM:** CL [host  $X^\circ$  com traços +I:  $\Sigma^\circ$  e  $I^\circ$ ] – nesta fase o pronome estreita sua relação morfossintática com o verbo, compartilhando traços em  $\Sigma^\circ$  ou em  $I^\circ$ . Propomos, seguindo Martins (1994) que o verbo se move para  $\Sigma^\circ$  nas orações raízes nesta fase.

**PE:** CL [host  $I^\circ$ ] – clítico e verbo se mantêm em  $I^\circ$  em todos os domínios estreitando ainda mais sua relação morfossintática.

### V.2.2 O português antigo (ou arcaico)

Sobre o período arcaico, partindo dos estudos que abrangeram corpora para este período, defendemos a hipótese de que os pronomes clíticos no PA são movidos na sintaxe para esquerda do núcleo mais alto da oração, seja ele  $C^\circ$  (nas orações encaixadas), ou  $\Sigma^\circ$  (nas orações raízes), e que seguem deslocamento local sofrendo assim a inversão prosódica com seu hospedeiro (cf. Embick e Noyer 2001).

Propomos que a inversão prosódica é obrigatória no PA e é deste fato que se deriva a interpolação de constituintes mantendo a adjacência C-cl, e também é por este motivo que temos a predominância da ênclise em orações ‘XV’ no PA<sup>96</sup>.

Para corroborar esta proposta, lembremos que o PA permitia a assimilação entre consoantes finais de complementadores e quantificadores e a líquida que constitui o primeiro segmento do pronome (*por as > polas, pulas, poila ...*), apontados por Barbosa (1996)<sup>97</sup>:

- (01) **pulas** fazerdes pagar (Martins 1994:218)
- (02) **Poila** o seu esposo non leixasse (Martins 1994:222)

### Português Antigo:

- (03) “isto que **lhes** eu mando...” (NO, 1295, apud Martins 1994: 171)
- (04) CP[ isto **lhes** C’[ que,  $\Sigma_1^\circ + C^\circ$ ] [ $\Sigma$ P EU t<sub>i</sub> [IP I’ [I<sup>o</sup> mando]]]]  
→ CP[ isto t<sub>c</sub> C’[ que,  $\Sigma_1^\circ + C^\circ$ , **lhes<sub>c</sub>**] [ $\Sigma$ P EU t<sub>i</sub> [IP I’ [I<sup>o</sup> mando]]]]

Note que na derivação da sentença encaixada acima, do PA, o *verbo* não se move para  $\Sigma^\circ$ , pois, considerando a argumentação do **capítulo terceiro**, assumimos que  $\Sigma$  é a categoria funcional que dialoga com o conteúdo informacional. Portanto, seguindo Martins (1994),  $\Sigma^\circ$ , na ausência de conteúdo lexical, deve mover-se para C<sup>o</sup> na sintaxe, para checagem de traços. O Sujeito poderia estar em Spec AgrS. Escolhemos Spec de  $\Sigma$  por esta ser uma posição bastante ativa nas fases antigas da língua. Também por outros elementos poderem ocorrer interpolados normalmente seguindo a ordem ‘*sujeito + XP*’.

- (05) E deylhj todo cõprido poder asy como **ho** *ele na dita procuração há* (Lx, 1306) (Martins, 1994:95)

---

<sup>96</sup> Sobre a preferência da ênclise nas orações raízes no português antigo, remeto a Martins, 1994, Ribeiro 1995 e Galves, 1996)

<sup>97</sup> Note que nossa proposta com relação à colocação pronominal átona e à mudança difere da de Barbosa (1996), uma vez que para a autora os clíticos em português não são associados a nenhum hospedeiro sintático, sua distribuição é regulada única e exclusivamente pelos princípios da organização da estrutura prosódica. E ainda considera que uma única mudança pontuou na história do português: o PA forma uma unidade prosódica com o que está a sua esquerda e o PE com o que está a sua direita, considerando o PC igual ao PE.

(06) E se as eu Meestre Gonçalo nõ der (Lx, 1326) (Martins, 1994:180)

Com a presença da negação,  $\Sigma$ -Neg e verbo terão que sofrer incorporação, mesmo nas orações dependentes, pelas razões colocadas no capítulo terceiro.

A sentença (18) acima pode ser derivada de duas maneiras. Ou o verbo se move para  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> no componente sintático (exemplo 19, abaixo), ou  $\Sigma$ -Neg<sup>o</sup> sofre abaixamento no componente morfológico como propusemos para o português contemporâneo (Cf. capítulo quarto, IV.3) (exemplo 20).

(07) [CP t<sub>c</sub>C' [ se, + C<sup>o</sup>, a<sub>c</sub>] [ΣP EU ... Σ' [nõ der Σ-Neg<sup>o</sup>+I<sub>i</sub><sup>o</sup>] [IP I' t<sub>i</sub> ]]]

(08) [CP t<sub>c</sub>C' [ se, + C<sup>o</sup>, me<sub>c</sub>] [ΣP EU... t<sub>i</sub> [IP I' [I<sup>o</sup> nõ der Σ-Neg<sub>i</sub><sup>o</sup>+I<sup>o</sup>]]]]

Martins (1994) propõe que nas fases mais antigas o verbo deve se mover para  $\Sigma^o$  (Cf. capítulo terceiro). Assumimos esta proposta por capturar com simplicidade as ordenações encontradas o abaixamento de  $\Sigma^o$  para  $I^o$  no PE terá resultado da perda de V2, do PM.

As orações raízes 'XV' no PA são caracterizadas pela predominância da ênclise enquanto a próclise é preferencial neste ambiente no PM. Por isso postulamos que a inversão prosódica 'clítico-[host X<sup>o</sup>]' é obrigatória no PA. Se nas orações raízes o CP não for projetado (pelo princípio de economia), então temos que dizer que a ênclise independe da lexicalização do *Spec de  $\Sigma$*  no PA.

Uma outra proposta seria dizer que, no PA, CP pode ser projetado também nas orações raízes e que o verbo se move até C<sup>o</sup> neste ambiente. Assim podemos postular que a inversão obrigatória do clítico está relacionada com C<sup>o</sup>. O que é interessante, pois 'que-cl-(X)-V' e 'V-cl' seriam estruturalmente 'C<sup>o</sup>-cl'. Desta forma, a mudança para o PM poderia estar relacionada com a perda desta projeção nas orações raízes, que por sua vez, pode estar relacionada com a perda do traço +I em C<sup>o</sup> conforme propõe Ribeiro (1995).

Na literatura sobre a diacronia do português encontramos importantes análises sobre os textos portugueses do final do período medieval e início dos 1500 como um "sistema V2". Notadamente, Ilza Ribeiro (1995) caracteriza o PA como um sistema V2 a princípio não rígido, e rígido em sua fase final (a

partir de meados do século 15). A percepção da diferença do sistema V2 do **PA** por Ribeiro (1995) pode refletir a hipótese que delineamos aqui. O sistema V2 do século 15 teria algumas propriedades diferentes dos séculos anteriores em decorrência da mudança gramatical que propomos ter ocorrido nesta época e que levou aos padrões de ordenação do *português médio* (cf. Galves, 2004).

Para Ribeiro (1995), a propriedade fundamental do sistema arcaico do português é a obrigatoriedade do movimento do verbo flexionado para um núcleo mais elevado que **IP** – **C°**, nessa análise. De acordo com a autora, no **PA** o verbo estaria sempre em **C°** nas sentenças raízes, pois assume, de acordo com Rizzi (1990/1991), que a diferença paramétrica entre os sistemas V2 e os não V2 se relacionaria ao valor positivo ou negativo do *traço I°* em **C°**. Nas línguas V2, **C°** teria *traço +I*, atraindo o verbo flexionado; nas demais, **C°** teria *traço –I* não havendo movimento do verbo para este núcleo. Segundo Ribeiro (1995), no **PA**, **C°** apresentaria sempre o *traço +I*, embora isto não desencadeasse necessariamente o movimento de *XP* para *Spec/CP*. O clítico estaria sempre em **AGR\_C°**; a próclise se manifestaria nas construções em que o verbo é movido para **C°**, e um constituinte do sintagma verbal movido para **Spec/CP**; a ênclise se manifestaria nas construções em que o especificador de **CP** está vazio (superficialmente, uma seqüência V1) e, opcionalmente, um constituinte de **VP** ocuparia TOP<sup>98</sup> (superficialmente, XVcl). Isto é, o clítico ocuparia sempre a mesma posição: aquela imediatamente posterior ao primeiro constituinte da categoria CP, seja o verbo (ênclise), seja um constituinte de VP (próclise) o clítico estaria sempre em **Agr\_C°**.

Nossa proposta se assemelha a de Ribeiro com relação ao papel do núcleo **C°** para a colocação dos clíticos, porém afasta-se dela com relação a derivação da próclise com adjacência ‘clV’. Propomos que no **PA** **C°**, **Σ°** e **I°** têm traços verbais fortes (+I). Por outro lado, **C°** e **I°** competem pelos traços de polaridade de **Σ°**. Nas orações dependentes **C°** deverá vencer nos domínios assertivos e interrogativos, resultando no movimento de **Σ°** para **C°**, deixando o *verbo* em **I°**. Nos domínios negativos **I°** deverá vencer por conta da dependência da negação com relação ao verbo movendo-se para **Σ°**. Nas orações não dependentes o *verbo* deverá se mover para **C°** juntamente com **Σ°**.

---

<sup>98</sup> Posição de tópico.

Quanto clítico no PA, ele se hospeda preferencialmente em C° independentemente da incorporação do verbo a este núcleo. Porém, a subida do clítico para C° não é obrigatória, fato revelado pela opcionalidade da interpolação de XPs nas orações dependentes (talvez aqui estejam em causa questões de acento e de ênfase).

De acordo com nossa proposta, a derivação da **interpolação** e da **ênclise** no PA são duas faces da mesma moeda, ambas envolvem a subida do clítico para C° e a inversão prosódica com o seu hospedeiro. Tal inversão pode ter razão tanto sintática (relacionada ao núcleo C°) quanto nas restrições morfológicas do pronome clítico.

Sobre o sistema acentual das línguas V2, costuma-se associar a estas gramáticas a existência de uma proeminência principal, um acento forte, na periferia esquerda da frase (reмето à Adams, 1987).

Assim, podemos assumir a hipótese de que o **PA** teria um acento frasal à esquerda do sintagma entoacional (*Intonational Phrase* - **IntP**), característico das línguas V2, a escolha da ordem com interpolação nas orações dependentes e da ênclise nas orações raízes, ou seja, a obrigatoriedade da inversão prosódica X°-cl poderia derivar deste ritmo.

O **PM** ainda deverá seguir a esta restrição prosódica que impede o clítico de se colocar em primeira posição em um **IntP** (cf. Galves e Sândalo, 2004). Consideramos que esta restrição à posição inicial absoluta estaria relacionada com o fato do pronome clítico não suportar a proeminência principal à esquerda do **IntP** que caracterizaria a prosódia da língua nestas fases.

Portanto, propomos que na gramática arcaica o pronome clítico pode se alinhar à esquerda do núcleo mais alto na estrutura da oração (C°), independentemente do verbo, e sofre inversão prosódica (“C°-cl”) obrigatória com este núcleo. Esta hipótese prevê a preferência pela ordem da interpolação (*‘C-cl-X-neg-V’*) e da próclise com adjacência *“C-cl-V(X)”* nas orações dependentes, e a ênclise (*“V-cl”*) nas orações raízes (*VI e XV*). Entretanto, o movimento do clítico para C° não é obrigatório podendo este permanecer hospedado em um núcleo mais baixo ( $\Sigma^\circ$ ), a ordem com próclise e adjacência “clV” só poderá ser derivada nesta condição.

A diferença para com a *gramática média* estará no fato do clítico estar obrigatoriamente hospedado no núcleo que contém o verbo nesta segunda fase  $\Sigma^\circ$  ou  $I^\circ$  a depender do contexto.

### V.2.3 O português médio

Propomos que o **PM** terá resultado da mudança que veda a possibilidade da interpolação e dá lugar à preferência pela próclise nas orações matrizes XV, sendo X interno à estrutura oracional (cf. Galves e Paixão de Sousa 2005). Tal mudança estará estreitamente relacionada com o domínio de hospedagem do clítico que deixa de poder se mover para  $C^\circ$ . Nesta gramática *clítico e verbo* estão incorporados em  $\Sigma^\circ$  nas orações raízes.

Não podemos propor que a diferença entre PA e PM está na tipologia periférico/nuclear, pois vimos **no capítulo terceiro** que os pronomes clíticos em português sempre foram nucleares. Daí a possibilidade de intervir entre a negação e o verbo, e de ocorrer em mesóclises.

Seguindo a divisão da MD de que nuclear e periférico derivam do tipo de *Merger* que é aplicado, os clíticos pronominais em português seguem deslocamento local na morfologia e estão estreitamente relacionados com o verbo em  $\Sigma^\circ$  no *português médio*. A diferença da *gramática contemporânea* (**PE**) para o **PM** se localiza na reanálise da posição pré-verbal do sujeito e dos demais constituintes fronteados, e também do *verbo* que não sobe além de  $I^\circ$  no **PE**.

Propomos que no **PM** o verbo se move para  $\Sigma^\circ$ , vimos (em **I.3**) que os dados presentes nos textos dos autores do CTB, nascidos nos séculos 16 e 17 possuem algumas propriedades V2, como o fronteamento de constituintes verbais (Cf. Paixão de Sousa, 2004, Galves e Paixão de Sousa, 2005 e Gibrail, em andamento).

Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) argumentam que o **PE**, diferentemente do **PM**, tem o *sujeito* pré-verbal ocupando *Spec de IP*. E sustentam esta hipótese mostrando que a ordem '*XP-Suj-Vcl*' surge no século 18. Segundo as autoras, nos textos *médios*, quando mais de um constituinte



antecede o verbo, a próclise é normalmente derivada. A ordem padrão seria, portanto, ‘*XP-Suj-clV*’. Na sua análise o sujeito no PM podia ocupar uma posição de fronteamo interno à estrutura da oração (*Spec de  $\Sigma P$* , por exemplo), o que explica a próclise neste ambiente. Já a ênclise seria o efeito de V1 nesta fase. Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), sustentando a hipótese delineada por Galves (1996), argumentam que nas orações V2 com ênclise, como ‘*Suj-Vcl*’, o constituinte pré-verbal está fora do domínio da oração. A mudança para o PE estaria na reanálise da posição pré-verbal do sujeito com ênclise que deixa de ser externo e passa a ser interno a oração. O preenchimento da posição para os constituintes fronteados (aqui traduzido por *Spec de  $\Sigma P$* ) não é compatível com a ênclise por isso a posição do sujeito pré-verbal deverá ser *Spec/IP* no PE. Note que isto deve se relacionar com a mudança na posição do verbo, que deixa de se mover para  $\Sigma$ . O português perde, então, as propriedades V2, e ‘*SV*’ com o sujeito interno a oração se torna um ambiente de ênclise.

Os dados de interpolação da negação corroboram esta hipótese, uma vez que vemos desaparecer dos textos a possibilidade de interpolação da negação em orações não dependentes ‘XV’ no momento em que a ênclise se torna o padrão de ordenação neste ambiente. (Cf. **capítulo primeiro, I.3**, e, **capítulo segundo**)

Teremos, portanto o seguinte paradigma para o **PM**:

- (09) “eu acho-**me** bem em caminhos chãos...” (CTB: Chagas,1631)
- (010) “Ele **me** disse que pasmava...” (CTB: Sousa, 1556)
- (011) “Dom Manuel de Lima **o** não quis ouvir naquele negócio...” (CTB: Lobo,1574)
- (012) “...que eu **me** não atreva a culpar ...” (CTB: Lobo,1574)
- (013) “Que por eles **me** fez honrado...” (CTB: Couto,1542)

Propomos que os constituintes pré-verbais com próclise ou interpolação da negação em orações não dependentes XV estão em uma configuração de fronteamo.

Eide (2002) presumindo restrições V2 no português do século 16 explica que a posição pós-verbal de sujeitos é derivada pelo fato de a posição pré-verbal já estar ocupada por outro *XP*. Os *XP*s que ocupam a posição pré-verbal

no corpus da autora são, sobretudo expressões adverbiais que se referem a um lugar ou a um tempo já mencionado. Eide (2002) argumenta que parece existir uma restrição onde o *XP* mais discursivamente topicalizado (isto é, o mais «anafórico») fica em posição pré-verbal, enquanto o restante dos argumentos fica em posição pós-verbal. A língua de seu corpus (século 16) parece evitar estruturas do tipo ‘*XP-S-V*’ em contextos onde, segundo a autora, fatores discursivos permitiriam ou exigiriam esta ordem na língua moderna.

O português moderno, por seu lado, tem restrições sobre a ordem ‘*VS*’ que, para Eide (2002) indica que a posição pré-verbal fica cada vez mais reservada ao sujeito. A hipótese de Eide (2002) se encontra também em Salvi (1991), Galves (1996, 2001), Galves et alii (1998) (cf. também Galves, Britto e Paixão de Sousa, 2005, e Paixão de Sousa 2004).

Assumimos a hipótese de Galves Britto e Paixão de Sousa (2005) que propõem que as formas *XV* com próclises e com ênclises na gramática do período denominado de *português médio* por Galves (2004) corresponderiam a estruturas diferentes: *XV* com ênclises corresponderia a um *X* externo à estrutura da frase; e *XV* com próclises a um *X* interno.

- i) [Sujeito/*XP*] # [ V-cl]
- ii) # [Sujeito/*XP* cl-V ]

Como nas línguas *V2*, a posição pré-verbal interna à oração no *PM* está disponível para qualquer constituinte do sintagma verbal seja focalizado ou não. Assim, diferentemente das línguas *SV*, a posição pré-verbal é uma posição de “tópico *V2*” e não uma posição apenas para afetivos. Desta forma *SV* é um subconjunto de *XV*. (Cf. Cardinaletti e Roberts 1991, Rivero 1994, Ribeiro 1995, Galves 1996, 2001, Eide, 2002, Galves Britto e Paixão de Sousa (2005), Paixão de Sousa 2004, entre outros).

Assim, propomos que a interpolação da negação em orações ‘*XV*’ é possível nas estruturas # [Sujeito/*XP* cl-V] com *X* interno a oração. Ou seja, o aparecimento da possibilidade da interpolação da negação em orações não dependentes ‘*XV*’ está relacionado com a ‘obrigatoriedade’ da próclise neste ambiente no *português médio*, que, por sua vez, poderia estar relacionada à perda dos traços de *I°* em *C°*, conforme propõe Ribeiro (1995). Uma mudança como esta vedaria a subida do verbo para este núcleo, e condicionaria as

orações raízes a não projetar CP, por princípios de economia. Consequentemente deriva-se a gramática do PM, com *clítico e verbo, ambos em  $\Sigma^{\circ}$ .*

- (014) [eu] # [ $\Sigma$  P [ $\Sigma$  acho-**me**] bem em caminhos chãos...] (CTB: Chagas,1631)  
 (015) [ $\Sigma$  P Ele **me**  $\Sigma'$  [ $\Sigma$  disse] que pasmava...] (CTB: Sousa, 1556)  
 (016) [ $\Sigma$  P Dom Manuel de Lima o  $\Sigma'$  [ $\Sigma$  não quis] ouvir naquele negócio...] (CTB: Lobo, 1574)  
 (017) [CP .. [C que] [ $\Sigma$  P eu **me**  $\Sigma'$  [ $\Sigma$  não atreva] a culpar ...]] (CTB: Lobo,1574)  
 (018) [CP [C Que] [ $\Sigma$  P por eles **me**  $\Sigma'$  [ $\Sigma$  fez] honrado...]] (CTB: Couto. 1542)

Entretanto, atestamos nesta fase casos de interpolação com oração anteposta e conjunção copulativa. (Cf. capítulo segundo, II.2.2.3)

(019) avendo jáa fete annos que fora levantado por Rey, e fazendo finquoenta, e dous annos de fua idade, e por fe nom achar efcrito nada das coufas, que fe neste cazamento fizeraõ, nem como foram, **fe nom poz** aqui mais, que lóomente cazar ElRey, e ho tempo em que cazou, pelo qual pafando por eito, falaremos, como fe ElRey moveo depois para tomar ha Villa de Santarem. (CTB: Galvão, 1435)

Lembremos que a próclise com adjacência também é atestada nestes contextos nos textos do CTB e já encontra dificuldade para ser explicada uma vez que se assume uma restrição à posição inicial para o pronome clítico no *português antigo e médio*. De acordo com Galves e Sândalo (2004) o pronome no *português médio* segue a restrição prosódica que impede o clítico de se colocar em primeira posição em um IntP (*Intonational Phrase*). Esta restrição à posição inicial absoluta estaria relacionada com o fato do pronome clítico não suportar a proeminência principal à esquerda do IntP que caracterizaria a prosódia da língua nesta fase.

(020) E ntre várias doutrinas com que este santo instruiu ao príncipe Josafat, para fundar em seu coração um claro desengano da vaidade do mundo, **lhe** propôs a seguinte parábola: Houve certo homem que tinha três amigos; de um deles fazia pouco caso, aos outros dois tinha em grande estimação, tratando-os intimamente e alegrando-se com eles e tomando por sua causa não pouco trabalho e cuidado. (ICTB-05850-3-ber-1644| apud Paixão de Sousa, 2004)

Aqui parece que o domínio em que o clítico não pode ser inicial está mais associado a restrições fonológicas do que a morfossintáticas. A presença de um elemento qualquer, mesmo que seja uma oração anteposta, ou a conjunção copulativa, pode licenciar a próclise ou a interpolação da negação.

É possível postular que o PM seja uma língua ainda de acento forte na sua periferia esquerda, já que esta parece ser a única razão para o clítico não aparecer em posição inicial absoluta (V1). Mas quando os elementos que estão adjungidos, ou seja, fora do domínio da oração, de alguma forma recebem este acento inicial da frase, então o clítico é licenciado até mesmo nestas sentenças que são estruturalmente V1.

Galves Britto e Paixão de Sousa (2005) propõem que a variação ‘cIV’ e ‘Vcl’ nestes contextos, que chamaram de contextos de variação 2, depende da fronteira de frase entoacional. Quando a *oração anteposta* ou a *conjunção copulativa* está fora da fronteira da frase entoacional a ênclise é obrigatoriamente derivada, e as autoras notam que este padrão é preferido nos contextos de variação 2. Já se estes elementos estiverem dentro da fronteira da frase entoacional a próclise pode ser derivada.

A seguinte afirmação de Martins (2003b) pode corroborar esta hipótese:

*“Afonso de Albuquerque who was born in the second half of fifteenth century was the first Portuguese viceroy of India. The pattern of clitic placement represented in his letters from India is the typical pattern of clitic placement found in late Old Portuguese (that is, in the fifteenth and early sixteenth centuries, a period also referred to as Middle Portuguese). During the thirteenth century and most of fourteenth century the constraint against placing clitics in sentence initial position known by the name of Tobler-Mussafia excludes clitics not only from the absolute sentential left periphery but also from the immediate first position after a Left Dislocated constituent, a clausal adjunct (namely an adverbial clause), or a coordinate conjunction. In the fifteenth century, however, the interdiction against placing clitics sentence initially appears to be restricted to the absolute sentence-peripheral position. From the second half of the fourteenth century, clitics can be attested following a coordinate conjunction. In the next century clitics are also found following a left adjoined adverbial clause or a Left Dislocated phrase. Whatever the nature of Tobler-Mussafia constraint is (be it syntactically or prosodically motivated), I take these facts to show that there was a weakening of this constraint in the fifteenth century, instead of three near simultaneous changes affecting the syntax of coordinate structures, the syntax of complex sentences integrating adverbial clauses, and the syntax of Clitic Left Dislocation structures.”* Martins (2003b:214, nota 2)

Portanto, as orações não dependentes com ‘cInegV’ e ‘cIV’ antecidas por oração anteposta e conjunção copulativa, encontradas somente no *sistema médio*, podem ser explicadas pelo fato de nesta gramática ser suficiente existir material fonético para suportar o acento inicial e manter a ordem proclítica, derivada pela sintaxe, sendo a ênclise um fenômeno relacionado apenas à restrição do clítico à primeira posição absoluta (cf. Galves Britto e Paixão de

Sousa, 2005 e Galves e Sândalo, 2004). O fato de os fenômenos relacionados à prosódia serem opcionais (Guasti & Nespor, 1999, Frota e Vigário, 1996, 2001, e Fernandes, 2007) poderá capturar a opcionalidade na colocação dos pronomes nas orações não dependentes introduzidas por oração anteposta e pelos conectivos ‘e’, ‘mas’ e ‘ou’.

Vimos, em **II.2.2.1**, um fato que pode corroborar esta hipótese: a frequência de ‘NclV’ nas orações subordinadas parece ser favorecida nas sentenças com ‘X’ pré-verbal. Na ausência de um constituinte pré-verbal a interpolação da negação chega a ser categórica em alguns textos. Em outros termos, a ausência de um ‘X’ pré-verbal desfavorece a próclise com adjacência ‘clV’.

No entanto, apesar da presença de um ‘X’ pré-verbal favorecer a ordem ‘NclV’ (clítico adjacente ao verbo), não impede a interpolação, visto que a estrutura com interpolação da negação é preferencial, havendo um equilíbrio entre ‘C-cl-N-V’ e ‘C-X-cl-N-V’.

O fato de a ordem sem interpolação da negação ser favorecida pelas estruturas com um ‘X’ pré-verbal pode sugerir uma atuação da prosódica nas preferências pelas ordens ‘NCLV’ e ‘CLNV’. A incidência de constituintes pré-verbais entre o complementizador e o clítico pode aumentar a probabilidade de “pausas” na fala. E uma vez que o clítico é sensível à primeira posição absoluta em toda a história do português a ordem ‘NCLV’ poderia capturar o ritmo na escrita. No entanto, a otimização do ritmo não seria forte o suficiente para mudar a preferência pela interpolação do ‘não’ nos textos. O contexto sintático parece ser mais forte aqui, como pudemos constatar nas orações com complementadores nulos, em II.2.2.1.2. Os dados de próclise ‘clV’ e de interpolação da negação com **comp nulo** sugerem que a próclise é sintaticamente motivada e deverá ser categórica *especialmente* nas orações dependentes sem complementadores.

Sobre a gramática contemporânea (PE), acabamos por adiantar nossa proposta no **capítulo quarto**.

## V.2.4 O português europeu moderno

Vimos que os clíticos são sensíveis ao vocabulário e por essa razão podem sofrer inversão prosódica com seu hospedeiro. Consideramos a generalização de Galves e Sândalo (2004) sobre o domínio no qual o clítico não pode ser inicial em PE. As autoras argumentam que a colocação de clíticos no português europeu é resultado da interação morfológica *edgmost* (CL, L, I') dominada pela restrição *Non-Initial* (CL, 1° X'). Desta forma o clítico deve estar alinhado a I' no PE. No entanto, nas orações raízes, I' é o primeiro X' da oração, neste ambiente então, o clítico sofre deslocamento local após a inserção vocabular no componente morfológico. Note que, diferentemente das outras fases do português, a restrição que proíbe o clítico de poder estar em posição inicial no PE é morfossintática.<sup>99</sup>

No entanto, uma vez que propomos que a negação e o clítico formam um núcleo complexo em português, esperaríamos que o 'não' pudesse continuar sendo interpolado nos ambientes de próclise categórica em PE. Vimos que esta predição se comprova nos textos do CTB, mas, por outro lado a interpolação da negação não é preferida no PE de hoje, apesar de alguns dialetos manterem ainda esta possibilidade.

### PE:

- (021) “O Paulo telefonou-**me**”
- (022) “O Paulo não **me** telefonou”
- (023) “O João disse que o Paulo **me** telefonou”
- (024) “O João disse que o Paulo não **me** telefonou”

A hipótese central de Galves et alii (1998) consiste no fato de a mudança na sintaxe do PE ter sido desencadeada por uma mudança prosódica prévia, que alterou o padrão rítmico da língua falada. E considera que a prosódia do português clássico é semelhante à prosódia do português brasileiro. E ainda, que os textos escritos refletem o padrão rítmico de seus autores, através de escolhas lexicais e sintáticas ditadas por considerações prosódicas que escapam à censura da norma.

---

<sup>99</sup> Isto explicaria o fato de os clíticos em próclise poderem iniciar um sintagma entoacional no PE (cf. Vigário, 2003), apesar de não otimizar o ritmo da língua.

Propomos que a variação ‘*clnegV*’ e ‘*negclV*’ é livre nos contextos de próclise categórica. Porém o padrão acentual do PE é otimizado pela ordem da próclise com adjacência ‘*negclV*’.

A *gramática do português europeu contemporâneo*, diferentemente da *gramática média* que possui o acento principal à esquerda do IntP, tem o acento inicial de palavra fonológica como o mais proeminente (cf. Vigário 2003). Portanto, devemos prever uma ordenação preferencial que otimize esta acentuação inicial de palavra fonológica. De acordo com Frota, Galves e Vigário (2007), esta mudança rítmica seria posterior ao surgimento das reduções das vogais pré-tônicas (já atestada no século 17 por Marquilhas 1998, entre outros trabalhos da autora), e à mudança sintática que veda a próclise (“*clV*” e “*clnegV*”) nas orações raízes, e as propriedades **V2** da gramática média como a ordem **VS** e o fenômeno do frenteamento, também indiciadas na fronteira do século 17 e 18.

A proposta de Galves, Frota e Vigário (a sair) explica porque a estabilização da ordem “*C-(X)-neg-clV*” é bastante tardia nas **orações dependentes**, posterior à mudança sintática que veda a possibilidade de “*cl-neg-V*” nas **orações não dependentes**. Será somente no século 20 que a ordem “*C-(X)-neg-cl-V*” vai superar a ordem “*C-(X)-cl-neg-V*”, justamente, segundo propomos, pelo fato do clítico não suportar bem este acento inicial de palavra fonológica. Sendo assim a ordem “*cl-neg-V*” não se encaixa ao ritmo adequado para palavra fonológica do PE, e torna-se menos freqüente, também nos ambientes de próclise categórica.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDO, P. L. (2000). *Colocação de clíticos em orações infinitivas introduzidas por preposição no português clássico*. Projeto de iniciação científica – Relatório parcial
- ABAURRE, M. B. e GALVES, C. M. C. (1998). “As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista”. Em: *DELTA*. Vol 14, n°2. São Paulo.
- ACKEMA, Peter, e NEELEMAN, Ad (2004). *Beyond morphology. Interface conditions on word formation*. New York, Oxford University Press.
- ADAMS, Marianne Patalino (1987). *Old French, null subjects, and verb second phenomena*. Ph.D. dissertation. University of California, Los Angeles.
- ANDERSON, S. (1982): “Where is morphology?”. Em : *Linguistic Inquiry*, n° 13, pp 571-612.
- ANDERSON, S. (1992): *A-morphous morphology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- BAKER, M. (1998): *Incorporation. A theory of grammatical fuction changing*. Chicago. University of Chicago Press.
- BARBOSA, P. (2000). “Clitics: a window into the null subject property.” Em: *Portuguese Syntax*. João Costa (org). New York: Oxford University Press.
- BELLETTI, A. (1990): *Generalized verb moviment: Aspects of verb syntax*. MS, University de Genève.
- BENINCÁ, Paola e CINQUE, Gugliemo (1993). Su alcune differenze fra enclisi e proclisi, in *Omaggio a Gianfranco Folena*, Padova, Programma 1993.
- BOBALJIK, J. D. (1995) *Morphosyntax: On the syntax of verbal inflation*. Ph. D. Dissertation. Cambridge, Massachusetts. Massachusetts Institute of Technology.
- CARDEIRA, Esperança. (2005). *Entre o português antigo e o português clássico*. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Lisboa.
- CARDINALETTI, Ana e ROBERTS, Jan. (1991). “Clause structure and X-second”. Artigo inédito.
- CARDINALETTI, Ana e STARKE, Michal. (1999). “The typology of structural deficiency: A case study of three classes of pronouns”. In: *Clitics in the languages of Europe*. Henk Van Riemsdijk (ed.). WdeG.
- CASTRO, Ivo (1991). *Curso de história da língua portuguesa*. Universidade Aberta de Lisboa.
- CASTRO, Ivo (2006) *Introdução à História do português*. Edições Colibri. Lisboa.
- CHOMSKY, Noam. (1970). “Remarks on nominalization”. In: *Reedings in English transformational grammar*. JACOBS, R & ROSENBAUM P. (orgs.). Waltham, MA, Ginn.
- CHOMSKY, Noam. (1979). *Principles and parameters in linguistic theory*, MIT.
- CHOMSKY, Noam. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- CHOMSKY, Noam. (1986). *Barriers*. Cambridge (MA). MIT Press.
- CHOMSKY, Noam. (1993). “Minimalist program for linguistic inquiry”. In *View from the building 20*. Cambridge (MA). HALLE, K. & KEYSER, J. (eds) MIT Press.
- CHOMSKY, Noam. (1995). *The minimalist program*. Cambridge (MA). MIT Press.
- CHOMSKY, Noam. (2001). “Derivation by phase”. In: *A life in language*. Kenstowing, Michael (ed), Ken Hale. Cambridge (MA). MIT Press.
- CHOMSKY, Noam. (2004). *Sytructures and beyond – the cartography of syntactic structures*. vol 3. Oxford University Press. (Oxford/New York)

- CHOMSKY, N. & Lasnik, H. (1993). "The Theory of Principles and Parameters". In Jacobs, J. et alii (org), *Syntax, an International Handbook of Contemporary Research*. Walter de Gruyter, Berlin, New York.
- COSTA, João. (1996). "Positions for subjects in European Portuguese". In: *Proceedings of WCCFL XV*. Stanford: CSLI.
- COSTA, João. (1998). *Word order and constraint Interaction: A constraint based approach*, PhD Dissertation, Leiden University
- COSTA, João. (1999). "Word order and configurationality in European Portuguese". In: *Portuguese Syntax – New comparative studies*. J. Costa (ed.). Oxford University Press, Oxford.
- COSTA, João. (2000): "Spec, IP ou deslocado? Prós e contras das duas análises dos sujeitos pré-verbais". Em: *DELTA*. Vol 17, n.º2. São Paulo.
- COSTA, João. & Charlotte. GALVES (2002). "External subjects in two varieties of Portuguese. Evidence for a non-unified analysis". In: *Proceedings of going Romance 2000*, Claire Beyssade, Reineke Bok-Bennema, Frank Drijkoningen, Paola Monachesi (eds). Amsterdam/Philadelphia: Jhon Beijamins.
- COSTA, João & DUARTE, Inês (2002): "Preverbal subjects in null subjects languages are not necessarily dislocated". In: *Journal of Portuguese Linguistic*, 1, 159-175.
- COSTA, João, e MARTINS, Ana Maria (2004). "What is strong functional head?". Lisbon: *Workshop on Alternative Views on the Functional Domain*.
- CUESTA, Pilar Vasquez, e LUZ, Maria Albertina Mendes (1971). *Gramática da língua portuguesa*. Tradução de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. Lisboa: Edições 70/Livraria Martins Fontes, 1ª edição em português, 1980.
- CYRINO, Sônia M. L. (1997). "A acentuação gráfica em João de Barros e elementos nulos no SN." Em: *Estudos Lingüísticos e literários*, n.º19, págs 189-196.
- EIDE, Kristine (2002): "A noção de tópico e a ordem de palavras no português do século XVI". Em: *Romansk Fórum Nr. 16 – 2002/2. XV Skandinaviske romanistkongress*. Oslo 12.-17. August 2002.
- EMBICK, D. E Noyer, R. (2001). "Movement operations after syntax". In: *Linguistic Inquiry*. 32: 4, 555-595
- FERNANDES, F. R. (2007). *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. UNICAMP. Campinas.
- FIÉIS, Maria. Alexandra Jesus. (1997). *Clíticos num corpus do português do século XIII*. MS. Universidade Nova de Lisboa.
- FIÉIS, Maria. Alexandra Jesus. (2001). "Interpolação em português medieval como adjunção a XP". Em: *Actas do XVI - Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 197-211.
- FONTANA, Joseph Fontana. (1996). "Phonology and syntax in the interpretation of the Tobler-Mussafia law". In: *Approaching second. Second position clitics and related phenomena*. A. L. Halpern e A. M.(ed.) Zwicky. CSLI Publications.
- FROTA, S. (1994). "Aspectos da prosódia do foco no português europeu". Em: *Letras de Hoje*, n.29(4), p. 77-99. Porto Alegre.
- FROTA, S. & VIGÁRIO (2001). "Efeitos de peso no português europeu". Em: *Saberes no Tempo*. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos. Lisboa: Edições Colibri, 2001, p. 315-333.
- FROTA, S. & VIGÁRIO (1996). "On weight effects in European Portuguese". Comunicação apresentada no Glow Workshop On Weight Effects, Atenas, ms., 1996.
- GALVES, Charlotte. (1992). "Clitic in European Portuguese. Evidence for a non-homogeneous theory of clitics". Em: *Atas do workshop sobre o português, Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa.

- GALVES, Charlotte (1996). “Colocação de clíticos e mudança gramatical no português europeu”. Comunicação no 12º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Braga, Portugal.
- GALVES, Charlotte (2001). *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Editora da Unicamp. Campinas-SP
- GALVES, Charlotte (2002) – “Syntax and style: clitic placement in Padre Antonio Vieira”. In: *Santa Barbara Portuguese Studies*, vol. VI, trad. port, "Sintaxe e estilo: a colocação de clíticos nos sermões do Padre Vieira”, Em: *Saudades da Língua*. E. Albano, M.I. Hadler Coudry, S. Possenti & T. Alckmin (orgs.) Mercado de Letras, 2003, págs. 245-260.
- GALVES, Charlotte (2003). “Clitic placement in the history of Portuguese and the syntax phonology interface”. *XXVII Penn Linguistics Colloquium*.
- GALVES, Charlotte. (2004) *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística – Fase II*. UNICAMP CAMPINAS. (Projeto de pesquisa FAPESP)
- GALVES, Antonio, e Charlotte GALVES (1995) – A case study of prosody driven language change: From Classical to Modern European Portuguese. [http://www.ime.usp.br/~tycho/1998\\_2004/papers/lang\\_change.pdf](http://www.ime.usp.br/~tycho/1998_2004/papers/lang_change.pdf)
- GALVES, Charlotte, et alii (1998) *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística*. UNICAMP CAMPINAS. (Projeto de pesquisa FAPESP, n. 98/3382-0).
- GALVES, Charlotte. & Maria Filomena SÂNDALO (2004). "Clitic placement in modern and classical European Portuguese". In: *MIT working papers*. Vol 44.
- GALVES, Charlotte, BRITTO, Helena e PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2005) – “Clitic placement in European Portuguese: Results from the Tycho Brahe corpus”. In: *Journal of Portuguese Linguistics, Vol 4*, n.1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond.
- GALVES, Charlotte, e PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2005) – “Clitic placement and the position of subjects in the history of European Portuguese”. In: *Languages and Linguistic Theory 2003*, T. Geerts, I. Van Ginneken & H. Jacobs (orgs.). Selected papers from ‘Going Romance’ 2003, John Benjamins, 2005, pp. 93-107.
- GALVES, Charlotte, Cristiane NAMIUTI e Maria Clara PAIXÃO DE SOUSA, (2006) – “Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa”. In: *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Annette Endruschat / Rolf Kemmler / Bárbara Schäfer-PrieB (Hrsg). Turbigen: Calapinus Verlag, págs 45-75.
- GIBRAIL, Alba Verôna Brito. (em andamento). “Formas de manifestações de estruturas de tópico do português clássico: Mudança de comportamento sintático na diacronia”. Apresentação no workshop do projeto temáticoI Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística - IEL/UNICAMP. Agosto, 2007.
- GRANBERG, Robert Arthur (1988). “Object pronoun position in medieval and early modern Spanish.”
- GUASTI, M. T. & NESPOR, M. (1999) “Is syntax phonology-free?” In: KAGER, R. & ZONNEVELD, W. (Orgs.). *Phrasal Phonology*. Nijmegen: Nijmegen University Press, 1999.
- Halle (1990). “An Approach to Morphology”. In: *NELLS 20*:150-184.GLSA, University of Massachusetts, Amherst.
- HALLE, M. E MARANTZ, M. (1993): “Distributed morphology and the pieces of inflection”. In: *View from the Building 20: Essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*. Halle, K. e Keyser, J. (eds.). Cambridge, MA, MIT Press.
- HELLAN, Lars e Christer PLATZACK, (1999). "Pronouns in Scandinavian languages: An overview". In: *Clitics in the languages of Europe*. Henk Van Riemsdijk (ed.). WdG.
- HORNSTEIN, Norgert, NUNES, Jairo, e GHOHMANN, Kleanthes K. (2005) *Understanding Minimalism*. Cambridge University Press. Manuscrito: *An introduction to the minimalist syntax*, 2003.
- HUBER, Joseph. (1986). *Gramática do português antigo*. Lisboa, Gulbenkian.

- KAYNE, Richard (1991). "Romance clitics, verb movement and PRO". In: *Linguistic Inquiry*, 22: 647-686
- KAYNE, Richard (1993). "The antisymmetry of ayntax". Ms.. Cuny.
- KROCH, Anthony. (1989). "Reflexes of grammar in patterns of language change". In: *Language Variation and Change 199\_244*. Cambridge University Press.
- KROCH, Anthony. (1994). "Morphosyntactic Variation." In: Beals et al., (eds.), *Proceedings of the Thirtieth Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society*, vol. 2, pp. 180—201.
- KROCH, Anthony. (2003). "Mudança sintática". <http://www.ling.upenn.edu/kroch>. Traduzido por Silvia Cavalcante.
- LAKA, I. (1990). "Negation in syntax: On the nature of functional categories and projections." Ph. D. Dissertation. Cambridge, Massachusetts: MIT.
- LESMAN, Ann St. Clair (1980). *El pronome átono en la prosa española del siglo XVII*
- LIGHTFOOT, D. 1991. *How to set parameters: arguments from language change*. MIT PRESS.
- LOBECK, A. (1995). *Ellipsis, functional heads, licensing and identification*. Oxford, Oxford University Press
- MAGRO, Catarina (2006). "A interpolação nos dados dialectais do CORDIAL-SIN". Comunicação apresentada no *I Encontro sobre Variação e Mudança em Português*. Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho. Braga, Setembro 2006.
- MAGRO, Catarina (2007). *Clíticos: Variações sobre o tema*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- MARANTZ, A. (1995): "A late notion on late insertion". In: *Explorations in Generative Grammar*, ed. Young-Sum Kim, et al.. Hankuk Publising Co., Seoul, págs 396-413.
- MARANTZ, A. (1998): "Clitics, morphological merger, and the mapping of phonological structure". In: M. Hammond e M. Noonan (eds.), *Theoretical Morphology*. Academic Press. San Diego, págs 253-270.
- MARQUILHAS, Rita (1998). "Mãos inábeis nos arquivos da inquisição. Fontes para o estudo fonológico do português do século XVII". Em: *Homenaxe a Ramón Lorenzo. Tomo II*. Kremer, D. (ed.). Vigo, Galaxia, pp. 761-767
- MARTINS, Ana Maria (1994). "Clíticos na história do português". Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa. Mimeo.
- MARTINS, Ana Maria (1997) – "Mudança sintática clíticos, negação e um pouquinho de scrambling". Em: *Estudos Lingüísticos e Literários*, n.º 19, Salvador: Programa de Pós Graduação da Universidade Federal da Bahia.
- MARTINS, Ana Maria (2000): "Polarity items in romance: Underspecification and lexical change." In: *Diachronic syntax: models and mechanisms*. Pintzuk, Susan, George Tsoulas e Anthony Warnes (orgs.). Oxford University Press.
- MARTINS, Ana Maria. (2002a). "Mudança sintática e história da língua portuguesa". Em: *História da Língua e História da Gramática*. Actas do Encontro. Coleção Poliedro 11. Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos. Braga 2002.
- MARTINS, Ana Maria. (2002b). "Tipologia e mudança lingüísticas: os pronomes pessoais do português e do espanhol". Artigo inédito.
- MARTINS, Ana Maria. (2003a) "Deficient pronouns and linguistic changes in Portuguese and Spanish" In *J. Romance language and linguistic theory*. Selected Papers from 'Going Romance, 2001. Schroten (ed.). Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- MARTINS, Ana Maria. (2003b). "From unity to diversity in romance syntax. portuguese and spanish". In: *Aspects of multilingualism in european language history*. vol 2. Kurt Braunmüller, Gisella Ferraresi (eds). University of hamburg. John Bejanmins Publishing Company. Amsterdam / philadelphia.

- MARTINS, Ana Maria. (2005). "Clitic placement, VP-ellipsis and scrambling in Romance". In: *Gramaticalization and Parametric Variation*. Batilbori, Montse, Maria Lhuísa Hermanz, Carme Picallo, e F. Roca (eds.). Oxford University Press.
- MARTINS, Ana Maria. (to appear). "Double realization of verbal copies in European Portuguese emphatic affirmation". In: *The copy theory of movement on the PF side*. Nobert Cover and Jairo Nunes (eds.). John Benjamins.
- MATOS, Gabriela Ardisson (1994). "A Distribuição de Despojamento". Em: Inês Duarte e Isabel Leiria (orgs) Congresso Internacional sobre o português. vol II. Edições Colibri.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia (1991). *Português arcaico, Fonologia*. S.Paulo: Contexto.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia (1992). *Para uma caracterização do período arcaico do português*. Mimeo.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia (1994). *Português arcaico, morfologia e sintaxe*. S.Paulo. Contexto.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virginia (1989). *Estruturas trecentistas: Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- MIOTO, Carlos (1992): "Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática". Doutorado em lingüística – UNICAMP.
- MUIDINE, Soraia Aboo (2000): "Os pronomes i e em(de) no português dos séculos XIII ao XVI". Dissertação de Mestrado, Lisboa.
- NAMIUTI, C. (2006). "Um estudo sobre o fenômeno da interpolação de constituintes na história do português". Em: *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Número 48(2). Págs: 171-194. Campinas-UNICAMP.
- NAMIUTI, Cristiane (a sair). "A negação sentencial no português: uma visão diacrônica". Em: *Cadernos de Qualificações*. UNICAMP. (Apresentado em 2006 para exame de qualificação na área de sintaxe).
- NOYER, R (2004): "Distributed Morphology". <http://www.ling.upenn.edu/~rnoyer/dm/>
- PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2004). "Língua Barroca: sintaxe e história do português nos 1600". Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP
- PARCERO, Lúcia. (1999). "Fronteamentos de constituintes no português dos séculos XV, XVI e XVII". Dissertação de Mestrado, UFBA, Salvador-Ba.
- PERES, João (1995). "Extending the notion of negative concord". In: *Negation and polarity. Syntax and Semantics*. Selected papers from the colloquium: "Negation: Syntax and semantics", Ottawa, 1995. Danielle Forget, Paul Hirschbühler, France Martineau e María Luisa Rivero (eds). Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science. Series IV, Current issues in linguistic theory, vol 155. John Benjamins Publishing Company.
- POLLOCK, J. I. (1989). "Verb Movement, UG and the Structure of IP". In: *Linguistic Inquiry* 20, págs.365-424.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. (2000). "Clitic positions and Verb movement". In: *Portuguese Syntax: New*
- RAPOSO, Eduardo Paiva (1994). "Afectives operators and clausal structure in European Portuguese and European Spanish", manuscrito inédita.
- RIBEIRO, Ilza (1995). "A sintaxe da ordem do português arcaico: o efeito V2". Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- RIBEIRO, Ilza. (1996). "Questões sobre a ordem dos constituintes no português arcaico e no português clássico". *Boletim ABRALIN N° 17*.
- RIVERO, María Luisa. (1993). "Subida de los clíticos y de SN em español antiguo". In: *Los pronomes átonos*. Fernández Soriano, (ed.). Madrid: Taurus, 1993. Págs. 101-136

- RIVERO, María Luisa. (1994). "Negation, imperatives and Wackernagel effects". In: *Revista di Linguistica*.
- RIVERO, María Luisa. (1997). "On two locations for complement clitic pronouns: Serbo-Croatian, Bulgarian and Old Spanish". In: *Parameters of morphosyntactic change*. Ans Van Kemenade and Migel Vicenti (eds.). Cambridge University Press. Págs. 170-206.
- ROHRBAUGH, Eugene (1995): "The role of focus in licensing and interpretation of negative polarity items". In: *Negation and polarity / Syntax and Semantics*.
- SAID ALI, Manuel (1921): *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo. Melhoramentos, 3ª edição, 1964.
- SÂNDALO, M. F. S. (2001). "Morfologia". In: *Introdução à Lingüística*. Domínios e Fronteiras. Fernanda Mussalim e Anna Cristina Bentes (eds). Vol 1. Cortez Editora.
- SANTOS MARTINHO, Fernando Jorge Dos (1998): "A elipse nominal em português e em francês". Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. PORTO. Abril de 1998.
- SANTOS, Lucas (2005): "O desempenho do não como prefixo no português brasileiro contemporâneo". Em: *Do português arcaico ao português Brasileiro*. Sônia Bastos Borba Costa e Américo Venâncio Lopes Machado Filho (orgs.). Edufba.
- SAPIR, E. (1921). *Language*. NY, Hartcourt, Brace & World.
- SARAIVA, António José (1970). *História da Literatura Portuguesa*. Livraria Bertrand
- SILVA, C. V. (2002) "Ordens de constituintes no latim medieval e no português antigo: scrambling e interpolação", in Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: APL.
- SPENCER, Andrew (1991). *Morphological Theory*. Blackwell press.
- TEYSSIER, P. (1982). *História da língua portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa.
- TORRES MORAES, Maria Aparecida. (1995). "Do português clássico ao português moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo". Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- VALLDUVÍ, E (1992). *The informational component*. Garland Publishing. Nova York | Londres.
- VIGÁRIO, Marina (1999). "On the prosodic status of stressless function words in european portuguese". In: *Current issues in linguistic theory: studies on the phonological word*. T. Alan Hall e Ursula Kleinhenz (eds). John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia. Págs 255-295.
- VIGÁRIO, Marina (2003). "Quando meia palavra basta: Apagamento de palavras fonológicas em estruturas coordenadas". Em: *Razões e emoções. miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Vol. II. Castri, I. e Duarte I. (eds.). Lisboa: Colibri, págs 415-435.
- ZANUTTINI, Rafaella (1991). "Syntatic properties of sentential negation. A comparative study of romance languages". PhD Thesis. University of Pennsylvania.
- ZANUTTINI, Rafaella (1994). "Re-examining negative clauses". In: *Paths Towards Universal Grammar: Studies in honor of Richard Kayne* G.Cinque, J.-Y. Pollock, L.Rizzi e R. Zanutti (ed.). 427-451. Washington, D. C.: Georgetown University Press.







## Índice

I. CORPUS	269
II RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS	273
ii.i Números Gerais	273
Tabela 1: Todos os dados	273
Tabela 2: Próclises com adjacência clV provenientes de www.ime.usp.br/corpus/database	274
Tabela 3: Próclise com adjacência ‘clV’ e interpolação	275
ii.ii. Interpolação vs. adjacência ‘clV’ nos autores do Corpus Tycho Brahe	276
ii.ii.i. Interpolação generalizada no CTB	276
Tabela 1: C-cl-X-V vs. C-X-clV	276
ii.ii.ii. C-cl-X-N-V ~ C-X-cl-N-V ~ C-X-N-clV	277
Tabela 2: C-cl-X-N-V ~ C-X-cl-N-V ~ C-X-N-clV	277
ii.ii.iii. Interpolação da negação no CTB	278
Tabela 3: Interpolação da negação vs. próclise com adjacência ‘n-cl-V’ (todos os contextos)	278
ii.ii.iii.i Interpolação da negação no CTB: de acordo com o ambiente sintático	279
Tabela 4: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em subordinadas finitas	279
Tabela 5: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em subordinadas finitas: ordens lineares C-cl-N-V/ C-X-cl-N-V/ C-X-N-cl-V e complementadores nulos	280
Tabela 6: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em orações finitas introduzidas por “porque”: ordens lineares ‘porque-cl-N-V’/ ‘porque-X-cl-N-V’/ ‘porque-X-N-cl-V’	281
Tabela 7: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em orações finitas introduzidas pelas conjunções coordenativas <i>que, pois, e porém</i> : ordens lineares ‘conj-cl-N-V’/ ‘conj-X-cl-N-V’/ ‘conj-X-N-cl-V’	282
Tabela 8: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em orações infinitivas de acordo com a presença e ausência da preposição, o tipo de preposição e a contigüidade <i>prep-cl</i> .	283
Tabela 9: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em orações não dependentes finitas introduzidas por <i>operadores proclisadores</i>	284
Tabela 10: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em ambientes de variação ‘clV’/‘Vcl’ (de acordo com o elemento que introduz a oração e não condiciona obrigatoriamente a próclise)	285
Tabela 11: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ com imperativo negativo e sujeito passivo.	286
Tabela 12: Interpolação vs adjacência ‘clV’ e os casos com complementadores nulos nas orações subordinadas finitas negativas.	287
ii.ii.iv Gráficos	288
Gráfico 1: interpolação generalizada - CTB	288
Gráfico 2: interpolação da negação - CTB	288
Gráfico 3: interpolação da negação em subordinadas finitas - CTB	289
Gráfico 4: interpolação da negação em não dependentes ‘XV’ (contextos de variação clV/Vcl) – CTB	289
Gráfico 5: interpolação da negação em não dependentes ‘XV’ (contextos de variação clV/Vcl) vs clV/Vcl	290
Gráfico 6: interpolação da negação vs próclise com adjacência ‘NclV’ em não dependentes de acordo com o elemento que introduz a oração	290
Gráfico 7: Interpolação vs. próclise com adjacência nas orações subordinadas negativas com um X pré-verbal diferente da naegação: C-cl-X-N-V / C-X-cl-N-V / C-X-N-V	291
Gráfico 8: Interpolação vs próclise com adjacência quando temos apenas a negação como elemento pré verbal nas orações encaixadas C-cl-N-V / C-N-cl-V	291

Gráfico 9: Mais uma visão das ordens com mais de um constituinte pré-verbal além da negação _____	292
Gráfico 10: A distribuição das ordens nas orações subordinadas finitas negativas _____	292
<b>ii.iii. Interpolação versus adjacência 'clV' de 1200 a 1900 vários corpora _____</b>	<b>293</b>
Tabela ii.iii.1 – Ordens C-cl-X-N-V / C-X-cl-N-V / C-cl-N-V / C-cl-X-V / C-X-cl-V (Martins 1994) _____	294
Tabela ii.iii.2 – Interpolação vs próclise com adjacência 'clV' em três corpora _____	295
Tabela ii.iii.3 – Interpolação da negação em orações não dependentes 'XV' _____	296
Tabela ii.iii.4 – Ênclises vs próclises em orações não dependentes 'XV' - três corpora _____	296
Tabela ii.iii.5 – Distribuição dos dados de interpolação 'cl X V' e 'cl neg V' em três corpora _____	297
Gráfico ii.iii.1 – Perda da interpolação de elementos diferentes da negação _____	298
Gráfico ii.iii.2 C-cl-X-N-V vs C-X-cl-N-V _____	299
Gráfico ii.iii.3: C-cl-X-N-V vs C-X-cl-N-V _____	300
Gráfico ii.iii.4: Ênclises vs próclises _____	301
Gráfico ii.iii.5: Três corpora, três conjunto de dados e três padrões _____	302
<b>III. METODOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS. _____</b>	<b>303</b>
<b>IV. BANCO DE DADOS. _____</b>	<b>309</b>
<i>http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/namiuti/index.html _____</i>	<i>309</i>

### **i. CORPUS**

O corpus utilizado nesta pesquisa é composto de 20 textos que integram o Corpus Histórico do português Anotado Tycho Brahe: <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus>

1. Duarte Galvão (1435-1517). Chronica do muito alto e muito esclarecido principe D. Affonso Henriques primeiro Rey de Portugal / composta por Duarte Galvão ; fielmente copiada do seu original, que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo... por Miguel Lopes Ferreira. - Lisboa Occidental : na Officina Ferreyriana, 1726. - [23], 95 [1]p.;27cm<http://purl.pt/308>  
[\[http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/g\\_009.xml\]](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/g_009.xml)
2. Pero Magalhães de Gandavo (~1502 - ??) História da prouincia Sãcta Cruz que vulgarme[n]te chamamos Brasil / feita por Pero Magalhães de Gandauo. Em Lisboa: na officina de António Gonsaluez: vendense em casa de João Lopez, 1576. 48 f. : 1 est. ; 4° (18 cm) - Assin: A-F//8. - Anselmo 709. - Faria - BN Rio de Janeiro p. 38. - B. MUseum 150 coln 204 [\[http://purl.pt/121\]](http://purl.pt/121)  
[http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/g\\_008.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/g_008.xml).
3. Francisco de Holanda (1517-1584) - Da Pintura Antiga (introdução e notas de Angel Gonzáles Garcia) Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa 1983.  
[http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/h\\_001.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/h_001.xml).
4. Diogo do Couto (1542-1606) - Décadas (selecção, prefácio e notas de António Baião). Vol 1. Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1947.  
[http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c\\_007.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_007.xml).
5. Luís de Sousa (1556-1632) Vida de Dom Frei Bertolameu dos Mártires (ed. Aníbal Pinto de Castro & Gladstone Chaves de Melo). Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/s\\_001.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/s_001.xml).
6. Francisco Rodrigues Lobo (1574-1621) Corte na Aldeia e Noites de Inverno (prefácio e notas de Afonso Lopes Vieira). Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1927.  
[http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/l\\_001.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/l_001.xml).
7. Francisco Manuel de Melo (1608-1666) Cartas Familiares (selecção, prefácio e notas pelo Prof. Rodrigues Lapa). Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1937.  
[http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/m\\_001.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/m_001.xml).
8. António Vieira (1608-1697) Cartas (ed. Lúcio d'Azevedo). Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/v\\_002.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/v_002.xml).
9. António Vieira (1608-1697) Sermões (ed. prefaciada e revista pelo Rev. Padre Gonçalo Alves). Porto, Livraria Chardon, de Lello & Irmão Editores.  
[http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/v\\_004.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/v_004.xml).

10. António das Chagas (1631-1682) Cartas Espirituais (ed. Rodrigues Lapa). Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c\\_003.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_003.xml).
11. Manuel Bernardes (1644-1710) Nova Floresta (introdução de Alberto L. Rodrigues). Porto, Lello & Irmão Editores, 1974. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/b\\_003.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/b_003.xml).
12. José da Cunha Brochado (1651-1735) Cartas (selecção, prefácio e notas de António Álvaro Dória). Lisboa, Editora Livraria Sá da Costa, 1944. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/b\\_008.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/b_008.xml).
13. Maria do Céu (1658-1753) Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos a Venerável Madre Elenna da Crus (transcrição do Códice 87 da Biblioteca Nacional precedida de um estudo histórico, por Filomena Belo). Quimera. Lisboa, 1993. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c\\_002.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/c_002.xml).
14. André de Barros (1675-1754) Vida do Apostolico Padre António Vieira. Officina Sylviana. Lisboa. 1746. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/b\\_001.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/b_001.xml).
15. Matias Aires (1705-1763) Reflexões sobre a Vaidade dos Homens ou Discursos Moraes Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1980. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/a\\_001.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/a_001.xml).
16. Luís António Verney (1713-1792) Verdadeiro Método de Estudar (ed. António Salgado Filho). Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1949. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/v\\_001.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/v_001.xml).
17. Marquesa d'Alorna (1750-1839) Inéditos, Cartas e Outros Escritos (ed. Hernani Cidade). Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1941. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/a\\_004.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/a_004.xml).
18. Correia Garção (1724-1772). Obras Completas (texto fixado, prefácio e notas por António José Saraiva). Volume II, Prosas e Teatro. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1982. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/g\\_002.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/g_002.xml).
19. Almeida Garrett (1799-1854) Viagens na Minha Terra (electronic edition - CD-ROM - Biblioteca Virtual de Autores Portugueses). Lisboa, Imprensa Nacional - Biblioteca Nacional, 1998. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/g\\_003.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/g_003.xml).
20. Ramalho Ortigão (1836-1915) Cartas a Emília (Introdução, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini). Lisboa, Lisóptima Edições - Biblioteca Nacional, 1993. [http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/o\\_001.xml](http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/texts/xml/o_001.xml).

i. CORPUS

	<b>CORPUS: INDICE</b>	<b>Nome</b>	<b>Identificação 1 (ID- 1)</b>	<b>Identificação 2 (ID- 2)</b>	<b>DATA DE NASC.</b>
01	Duarte Galvão (1435 – 1517)	galvão	gal	G_009	-1435
02	Pedro de Magalhães Gandavo (150? -1579)	gandavo	gan	G_008	-150?
03	Fco de Holanda (1517)	holanda	hol	H_001	-1517
04	Diogo do Couto (1542)	couto	cou	C_007	-1542
05	Luis de Sousa (1556)	sousa	sou	S_001	-1556
06	F. Rodrigues Lobo (1579)	lobo	lob	L_001	-1579
07	Antonio Vieira (1608) cartas	vieira_letters	vie_l	V_004	-1608
08	Antonio Vieira (1608) sermões	vieira_sermões	vie_s	V_002	-1608
09	F. Manuel de Melo (1608) cartas	melo	mel	M_003	-1608
10	Antonio das Chagas (1631)	chagas	cha	C_003	-1631
11	Manuel Bernardes (1644)	bernardes	ber	B_003	-1644
12	J Cunha Brochado (1651)	brochado	bro	B_008	-1651
13	Maria do Ceu (1658)	ceu	ceu	C_002	-1658
14	Andre de Barros (1675)	barros	bar	B_001	-1675
15	Matias Aires (1705)	aires	air	A_001	-1705
16	Verney (1713)	verney	ver	V_001	-1713
17	Correia Garção (1724)	garcao	gar	G_002	-1724
18	Marquesa de Alorna (1750)	alorna	alo	A_003	-1750
19	Almeida Garrett (1799) Viagens	garrett	grr	G_005	-1799
20	Ramalho Ortigao (1836)	ortigao	ort	O_001	-1836



## ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS

*Uma vez que a interpolação está em variação com a próclise verbal, para medirmos o quanto o autor interpola os elementos diferentes da negação faz-se necessário medir esta variação.*

*Porém nem todos os dados de próclise estão em variação com a interpolação, pois, para que a opção da interpolação seja válida é preciso que no contexto exista um elemento pré-verbal interpolável.*

*A análise quantitativa deverá, portanto, adotar alguns critérios para a seleção dos dados a serem comparados.*

*Ao examinarmos os dados de próclise do texto consideramos apenas os mesmos contextos em que foi atestada a interpolação naquele texto.*

### ii.i Números Gerais

Tabela 1: Todos os dados

Os autores a partir de S001 contêm DB2, ou seja foram utilizados os dados de próclise com adjacência 'clítico-verbo' em orações não negativas do DATA BASE em <a href="http://www.ime.usp/~tycho/corpus/database">www.ime.usp/~tycho/corpus/database</a>						
TAB1						
autores	com interpolação	com adjacência cl-V	Total de dados	Descartados	total de sentenças analisadas	
1) G009	113	111	224	947	1171	
2) G008	6	21	27	159	186	
3) H001	137	169	306	490	796	
4) C007	130	220	350	636	986	
5) S001	57	364	421	726	1147	
6) L001	107	457	564	1026	1590	
7) V004	106	447	553	674	1227	
8) V002	162	534	696	1246	1942	
9) M003	156	626	782	1017	1799	
10) C003	137	371	508	862	1370	
11) B003	66	395	461	753	1214	
12) B008	43	251	294	453	747	
13) C002	57	283	340	646	986	
14) B001	28	307	335	501	836	
15) A001	97	770	867	1188	2055	
16) V001	36	570	606	620	1226	
17) G002	33	185	218	359	577	
18) A004	65	432	497	739	1236	
19) G005	93	308	401	563	964	
20) O001	38	198	236	298	534	
<b>TOTAL</b>	<b>1667</b>	<b>7019</b>	<b>8686</b>	<b>13903</b>	<b>22589</b>	

ii. RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 2: Próclises com adjacência clV provenientes de [www.ime.usp.br/corpus/database](http://www.ime.usp.br/corpus/database)

Das 22583 sentenças analisadas são provenientes do DATA BASE em  
[www.ime.usp/~tycho/corpus/database](http://www.ime.usp/~tycho/corpus/database)

TAB2

	C-X-clV	Descartados	TOTAL de dados de próclise com adjacência cl-V sem negação
1) S001	308	722	1030
2) L001	412	1025	1437
3) V004	387	664	1051
4) V002	430	1163	1593
5) M003	586	1015	1601
6) C003	289	859	1148
7) B003	346	740	1086
8) B008	234	452	686
9) C002	264	639	903
10) B001	295	496	791
11) A001	641	1187	1828
12) V001	446	610	1056
13) G002	159	356	515
14) A004	385	735	1120
15) G005	247	552	799
16) O001	168	292	460
<b>TOTAL</b>	<b>5597</b>	<b>11507</b>	<b>17104</b>



## BANCO DE DADOS

## ii. RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 3: Próclise com adjacência 'clV' e interpolação

Das 22583 sentenças analisadas NÃO são provenientes do DATA BASE em  
www.ime.usp/~tycho/corpus/database

**TAB 3**

		Dados de interpolação generalizada	Dados de interpolação da negação	Próclise com adjacência 'cl-V' e com negação	Próclise com adjacência 'cl-V' e sem negação	Descartados	Total de sentenças analisadas
1)	<b>G009</b>	73	40	2	109	947	1171
2)	<b>G008</b>	0	6	3	18	159	186
3)	<b>H001</b>	76	71	61	98	490	796
4)	<b>C007</b>	37	93	13	207	636	986
5)	<b>S001</b>	3	54	56	DB-2	4	117
6)	<b>L001</b>	9	98	45	DB-2	1	153
7)	<b>V004</b>	0	106	71	DB-2	10	187
8)	<b>V002</b>	0	162	60	DB-2	83	305
9)	<b>M003</b>	10	144	40	DB-2	0	194
10)	<b>C003</b>	2	133	82	DB-2	2	219
11)	<b>B003</b>	0	66	49	DB-2	13	128
12)	<b>B008</b>	0	43	17	DB-2	1	61
13)	<b>C002</b>	0	57	19	DB-2	7	83
14)	<b>B001</b>	0	27	12	DB-2	5	44
15)	<b>A001</b>	0	97	129	DB-2	1	227
16)	<b>V001</b>	0	36	124	DB-2	10	170
17)	<b>G002</b>	0	33	26	DB-2	3	62
18)	<b>A004</b>	0	64	47	DB-2	4	115
19)	<b>G005</b>	13	80	61	DB-2	11	165
20)	<b>O001</b>	0	38	30	DB-2	6	74
	<b>TOTAL</b>	<b>223</b>	<b>1448</b>	<b>947</b>	<b>432</b>	<b>2393</b>	<b>5443</b>

ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

**ii.ii. Interpolação vs. adjacência ‘cIV’ nos autores do Corpus Tycho Brahe**

**ii.ii.i. Interpolação generalizada no CTB**

Tabela 1: C-cl-X-V vs. C-X-clV

Tab1

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001	
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT	
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914	
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836	
C-CLX(x)V	73	0	76	37	3	7	0	0	9	2	0	0	0	0	0	0	0	0	12	0	
	0,40	0,00	0,44	0,15	0,01	0,02	0,00	0,00	0,02	0,004	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,05	0,00	
CX(x)CLV	109	17	98	207	308	416	387	430	586	472	346	234	264	295	641	446	159	385	247	168	
	0,60	1,00	0,56	0,85	0,99	0,98	1,00	1,00	0,98	0,996	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	0,95	1,00	
TOTAL de dados (CclXV e CXclV)	182	17	174	244	311	423	387	430	595	474	346	234	264	295	641	446	159	385	259	168	
RESSALVA 1																					
C-X-cl-X-V	3	0	4	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
C-cl-X-NEG-V	4	0	4	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

**ii.ii.ii. C-cl-X-N-V ~ C-X-cl-N-V ~ C-X-N-clV**

Tabela 2: C-cl-X-N-V ~ C-X-cl-N-V ~ C-X-N-clV

Tab2	(Orações dependentes com mais elementos além da negação)										(subordinadas finitas, orações com PORQUE, coordenadas com conjunções ambíguas - que, pois, porém - e infinitivas introduzidas por preposição)									
	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
C-CL-X-N-V	4	0	4	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	0,25	0,00	0,12	0,18	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
C-X-CL-NV	10	1	13	20	11	29	26	49	34	44	19	13	14	11	20	5	13	24	17	10
	0,63	1,00	0,39	0,71	0,73	0,83	0,79	0,80	0,87	0,83	0,58	0,72	0,88	1,00	0,49	0,13	0,81	0,75	0,94	1,00
C-X-N-CLV	2	0	16	3	4	6	7	12	5	9	14	5	2	0	21	34	3	8	1	0
	0,13	0,00	0,48	0,11	0,27	0,17	0,21	0,20	0,13	0,17	0,42	0,28	0,13	0,00	0,51	0,87	0,19	0,25	0,06	0,00
SOMA	16	1	33	28	15	35	33	61	39	53	33	18	16	11	41	39	16	32	18	10

ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

**ii.ii.iii. Interpolação da negação no CTB**

Tabela 3: Interpolação da negação vs. próclise com adjacência ‘n-cl-V’ (todos os contextos)

Tab3. Total de dados

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
CLNV	40	6	61	93	54	98	106	162	146	135	66	43	57	28	97	36	33	65	80	38
	0,95	0,67	0,46	0,88	0,73	0,69	0,60	0,73	0,78	0,62	0,57	0,72	0,81	0,70	0,43	0,23	0,56	0,58	0,57	0,56
NCLV	2	3	71	13	20	45	71	60	40	82	49	17	13	12	129	124	26	47	61	30
	0,05	0,33	0,54	0,12	0,27	0,31	0,40	0,27	0,22	0,38	0,43	0,28	0,19	0,30	0,57	0,78	0,44	0,42	0,43	0,44
SOMA	42	9	132	106	74	143	177	222	186	217	115	60	70	40	226	160	59	112	141	68

ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

**ii.ii.iii.i Interpolação da negação no CTB: de acordo com o ambiente sintático**

Tabela 4: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em subordinadas finitas

Tab4. DETALHADO 1	( Total de interpolação da negação x próclise apenas nas subordinadas finitas)																			
	completivas, relativas e conjuntivas																			
	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
CLNV	30	3	45	47	42	63	71	113	97	95	45	32	40	21	72	28	22	52	50	29
	0,94	1,00	0,63	0,72	0,81	0,89	0,84	0,85	0,93	0,90	0,78	0,84	0,93	0,88	0,84	0,36	0,73	0,84	0,98	0,91
NCLV	2	0	27	5	10	8	14	20	7	11	13	6	3	3	14	50	8	10	1	3
	0,06	0,00	0,38	0,08	0,19	0,11	0,16	0,15	0,07	0,10	0,22	0,16	0,07	0,13	0,16	0,64	0,27	0,16	0,02	0,09
SOMA	32	3	72	65	52	71	85	133	104	106	58	38	43	24	86	78	30	62	51	32

ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

Tabela 5: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em subordinadas finitas: ordens lineares C-cl-N-V/ C-X-cl-N-V/ C-X-N-cl-V e complementadores nulos

Tab5. DETALHADO 2 a) (apenas subordinadas finitas) completivas, relativas e conjuntivas

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
C-CL-N-V	15	2	34	23	31	36	51	59	51	39	31	17	19	9	53	23	10	29	34	19
	1,00	1,00	0,72	0,85	0,91	0,95	0,84	0,88	0,96	0,87	0,94	0,85	0,95	0,75	0,91	0,48	0,67	0,83	1,00	0,86
C-N-CLV	0	0	13	4	3	2	10	8	2	6	2	3	1	3	5	25	5	6	0	3
	0,00	0,00	0,28	0,15	0,09	0,05	0,16	0,12	0,04	0,13	0,06	0,15	0,05	0,25	0,09	0,52	0,33	0,17	0,00	0,14
SOMA	15	2	47	27	34	38	61	67	53	45	33	20	20	12	58	48	15	35	34	22

Tab5. DETALHADO 2 b) (apenas subordinadas finitas)

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
C-X-CL-N-V	10	1	11	14	11	24	20	50	37	52	14	13	14	11	19	5	12	23	16	19
	0,83	1,00	0,44	0,93	0,69	0,80	0,95	0,91	0,93	0,95	0,56	0,81	0,88	1,00	0,68	0,17	0,80	0,85	0,94	1,00
C-X-N-CLV	2	0	14	1	5	6	4	9	3	3	11	3	2	0	9	24	3	4	1	0
	0,17	0,00	0,56	0,07	0,31	0,20	0,19	0,16	0,08	0,05	0,44	0,19	0,13	0,00	0,32	0,83	0,20	0,15	0,06	0,00
SOMA	12	1	25	15	16	30	21	55	40	55	25	16	16	11	28	29	15	27	17	19

RESSALVA 2	Com complementador nulo																				
	'-cl-N-V	0	0	0	1	0	2	0	4	7	4	0	2	7	1	0	0	0	0	0	0
	'-X-cl-N-V	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

2 NCLV

1 NCLV

ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

Tabela 6: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em orações finitas introduzidas por “*porque*”: ordens lineares ‘*porque-cl-N-V*’/ ‘*porque-X-cl-N-V*’/ ‘*porque-X-N-cl-V*’

Tab6. DETALHADO 3 (apenas orações finitas com PORQUE)

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
PORQUE-CL-N-V	1 0,50	0	2 0,29	11 0,69	2 0,33	1 0,17	12 0,63	7 0,39	5 0,71	7 0,58	5 0,42	0 0,00	0 #DIV/0!	0 #DIV/0!	5 0,36	2 0,17	2 0,40	0 0,00	5 0,83	1 1,00
PORQUE-X-CL-N-V	1 0,50	0	2 0,29	2 0,13	0 0,00	3 0,50	4 0,21	5 0,28	1 0,14	2 0,17	5 0,42	0 0,00	0 #DIV/0!	0 #DIV/0!	1 0,07	0 0,00	1 0,20	0 0,00	1 0,17	0 0,00
PORQUE-N-CL-V	0 0,00	0	1 0,14	2 0,13	1 0,17	1 0,17	0 0,00	1 0,06	1 0,14	0 0,00	1 0,08	0 0,00	0 #DIV/0!	0 #DIV/0!	1 0,07	2 0,17	2 0,40	0 0,00	0 0,00	0 0,00
PORQUE-X-N-CL-V	0 0,00	0	2 0,29	1 0,06	3 0,50	1 0,17	3 0,16	2 0,11	0 0,00	3 0,25	1 0,08	1 1,00	0 #DIV/0!	0 #DIV/0!	7 0,50	8 0,67	0 0,00	2 1,00	0 0,00	0 0,00
SOMA	2	0	7	16	6	6	19	18	7	12	12	1	0	0	14	12	5	2	6	1

ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

Tabela 7: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em orações finitas introduzidas pelas conjunções coordenativas *que, pois, e porém*: ordens lineares ‘conj-cl-N-V’/ ‘conj-X-cl-N-V’/ ‘conj-X-N-cl-V’

Tab7. DETALHADO 4 (Coordenadas / conjunções: pois, porém, que)

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
CONJ-CL-N-V	0	0	0	1	1	3	1	1	2	1	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0
	0,00	0,00	0,00	0,33	0,25	0,30	0,50	0,33	0,33	0,11	0,00	0,00	0,50	#DIV/0!	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00
CONJ-X-CL-N-V	1	0	0	0	1	2	1	1	0	3	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
	1,00	0,00	0,00	0,00	0,25	0,20	0,50	0,33	0,00	0,33	0,00	0,00	0,00	#DIV/0!	0,00	0,00	0,00	0,33	0,00	0,00
CONJ-N-CL-V	0	1	1	1	2	3	0	0	2	2	1	0	2	0	2	0	0	0	1	0
	0,00	1,00	0,20	0,33	0,50	0,30	0,00	0,00	0,33	0,22	0,33	0,00	0,50	#DIV/0!	0,29	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00
CONJ-X-N-CL-V	0	0	4	1	0	2	0	1	2	3	2	1	0	0	5	2	0	2	0	0
	0,00	0,00	0,80	0,33	0,00	0,20	0,00	0,33	0,33	0,33	0,67	1,00	0,00	#DIV/0!	0,71	1,00	0,00	0,67	0,00	0,00
SOMA	1	1	5	3	4	10	2	3	6	9	3	1	4	0	7	2	1	3	1	0



ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

Tabela 8: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em orações infinitivas de acordo com a presença e ausência da preposição, o tipo de preposição e a contigüidade *prep-cl*.

Tab8. DETALHADO 5 (apenas infinitas)

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
Prep-CL-N-V	3	1	4	16	5	12	3	13	14	2	3	5	5	4	5	5	1	5	5	2
	1,00	1,00	0,80	0,84	0,71	0,80	0,75	0,54	1,00	0,33	1,00	1,00	1,00	0,80	1,00	0,45	1,00	0,83	1,00	0,67
Prep-X-CL-N-V	0	0	0	3	0	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	0,00	0,00	0,00	0,16	0,00	0,00	0,25	0,13	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Prep-N-CL-V	0	0	1	0	2	3	0	7	0	0	0	0	0	1	0	6	0	1	0	1
	0,00	0,00	0,20	0,00	0,29	0,20	0,00	0,29	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,20	0,00	0,55	0,00	0,17	0,00	0,33
Prep-X-N-CL-V	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
SOMA	3	1	5	19	7	15	4	24	14	6	3	5	5	5	5	11	1	6	5	3

RESSALVA 3	De acordo com a preposição	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
CL-N-V	de	1	1	3	7	0	4	3	7	4	3	0	2	2	2	1	1	1	1	3	0
	para	2	0	0	1	3	1	1	4	3	0	2	1	0	1	3	3	0	3	0	2
	por	0	0	1	6	1	5	0	4	2	0	1	2	1	0	0	1	0	0	0	0
	polo/pola(s)	0	0	0	4	0	0	0	0	2	2	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0
	a	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	em	0	0	0	0	1	2	0	1	3	1	0	0	2	0	1	0	0	0	2	0
	outras	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
N-CLV	de	0	0	0	0	0	1	0	2	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	1
	para	0	0	1	0	1	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	3	0	1	0	0
	por	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	a	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0
	em	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	outras	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

RESSALVA 4	sem preposição	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
CL-N-V		1	0	1	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
N-CLV		0	0	0	0	5	0	5	4	1	0	1	0	0	0	2	1	0	2	0	1
Total		1	0	1	1	5	1	5	5	2	0	1	0	0	0	2	1	0	2	0	1
frequência de interpolação		1,00	não há	1,00	1,00	0,00	1,00	0,00	0,20	0,50	não há	0,00	não há	não há	não há	0,00	0,00	não há	0,00	não há	0,00

ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

Tabela 9: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em orações não dependentes finitas introduzidas por *operadores proclisadores*

Tab9. DETALHADO 6 (apenas nas não dependentes introduzidas por proclisadores)

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
X-CL-N-V	1	1	2	6	3	2	7	7	9	4	6	1	6	3	7	1	3	4	16	4
	1,00	0,50	0,33	0,75	0,75	0,40	0,78	0,88	0,90	0,80	0,75	1,00	1,00	0,75	0,58	0,17	1,00	1,00	0,89	0,80
X-N-CLV	0	1	4	2	1	3	2	1	1	1	2	0	0	1	8	5	0	0	2	1
	0,00	0,50	0,67	0,25	0,25	0,60	0,22	0,13	0,10	0,20	0,25	0,00	0,00	0,25	0,67	0,83	0,00	0,00	0,11	0,20
SOMA	1	2	6	8	4	5	9	8	10	5	8	1	6	4	12	6	3	4	18	5

ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

Tabela 10: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ em ambientes de variação ‘clV’/‘Vcl’ (de acordo com o elemento que introduz a oração e não condiciona obrigatoriamente a próclise)

Tab10. DETALHADO 7 (apenas nas não dependentes introduzidas por elementos que não condicionam a próclise categórica)

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIC	VIS	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
Sujeito	Cl-neg-vb	0	0	1	2	0	4	1	4	2	2	0	1	1	0	0	0	0	0	0
	Neg-cl-vb	0	0	6	1	2	0	2	3	10	2	1	0	0	33	9	2	8	12	3
	Total	0	0	7	3	2	4	3	6	5	12	2	1	1	33	9	2	8	12	3
% interp.	Suj-clnegV	#DIV/0!	#DIV/0!	0,14	0,67	0,00	1,00	0,33	0,67	0,40	0,17	0,00	1,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
PP	Cl-neg-vb	0	1	0	0	1	2	2	7	7	6	1	3	1	0	0	0	0	1	0
	Neg-cl-vb	0	0	0	0	5	4	9	4	2	9	6	0	1	0	8	5	2	4	3
	Total	0	1	0	0	6	6	11	11	9	15	7	3	2	0	11	5	2	5	3
% interp.	PP-clnegV	#DIV/0!	1,00	#DIV/0!	#DIV/0!	0,17	0,33	0,18	0,64	0,78	0,40	0,14	1,00	0,50	#DIV/0!	0,00	0,00	0,00	0,20	0,00
Oração	Cl-neg-vb	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	0
	Neg-cl-vb	0	5	4	1	6	9	11	4	13	9	11	2	9	6	13	7	8	4	15
	Total	1	5	4	2	6	10	12	4	13	9	11	2	11	6	13	7	8	5	15
% interp.	Oração-clnegV	1,00	0,00	0,00	0,50	0,00	0,10	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00	0,18	0,00	0,00	0,00	0,00	0,20	0,00	0,20
Conj-cl	cl-neg-vb	0	0	1	1	0	0	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	Neg-cl-vb	0	2	6	1	16	8	10	14	5	13	7	6	1	0	11	12	0	2	10
	Total	0	2	7	2	16	8	10	14	8	13	7	7	1	1	11	12	0	2	11
%interp.	e-clnegV	0,00	0,00	0,14	0,50	0,00	0,00	0,00	0,25	0,00	0,00	0,14	0,00	0,00	0,00	0,00	#DIV/0!	0,00	0,09	0,00
outros	cl-neg-vb	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	0	0
	Neg-cl-vb	0	1	3	0	0	1	6	0	2	3	1	0	1	0	2	7	0	4	11
	Total	1	1	3	1	0	1	6	0	2	3	1	0	1	0	4	7	1	4	11
%interp.	X-clnegV	1,00	0,00	0,00	1,00	#DIV/0!	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	#DIV/0!	0,00	#DIV/0!	0,50	0,00	1,00	0,00	0,00	
TOTAL	Cl-neg-vb	2	1	2	4	1	7	4	11	11	8	1	4	4	1	2	0	1	2	1
	Neg-cl-vb	0	8	19	3	29	22	38	24	25	44	27	9	12	6	67	40	12	22	51
	total	2	9	21	7	30	29	42	35	36	52	28	13	16	7	69	40	13	24	52
%interp.		1,00	0,13	0,11	0,57	0,03	0,24	0,10	0,31	0,31	0,15	0,04	0,31	0,25	0,14	0,03	0,00	0,08	0,08	0,02

ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

Tabela 11: Interpolação da negação vs adjacência ‘clV’ com imperativo negativo e sujeito passivo.

Tab11. DETALHADO 8 (apenas nas não dependentes com 'imperativo negativo' e 'SE passivo')

		G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
		GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIC	VIS	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição		1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento		1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
<b>IMPERATIVO NEGATIVO</b>	<b>CLNV</b>	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>IMPERATIVO NEGATIVO</b>	<b>NCLV</b>	0	0	5	0	2	2	1	2	1	8	0	0	0	0	0	0	0	3	5	0
<b>SUJEITO SSE_PASS</b>	<b>CLNV</b>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>SUJEITO SSE_PASS</b>	<b>NCLV</b>	0	0	3	0	0	0	5	1	0	4	1	0	1	0	20	9	3	3	0	0

ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

Tabela 12: Interpolação vs adjacência ‘clV’ e os casos com complementadores nulos nas orações subordinadas finitas negativas.

(apenas subordinadas finitas)	completivas, relativas e conjuntivas																			
	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
C-CL-N-V	15 0,48	2 0,67	34 0,45	23 0,49	31 0,62	36 0,53	51 0,60	59 0,47	51 0,55	39 0,39	31 0,53	17 0,47	19 0,53	9 0,39	53 0,62	23 0,30	10 0,33	29 0,47	34 0,67	19 0,46
C-N-CLV	0 0,00	0 0,00	13 0,17	4 0,09	3 0,06	2 0,03	10 0,12	8 0,06	2 0,02	6 0,06	2 0,03	3 0,08	1 0,03	3 0,13	5 0,06	25 0,32	5 0,17	6 0,10	0 0,00	3 0,07
C-CL-X-N-V	4 0,13	0 0,00	4 0,05	5 0,11	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00	0 0,00
C-X-CL-N-V	10 0,32	1 0,33	11 0,14	14 0,30	11 0,22	24 0,35	20 0,24	50 0,40	37 0,40	52 0,52	14 0,24	13 0,36	14 0,39	11 0,48	19 0,22	5 0,06	12 0,40	23 0,37	16 0,31	19 0,46
C-X-N-CLV	2 0,06	0 0,00	14 0,18	1 0,02	5 0,10	6 0,09	4 0,05	9 0,07	3 0,03	3 0,03	11 0,19	3 0,08	2 0,06	0 0,00	9 0,10	24 0,31	3 0,10	4 0,06	1 0,02	0 0,00
SOMA	31	3	76	47	50	68	85	126	93	100	58	36	36	23	86	77	30	62	51	41
<b>Com complementador nulo</b>																				
'-cl-N-V'	0	0	0	1	0	2	0	4	7	4	0	2	7	1	0	0	0	0	0	0
'-X-cl-N-V'	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>total de interpolação da negação com complementador nulo</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>-N-CL-V'</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
Total de orações negativas com complementador nulo	1	0	0	1	0	3	0	4	7	6	0	2	7	1	0	1	0	0	0	0
Total de orações subordinadas	32	3	76	48	50	71	85	130	100	106	58	38	43	24	86	78	30	62	51	41
freqüência de orações negativas com complementador nulo	0,03	0,00	0,00	0,02	0,00	0,04	0,00	0,03	0,07	0,06	0,00	0,05	0,16	0,04	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00
freqüência da interpolação da negação com complementador nulo	1,00	não há	não há	1,00	não há	1,00	não há	1,00	1,00	0,67	não há	1,00	1,00	1,00	não há	0,00	não há	não há	não há	não há

ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

ii.ii.iv Gráficos

Gráfico 1: interpolação generalizada - CTB

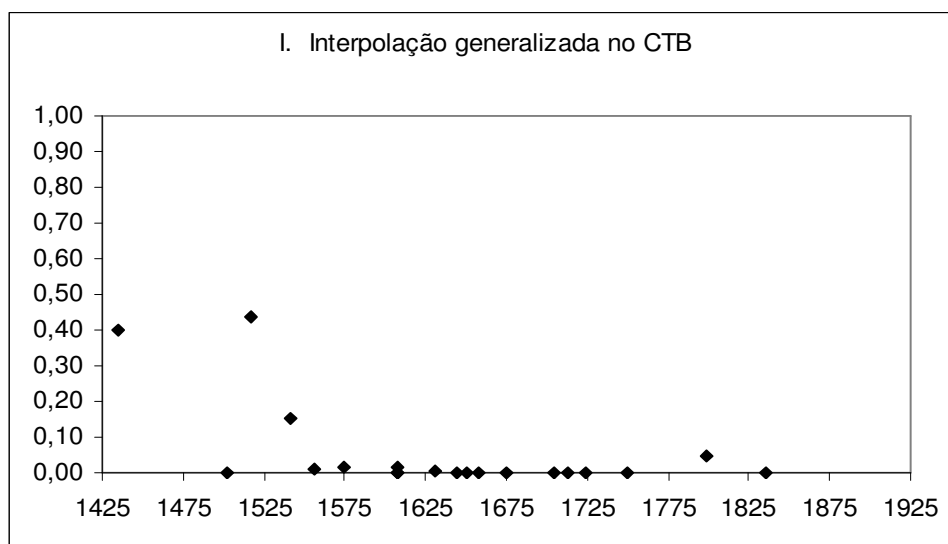
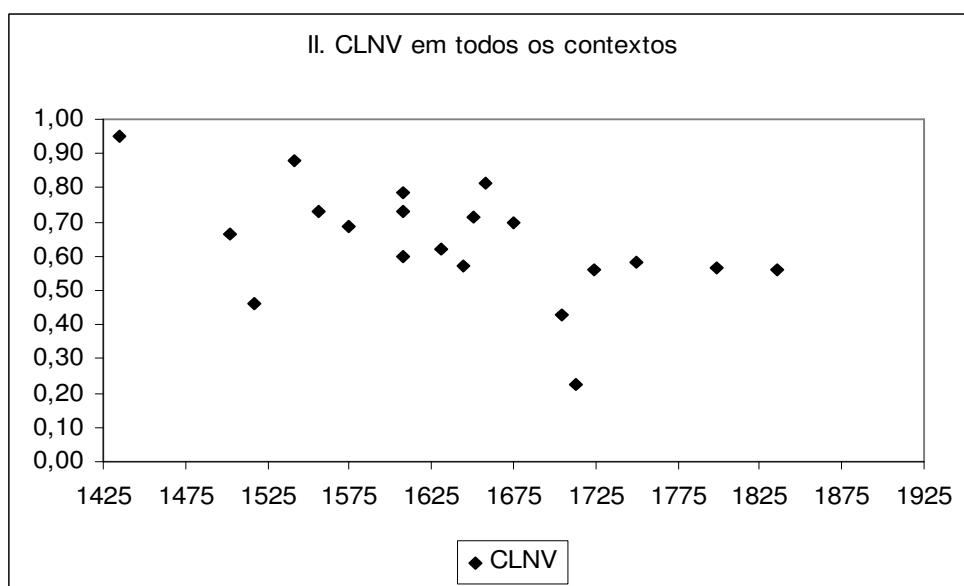


Gráfico 2: interpolação da negação - CTB



ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

Gráfico 3: interpolação da negação em subordinadas finitas - CTB

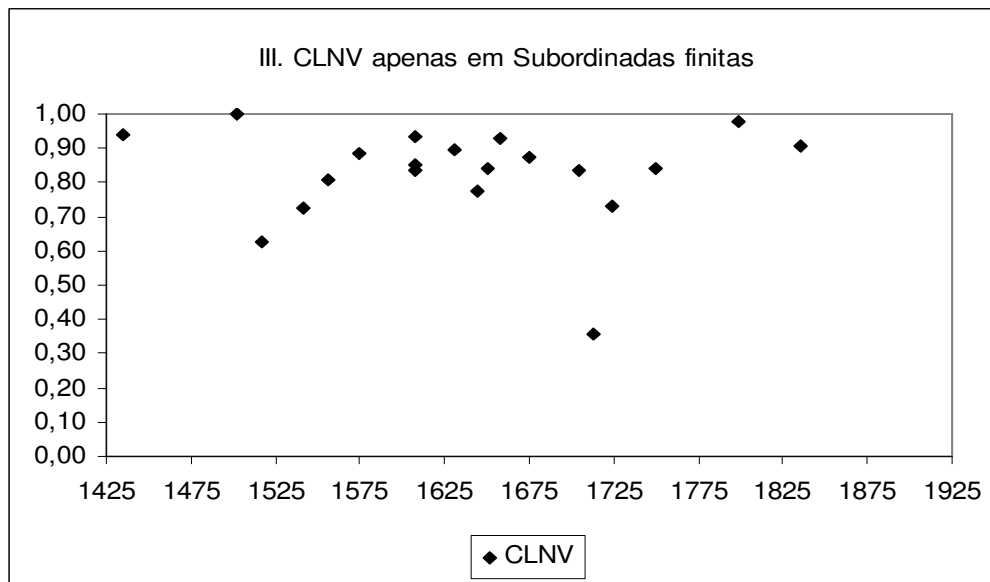
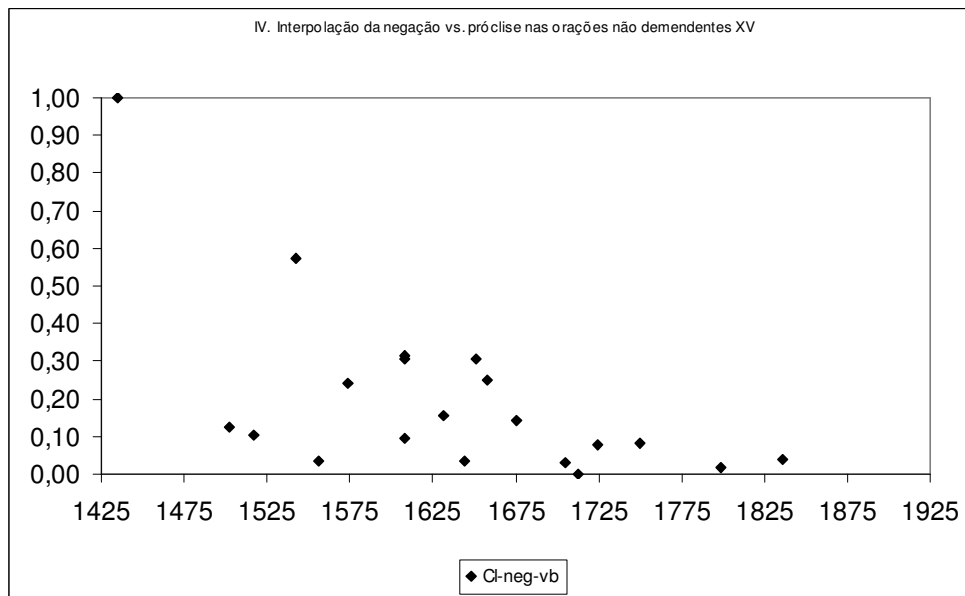


Gráfico 4: interpolação da negação em não dependentes 'XV' (contextos de variação cIV/Vcl) – CTB



ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

Gráfico 5: interpolação da negação em não dependentes ‘XV’ (contextos de variação clV/Vcl) vs clV/Vcl

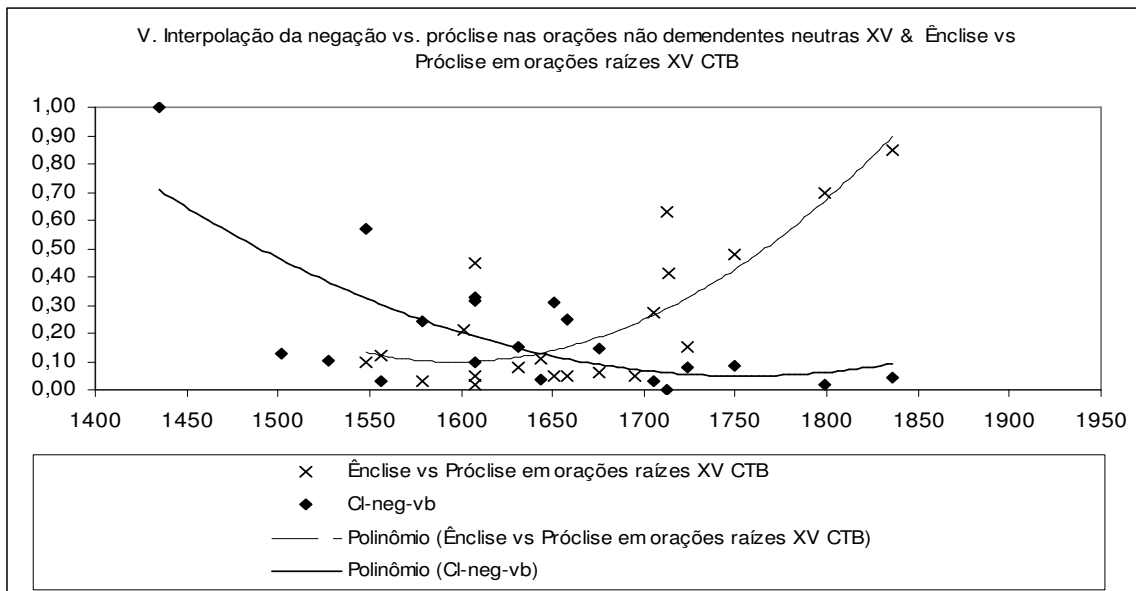
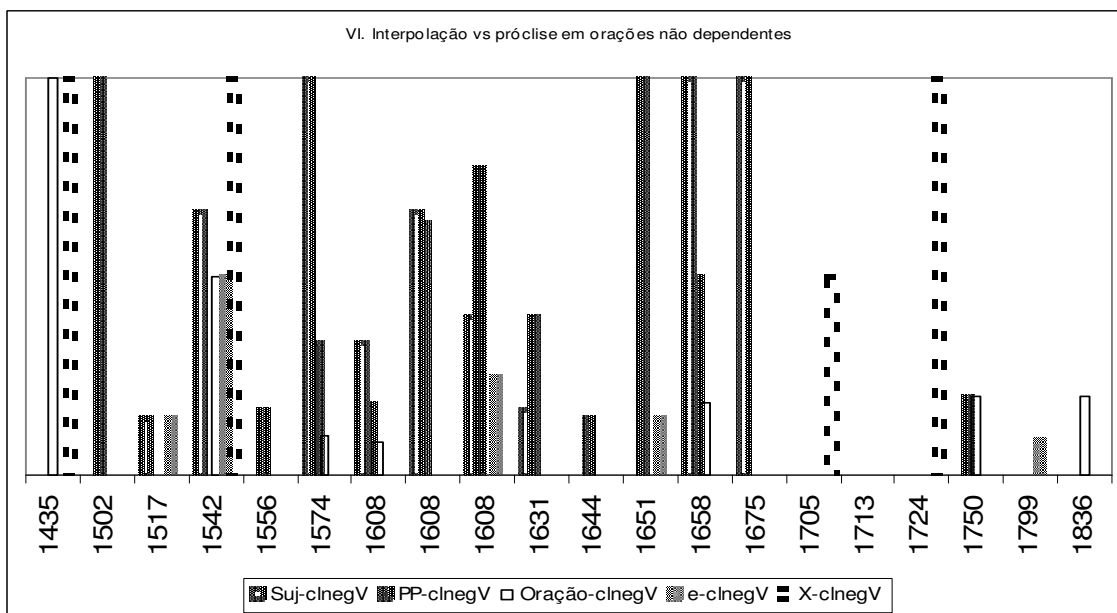


Gráfico 6: interpolação da negação vs próclise com adjacência ‘NclV’ em não dependentes de acordo com o elemento que introduz a oração





ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

Gráfico 7: Interpolação vs. próclise com adjacência nas orações subordinadas negativas com um X pré-verbal diferente da naegação: C-cl-X-N-V / C-X-cl-N-V / C-X-N-V

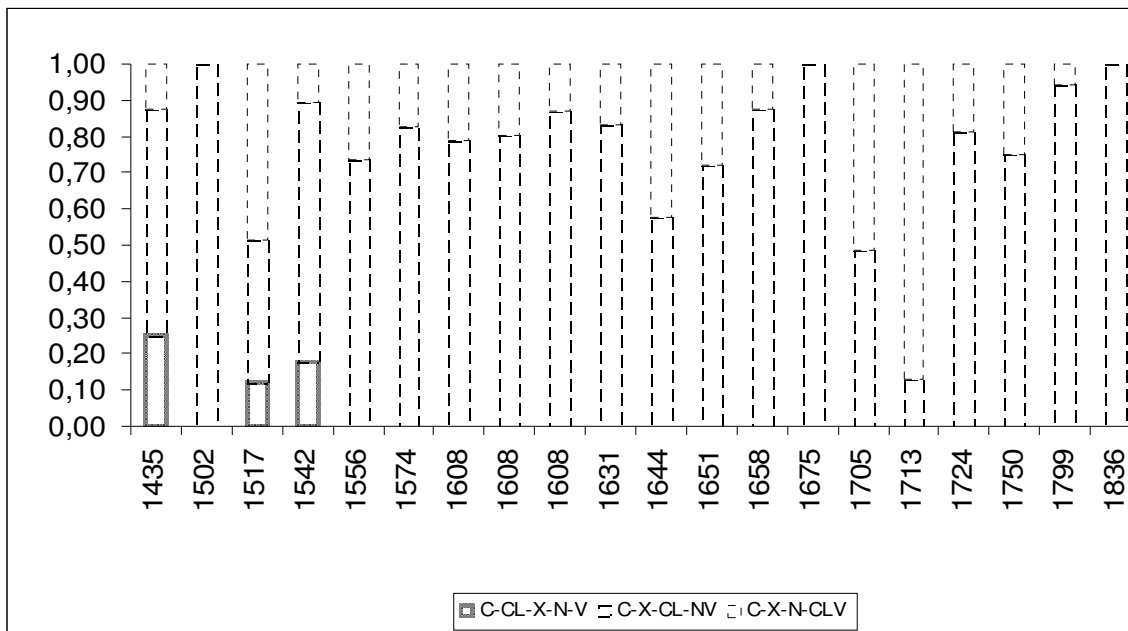
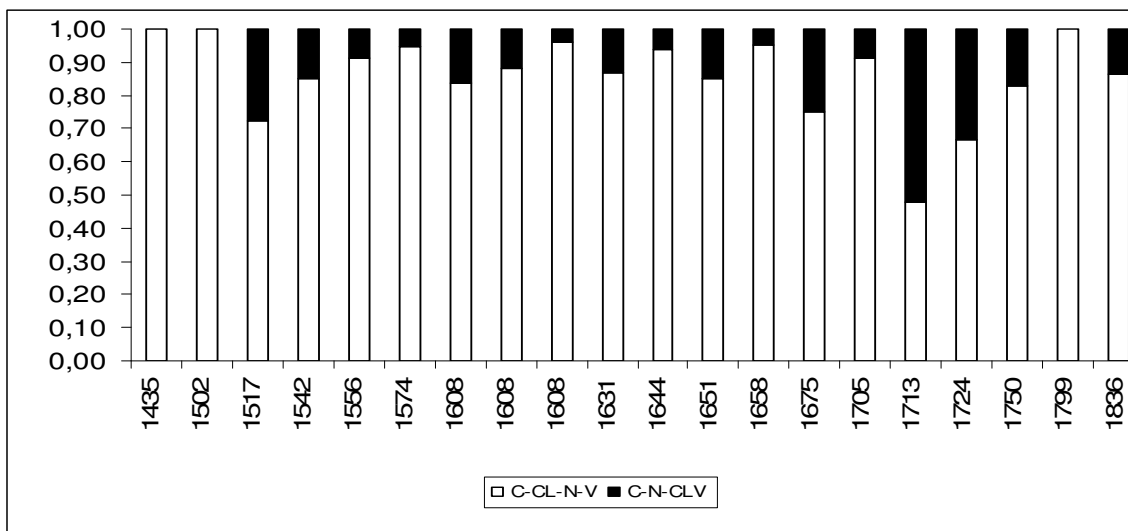


Gráfico 8: Interpolação vs próclise com adjacência quando temos apenas a negação como elemento pré verbal nas orações encaixadas C-cl-N-V / C-N-cl-V



ii.ii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *CORPUS TYCHO BRAHE*

Gráfico 9: Mais uma visão das ordens com mais de um constituinte pré-verbal além da negação

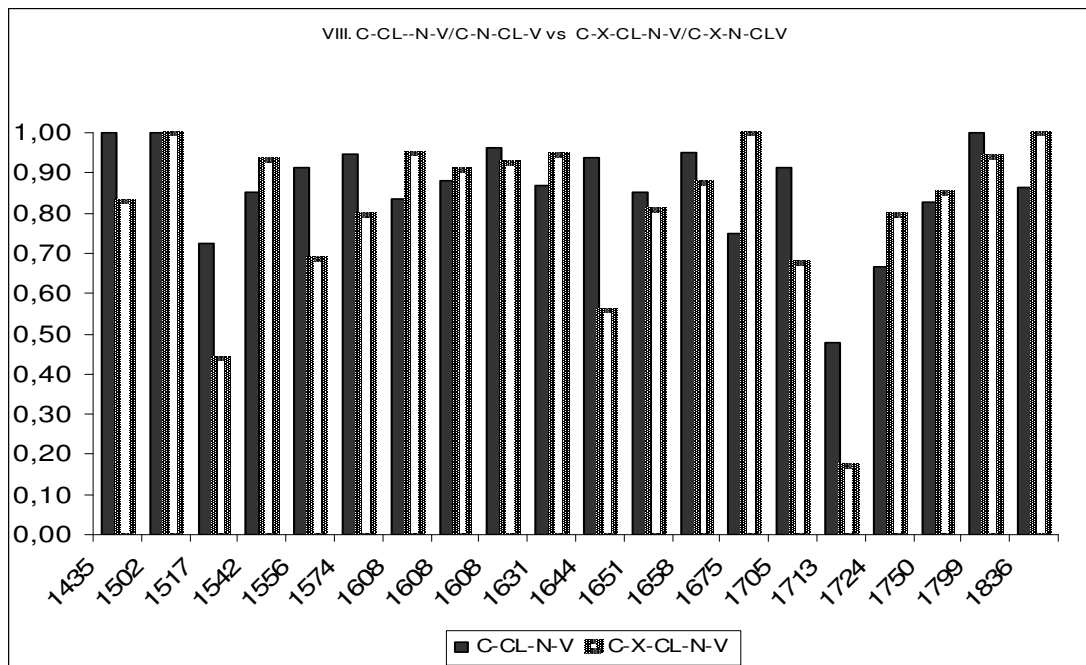
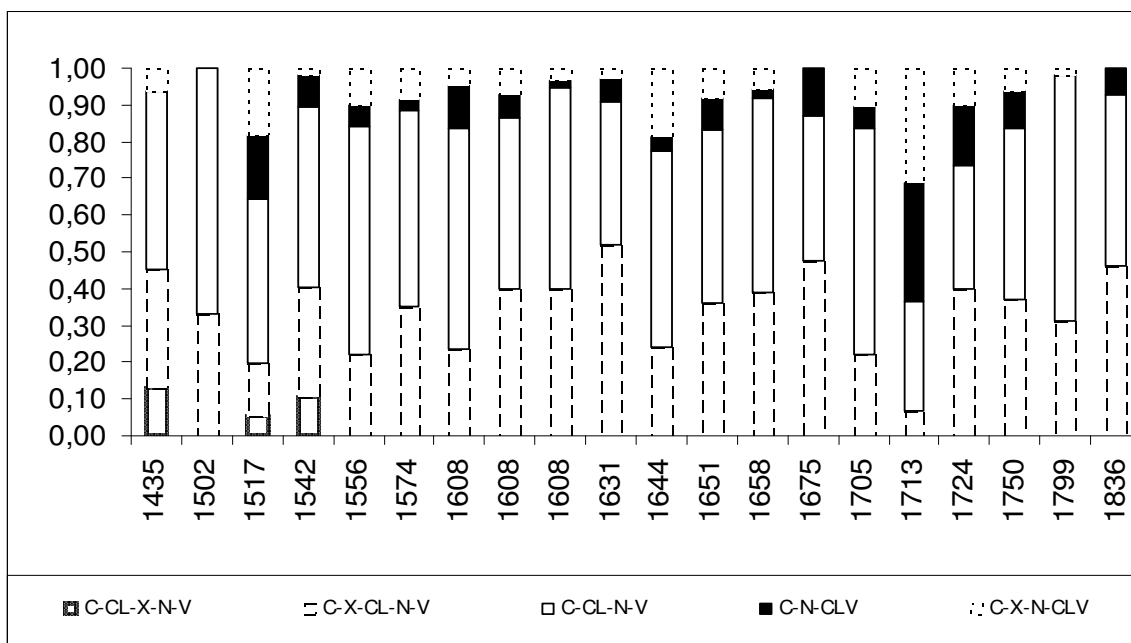


Gráfico 10: A distribuição das ordens nas orações subordinadas finitas negativas



ii.iii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *VÁRIOS CORPORA*

**ii.iii. Interpolação *versus* adjacência ‘cIV’ de 1200 a 1900 vários corpora**

Trazemos aqui os resultados da análise quantitativa dos textos do nosso corpus (pertencentes ao *Corpus Tycho Brahe*) somados aos resultados de Martins (1994) e Parcero (1999) que contemplaram um período da língua anterior ao contemplado pelo nosso corpus.

Cabe salientar que existem duas diferenças quanto ao agrupamento dos dados nos diferentes corpora:

- i) Enquanto procuramos considerar a data de nascimento do autor, para os demais corpora consideraram a data de produção dos textos;
- ii) Enquanto agrupamos os dados individualmente por texto nos demais corpora agruparam por século ou meio século.

A fim de ajustar a defasagem de mais ou menos cinquenta anos e tornar os dados comparáveis, consideramos as datas de *produção* dos textos na análise quantitativa que conjuga os resultados do *Corpus Tycho Brahe* com os resultados do corpus de documentos literários de Parcero (1999) e de documentos notariais de Martins (1994).

Para os documentos notariais não foi possível utilizar a data exata de cada documento por serem vários documentos curtos, o que acarretaria muitos pontos pouco representativos no gráfico, e também por não podermos recuperar facilmente estes documentos no momento<sup>100</sup>. Então, para colocar estes dados em um gráfico com datas de produção foi necessário aproximar uma média das datas dos textos produzidos em cada século.

---

<sup>100</sup> Recentemente a professora Doutora Ana Maria Martins disponibilizou no *Corpus do português Medieval Informatizado* os textos editados por ela: <http://cipm.fcsh.unl.pt>. Aqui utilizamos os dados apresentados na tese.

ii.iii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *VÁRIOS CORPORA*

Tabela ii.iii.1 – Ordens C-cl-X-N-V / C-X-cl-N-V / C-cl-N-V / C-cl-X-V / C-X-cl-V (Martins 1994)

TAB1 DOCUMENTOS NOTARIAIS  
dados do séc. 13 a 16 de Martins 1994

	1292-3	1305-81	1429-83	1534	
<b>C-CLXNEGV</b>	4	5	2	1	clítico contíguo
%	0,20	0,14	0,13	0,05	
<b>C-XCLNEGV</b>	0	0	3	2	clítico contíguo
%	0,0	0,0	0,2	0,1	
<b>C-CLNEGV</b>	16	30	10	16	clítico contíguo
<b>C-CLNEGV/total de interpolação da negação Doc. Notariais</b>	0,80	0,86	0,67	0,84	
Total de interpolação de neg	20	35	15	19	
<b>freqüência de contiguidade 'C-cl' nas orações negativas dependentes</b>	1	1	0,9	0,9	

	Século 13	Século 14	Século 15	Século 16
C-CLXV	26/39	78/113	70/123	62/120
	66,60%	69,10%	57%	51,70%
C-XCLV	13/39	35/113	53/123	58/120
	33,30%	30,90%	43%	48,30%

PS: Os dados do século 13 de Martins são atestados na última década do século

ii.iii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - VÁRIOS CORPORA

Tabela ii.iii.2 – Interpolação vs próclise com adjacência ‘clV’ em três corpora

TAB2 De 1200 a 1900	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HOL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
<b>DATA DE NASCIMENTO</b>	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
<b>DATA DE PRODUÇÃO*</b>	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
Interpolação de elementos diferentes da negação/adjacência 'cl-V' - Doc Notariais (Martins 1994)	0,67	0,69	0,57	0,52																
Interpolação de elementos diferentes da negação/adjacência 'cl-V' - Corpus de doc Literários (Parcero 1999)			0,72	0,22																
Interpolação de elementos diferentes da negação/adjacência 'cl-V' - Corpus Tycho Brahe	0,40	0,00	0,44	0,13	0,01	0,02	0,00	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,05	0,00
interpolação da negação/adjacência 'cl-V' - Doc Notariais (Martins 1994)	0,94	0,97	0,93	0,90																
Interpolação da negação/adjacência 'cl-V' - Corpus Tycho Brahe	0,60	1,00	0,56	0,85	0,61	0,76	0,81	0,75	0,63	0,67	0,57	0,72	0,77	0,74	0,47	0,23	0,58	0,62	0,69	0,67
C-clnegV vs. C-X-clnegV - Doc. Notariais (Martins 1994)	1,00	1,00	0,90	0,90																
C-clnegV vs. C-X-clnegV - Corpus Tycho Brahe	0,6	0,67	0,76	0,61	0,74	0,60	0,72	0,54	0,58	0,43	0,69	0,57	0,58	0,45	0,74	0,82	0,45	0,56	0,68	0,50
C-cl-X-negV vs. C-X-cl-negV - Documentos Notariais (Martins 1994)	1,00	1,00	0,40	0,33																
C-cl-X-negV vs. C-X-cl-negV - Corpus Tycho Brahe	0,29	0,00	0,24	0,20	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
C-X-cl-negV vs. C-cl-X-negV - Documentos Notariais (Martins 1994)	0,00	0,00	0,60	0,67																
C-X-cl-negV vs. C-cl-X-negV - Corpus Tycho Brahe	0,71	1,00	0,76	0,80	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00



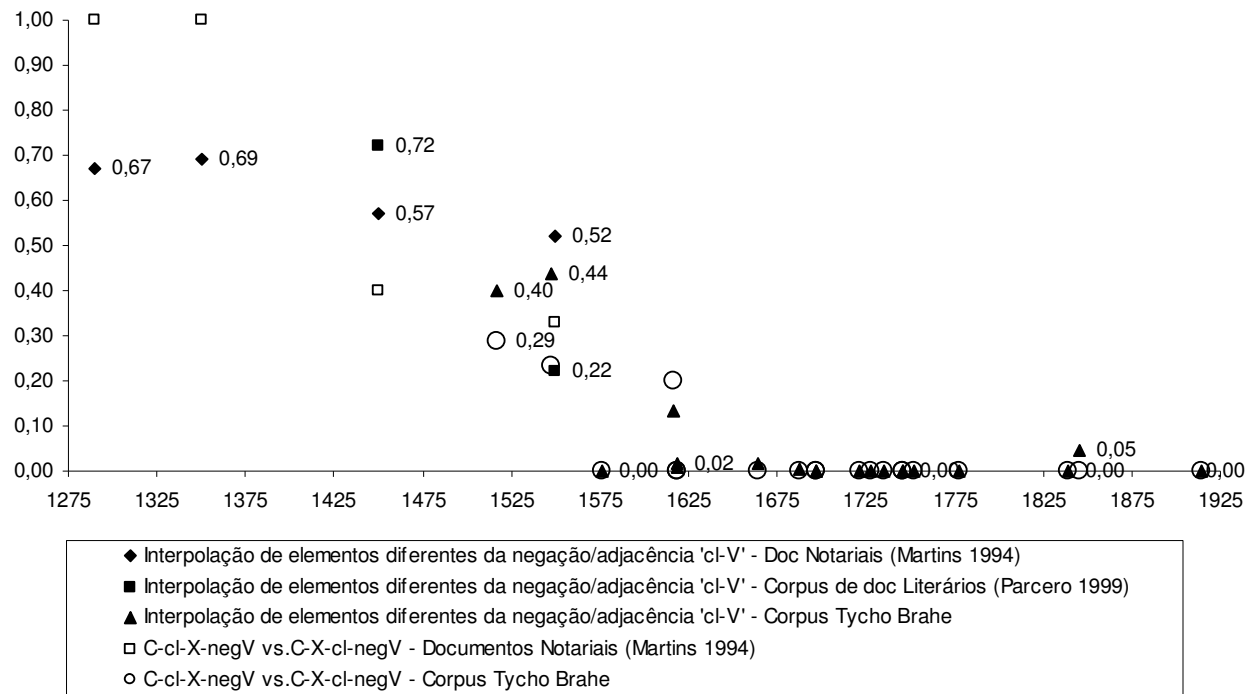
ii.iii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - VÁRIOS CORPORA

Tabela ii.iii.5 – Distribuição dos dados de interpolação 'cl X V' e 'cl neg V' em três corpora

agrupamento por data de produção dos textos											
fonte	Martins	Martins	Martins	Parcero	Martins	Parcero	Namiuti	Parcero	Namiuti	Namiuti	Namiuti
séculos	13	14	15	15	16	16	16	17	17	18	19
cl-X-V	26	78	70	51	62	31	149	0	53	0	12
cl-neg-V	16	30	13	23	18	51	107	24	790	166	182
total	42	108	83	74	80	82	256	24	843	166	194
<b>%clxV</b>	<b>0,62</b>	<b>0,72</b>	<b>0,84</b>	<b>0,69</b>	<b>0,78</b>	<b>0,38</b>	<b>0,58</b>	<b>0,00</b>	<b>0,06</b>	<b>0,00</b>	<b>0,06</b>
<b>%clnegV</b>	<b>0,38</b>	<b>0,28</b>	<b>0,16</b>	<b>0,31</b>	<b>0,23</b>	<b>0,62</b>	<b>0,42</b>	<b>1,00</b>	<b>0,94</b>	<b>1,00</b>	<b>0,94</b>
<hr/>											
<b>Séculos</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>15</b>	<b>16</b>	<b>17</b>	<b>18</b>	<b>19</b>				
cl-X-V (Doc Notarias - Martins 1994)	0,62	0,72	0,84	0,78							
cl-neg-V (Doc Notarias - Martins 1994)	0,38	0,28	0,16	0,23							
cl-X-V (Doc literários - Parcero 1999)			0,69	0,38	0,00						
cl-neg-V (Doc literários - Parcero 1999)			0,31	0,62	1,00						
cl-X-V (CTB)				0,58	0,06	0,00	0,06				
cl-neg-V (CTB)				0,42	0,94	1,00	0,94				
<hr/>											
TOTAL de interpolação											

ii.iii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - *VÁRIOS CORPORA*

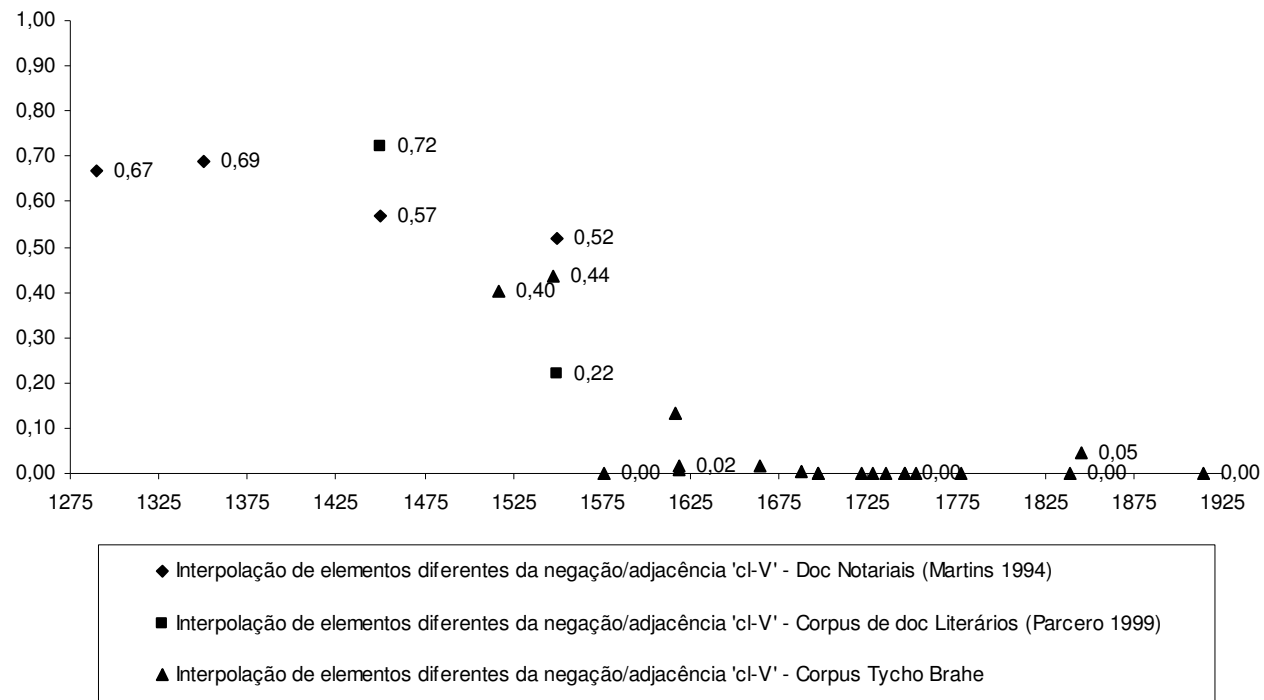
Gráfico ii.iii.1 – Perda da interpolação de elementos diferentes da negação





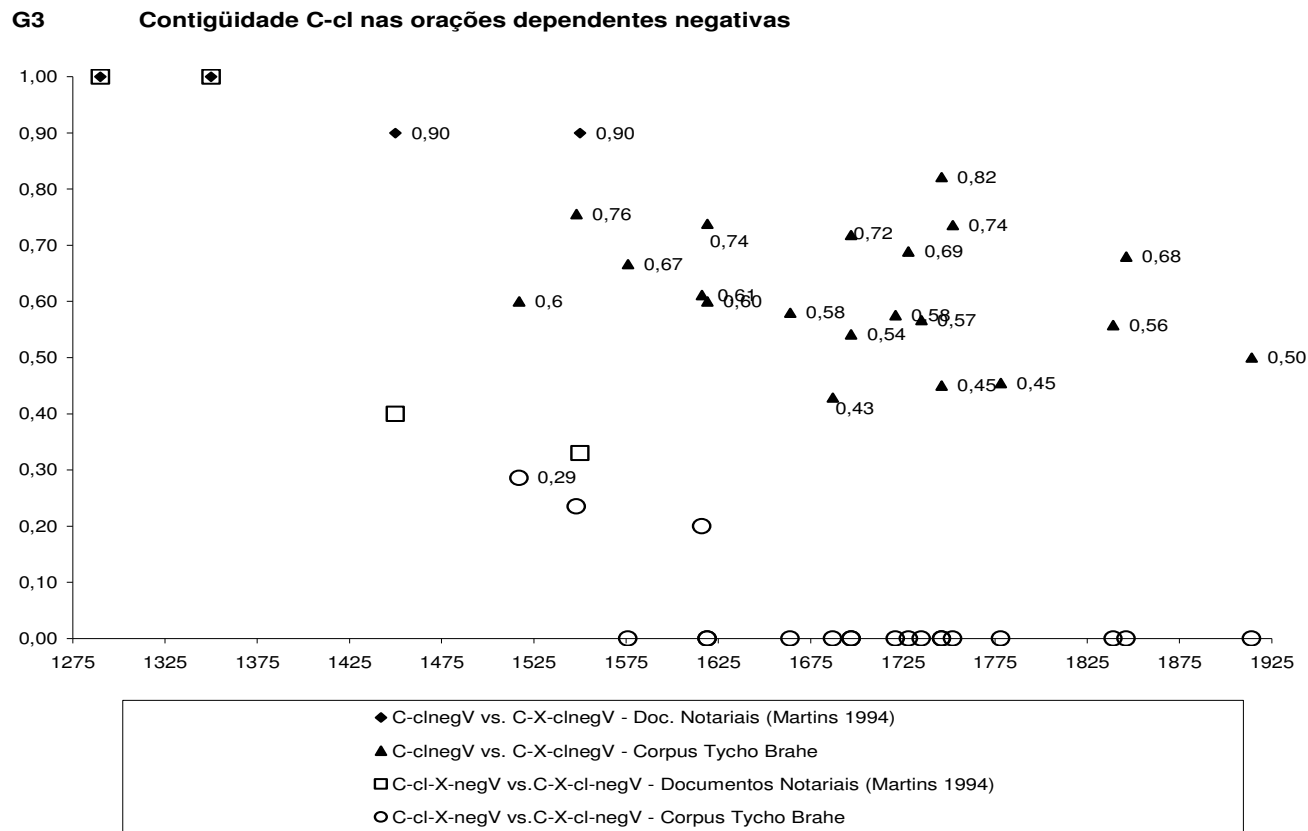
ii.iii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - VÁRIOS CORPORA

Gráfico ii.iii.2 C-cl-X-N-V vs C-X-cl-N-V



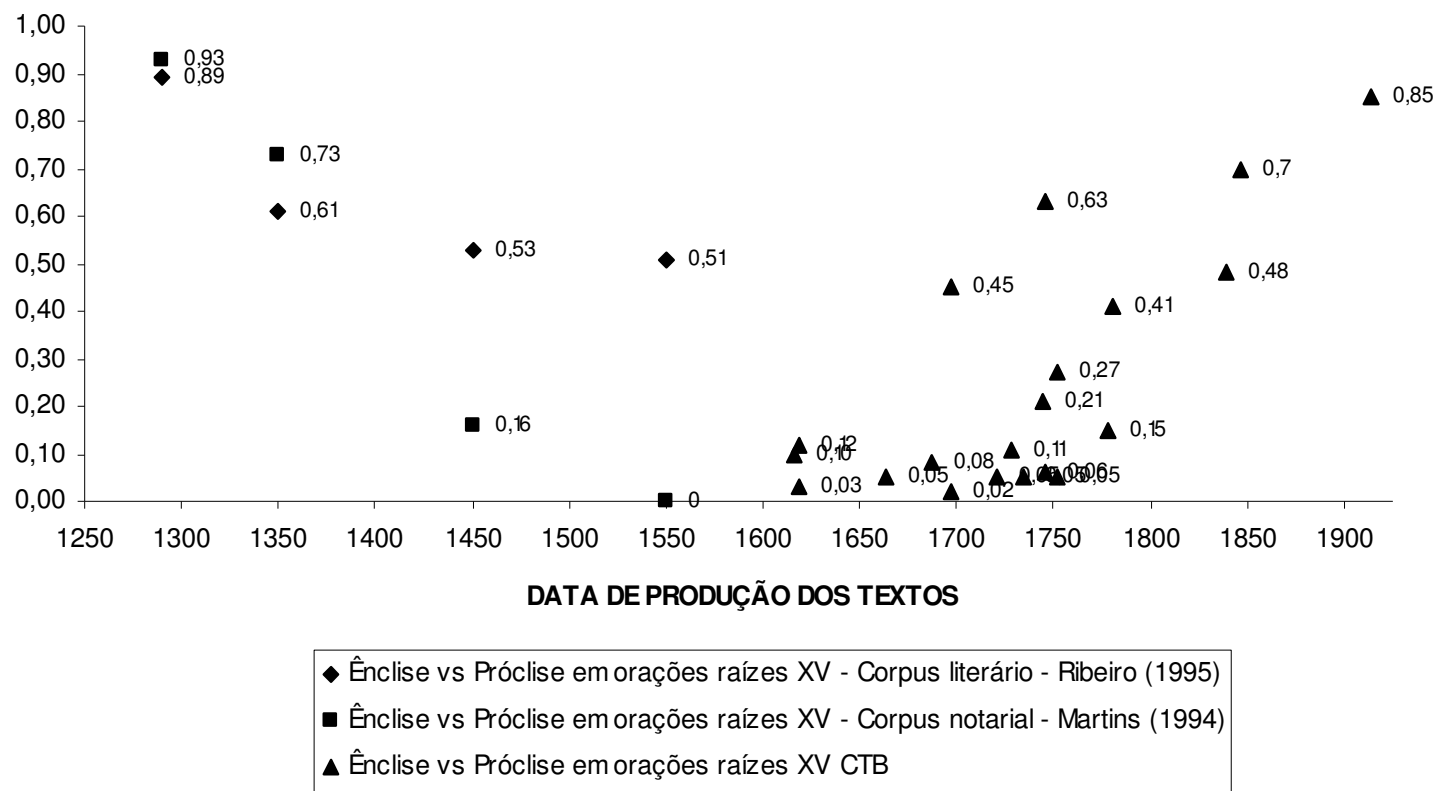
ii.iii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - VÁRIOS CORPORA

Gráfico ii.iii.3: C-cl-X-N-V vs C-X-cl-N-V



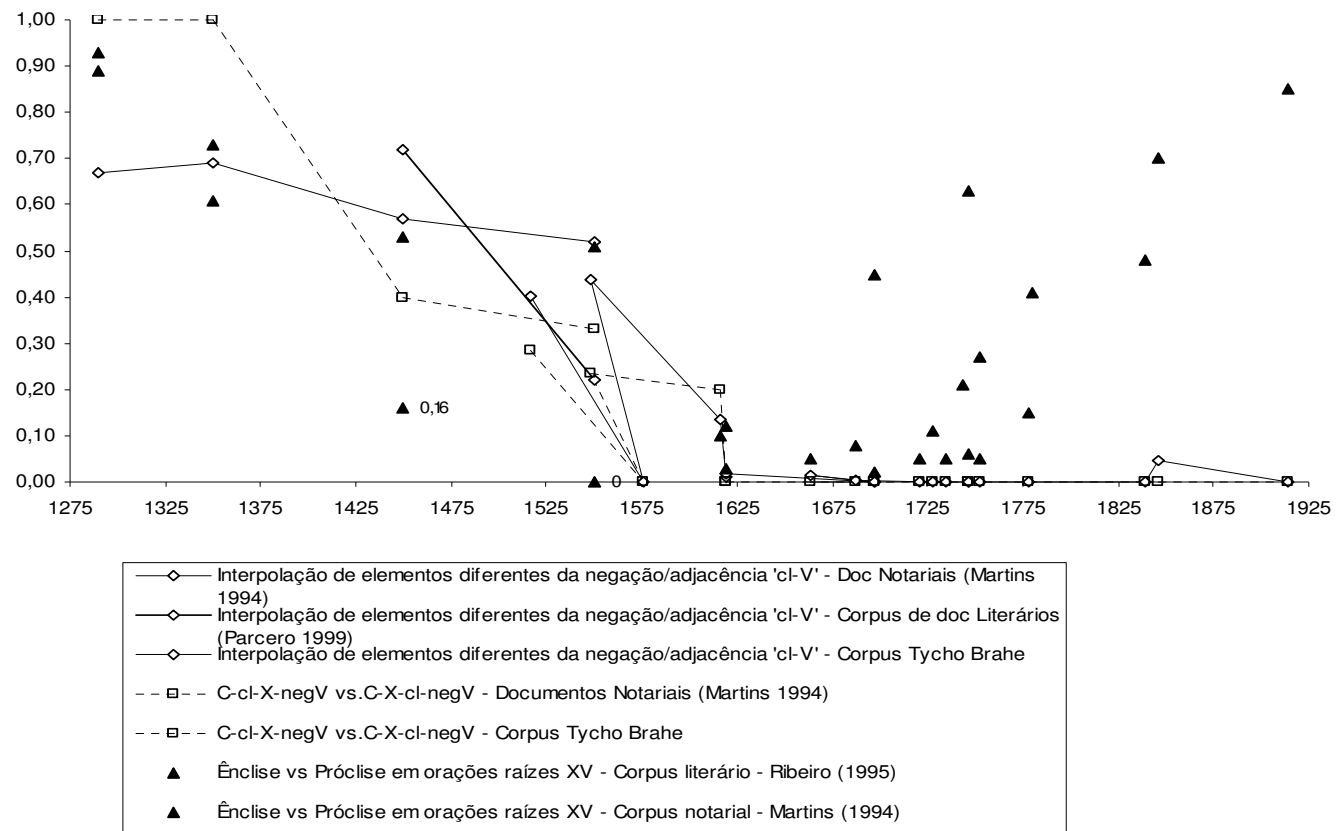
ii.iii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - VÁRIOS CORPORA

Gráfico ii.iii.4: Ênclises vs próclises



ii.iii RESULTADOS: TABELAS E GRÁFICOS - VÁRIOS CORPORA

Gráfico ii.iii.5: Três corpora, três conjunto de dados e três padrões



iii. METODOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

**iii. Metodologia de classificação dos dados.**

Considerando que esta pesquisa de doutorado acontece no âmbito de um projeto temático, procuramos, sempre que possível, estabelecer um diálogo com as demais pesquisas vinculadas a este.

Neste espírito, buscamos uma metodologia de seleção, classificação e organização dos dados comum às pesquisas. O método de trabalho a que chegamos prevê normalmente duas fases no levantamento dos dados:

1) Como no nosso corpus a maioria dos textos está morfologicamente anotada e o assunto da pesquisa é facilmente identificado por um aspecto da morfologia, no caso os pronomes clíticos estão marcados com as etiquetas “/CL” e “/SE”, então o levantamento dos dados terá uma fase automática. A fase da busca automática é rápida e simples. Vem sendo feita por meio de scripts escritos na linguagem de programação PERL que prevêem as seqüências esperadas e as salvam em um arquivo de texto. Não utilizamos a busca automática em dois textos: Duarte Galvão (1435) e Pero Magalhães de Gandâvo. Os dados de ambos foram levantados manualmente com a leitura integral dos textos em planilhas (excel).

2) Porém a seleção automática dos dados não nos é suficiente, pois, para o estudo das posições dos clíticos é fundamental considerarmos fatores que ainda não estão anotados no corpus. Estes fatores estão relacionados com os contextos de ocorrência: sintático (como o tipo de oração e a ordem dos constituintes), semânticos e pragmáticos (se no contexto discursivo encontramos fatores de estilo, focalizações, etc) e também fonológicos (se há restrições de posição, aglutinações, ...).

O desafio foi encontrar um método eficaz e flexível, mas ao mesmo tempo acessível e confiável, para a realização desta segunda etapa do levantamento dos dados. O caminho desta busca fez várias trilhas até encontrarmos a maneira ideal de tratar os dados das pesquisas.

iii. METODOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

Inicialmente utilizamos um método que, apesar de já conseguir certa homogeneidade na descrição dos dados das várias pesquisas, não permitia uma organização flexível e de fácil manipulação destes dados, pois, descrevíamos os dados no próprio arquivo de texto e depois os separávamos por contexto e contávamos manualmente. Desconfiamos deste método totalmente manual, pois, por se tratar de uma quantidade muito grande de dados, este método abria uma margem maior de possibilidade de erros e perda de dados. Tendo isto em conta buscamos a melhoria na qualidade do trabalho e chegamos ao atual método de classificação e organização dos dados em planilhas, proposto inicialmente por Silvia Regina de Oliveira Cavalcante e Maria Clara Paixão de Sousa (2003) em <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/database>.

A organização dos dados em planilhas de cálculo (exel ou open office) nos possibilita a reordenação infinita destes dados sem perder nenhuma informação, o que nos permite ter um maior controle sobre o número dos dados, e ainda ganhar agilidade no seu manuseio.

Para além de guardar os dados em planilhas propusemos um esquema de anotação comum que visa a convergência das identificações dos dados das pesquisas. No entanto certos fatores de análise são dependentes de cada pesquisa.

No índice dos fatores, apresentado abaixo, estão indicadas as diferenças entre os grupos de fatores e os fatores de classificação necessários a esta pesquisa e os propostos por Cavalcante e Paixão de Sousa.

iii. METODOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

**Índice adaptado dos fatores de classificação de dados baseado no data base publicado por Paixão de Sousa (2003) –**

**<http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/database>**

*Os fatores em itálico são específicos desta pesquisa, ou seja não fazem parte daqueles propostos em <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/database>*

**APRESENTAÇÃO**

**Grupos de fatores:**

**1) os mesmos 10 grupos de fatores acrescidos de alguns contextos**

Grupo 1: Tipo de sentença

Grupo 2: Conectivo

Grupo 3: posição pré-verbal2

Grupo 4: posição pré-verbal1

Grupo 5: posição alta do verbo/ do clítico/ elementos interpolados

Grupo 6: posição baixa do verbo / clítico

Grupo 7: Tipo de clítico

Grupo 8: código do autor

Grupo 9: estilo do texto

Grupo 10: período - referente a data de nascimento do autor.

**2) acrescentamos mais 4 grupos importantes para a descrição dos dados:**

Grupo 11: modo verbal

Grupo 12 : tipo de predicado

Grupo 13: tipo de sujeito

Grupo 14: posição pré verbal 3

Os novos grupos se localizam: os grupos de 11 a 13 entre 1 e 2 e o grupo 14 entre 2 e 3

**Grupos & Fatores**

	1	11	12	13	2	14	3	4	5	6	7	8	9	10
0	F	s	S	/	-	-	-	V	V	m	a	g		1
1	S	a	s	E	c	c	c	c	c	t	b	e		2
2	/	t	U	M	n	n	n	n		o	c	r		3
3	G	m	J	O	:	:	:	:		a	d	h		4
4		c	E	P	A	A	A	A		n	e	s		5
5			/	p	a	a	a	a		v	f	c		6
6			T	C	m	m	m	m		l	g	p		7
7			O	W	P	P	P	P		s	h			
8			-	Q	O	O	O	O		S	i			
9			q	w	o	o	o	o		M	j			
				B	C	C	C	C		T	k			
				d	X	X	X	X		L	l			
				r	Q	Q	Q	Q			m			
				R	N	N	N	N			n			
				y	D	D	D	D			o			
				e	Z	Z	Z	Z			p			
				-	z	z	z	z			q			
				Z	S	S	S	S			r			
				t	f	f	f	f			s			
				o	F	F	F	F			t			
					q	q	q	q			u			
					p	p	p	p			v			
					J	J	J	J			w			
											...			

iii. METODOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

INDICE

<p><b>Grupo 1 - tipo de sentença</b></p> <p>1 (declarativa matriz)*                  2 (declarativa 2 coordenada)*                  3 (subordinada)                  4 (coordenada dep)                  5 (porque)                  6 (interrogativa)                  7 (parentética)                  não aplicamos o fator 8 (Sentença negativa)**                  09 (outras coordenadas)***</p>	<p><b>Grupo 11 - modo verbal</b></p> <p>F- <i>indicativo</i>                  S- <i>subjuntivo</i>                  I- <i>infinitivo</i>                  G- <i>gerundio</i></p>
<p>* Adaptamos os fatores tanto para os domínios negativos quanto para os domínios afirmativos, pois a negação é marcada lexicalmente. E como temos que classificar com os mesmos detalhes as sentenças afirmativas e negativas, acrescentar esta diferenciação nos fatores de tipo de sentença duplicaria a quantidade de fatores.</p>	
<p>** PS. Os fatores 0 (declarativa afirmativa matriz, principal) e 8 (sentença negativa) criados por Paixão de Sousa (2004) não foram considerados na nossa classificação, as sentenças que se encaixam em 0 foram incorporadas em 1 por também se encaixarem neste fator. Quanto ao fator 8 – as sentenças negativas não fizeram parte do estudo de Paixão de Sousa, o fator foi pensado justamente para marcar a sentença a ser desconsiderada em seguida.</p>	
<p>*** Coordenadas por conjunções ambíguas (quase subordinativas – como: que, pois, porém). Estas sentenças também não foram detalhadas na classificação de Paixão de Sousa (este ambiente não foi considerado em seu estudo). Nós optamos por marcar estas coordenadas separadamente , pois não era frequente encontrar interpolação neste ambiente no PA e passa a ser no PM.</p>	

<p><b>Grupo 12 - Natureza do predicado</b></p> <p>s <i>simples</i>                  a <i>complexa 1 = composto verbal com auxiliar aspectual ex.: "estava fazendo"; "ia jogando" (não dá para traduzir por tempo)</i>                  t <i>complexa 1 = composto verbal com auxiliar temporal . Traduz-se por tempo perfeito. Ex: " tinha feito" (fizera), "vai fazer" (fazerá)</i>                  m <i>Complexa 1 = composto verbal com auxiliar modal: "poder + inf.", "dever+ inf"</i>                  c <i>Complexa 2 = grupo verbal diferente de auxiliar. Ex: "mandou + inf.", "queria + inf". Pode traduzir por uma oração – "mandou que fizesse".</i></p>
---

<p><b>Grupo 13 = subgrupo dos sujeitos</b></p> <p>S (sujeito nominal)                  s (sujeito pronominal)                  U <i>sujeito impreativo (Deus, Nosso Senhor, Vossa Senhoria ...)</i>                  J <i>Sujeito Complexo</i>                  E <i>Sujeito "uns e outros"</i>                  I <i>sujeito focalizado</i>                  T <i>Demonstrativos "este(a)(s)" "aquele" com função de sujeito</i>                  O <i>Pós verbal – VS</i>                  q (sujeito = <i>quantificador/quantificado</i>)                  x <i>sujeito com sse-passivo</i>                  - <i>Nulo</i></p>
---

<p><b>Grupo 2 - conectivo -</b></p> <p>/ (não se aplica)                  - <i>posição vazia (para complementadores nulos)</i>                  E (e)                  M (mas)                  O (outros)                  P (porque)                  p (pois, porém)                  C (complementador)                  Q ("que" explicativo)                  W (elemento WH)                  w (pronomo relativo)                  B (conjunção subordinativa ou advérbio subordinador)                  d (<i>preposição de</i>)                  r (<i>prep. Para</i>)                  R (<i>prep. Por</i>)                  e (<i>prep. Em</i>)                  t (<i>até</i>)                  z (<i>sem  nem</i>)                  y (<i>prep. A</i>)                  o (<i>conjunção ou</i>)</p>
---

<p><b>Grupos 3, 4 e 14 - posições pré-verbais 1,2,3</b></p> <p>- (posição vazia)                  c (clítico alto)                  n (não)                  j (adjetivo)                  : (vocativo - interjeição)                  A (advérbio - de tempo, modo, NPs adverbiais, etc) Exceto os advérbios em que se espera próclise categórica)                  a (bem, mal, sempre, também, ainda)                  m (assim, antes)                  P (<i>sintagma preposicional = adjunto</i>)                  O (oração finita)                  o (oração infinitiva)                  C (complemento direto)                  X (outros)                  Q (quantificador)                  N SENAO                  D (constituente retomado pelo clítico) (PS: deve haver alguns casos marcados como C)                  ** Z: <i>sujeito da passiva e sujeito de parecer, custar, etc. Todos os sujeitos estão marcados com S</i>                  S (sujeito)                  f (<i>sintagma focalizado, diferente do sujeito, marcado por algum elemento que indica claramente foco. Ex.: só, até, somente, mesmo, também, nem ...</i>)                  F <i>Apenas a partícula de Focalização: só ... (elementos marcados com a etiqueta FW no corpus)</i>                  q (<i>sintagma quantificado = um constituinte marcado com um quantificador</i>)                  o (<i>sintagma preposicional = complemento</i>)</p>
--



iii. METODOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

**Grupo 6 - posição baixa do verbo ou do clítico nas estruturas com ênclise**  
V  
C  
PS: nos dados de variação 'Vcl' x 'clV' o clítico e o verbo variam sua posição entre os grupos 5 e 6

**Grupo 7 - Tipo de clítico**  
m m - me  
t t - te  
o o - o,s  
a a - a,s  
n n - nos  
v v - vos  
l l - lhe,s  
s s - se  
S S - se+lhe etc  
M M - me+o  
  
T T - te+o  
L L - lhe +o

**Grupo 5 – Posição alta do verbo, posição do clítico ou de elementos interpolados**  
- (posição vazia)  
c Clítico próclítico  
n (não)  
  
j (adjetivo)  
: (vocativo - interjeição)  
A (advérbio - de tempo, modo, NPs adverbiais, etc) Exceto os advérbios em que se espera próclise categórica)  
a (bem, mal, sempre, também, ainda)  
m (assim, antes)  
P (sintagma preposicional = adjunto)  
O (oração finita)  
o (oração reduzida – de infinitivo ou gerúndio)  
C (complemento direto)  
I (outros)  
Q (quantificador)  
N SENAO  
D (constituente retomado pelo clítico)  
  
Z (sujeito da passiva)  
z (sujeito de parecer, custar, etc)  
S (sujeito)  
f (sintagma focalizado, diferente do sujeito, marcado por algum elemento que indica claramente foco. Ex.: só, até, somente, mesmo, também, nem ...)  
  
F partícula de FOCO ex. só  
q (sintagma quantificado = um constituinte marcado com um quantificador)  
p (sintagma preposicional = complemento)

**Grupo 9 - estilo**  
g gramática  
e epistolar  
r romance  
h historiografia, biografias  
s sermão  
c crônica  
p palestra, tratado

**Grupo 10 - período**  
0 1400- 1500  
1 1500-1549  
2 1550-1599  
3 1600-1649  
4 1650-1699  
5 1700-1749  
6 1750-1799  
7 1800-1849

**Grupo 8 - texto**  
a Joao de Barros (1497)  
b D. João II (1502)  
c Fernão Mendes Pinto (1510)  
d Fco de Holanda (1517)  
e Diogo do Couto (1542)  
f Luis de Sousa (1556)  
g Bernardo de Brito (1569)  
h F. Rodrigues Lobo (1579)  
i Manuel Severim de Faria (1583)  
j Antonio Brandao (1584)  
k Manuel Pires de Almeida (1597)  
l Manuel de Galhegos (1597)  
m Manuel da Costa (1601)  
n Antonio Vieira (1608) cartas  
o Antonio Vieira (1608) sermões  
p Antonio Vieira (1608) Historia do futuro  
q F. Manuel de Melo (1608) cartas  
r F. Manuel de Melo (1608) Tácito  
s Antonio das Chagas (1631)  
t Manuel Bernardes (1644)  
u J Cunha Brochado (1651)  
v Maria do Ceu (1658)

**Continuação: G- 8**  
w Andre de Barros (1675)  
x Jeronimo Contador de Argote (1676)  
y Alexandre de Gusmao (1695)  
z Cavaleiro de Oliveira (1702) cartas  
A Matias Aires (1705)  
B Verney (1713)  
C Antonio da Costa (1714)  
D Correia Garção (1724)  
E Diogo Ignacio de Pina Manique (1733)  
F Marquesa de Alorna (1750)  
G Jose Daniel Rodrigues da Costa (1757)  
H Almeida Garrett (1799) Viagens  
I Almeida Garrett (1799) cartas  
J Almeida Garrett (1799) teatro  
K Marques de Fronteira e Alorna (1802)  
L Camilo Castelo Branco (1825)  
M Camilo Castelo Branco (1825)  
N Ramalho Ortigao (1836)  
O Eça de Queiroz (1845)  
P Oliveira Martins (1845)  
Q Pero M. Gândavo (1502)  
R Duarte Galvão (1435)



#### iv. BANCO DE DADOS.

Em:

<http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/namiuti/index.html>



Todos os dados estão classificados e distribuídos por autor em arquivos no formato *.xls* (excel), disponibilizados no domínio público da *web*.

Os arquivos possuem planilhas: (a) de **resumo**, nas quais apresentamos a quantificação detalhada dos dados de *interpolação* e *adjacência cV* do texto; (b) de **dados de interpolação**, onde estão as sentenças com interpolação classificadas de acordo com a metodologia de classificação dos dados; (c) de **dados de próclise com adjacência ‘cV’**, onde estão as sentenças com próclise e adjacência *cV* classificadas de acordo com a metodologia de classificação dos dados; (d) de **anotações**, que podem ser de tabelas ou notas; (e) do **texto integral**, presente apenas para os textos de Duarte Galvão e Pero Magalhães de Gandávo.

Os dados são numerados e identificados nas duas células que os antecedem, sendo que os arquivos dos textos de Duarte Galvão - G009\_1435 – e Pero Magalhães de Gandávo - G008\_1502 – possuem informações extras sobre o número da sentença uma vez que tais textos foram editados em xml desde o princípio, enquanto os demais textos foram adaptados a esta linguagem.

(Cf. <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/manual/prep/index.html>)

A possibilidade de reorganizações infinitas destes dados faz desta base de dados uma base dinâmica, mas que, por conta das diferentes fases desta metodologia, ainda merece uma padronização quanto à organização e identificação dos dados nos diferentes arquivos.